

(1)

OBRAS COMPLETAS
DE
FILINTO ELÍSIO

TOMO XI

ÚLTIMAS OBRAS

(2)

O FANATISMO

ODE

DE M. DE VOLTAIRE,
DEDICADA PELO TRADUTOR
AO IL.^{MO} E EX.^{MO} SENHOR CONDE DE PALMELA

AMANTE da Verdade, oh tu sublime,
Oh tu donosa Emília, ⁽¹⁾
A quem Filosofia provou sólida,
Que existe um Deus sob'rano.
Confins do Orbe transpondo o teu Ingenho,
Alumiado e profundo,
Do Criador ao grémio te arremessas,
Tu, dele a Obra mais bela;
Obra, que isenta de erro, ou de frouxeza,
Digno lhe rendes culto.

Co' a dextra, com que os dardos do ateísmo
Rechaças judiciosa,
O vaso quebras, o veneno estragas
Do Fanatismo. Serves

A justiça do Eterno; o zelo falso,
E o devoto azedume
Dos maléficos, pia, detestando,
Semelhas o Homem probo
Achegado ao Monarca; sem dos vícios
Dos Cortesãos ter mácula.

(1) Marquesa du Châtelet.

Sacrílega rompeu do ândito da ara
A fanática Erínis,
Que a ara profana, que a ara em sítio aperta,
Dela arredando os Povos;
Inimiga feroz, que ousa ufanar-se,
Oh Religião benéfica,
De, em teu seio tão casto, haver nascido!
Quem há, Mãe adorável,
Terna Mãe, que em teu sangue assente a origem
De tão culpado Filho?

Vimos Ateus, dado que eivados de erro,
Estima granjearam;
Sem lhe empecer seu erro aos sãos costumes,
Foi neles para a vida.
À natural inata lei Spinoza ⁽¹⁾
(Contra o que a deus pugnano)
Lhe foi sempre fiel: ⁽²⁾ e esse, que ultrajam,
Des Barreaux, tão porfiosos,
Se dum sábio não teve a luz, bem teve
Dum sábio alma, e virtudes,

Que vénia incumbe dar-se ao atrevido,
Ao cego, que me nega,
Que existe o Sol, esse Astro, alma do Mundo,
Tão útil, tão brilhante?
Oh Deus óptimo, oh Deus potente, e sumo;
Menos blasfemo, e menos

(1) Benedictus de Spinoza.

(2) Cui Natura Deus, rerum cui cognitio ordo,
Hoc Spinoza statu conspiciendus erat.
Expressere viri faciem; sed pingere mentem
Zeuxidis artifices non valere manus,
Illa virget scriptis: illic sublimia tractat.
Hunc quicumque cupis noscere, scripta lege.

É quem te ignora digno de iras tuas,
Que o ruim, que despiedado
Te crê ferrenho em nosso mal, e ao humano
Teor, cioso e injusto.

Quando, em superstição cevado, um Jogue
Eivou atrabiliário,
A Religião, com essa atroz quimera,
Ei-lo feroz e stúpido:
Da boca ondas de fel verás manar-lhe,
Armar-lhe o Fanatismo
De punhais, de brandões sanguento o braço.
Profundamente pio
Se julga, e todo o Orbe imolaria
A um Deus, que não conhece.

Essa Cúria, que em França, hoje é proscrita,
Inquisição infame!
Cúria execrada, onde a Ignorância a juízo
Trouxe a Razão, bem vezes,
Neros de loba, tonsurados Midas,
Ao Toscano Filósofo
Ferros aos pés cingiram. (Quão sem pejo!)
Lá, Galilei, de joelhos,
Ante a manada, abjuras, desses zotes,
Do Universo o sistema.

Ouve esse, que em Paris, sinal medonho
Dá, reboando, o bronze: ⁽¹⁾
Olha esse truculento morticínio.
O Irmão, do Irmão no sangue
O braço ensopa; ao Pai dá morte o Filho;
Degola ao sposo a esposa...

(1) La St. Barthélemi.

Dá-lhe armas o furor sacerdotal!
Não ouves gritos lúgubres?
Quem dirá, que o Francês leviano, amável
De tais Avós provenha?

Vós, que sofistas pelejais acérrimos
Por Jansénio, e Molinos,
Com seus dardos, sua bílis, seu anajo,
Tremei, tremei, que um dia,
Não rebente, entre vós, de vossas crelas
Esse azoadado, e horrífico
Século. Oh receiai o zelo, que ora, ⁽¹⁾
Vos urge, vos instiga.
Não sente onde estalar lhe irão as fúrias
Desacordado um ébrio.

Se a Lei de Religião aprender amas,
Desastroso Fanático
Corre a Marselha, e do contágio em grémio
A santa lei te inculques.
Lá abertas campas, sparsa lá a Proença
De sementes de morte,
Chora as suas cidades desoladas,
Órfãos de Povo os campos
Dando assunto aos temores, que o flagelo
Outras regiões alcance.

Venerável Pastor, Belsuns salvava
A Grei, que percia;
E Langeron, socorredor guerreiro
Co' a Morte se arrostava
Renascente: em branduras, vós, em scândalos,
Nímio-ociosos, tramas

(1) Ora, por agora.

Soez ⁽¹⁾ urdíeis: — sobre a Bula, ⁽²⁾ e Quesnel;
Sanhudos altercáveis
Ridícula disputa que mui fácil ⁽³⁾
Tem de olvidar as Eras.

Convém, para instruir a prole humana,
Destruir a humanidade?
Traçais, c'os fachos do Ódio, alumiar-nos
A face da Verdade?
Esse Ignorante, que alivia a ocultas
De seu Irmão a inópia,
Por meu traslado e Mestre o abraço, e o sigo;
Se Impostor detestável
Chamo o sp'rito altanado, que disputa,
Que avexa, e que condena.

(1) De *suilus*, *a*, *um* pertencente a cochino ou porco, vem soez que significa baixo, imundo, vil: é aqui tomado adverbialmente.

(2) Bula *unigenitus*.

(3) Mui fácil, por facilmente: o adjectivo pelo advérbio.

Que vida se leva ⁽¹⁾ em Paris, e em Versalhes.

EPÍSTOLA

DE M. DE VOLTAIRE,
A MADAMA DENIS, SOBRINHA SUA;

DEDICADA PELO TRADUTOR
AO SENHOR ANTÓNIO DE SOUZA DIAS,
CÔNSUL DE S. M. F. NO HAVRE

VIVAMOS para nós, Rosália cara:
Para nós, que a Amizade, e o sangue há unido.
E tais ⁽²⁾ nos valham esses Homens: todos
Tão vãos; tão zotes são, tão perigosos!
Tanto em erros abunda, e tanto é frívolo
O vórtice, que Mundo se nomeia.
Quem tal tropel? quem tal bulício lhe ama?
Esse estouvado alvar, que o não conhece.
Jantou: e quis Glicéria, em seu desleixo,

Sair, (só por sair) e que lhe rodem ⁽³⁾
A sua insipidez, numa berlinda,
Onde ela entra de esguelha, onde o donaire
Co'as baleias lhe faz dous cataventos
No tufado espaldar: — das portinholas

(1) Levar vida é frase muito portuguesa, e assaz antiga na língua; que bem rapaz era eu (que hoje meus 84 anos conto) quando já ouvia dizer: — Que vida que levavas! Que fome que rapas.

(2) Amizade, e o Sangue.

(3) Levem em carruagem.

Lhe trasborda. À pousada vai da amiga,
 A grão trote dos anafados urcos.
 Sobe leda; e, subindo, já lhe pesa:
 Beija-a, e boceja, e já lhe diz: «Madama,
 Todo o anajo vos trago de minha alma:
 Ao fardo desta minha ociosidade,
 A vossa emparceirai inutilidade.»
 Se o não profere a voz, a mente o pensa.
 Lavram carícias vãs, fala-se em modas,
 Jogo, chuva, bom tempo, em sermão de ontem,
 Fitas, e custo delas: lá se estanca
 De almas, que mais não valem, todo o senso.
 Dão-se a cantar (por pobres já de ideias):
 O Nada os corações a ambas lhe absorve.
 Aqui Monsieur l'Abbé jovial ensosso,
 Gatuno Cortesão, entra no quarto:
 Da casa é como Dono ⁽¹⁾ (por uns meses). ⁽²⁾
 De Capa e volta um Presumido acode,
 Que se mira no espelho, ⁽³⁾ e que se enrufa; ⁽⁴⁾
 (Dous pedantes, ⁽⁵⁾ que de agradar se ufanam.)
 Mas Militar lá vem, que lhes dá mate,
 Se apossa do salão, faz longo alarde
 Do que em Placência obrara ⁽⁶⁾ a tropa sua,
 A não forçar ruim Fado a retirar-se.
 Do Colo da Bocheta ⁽⁷⁾ vos estira
 A Niza, ao Var: e bem, que ao que ele conta

(1) Porque se assenhoreou da Vontade da Ama.

(2) Até que mais ladino venha outro, que o des-possua.

(3) Costume desses tais.

(4) Como os Peruns, ^[1] quando arrastam a asa.

(5) O Abade, e o Rábula.

(6) Houvera de obrar.

(7) Que se pronuncia Boqueta em razão de que os Italianos pronunciam o *che* como *que*.

[1] Sic.

Ouvidos ninguém dê, o ruim vos seca.
 Devota, e sonsa, eis chega, em seu bioco,
 Ísis: vem co'ela audaz Jansenistinho,
 Agostinhos, e orgulhos arrotando,
 Que a Ísis traz pela mão, e a mão lhe aperta.

De plumagem dif'rente várias Aves
 No instinto, no chilrear, no gosto várias;
 Aos pulinhos borbotam, pipilando,
 Enredado, confuso palanfrório.
 Nesse embate de falas, que se esmurram,
 Não acha onde pôr pé Maledicência:
 A balborda, e encontrões de mil palavras
 São como Norte e Sul, que se abalroam.

Passado esse alvoro de asnidades,
 Vem-lhe após alta paz, silêncio stúpido:
 Não sabendo cada um como se pensa,
 Temem todos de entrar em sã conversa.
 Oh Rei David, ⁽¹⁾ oh mais cabal recurso,

 (1) David, César, Alexandre, e Carlos Magno são os nomes dos Reis de *Carreaux*, *Cœurs*, *Trèfles* et *Piques*.

En 1676, on représente sur le Théâtre de l'Hôtel de Guénégaud, une Comédie de Thomas Corneille, en cinq actes, intitulée le *Triomphe des Dames*, qui n'a point été imprimée, et dont le Ballet du jeu de Piquet était un des intermèdes. Les quatre Valets parurent d'abord avec leurs hallebardes pour faire place: ensuite les Rois arrivèrent successivement, donnant la main aux Dames dont la queue était portée par quatre Esclaves: le premier représentait la *Paume*, le second le *Billard*, le troisième les *Dés*, et le quatrième le *Trictrac*. Les Rois, les Dames et les Valets après avoir formé par leurs danses des tierces et des quatorzes, après s'être rangés tous les noirs d'un côté et les rouges de l'autre, finirent par une contredanse ou toutes les couleurs étaient mêlées confusément et sans suite.

Je crois que cet intermède n'était pas nouveau, et qu'il n'était que l'esquisse d'un grand Ballet exécuté à la Cour de Charles VII, et sur lequel on eut l'idée du jeu du Piquet, qui certainement ne fut imaginé que sur la fin du règne de ce Prince. Combien de personnes jouent tous les jours à ce jeu sans en connaître tout le profond mérite. Une dissertation, que je crois du Père Daniel, prouve qu'il est symbolique, allégorique, politique, historique, et qu'il renferme des maximes très importantes sur la guerre et le gouvernement. *As* est un mot latin qui signifie *une pièce de monnaie, du bien, des richesses*. Les *As* au piquet ont la primauté même sur les Rois, pour marquer que l'argent est le nerf de la guerre, et que lorsqu'un Roi n'en a pas, sa puissance est bien faible. Le *Trèfle*,

Oh vem aviventar, com teus baralhos
 Tamanha languidez desocupada;
 Pôr cravo ao, dessa corja, esp'rito, e gosto.
 Mal que te vens mostrar, na verde mesa,
 Nobre e Burguês Prelado e Petit-maître,
 E mais a Dama as esperanças fundam
 Nos teus naipes, já negros, já vermelhos:

si commune dans les prairies, signifie qu'un général ne doit jamais camper son armé en des lieux où le fourrage peut lui manquer, et où il serait difficile d'en transporter. Les *Piques* et les *Carreaux* désignent les magasins d'armes qui doivent être toujours bien fournis. Les *Carreaux* étaient des espèces de flèches fortes et pesantes qu'on tirait avec Barbalète, et qu'on nommait ainsi parce que le fer en était quarré. Les *Cœurs* représentaient le courage des chefs et des soldats. David, Alexandre, César, Charlemagne sont à la tête des quatre Quadrilles ou couleurs du Piquet, pour signifier que quelque nombreuses, et quelque braves que soient ses troupes, elles ont besoin de généraux aussi prudents, que courageux et expérimentés.

Quand on se trouve dans une position fâcheuse, dans un camp désavantageux, et dans l'impuissance de disputer la victoire, il faut tâcher que la perte que l'on va faire, soit la plus petite qu'il sera possible. C'est ce qui se pratique au Piquet: si le fond de notre jeu est mauvais; si les *As*, les quintes, les quatorzes sont contre nous, il faut se précautionner en tâchant d'avoir le point pour prévenir le pic et le repic; il faut donner des gardes aux Rois et aux Dames pour éviter le capot.

Sur les cartes des quatre Valets, ont lit les noms d'*Ogier*, de *Lancelot* (deux Preux du temps de Charlemagne) de la *Hire* et d'*Hector*, deux Capitaines de distinction sous le règne de Charles VII pendant que les Anglais étaient les maîtres de Paris et de la moitié de la France; cela Hire à qui ce Prince montrant les apprêts d'un Ballet, demandait ce qu'il en pensait, lui répondit: *Ma foi, Sire, je pense qu'on ne saurait perdre plus gaiement un Royaume*. Le titre de Varlet était anciennement honorable, et les plus grands Seigneurs le portaient jusqu'à ce qu'ils eussent été faits *Chevaliers*: les quatre Valets au piquet représentent donc la Noblesse, comme les dix les neufs, les huit, les sept désignent les soldats.

L'anagramme d'*Argine*, nom de la dame de Trèfle, est *Regina*; c'était la reine Marie d'Anjou, femme de Charles VII. La belle *Rachel*, dame de Carreau, c'était *Agnès Sorel*. La Pucelle d'Orléans était représentée par la chaste et guerrière Pallas Dame de Pique; et Isabeau de Bavière par Judith, Dame de Cœur. Ce n'est pas la Judith de l'Ancien Testament, mais l'impératrice Judith, femme de Louis Débonnaire qui avait été accusée d'être très galante, qui causa tant de troubles dans l'état et dont la vie par conséquent avait beaucoup de rapport avec celle d'Isabeau de Bavière.

Il est aisé de reconnaître Charles VII sous le nom de David donné au Roi de Pique. David après avoir été longtemps persécuté par Saül son beau père, parvient à la

Disfarçada em prazer sua avareza
Lá se divertem essas almas oucas.

Dada a façanhas tais a guapa gente,
Para acudir à Ceia, o jogo larga.
Franco devolve cada Convidado
Sua ensossa alegria ao convizinho.
Sp'rito (quasi matéria) esse Homem máquina, ⁽¹⁾
Comendo bem dá corda ⁽²⁾ ao seu Ingenho;
No renovar-se-lhe a alma, com o sangue,
Manda-lhe o Ventre as suas Leis ao Cérebro.
Céus! que conversa! Esse pedante Rábula
Diz mal da Guerra, e à Paz põe certas pechas.
Geme de quanto o Camponês padece,
Um velho Creso, que o *Champagne* empina;
Todo em ouro cosido, ⁽³⁾ e todo luxo
Chora o país cargado de alcavalas.
Monsieur l'Abbé enceta-nos histórias
Que ele não crê, e quer que as creiam todos;
Cos boatos desse dia, outrem lh'as rompe;
Que a reveses, c'um Conto, um vem, que as corta,
Bons ditos sem sabor, sáfios equívocos,
Finuras de Pascácios, chularias,
Riso amarelo, que jovial alcunham,
São dessa sociedade a galã, o brilho.
Assim pois, corja absurda, corja frívola,

couronne de Judée, mais au milieu de ses prospérités il eut le chagrin de voir son fils Absalon se révolter contre lui. Charles VII après avoir été déshérité et proscrit par Charles VI son père, reconquit glorieusement son royaume, mais les dernières années de sa vie furent troublées par l'esprit inquiet et le mauvais caractère de son fils Louis XI qui osa lui faire la guerre, et qui fut même la cause de sa mort.

On voit qu'un jeu de cartes à la faveur d'un commentaire, peut attirer autant de considération que bien des auteurs grecs et latins. — *Essais sur Paris*, par M. de St. Croix.

(1) Como M. de la Métrie provar quis.

(2) Uma vez que se comparou o Homem com uma máquina vai corrente que a comida faça nele o efeito que no relógio faz a corda que se lhe dá.

(3) Descrevendo João de Barros certo pagode Indiano, diz que era *todo cosido de ouro*.

Do Tempo, que nos voa, uso fazemos?
Assim desperdiçamos nossas horas
Longas aos parvos, aos que pensam breves?
Que farei, porque fuja eu de mim mesmo?
Ver gente que amo, e gente que eu desamo.
Com ela não se vive, nem sem ela;
Que o mor nosso inimigo é sempre o enojo.
Tal se dói de seu manso Fado, em casa,
Da aldeia enfastiado, corre à Corte,
Onde o saber calar é o fino da arte;
(Quando, em Paris? se fala em tudo à toa:)
Onde nem visos mostra morte-cores
A Alegria, ou, leviana, ou vera, ou falsa.

Feliz, quem com seu Amo achou entrada!
Quem nele tudo tem, nada mais busque.
Bem que em seus penetrais do Empíreo, Jove
Seu duairo adorado à gente encobre,
Por caso outorga a alguns dos semideuses,
Nos Camarins dos Céus entrar nocturnos.
Irás tu, nessa turba confundido
Rogar os Numes da segunda plana,
Que o nosso Bem e Mal nas mãos sopesam?
Quem ama os que amar outrem desconhecem?
Quem, revolto no rolo das esferas,
Que em senso adverso a sorte desatina,
Dar tino pudera do que em si sente,
Turva a mente do moto arrebatado?
Ide-lhes lá falar, quando eles se erguem;
Dai-vos pressa. Falais: não sois ouvidos.
Três anos, na antecâmara, olvidados,
Uma nega escutais muito polida.

Da Corte (me dirás) da guapa gente
Não cabe dizer mal. Ah! foge, Amigo
A mais não vê-los, dos p'rigosos Grandes,
Dos tais prazeres, tão burlões como eles.
Bom Cidadão, trabalha a bem da Pátria,
E do Público aguarda a recompensa.
Do Público? Inconstante, e vão Fantasma,

Monstro de vozes cento, voraz Cérbero,
Que adula, e morde, que alça, por tontice
Státuas, que após, por, tédio, abate, e quebra?
Tirano, com ciúmes do que o serve,
Que as cinzas de Colbert profanou ímpio?
E que a Inocência deslustrou mais pura?
Que louva, e julga à toa, à toa infama
Toda a Arte, todo o Mérito e virtudes?

Nós o vimos que sofreu de críticas,
Essa Obra prima desonrou de Armida; ⁽¹⁾
Quando pelas Judite, Píramo, e Régulo, ⁽²⁾
Pôs Fedra, pôs Britânico de lado:
Que, anos dez, proscrevendo a egrégia Atália,
Da cena envilecida foi patrono;
Que ao ruim senso, que uivava em ruins versos
A mau grado, e a través bateu as palmas.

Certo é, que torna em si, que a infâmia lava,
Quando o Tempo o alumia; mas se a Morte,
Nesta Era má, me fecha asinha os olhos,
Na espera que os do Público se lhe abram,
Far-me-ão (sabe-lo tu) justiça os Netos!
E eu quero gozar dela enquanto vivo.
Quando um pobre Homem jaz na sepultura
Que lhe vale um rumor que ele não ouve?
C'os Reis, ⁽³⁾ de Pope a sombra hoje repousa,
E lhe faz apoteose um Povo inteiro;
Seu nome à eternidade estende o voo,
E, enquanto vivo, os Homens o avexaram.

Fechemo-nos: dum dia tempestuoso
A áurea ⁽⁴⁾ tarde, c'os sábios; desfrutemos;
Escondamos aos olhos do Invejoso
O, que os Deuses nos cedem curto prazo.

(1) Ópera de Quinault, com música de Gluck.

(2) Três más tragédias.

(3) Em Westminster, ordinário jazigo dos Reis de Inglaterra.

(4) Áurea, porque passada a tempestade, doura as nuvens o Sol.

Formosa, oh dom dos Céus! terna Amizade,
Cede ao retiro meu teu splendor puro:
Viva em teus braços eu, e eu neles morra
Longe do ruim, que (em mal!) te não conhece;
Longe do beato, que em p'rigosos sustos,
Vida não logra, e lhe é medonha a Morte.

ODE

DEDICADA AO SENHOR
JOÃO NEPOMUCENO BERTRAND

É a virtude um agregado de todas as boas
qualidades: ela concorda com a Sapiência, e
com a Razão as nossas paixões mesmas; os
Gostos com os Deveres; o Valor, a Coragem, o
Mérito e até a Filosofia encerra em si.

DIOG. LAERT.

A Virtude em si mesma se confia;
Conhece o preço seu, enjeita os postos,
A que não tem direito, se o talento
Cabal em si não sente.

Enjeita as honras, que a mais dignos cabem;
Toda em si se concentra, e deixa os parvos
Gloriar-se um do bastão, outro da toga,
Que alcançaram sem méritos.

O Varão probo é tudo, as honras nada;
Se em mal apto sujeito as pôs o Acaso,
As pôs Baixeza, as pôs Préstimo torpe,
Ou pôs a Tirania.

Despi de ouro, e bastão, despi da toga,
Inepto General, Jurista indouto;
Ei-los alvos de mofas, de desprezos,
A si, e à Pátria infames.

Vinham ricos de pérolas, e de ouro
Os Cabos das Coortes insolentes
Do Rei dos Reis, do grande Rei de Pérsia,
Alrotando conquistas.

Cimon, sem mais riqueza, sem mais pompa,
Que um simples cidadão, vence a batalha;
Traz prisioneiras pérolas e pompas,
De mor valor que os donos.

De mais valor: — que em almoeda postos
Os Cabos nus, as pérolas e as pompas,
Dum lado aqueles, estas doutro, à venda
Toda Atenas acorre.

Às invejas se compra a preza rica
Os que outrora as trajaram, vis cativos,
Baldos das pompas, que lhes davam crédito,
Na vileza acabaram.



ODE

AO IL.^{MO} E EX.^{MO} MARQUÊS DE MARIALVA

Illis summa fuit gloria despici;
Illiis divitiæ, palperiem pati;
Illis suma voluptas
Longo supplicio mori.

Dos Monges assim canta a Igreja.

QUEIXAM-SE, e sem razão, de mim, os Frades.
Ninguém, mais que eu, respeita o intuito ascético
Dos Fundadores seus. Obra tão santa
Deus a inspirou benigno.

Grão prazer, nos Cristãos da primitiva
Lavrava, quando viam tantas almas
Comporem uma só, que aos Céus se alava,
Do amor na labareda!

Fazer violência a Deus, ⁽¹⁾ no activo rogo;
Arrancar-lhe as mercês, para a universa
União dos Fiéis, que em Monges punham
Valimento e socorro!

Arroteando maninhos, Monges deram
Férteis terras Cidades populosas;

(1) Regnum cœlorum vim patitur — Hæc vis grata Deo, sic amat optimus vinci
per lacrimas, per genitus, Pater.

Monges salvaram da esquecida treva
Tesouros eloquentes. (1)

Se, contra os Frades clamo, que desonram
A Religião sagrada, hábito, e votos;
Louvo os bons, louvo os santos, louvo os sábios,
Por gosto, e com respeito.

Tu o sabes, Marquês nobre, Marquês lhano:
Cortes, em que magnífico lustraste
Dirão, que (como eu clamo) os bons estimas,
Os maus tens em desprezo.

ODE

AO IL.^{MO} E EX.^{MO} SENHOR MARQUÊS
DE MARIALVA

Dicam insigne, recens, adhuc
Indictum ore alio.

HORAT. *Lib. 3. Od. 25.*

LÁ da escarpada, da íngreme montanha,
Aprico Templo, aberto intercolúmnio
Asas desprega, à Tuba clamorosa,
Alma soprando, a Fama,

(1) Preservando de ruína livros antigos, transcrevendo-o, elucidando-os.

Solta o voo, no azul omnipatente;
Clima adusto, ou já frio, ou temperado
Enche de heróica voz: aos sons acodem
Presto os Homens, e os Numes.

Vai pelo espaço etéreo proclamando
Opíparos banquetes, régios tostes,
Damas gentis, saraus, soberbas galas,
Fogos de vistas. — Cáspite!

Quão bizarra Viena, e jubilosa
Bendiz o Imperador, bendiz o novo
Rei do Brasil, de Portugal, e Algarves,
Que dão festins tão guapos!

Eles ⁽¹⁾ dos Céus venceram ⁽²⁾ Filho e Filha,
Que o ceptro hão sopesar, que adita as terras,
Que Alexandre, nem suspeitou: ditosas,
Que à conquista ⁽³⁾ escaparam!

E quem brilhou ali, entre os mais guapos?
Quem com gosto, e primor, quem com largueza,
Obreiros contentou, ⁽⁴⁾ contentou Grandes?
Brioso o Marialva.

(1) O Imperador, e El-Rei de Portugal.

(2) Obtiveram, conseguiram, alcançaram.

(3) A conquista do tal Alexandre, que se achava acanhado neste Mundo; e cobiçava milhentos outros Mundos que ele pudesse conquistar, e neles se pôr à larga.

(4) Assim o publicaram as Gazetas de Paris.

ODE

Dona præsentis rape lætus horæ ac
Linque severa.

HORAT. *Lib. 3. Od. 8.*

SÃO, nossas mentes, como uns vastos mares,
Que desvairadas mercancias sulcam:
Com arte, umas compõem as Paixões nossas;
Dá a Natureza as outras.

Vão umas, enfunadas, com galernos
Ao desejado porto; outras revoltas
Em soltos vendavais, naufragam (míseras!)
No undoso-spúmeo rolo.

Eu do pego escapei, a grande risco,
Nas voragens Scileias: inda escorre,
A roupa a gotejar, de quando a braços
Lutei, c'ó a vaga infida.

Lá pendurada jaz; com ela a tábua ⁽¹⁾
Que indica a tempestade, e os mares verdes
Arrebrandando em flor, no lenho pálido;
E arremessando à praia

(1) — Me tabula sacer
Votiva paries indicat, uvida
Suspendisse potenti
Vestimenta maris Deo. — HORAT. *Lib. 1. Od. 5.*

Vergas quebradas, rota a enxárcia em troços,
Boiante a vela; e apenas fora da água
Sobressai a cabeça, e um braço nu,
Já, de nadar, cansado.

Que salvei do naufrágio? Única a vida.
Salvei no peito, e as guardo, há outo lustros,
Conservadas, sem mancha, Honra, e Virtude,
E em seu grémio a Amizade.

Os bens, que da paterna herança vinham,
Prémio de sessenta anos de serviços,
Lá os tragou o Monstro do Rossio,
Qual Manes traga o Báratro.

E até a Fama, que eu mais que os bens, prezava,
A mareou o torvo Fanatismo.
Por que a restaure anelo... e as doze lidas
Anelara, a ser Hércules.

Mas, ponham-se de lado, Ânrias, Tristezas,
Neste festivo dia, em que a Amizade,
Tomando-o em braços, pôs Filinto em cobro
De grilhões, de fogueira.

Bebamos aos Amigos corajosos,
Às Damas que bem amam; e ao, que mande
De longe, Maciel, o Ananás raro, ⁽¹⁾
Para este genial bródio.

(1) Disse, que o havia de mandar.

ODE

..... Seu Mors atris circumvolat alis
..... Inops.... seu Fors ita jusserit exsul
Quisquis erit vitæ, scribam, color.

HORAT. *Lib. 2. Serm. 1.*

QUE mal te fiz; oh Pátria? que assim deixas
 Em prolixo desterro, ⁽¹⁾
Dos caros bens paternos esbulhado,
 O teu Filinto ingénuo,

Que sempre te amou grato, e que inda te ama,
 Tal que és com ele ingrata,
Qual com Camões, qual com Pacheco o hás sido.
 Queres pôr mais um nome,

Da Ingratidão nos fastos indeléveis?
 Queres à ingrata Grécia
Comparar-te na infâmia, na injustiça,
 Com que Heróis tais perdia?

Oh Sócrates, oh tu, brasão preclaro
 Do que vale a virtude;
Igual aos Numes, e te aclama o Oráculo
 Maior luz entre os Homens.

(1) Hoje se completam 40 anos, que às 6 horas da manhã me bateu à porta o familiar do Santo Ofício, Manuel Caetano de Melo.

Justo Aristides, puro Filopœmen,
Que ousaste, único, a Roma
Opor o amor da Pátria, a Liberdade..
Só a ti, Focion, quero hoje

Consagrar toda a voz da minha Lira:
Nem mais proezas busco
Para elogio teu, no ardente canto,
Que as vozes, com que ao Filho,

Empunhada, na dextra já a cicuta,
Em que hás beber a morte:
«Serve a Pátria (disseste), qual, com zelo,
Servi, com lealdade.

Risca a lembrança da, com que, me paga,
Morte injusta, os serviços.»
Hoje, oh Focion, teu grande exemplo imita
Filinto, e encarga os Lusos

(No affecto Filhos seus!) que a Pátria illustrem
Com feitos de renome;
Que risquem da memória, com que injúria,
Mal paga ao seu Filinto.

ELEGIA IV

DO LIVRO III.º DE TIBULO

*Oferecida pelo Tradutor ao Senhor Honório José Teixeira,
Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo*

MELHOR o volva o Céu: que se não cumpra
O que ontem me insinuou modorra infausta.
Vai-te longe de mim; teu vulto arreda
Falsário, e vão: de mim não speres crença.
Vem de Deus a Verdade; da vindoura
Ventura anúncio vero dão entranhas,
Que os Etruscos varões qualificaram.
Na falaz mente, sonhos se divertem
Temerários, mandando que se assustem
De mentiras os ânimos medrosos.
Mas com micante sal, pia farinha, ⁽¹⁾
Nocturno agouro aplaca a prole humana,
Para ânsias, para medos vinda a lume.
Mas, verdadeiro aviso embora seja,
Ou que embusteiro agouro a crer me intime;
Se na alma, feia culpa me não morde,
Se os Numes não feri com língua impia,
E é o que eu temi, em vão, mal merecido,
De meu sonho o terror Lucina o apague.

(1) Mica salis et farre pio.

Já a Noite em negro Carro o etéreo pólo
 Correrá, e na Onda azul lavara as rodas,
 Que inda o sono (útil Deus à mente aflita)
 Com pia mão meus olhos não cerrara;
 Que ante os umbrais, desfaleceu, cuidadosos. ⁽¹⁾
 Quando enfim, me olhou Febo, lá do Oriente,
 Me apertou c'ó repouso retardio
 As pálpebras cansadas. — Um Mancebo,
 De casto louro as frentes adornadas,
 No meu quarto entrar vejo. A idade antiga
 Não viu, nem forma humana há aí mais bela.
 Longo da espalda a intonsa coma desce
 De Tírio aroma e mirtos orvalhada:
 Qual esplende a alvura da Latónia Febe,
 Em níveo corpo a esparge, em rosa o cora,
 Rosa, qual faces de Donzela vertem,
 Mostrada ao Noivo; ou qual unido aos lírios,
 Entretecem as Virgens o Amaranto,
 Ou cândidas maçãs roxeia o Outono.
 Ondado manto aos pés se lhe desfralda,
 Único véu que o liso corpo oculta:
 Em tartaruga, em ouro reluzindo
 Pende da esquerda a Lira, primor da Arte,
 Em que felizes sons logo modula
 C'ó ebúrneo plectro, e acento harmonioso.
 Logo, que a par a voz, e os dedos falam,
 Tal canto, em terno som, pelo ar disfere:
 «Salve, enlevo dos Numes: não sem causa
 Apolo, Baco, e Musas favorecem
 O casto Vate: mas dizer não podem
 Musas, nem Baco, Semeleia stirpe,

(1) O sono.

Do instante, que há-de vir qual pendor baixe:
 Só a mim Jove outorgou ver o futuro,
 E as leis do Fado, e os séculos vindouros.
 Não minto: atende, oh Vate, ao que te exprime
 Cíntio Nume, com vozes verdadeiras.
 A que mais cara te é, que à Mãe a Filha;
 Mais que ao ardente Amante a Virgem bela,
 Por quem Numes dos Céus cansas com rogos;
 Que um dia te não dá seguro, e quedo;
 Que, quando o Sono estende o escuro manto
 Com visões feias vaga, e te alucina,
 Neera linda, assunto de teus versos,
 Doutro, que não de ti, cobiça os cultos;
 Outros que os teus disvelos a alvorotam,
 Nem casta casa a Neera esposa agrada.
 Mulher, crua progénie! Infiel nome!
 E não morre a que aprende a enganar homens!
 Mas podem-se aplacar, ⁽¹⁾ que são mudáveis,
 Se te humilhas, se as rogas com fé pura.
 Sevo o Amor te ensinou sofrer castigo,
 Sevo o Amor lhe ensinou vozes de enfado:
 Que fábula não foi de ardil jocoso
 Ter pastado eu de Admeto as brancas vacas.
 Bem que filho eu de Jove e de Latona,
 Co' a luzente, entoava, avena o canto.
 Que não gozava então da Cítara sonora,
 Nem cordas tonos tais me acompanhavam.
 Não sabes, Moço, o que é o Amor, se enjeitas
 O fero laço de Mulher altiva.
 Não te negues a expor brandos queixumes,
 Que a duros peitos vencem grandes rogos.

(1) As mulheres.

Se cantam fido orác'lo os sacros templos,
Em meu nome estas vozes lhe repete:
"Laço feliz te apresta o mesmo Apolo,
Se tudo o mais, por mim, consórcio deixas."»
Disse: e eis-me coou dos membros sono ignavo.
Oh! quem ver não pudera males tantos!
Nem ver em ti tão encontrados votos!
Nem crime tanto, que esse peito encerra!
Não do mar alto os plainos te geraram
Nem de ignívoma boca atroz quimera,
Nem Cérbero trifauce anguicomado
Te deu à luz, nem Scila, que os latidos
Da virgínea cintura, arroja, roucos:
Nem vens do ventre de feroz Leoa;
Nasceste em culta casa, não nas cruas
Terras da Scítia, ou Sirtes naufragosas.
De brandíssima Mãe mais que outra ⁽¹⁾ alguma,
De Pai, que em ser amável todos vence
Cruel sonho! Em melhor o Céu te mude
E aos mornos sues te mande malogrado.

!

(1) Mãe.



ODE

AO SENHOR FRANCISCO MANUEL DE NASCIMENTO, EM RESPOSTA À ODE ANTECEDENTE ⁽¹⁾

ZOILLOS, estremecei, rugi, mordei-vos:
Filinto, o grão Cantor, prezou meus versos,
Sobre a margem feliz do Rio ovante,
Donde, arrancando onnipotência aos Fados,

Universal terror vibrando em raios,
Impôs tropel de Heróis silêncio ao Globo,
O imortal Corifeu dos Cisnes Lusos
Na voz da Lira eterna alçou meu nome.

Adejai, versos meus, ao Sena, ufano
De altos, fastosos, Marciais portentos,
E, ganhando amplo voo após Filinto,
Pousai na Eternidade, em torno a Jove.

Eis os Templos, a Inveja, a Morte, o Letes.
Da mente, que os temeu, desaparecem.
Fadou-me o grão Filinto, um Vate, um Nume,
Zoilos! Tremei. Posteridade! És minha.

ELMANO SADINO

(1) Fala da Ode. — Lendo os teus versos, numeroso Elmano. — Que vai no Vol. I, pág. 209.

ODE

Nunca fui mais feliz, que em meigo sonho.

LUIZ RAMIRO DE SOUZA, num soneto.

I

EM tristezas ruins todo embebido
Junto me recostei de umbroso Ulmeiro;
 Lá me aformoseou tudo
Dum regalado sonho a ilusão grata.
 Próspero a meus desejos
Era Amor, que co'as asas me amparava,
Que c'ó dom de agradar me fez mimoso.
 Quem sempre assim sonhara!

II

Veio a Era de Astreia ante olhos pôr-se-me:
Entre os Mortais a Paz era a Sob'rana
 Tinha aras a Justiça;
Singela a Fé, sagrada era a Promessa:
 Terna, cordata a Gente
Exalava franqueza a voz, e o trato:
Tiranos, Servidão — ideia nula.
 Quem sempre assim sonhara!

III

Fecunda a Terra, que ornam mil boninas,
Sem que duro labor peça ao Colono;
 Qual na Era de ouro, quando
Por gosto, os Ricos, gados pastoravam;
 Nas choças de folhagem
Assentavam pousada Homens sem luxo;
Feia estranheza ver desleais Amantes.
 Quem sempre assim sonhara!

IV

Eis do trovão um hórrido arremedo
Me sobressalta o sonho. Eis esvaída
 A sonhada ventura:
Nem vestígios deixou. Então acordo
 Do meu error saudoso,
Adeus, encanto! adeus, donosos dias!
Que me ficou do meigo sonho? Mágoas.
 Quem sempre assim sonhara!

LE RÊVE [1]

I

UN soir, accablé de tristesse,
Je me couchai sous un ormeau;
D'un songe alors la douce ivresse
Pour moi vint changer tout en beau.
A mes vœux tout était prospère,
J'étais protégé des amours,
Je possédais le don de plaire.
Que ne peut-on rêver toujours!

II

Je revis le siècle d'Astrée,
La Paix régnait sur les mortels,
Toute promesse était sacrée,
La Justice avait ses autels.
On était tendre, on était sage,
On était franc dans ses discours,
Plus de tyrans, plus d'esclavage.
Que ne peut-on rêver toujours!

[1] Será a tradução da ode anterior ou a versão original? Não o sabemos.

III

La terre parée et féconde
N'exigeait pas de durs travaux;
Ainsi qu'aux premiers jours du monde,
Les riches gardaient leurs troupeaux;
Sous des cabanes de feuillage
Les humains fixaient leurs séjours:
Les amants n'étaient point volages.
Que ne peut-on rêver toujours!

IV

Mais un bruit semblable au tonnerre,
Vint m'arracher à mon sommeil:
La Félicité mensongère
S'évanouit à mon réveil:
De mon erreur point de vestige,
Adieu, charmes ! adieu beaux jours !
Tout ce que je revois m'afflige.
Que ne peut-on rêver toujours!

L. N. M. CARNOT



ODE

A FILINTO INSULANO (*)

Doctrina sed vim promovet insitam.
Rectique cultus pectora roborant.

HORAT. Lib. 4. Od. 4.

NÃO vive ⁽¹⁾ o Néscio, bem que a vida alongue.
Viver é tomar gosto à formosura
Do esplêndido Universo; e não se gosta
O que se não conhece.

Enche o teu peito de Moral sublime;
Abrange a Terra e os Céus, com douto estado;
Vida de Newton, vida do bom Sócrates
Viverás bem lograda.

Inda hoje, nos Elísios, continua
Eurilo a desfrutar sab'rosa, a vida
Que encetou sábio, entre a Amizade, e os livros
De abonada leitura.

O Tempo lhe correu qual leve sonho,
Que abaixando-lhe as pálpebras, não visse
Flagícios, nem traições, nem infortúnios,
Que entre os humanos lavram.

(*) O senhor Bento Luiz Viana.

(1) Vegeta.

Vagou no Mundo, qual a Nau veleira,
Que mansa, bem regida por Piloto,
Entre-escoando náufragas Caríbdis,
Leda embocou a barra.



ODE

AO SENHOR A. J. T. MARRECO

Tandem venias precamur.

HORAT. *Lib. 1. Od. 2.*

PRECLARO vate, de argentino canto,
Cantou-me o Cuco, e me cantou de falso:
Que repimpado em Londres o Marreco
Desmentiu das promessas.

Lá vai cortando os ares desenvolto,
Dar-te um estreito abraço o meu Desejo;
Emborcar-te no colo, um cesto cheio
De saudades minhas;

Saudades de Damas, que te estimam,
Que amam ver-te esplendente a plena face,
Qual mostra a luz prateada, em noite estiva,
Alvi-redonda Febe.

Escreve: ou vem. — Que abrindo os braços longos
Te stá *Palais-Royal*, stão *Tuilerias*;
Com Ninfas de primor, que te amam muito:
Mais inda... a bolsa tua.

ODE

AO IL.^{MO} E EX.^{MO} SENHOR
D. ANTÓNIO DE SALDANHA

Cœli enarrant gloriam Dei.

Ps. 18.

O profundo Filósofo que scruta
Da natureza o arcano misterioso,
Se, descosendo as trevas, que lho enoitam,
A mal previstos olhos,

C'um raio inteligente há penetrado
Num canto do obrador; ⁽¹⁾ dali, absorto
A vista da alma, e a corporal levanta
À Eterna Divindade,

Ao manancial perene, e nunca exausto
Do sem margens Oceano, onde as vagas
Dos Entes se urgem, premem-se, e resvalam
Na profundez do Abismo.

(1) L'Atelier de la Nature.

Vê no sol, vê nos raios seus benéficos
Outro pego de luz, que imita a que arde,
Luz de Beneficência, em toda a sfera
Do omnipotente Empíreo;

de lá desce às Orbitas que trilham
Tantos sóis, tantos Mundos, que apregoam
Do Criador a glória; as ordens dadas ⁽¹⁾
Cumprindo obedientes.

Desce essa luz à Terra; e, pia, intenta
Nos ânímos influir, que imite o Homem
Os Orbes; siga as leis que estampou claras
Nos peitos mão Divina.

E ainda não conseguiram tantas Eras
Seguir, (rebeldes!) os Mortais a senda,
Que nos traçou a Lei. Somos ferozes,
Ingratos mais que os Brutos.

Em vão nos dão doutrina, em seu instinto
Os brutos animais, em vão os Orbes,
No giro nunca errado, nos ensinam
Como a Deus se obedece.

Só, para à Honra, ao Brio obedecerem,
Nos mais árduos discrimenes, raros ânímos
Se levantam do vulgo, e raros buscam
Ter ínclito renome.

Nos teus Avós, Saldanha, exemplo illustre
Encontraste, e a vereda vás ^[III] seguindo,
Desviado dos p'rigos e despenhos,
Que arma à Virtude o Vício.

(1) No instante da Criação.

[III] Sic.

EPICÉDIO

À MORTE DO IL.^{MO} E EX.^{MO} SENHOR
CONDE DA BARCA, ANTÓNIO DE ARAÚJO,
etc., etc., etc.

Ergo Quintilium perpetuus sopor
Urget! cui Pudor, et Justitiæ soror
Incorrupta Fides nudaque veritas
Quando invenient parem?
Multis ille honis flebilis occidit,
Nulli flebilior quam mihi.

HORAT. *Lib. 1. Od. 2.*

AO som do golpe, que lhe talha a vida,
Bate as asas o esp'rito de Araújo;
E pelos ares líquidos, ⁽¹⁾
Se arrosta, a voo solto, com a entrada
Do aposento de Heróis, Elísios Bosques.
Por Mercúrio avisados
Quantos a Pátria honraram com Virtudes,
Com Saber, com Proezas sublimadas,
O aguardavam ansiosos.
Como pudeste, amado, amante Ingenho,
Arrancar-te dos Povos saudosos?
De Amigos lastimados?

(1) Per liquidum æthera vates. — Horat. *Lib. 2, in finem.*

Como não poude o ardente amor da Pátria
Tolher nas mãos dessa Átropos, o duro,
O despiedado ferro?
Ouviu a Elísia, ouviu a Gália o golpe,
Que os votos, corta, corta as esperanças,
Que Astros bafejariam.
E as lágrimas dos Lusos, e os gemidos
Dos que, com mão benéfica alentava,
Dos Sábios que influía,
Que amparava co' a sombra do Monarca,
Não tiveram poder c'ó sumo Jove
De obter-lhe além dum século
Vida, a quem, só o seu Rei, só tinha a Pátria
Por alvo, na alta mente, a altos disvelos?
Desconsolada sorte
Dos míseros mortais! Tão curto fio
Dobam as Parcas, em cansada lida
Aos Benfeitores do Orbe!
Quando a inúteis Filautas, e a Tiranos
Prolixo estame tiram remansadas,
Para opróbrio, e ruínas.
Estas letras insculpe saudoso
Filinto, no marmóreo monumento,
Por gratidão, e affecto.

FRANCISCO MANUEL



ODE

AD SODALES

Musis amicus tristitiam et metus
Tradam protervis in mare Creticum
Portare ventis.

HORAT. *Lib. 1. Od. 27.*

ATÉ que desamue o meu amuado,
Que farás, Lira minha?
Para ele te afinei, para ele o canto
Viril, se hoje caduco,
Em toda a idade modulei gostoso.
Para ele sons maviosos
Consagrei à Amizade, agradecido,
Em lutuoso Cármen.
Para ele estarás pronta, amada Lira,
Em lance acerbo, ou brando,
A soltar tristes sons, ou sons festivos.
Inteiro, ⁽¹⁾ e são de crimes,
Leal no pensamento, leal nas obras,
Desassombrado, e livre
Cumprindo pontual as leis de amigo,
Aos desvairados ventos
Encarrego, que além dos mares levem
Tristezas mal fundadas.

(1) Integer vitæ scelerisque purus. — HORAT. *Lib. 1. Od. 23.*

OS GOSTOS DO POETA

ODE

TRADUZIDA EM VERSOS PORTUGUESES,
E DEDICADA AO AUTOR DELA,
O SENHOR CARLOS LOISON

Sit meæ sedes utinam selectæ.

HORAT. *Lib. 2. Od. 6.*

AQUELE, que nasceu sujeito ao ceptro
Do Deus do sacro vale,
Não tem de ir afrontar da Morte as lides,
De glória ambicioso:
Nem tem de ir insculpir seu nome ufano
Nos fastos da Vitória.

Clame embora a Fortuna; não heis vê-lo
Do céruo Neptuno
Talhar afouto as móveis voragens:
Nem dar o bolso intrépido
Da vela, aos ruins Euros inconstantes,
Fiado nas Estrelas.

Por falaces Grandezas, sombras de Honras,
Oh não o vereis nunca
De cadeias indignas carregado,
A salutante ⁽¹⁾ coorte

(1) Juvenal.

Engrossar, no rebanho dos Escravos
À porta dos Palácios.

Arredado do ruído das Cidades,
Se, de aldeão tугúrio,
O fizeram senhor, Numes benignos,
Dar-lhe-á cabal ventura
Um bosque, um claro arroio, a doce Lira,
E brando sono à sombra.

Como em profunda paz vive ditoso
Separado do mundo,
De falsas precisões quebrado o jugo!
Na solidão entregue
Ao grato estudo, às Musas, logra inteira,
E sem mirões a Dita.

Da Natureza amante, meditando
Eleva, e depura a alma,
De profanos cuidados despe o peito,
E sempre solto, e franco
Do seu tугúrio as castas portas fecha
Às paixões turbulentas.

Assim me vão os dias resvalando
Até que enfim os anos
Me hajam, com meigas armas conquistado:
E assim, em toda a idade,
Foi grato aos sábios desfrutar a vida,
Ou desfrutado havê-la.

Também eu, nesse enlevo de minha alma
Decorrerei, sem susto
De lhe achar nódoa, as quadras, que hei vivido;
Trás mim vendo a Candura,
No futuro a Esperança, e no presente
Assaz Felicidade.

Oh Musa minha, oh Deusa, eu só te imploro,
Para os meus jovens anos,
Num retiro aprazível me concedas
Uma selva, uma fonte,
Uma alma sã, saúde próspera,
E Lira, e Liberdade.

E quando a idade venha injuriosa
Sulcar-me a fronte em rugas,
Murchar, e pôr de gelo os meus sentidos,
Dá, que eu dessa áurea Lira,
Inda tire com mal segura destra,
Não ingratos ⁽¹⁾ acentos.

ODE

Jamque rubescebat stelis Aurora fugatis,

VIRGIL. *Æneid.* III.

A meu canto aspirai, Ninfas do Pindo,
A Lira remontai-me.
Para-a Aurora cantar, soltai do peito
Vozes as mais suaves.
Oh do almo dia Precursora, salve:
Teu giro, pela sfera

(1) Dou aqui a *ingratos* o sentido que lhe dá Horácio, quando diz na Ode 16 do livro 1.^o: *ingrato celeres obruit etio ventos*.

Apavonadas nuvens denunciam.
 Desperto se agiganta,
Na carreira, o Dador da luz perene
 Ruem, no etéreo vácuo
Os férvidos Pirois a pulo, a pulo:
 Em mares de luzeiros,
Em pós de ti, se alaga o Firmamento:
 Brinca, nas leves folhas
O Zéfiro amoroso, que a teu lado
 Adeja sussurrando:
No mole musgo do entrançado ninho,
 Abre olhos a Avezinha,
E te saúda, as plumas sacudindo
 De multi-cor esmalte:
Dulcíssonas, desata, melodias,
 Em melífluos gorjeios.
Despregai vossos ramos, verdes selvas;
 Dai solitárias sombras,
Que da chama solar ao Vate abriguem.
 Dá sons à nobre Lira,
Calíope; inspirado de Irmãs tuas,
 Em estro lhe arde o Ingenho.
A fresca viração, as verdes cúpulas,
 Mansão canora de Aves;
Do variegado ⁽¹⁾ Céu, donoso o aspecto,
 Quanto prazer encerram!
Quanto prazer me entranham nos sentidos!
 Quanto júbilo na alma!
Mais contentes não são, no Elísio os Manes,
 Que eu, nesta mole relva.

(1) A variada cor das nuvens, e suas tão variadas formas no caminho que tomam pela tão linda azul campina.

ODE

Heu! nimis longo satiate ludo.

HORAT. *Lib. 1. Od. 2.*

QUANDO, outrora, com pé seguro e amigo,
Cursava eu diplomáticas,
Manufacturas místicas, lançava
Com destemida pluma,
Em papel Holandês corte-dourado,
As Délficas gravunhas.
Papel fino abundava pela banca,
Se amuava em gavetas.
Mas hoje, que amuado ⁽¹⁾ é trombeteiro ⁽²⁾
Quem, nas cartas, se assina
— *Fiel amigo* — ⁽³⁾ com papel de escola ⁽⁴⁾
Mal aparado e grosso,
Servirei Damas, servirei Amigos.
Capucho ⁽⁵⁾ é réu desse erro!

(1) *Tantæne animis mamotibus iræ!* —Bisnaga escolástica.

(2) Quem se amua faz beicinho, como quem sopra trombeta.

(3) Carta de 22 de Janeiro de 1818.

(4) Papel de que os rapazes se servem para as matérias.

(5) Certo Capucho, que não usa de capuz, nem de tamancas.

A CERTA EPOPEIA

AO grande Épico vate lições deram
Venusinos, e Flacos, e ainda Horácios;
Em Públios, em Marões, mesmo em Virgílios
Bebeu o stilo *molle atque facetum*.

ODE

AO SENHOR FRANCISCO MANUEL DO NASCIMENTO

EM RESPOSTA À SUA CARTA DATADA DE PARIS
EM 26 DE OUTUBRO DE 1817

Filinto, o Grão cantor, prezou meus versos
Zoilos! Tremei. — Posteridade! És minha.

Ode de Bocage a Filinto Elísio.

SALVE, oh Estro gentil, honra do Tejo!
Que de atrevidos voos te elevastes,
Aos raros plainos, que cortou, de um tiro,
O cisne de Venusa.

Salve oh Estro gentil, honra do Tejo,
Não Alfeno, Dinis, Garção, qual dizes;
Enlevado nos teus vivazes versos,
Borges, salva Filinto.

Quais do Sena, assombrados, viste os filhos, ⁽¹⁾
Fitando de Robert a nova Estrela;
Tal contemplo teu estro, quando, absorto,
Prefaz do Olimpo o giro.

Nos teus forçosos versos, vive o Sanches. ⁽²⁾
Mais vida, neles, têm de Nuno os manes:
Por ti, a pura linguagem Lusa,
Volveu de novo ao Tejo.

A mão, que a cinzas reduziu Palmira;
Que em ruínas tornou Cartago, e Tebas,
Mas que esquecer fazer não pode ainda,
O que celebra Smirna;

Deixará, qual o seu, teu Nome intacto:
Qual Sírio se projecta, entre as estrelas;
Sempre o teu nome se lerá distinto
Entre os Poetas Lusos.

Terás na morte, o que é roubado em vida.
Nisso igual sorte, sofrem génios raros:
Talvez teu Busto um dia aformoseie
O Lusitano solo.

Qual a terna Natchez, perdendo o filho, ⁽³⁾
Vem, sempre, sobre a fria sepultara,

(1) Veja-se a Ode de Filinto Elísio. — Os novos Gamas — uma das melhores produções Líricas do século 18.

(2) Vejam-se as Obras de Filinto Elísio.

(3) Veja-se o Triunfo da Religião Cristã, por Chateaubriand.

Derramar níveo leite, misturado
Com pranto enternecido:

Irão as Musas Lusitanas todas,
Continuamente, sobre o teu jazigo,
Depositarem um tributo eterno,
De não enxuto pranto.

Os Vates todos cantarão teu Nome:
Feliz o que igualar puder teus versos;
Aprenderão, de novo, a pátria língua,
Nos versos de Filinto:

Enquanto entregues ao furor do Tempo,
Pisando a Solidão do Esquecimento,
Miríades irão de nobres manes
Coevos de Filinto.

Salve, oh Estro gentil, honra do Tejo;
Canta sempre da Pátria, e volve à Pátria.
Não sem pejo, verá o Tejo grato,
Teu Estro e Cãs ilustres.

Alegre cantará a Lusa História,
Desta Idade, entre os factos memorandos,
«Que guardou Lísia no seu próprio colo
Os Ossos de Filinto».

ODE

À RESTAURAÇÃO DA ESTÁTUA EQUESTRE
DE HENRIQUE IV.^o

Hic ames dici Pater atque Princeps.

HORAT. Lib. 1. Od. 2.

TU, dos Reis timbre, dos Franceses glória,
E saudade eterna,
Vem o posto ocupar, que grata a França
Te ergueu em testemunho
Dos Benefícios teus; do amor, que vota
Ao teu Valor, e Ingenho.
Ruins te derribaram, que não visses
Os dolos, os flagícios,
Que haviam cometer; nem teu semblante
Cabal fosse a estranhar-lhos,
Cabal a os aterrar, a comprimi-los.
Como, oh Ruins, da campa
Não vistes do sem par Henrique a sombra
Alçar-se, e no ar librada
Vos mostrar quão seguro o augusto Filho ⁽¹⁾
Da boa França aos votos
Anuindo, o restaurava? Ei-lo, na base,
Que lhe há-de ser eterna.

FRANCISCO MANUEL

(1) Luís XVIII.



ODE

AO IL.^{MO} E EX.^{MO} D. JOSÉ MARIA DE SOUSA

Illum aget penna metuente solvi;
Fama superstes.

HORAT. *Lib. 2. Od. 2.*

AMADOR de Camões, (*) de honrar a Pátria,
Que honraram teus Avós, irás subindo
A par do Vate, a par do ínclito Gama,
Onde assento obtêm raros.

Qual vai o som da Tuba do Poeta
Reboando, na amplidão do etéreo pólo,
Irá teu nome co' eles, ladeado
Das mais nobres Virtudes.

Irá o Dote de teu vasto Ingenho
Alumiado com mil astros splêndidos
De altas Ciências, de engenhosas Artes
Que o Bom Gosto assazoa;

Que a Modéstia realça, quando acanha
Da vaidade os ímpetos. — Oh Sousa,
Viverás, quanto vivam os Lusíadas,
À Pátria, aos Lusos caro.

(*) O elogio, que de Camões, e da nova magnífica edição publica o Diário de Paris, me fez rascunhar essa insipidez, indigna do insigne Poeta, e do eruditíssimo Editor. Mas tudo se perdoa a uma Musa mais que octogenária. E porque esta se não acobarde tanto na sua presença, a acompanhei com uma, Irmã sua, que fala em Heroínas, que vão sem susto, por esses ares.

ODE

..... Io, triumphe!
Non semel dicemus, Io, triumphe!
Civitas omnis

HORAT. *Lib. 4, Od. 2.*

SE, por estranho caso, hoje surgissem
Da Épica os Corifeus, Virgílio, Homero,
Limando à, que troou Eneida, Ilíada,
Tuba heróica, o mugre, ⁽¹⁾

Quem puderam cantar com voz mais alta
Que Garnerin, ⁽²⁾ Margat, ⁽³⁾ que os céus registram
Em leves fragatinhas resplendentes,
Entre azoinantes vivas?

Esses Ajax, Diomedes, que feriram
Divindades do Olimpo, nunca um pulo
De três palmos de altura, a upas deram
Acima do usual piso.

Barbas Maio lhes deu, que inteçam Globos,
Que os entufem de gás! Souberam eles,
Que os ares se navegam, como o pego,
Que vai de Tróia a Ténédos?

(1) Mugre chama D. Francisco Manuel de Melo nos seus Apólogos Dialogais, a caspa verde ou verdeneira que se pega ao bronze, etc.

(2) Mademoisela.

(3) Madama.

Oh! se vissem estremunhada a Lua
No olhar junto de si, a humana Febe; ⁽¹⁾
E os Astros perguntarem-se uns aos outros:
«Quem nos deu tal Vizinha?

Pariu outra Latona outros dous Gémeos,
Na Delos flutuante?» — Oh! que Astros tontos!
Não sabeis, que dum jacto dera ao Mundo,
Montgolfier, Globos, Febes?

Stou velho: que senão... Ia-me ao Rio, ⁽²⁾
Vogando, na splendente fragatinha, ⁽³⁾
Co' a Senhora Margat, saber que prémio ⁽⁴⁾
De seus quadris parira *

Madama Recompensa Brasiliana,
Por tanta Ode em *Velin corte dourado*,
Gabos de Aclamação, gabos de Núpcias...
Tudo Augusto, Augustíssimo!

Ver-me-iam assustados os Mazombos,
No meu Tataranhão, ⁽⁵⁾ fendendo o ambiente
Dos Paços Reais ⁽⁶⁾ se humilharia à Noiva
Que adita Soberana ⁽⁷⁾

(1) A jovem Argonauta, que ia subindo à órbita da Lua.

(2) O Rio de Janeiro.

(3) *La nacelle illuminée*.

(4) Viva o Ex.^{mo} e generoso Conde de Palmela que premiou a versão da Ode de Voltaire ao Fanatismo, com uma medalha de 64,000 rs. Bem o sabe um certo Capucho.

* Não dizem as Crónicas dessa Era que parira Latona gémeos: mas sucedeu o parto há tantos milheiros de anos que bem podiam os Astros havê-lo esquecido.

(5) O Aerostat com a barquinha. — Falando (no Auto dos Pastores) do Anjo, que veio, na noite do Natal, cantar o — *Gloria in excelsis Deo* — aos que guardavam os rebanhos nas convizinhanças do presépio, conta um Pastor aos outros, que vira descer dos ares — um *Tataranhão*, que contava cousas de preço.

(6) Bela vista.

(7) Virão anos.

Lusos d'aquém d'além: — Só não se lembra ⁽¹⁾
Do velho Vate, que acordou a Musa,
Posta a dormir, num canto, octogenária, ⁽²⁾
A que lhe afine a Lira.



ODE

AO SENHOR FRANCISCO BORGES,
MAJOR INGENHEIRO [IV]

..... Vivite fortes,
Fortia in adversis opponite pectora rebus.

HORAT. *Lib. 2. Serm. 1.*

LIVIANO véu trajando, auri-bordado,
Pejada a dextra, que derrama a rodo,
(Do Corno de Amalteia)

C'roas ceptros, Bastões, Colares, ⁽¹⁾ Mitras,
Ducados, e Guinés, Dobrões tinindo
No duro pavimento...

(1) É para lastimar que a sereníssima Arquiduquesa, que (ao que me disse o meu antigo Amigo Francisco José Maria de Brito) aprendia português, pelas Obras de Filinto Elísio, não estendesse a munífica mão ao velho Poeta, que lhe cantou os festivíssimos Desposórios.

(2) Com uns pozinhos de 4 anos mais por cima.

(1) Das Ordens. V.g. Tosão de ouro. Etc.

[IV] *Sic.*

Quem? — A Fortuna; e com risonho gesto,
Se adianta e me enreda ao colo os braços:
«Filinto, há's ser ditoso.

(Assim disse.) — Se esquivas fui tégora;
Hoje compraz-me todo o meu tesouro
Verter em aditar-te.

Pouco peço de ti. Deixa essa austera
Deusa, que o trilho te há tégui rompido
De subir-te às Grandezas.

Busca outra meiga Deusa, e amiga minha,
Por quem me desentranho sempre leda
Em mimos e favores.»

«Sei quais, nomeias Deusas (lhe respondo)
Rejeito a que me inculcas, vil Lisonja;
Na alma guardo a Virtude.

Ela entre os infortúnios, e as pobrezaas,
Guardou-me inteiro, ⁽¹⁾ e são; ela até à morte
Me há-de guardar honrado.»

Assim, co'a Deusa desvairada em sonhos
Me despicava, quando a adulara
Oh Borges, Ode tua

Me pôs mais alto, que esses, que eu respeito
Bons Corifeus do Lírico alaúde ⁽²⁾
Cujas lições canoras,

Após as de meu Mestre de Venusa
Com sede doutrinal escolho, e bebo,
Encantado em seu metro.

(1) Integer vitæ, scelerisque purus. — HORAT. *Lib. 1. Od. 22.*

(2) Dinis, Garção, e Torres.



ODE

AO IL.^{MO} E EX.^{MO} SENHOR D. DOMINGOS
DE SOUSA COUTINHO, CONDE DO FUNCHAL

..... Illum ego lucidas
Inire sedes, dacere nectaris
Sucos, et adscribi quietis
Ordinibus patiar Deorum.

HORAT. *Lib. 3. Od. 3.*

REVOLVIDOS, enfim, seis lentos lustros,
De penoso desterro, vi lavrado
Nas brônzeas ⁽¹⁾ folhas do Destino, o pio
Desejado Decreto.

O Génio Tutelar da Lusitânia
Com aprazível mão, me abriu o Livro,
Em que o Fado dos Deuses, e dos Homens
Lançou futuras vezes. ⁽²⁾

«Olha, Filinto (disse o amável Génio)
A infame Inquisição, como esquivar-se
Traça astuta; e em razões de Estado frívolas,
Ansiada, abrigo busca.

(1) Lá o vi, como os Poetas vêem. Mas também, anos depois, me desceu inspirada notícia, que com as aturadas chuvas tomou a tal brônzea folha tão ferrenho mugre, que sumiu o Decreto.

(2) *Vicissitudines.*

Já os golpes, c'ó montante, que alto empunha,
Lhe descarrega a sã Filosofia,
Nos erros adorados, nas cabeças
Dos ímpios Impostores.

Serás vingado: a vil, roaz Calúnia
Lacerada por mãos mui poderosas,
Abrirá largas sendas à Verdade,
Que à luz se mostre, e ao dia.

Vê mais (e ia voltando folha e folha)
Vê nesta agora, um sábio, ilustre Sousa [v]
Que Protector, que Amparo teu se aclama,
A Par de outro Mecenas.

Serão felizes teus extremos anos. (1)
C'um clarão de Ventura, inda afastadas
Verás as sombras do cruel desterro,
Das mágoas desvalidas. (2)

Tomei a cargo meu sublimar Sousa,
Entre esses, que da Pátria, que dos Homens
Bem mereceram; dar-lhe claro assento
No Templo do Renome.»

(1) Profecia, que muito desmentiu de si no cumprimento dela.

(2) Que mor desvalimento que não ter nada de seu? e viver vida precária?

[v] O Morgado de Mateus, D. José Maria de Sousa e Vasconcelos.

LIÇÃO DE ASTRONOMIA

POIS que em saber se é o sol, ou se é a Terra
Que anda à roda, o juízo teu emperra...

(Gabo a curiosidade! ⁽¹⁾)

Pariu-a a Ociosidade.)

Empina-me de loura Malvasia

Ampla botelha; e deixa-ma vazia.

Verás o como rodam, pelo menos,

A Terra, a Casa, os móveis mui-serenos.

!

(1) Segundo a definição que lhe dá o Capucho Fr. Esprit de Tinchebray, no sermão da Madalena — *Curiosidade* — é ser curioso (*curiositas oculorum*). Contra ela disse no púlpito cobras e lagartos. E teve razão. Que talvez lhe houvesse acontecido ao Pregador por curioso, o que depois por esse negregado sestro me aconteceu a mim: que perdi um amigo pela curiosidade que tive de ver um tosão de ouro, parecido com o de uma infanta filha de El-Rei D. Manuel, que casou (como conta Damião de Góis) com o Duque de Borgonha, o qual em razão do que viu, instituiu essa Ordem religiosa e Militar. Vista faz fé. Deus nos livre de bacharelas.

FARSÁLIA

DE MARCO ÉNIO LUCANO (1)

LIVRO I

ARGUMENTO

DA guerra as causas diz; como impellido (2)
Da acelerada cólera, atravessa
César do Rubicon a veia, e investe
Com sobreceño a Rimini vizinha,
E como acolhe os da assombrada Roma

(1) Muitos me criminaaram, de malograr o estudo e o tempo em dar as honras de versão a um Poeta tão desacreditado como Lucano. «Não havia aí Virgílio e Homero, que têm por si todos os votos? Os votos mesmos dos que nunca os leram? Que muito há já, que na fé alheia, e sem conhecimento da causa, se liberalizam os encómios e os vitupérios. Mas leiam este Poema esses desdenhosos; e se amam formosura varonil, se estilo arrebatado e ardente, se amam sentenças vivas e profundas, pinturas que nos olhos ferem, em Lucano as encontrarão. Nem, porque Virgílio tomou no Parnasso Latino o primeiro assento, se hão-de eclipsar Ovídio, Lucano, e Sílio Itálico. Nem todos os Vates Lusitanos Camões foram; e todavia a Ulisseia, a Malaca conquistada, o Afonso Africano granjearam entre os doutos estimação. Quanto se não ufanariam Críticos tais, de haver composto, no verdor de 27 anos, esta Farsália.

(2) Comecei esta Tradução, pouco tempo depois de ter chegado a Paris: mas duas razões me atalharam de a continuar, a 1.^{ra} os desmesurados e tão indignos encómios, que a um tirano dá; 2.^{da} as voluntárias e mal encarecidas mortes dos Opi-térgines, sem contar os defeitos, que os Críticos assacam a esse Poeta. Confesso, que a p l i c a r i a com mais lucro o meu ócio em traduzir a Eneida; mas esta já se achava traduzida por J. F. Barreto, que, se não deitasse ao seu ingenho o grilhão dos consoantes teria quasi corrido parelhas com Virgílio: mas tal qual ela é merece ainda grande preço, e só podem criticá-la os que não possuírem assaz de cabedal para a empreenderem. As metamorfoses de Ovídio já o Senhor Barroco, já outro vate Almeno as tinha começado. Só que restava Sílio Itálico e Lucano. Comecei a Farsália — O outro virá depois se tiver anos de vida, sossego, e pachorra.

Expulsados Tribunos: para a guerra
Os seus anima; o fiel socorro chama
das Coortes. Jaz Roma em frio susto.
Medroso vai Pompeu, medrosa a Cúria.
Prodígios surgem; dão resposta os Vates.

~~~~~

Guerras mais que civis, <sup>(1)</sup> no Emátio campo,  
O jus dado à Maldade canto, e o Povo  
Poderoso, que contra entranhas suas  
Houve empregado a vingadora dextra.  
Co'as forças juntas do abalado Mundo,  
Hostes parentas, roto o nó do Império,  
Para o total desastre, combateram:  
Pendões contra pendões, Águias contra Águias,  
Dardo, no encontro hostil, dardo ameaça.

Que furor, Cidadãos, que solto ferro  
Libra a odiadas Nações o sangue Lácio;  
Quando arrancar à ufana Babilónia  
Os Ausónios troféus, melhor cumpria?  
Quando os Manes de Crasso inultos erram,  
Guerras travais, indignas de triunfo!  
Co' esse, que as vossas mãos, sangue, verteram  
Que assaz terra, e assaz Mar ganhado fora,  
Onde o sol surge, e acolhe a Noite os Astros!  
Onde a pino flameja, e ferve o Dia,  
Ou ringe a Néve e o Scítio Mar <sup>(2)</sup> algema,

-----

(1) Necessitariam muitos lugares desta versão severíssimas emendas: mas nem um Lucano tenho de meu. Os que o tiverem emendem a versão, e lho agradecerei como assinalado favor.

(2) Como seria fácil o espraiar-se em notas quem abundasse em Livros! Eu, ainda que o quisera, não os tenho. Lá os há por esse Mundo; a eles recorram, os que não sabem.

C'os frios gelos, que o Verão não solta!  
Já o bárbaro Aráxes, já os Seres  
Curvariam c'ó jugo, e quanto Povo  
Vê o Nilo de incógnita nascente:  
Então, Roma, quando hajas sotoposto  
Inteira a redondeza a teu império,  
Já que a nefanda guerra anelas tanto,  
Volta armas contra ti, e hás inimigos.

Agora, que nas Ítalas cidades,  
Destroçados os tectos, as paredes  
Pendem, e as derribadas cantarias  
Das muralhas, desmanteladas fazem;  
Guarda as casas não têm, raro <sup>(1)</sup> vagueia  
O morador, na de antes populosa,  
Hoje crespa de abrolhos, não lavrada  
Hespéria, há muitos anos, e pedindo  
A terra as mãos está, que lhe negamos.

Não foi Pirro feroz, não foi Aníbal  
Quem stragos tais nos fez: que a ninguém coube  
Dar-nos mau fim, com ferro, a todos: jazem,  
Por mão civil, profundas as feridas.

Mas se outra via os Fados não tomaram  
Para a vinda de Nero; <sup>(2)</sup> eternos Reinos  
Só, a grão preço aos Numes se aparelham:  
Nem ao Troante <sup>(3)</sup> seu bem serve o Olimpo,  
Se aos Terrígenas crus <sup>(4)</sup> não dá combate.  
Cessa, oh Numes, o agravo nosso; os crimes

---

(1) Reduzida a Cidade a poucos moradores.

(2) Injustíssima lisonja! Nero a pagou pouco depois com a morte do lisonjeiro.  
Quão felizes os Povos, se igual prémio às lisonjas os Reis dessem!

(3) Júpiter tropejador.

(4) Os Titãs filhos da Terra.

As maldades, com prémio tal contentam,  
Encha Farsália as lúgubres Campinas,  
Cevem-se em sangue os Manes de Cartago,  
Veja Munda o nosso último destroço:  
Co'as fadigas de Modena, co'a fome  
De Perúsia, estes fados, César, medrem,  
C'os Baixéis, que submerge aspra Leucate,  
E no Etna ardente, co'a servil batalha:  
Que muito às civis armas deve Roma,  
Se Tu lhe és prémio, e fim. Quando tardio  
Corrido o giro <sup>(1)</sup> teu, aos astros subas,  
Pospondo a Terra aos Céus, te acolha o Olimpo,  
Com gosto em seu alcáçar, ou já prezes  
O ceptro menear, ou nas carroças  
Flamígeras de Febo ir assentado  
Com vaga tocha alumando o Mundo,  
Do permutado sol desassustada: <sup>(2)</sup>  
Númen não há, que o sólio te não ceda;  
E a qual Deus queiras ser, ou do Orbe o mando  
Ponhas, Natura o franco jus te entrega.  
Mas não na Arctoa plaga assento escolhas,  
Nem onde o ardor afunda a meta austrina,  
Donde, Astro oblíquo a tua Roma influas. <sup>(3)</sup>  
Se uma facha do imenso etéreo oprimes,  
Sentir-se-há o axe do pendor: no meio  
Do Empíreo o peso libra a um pólo e outro;  
Serenos o ar seja, nesse espaço, e limpo:  
Que entre César e nós não vaguem nuvens.  
Então a humana prole as armas ponde, <sup>(4)</sup>  
Os seus úteis consulte e mútua se ame.

---

(1) De teus anos.

(2) Tão certa e segura está, que tomando Tu as rédeas do carro Apolíneo não lhe virá de Ti incêndio algum, como de Faeton lhe veio.

(3) Falava de siso Lucano a Nero? ou estava dele escarnecendo?

(4) *Pondo por depondo*. O positivo pelo composto.

Do belígero Jano as férreas portas  
A Paz enviada ao Mundo inteiro as feche.  
Tu és meu Númen já; nem, se em meu seio,  
Te acolho eu Vate, invocar trato  
Esse Deus, que os arcanos move em Cirra,  
Nem de Nisa arredar Baco. Assaz forças  
Para os Romanos versos dar-me podes.

Leva-me a mente a disferir as causas  
De tão grandes sucessos. Cena imensa  
Se me abre. Quem o Povo insano, às armas  
Impeliu? Quem Paz lançou do Mundo?  
Cortou Fado invejoso o fio às Ditas:  
Negado lhe é durar. Bem, que é supremo!  
Quanto o peso é maior mais grave é a queda,  
Nem já se tinha Roma! Assim, deste Orbe  
O enlace desatado, essa hora extrema,  
Rebanhando ante si tropel de séculos,  
Terá de ir-se engolfar no antigo Caos.  
Confusos balroando Astros com Astros  
O pego acolherá do Céu Luzeiros;  
Na Terra, que há-de abrir seu amplo seio,  
Hão-de as ondas lutar. A Apolo oposta  
De dous corcéis <sup>(1)</sup> reger irada a Lua  
Por essa oblíqua zona, em carro de ébano,  
Quererá, como o Irmão raiar o dia.  
Do Orbe estroncado a máquina discorde  
Todo o pacto rompeu. Sobre si mesmas  
As grandes moles caem. Tais balizas  
De aumento os Numes às venturas cravam:  
Nem Fortuna outorgou a gente alguma  
Contra o Povo possante em mar e terra  
O impulso disferir da inveja sua.  
Tu, do mal todo a causa foste, oh Roma,

---

(1) Não quatro como seu Irmão.

De três comum domínio, <sup>(1)</sup> liga infausta,  
Que o reinado negava a qualquer outro;  
Funesto acordo! Cegos de cobiça,  
(Quão sobeja!) que val mesclar as forças,  
Ter o mundo suspenso, e subjugado!  
Enquanto o Sol, volvendo longas lidas,  
Seguir, por signos doze, ao Dia, a Noite,  
Suster <sup>(2)</sup> a Terra o Mar, a Terra os Ares  
Nos sócios do reinar, fé não se espere;  
Que partilhas o Mando não consente.  
Nem Anais das Nações <sup>(3)</sup> abrir releva,  
Nem ao longe indagar fatais exemplos:  
Nossos primevos muros se orvalharam  
Com sangue fraternal; nem foram preço  
De furor tanto, então, Terras, nem Mares:  
Ténue asilo empenhou seus dous senhores. <sup>(4)</sup>

Breve remanso deu discorde aliança; <sup>(5)</sup>  
Nem foi a Paz dos Capitães arbítrio;  
Que só Crasso a enlaçava, posto em meio, <sup>(6)</sup>  
E a Guerra a não surgir. Qual corta as ondas,  
Istmo estreito, e que um Mar de outro separa  
Nem consente mesclar águas com águas.  
Se a Terra atrás se encolhe, o Egeu, e o Iónio  
Se romperam co'as vagas. Tal, apenas  
Com miserando estrago as armas cruas

---

(1) Triunvirato de César, Pompeu e Crasso.

(2) Por sustiver.

(3) Na História Grega é mui famosa a guerra de Etéocles e Polínice filhos de Édipo, sobre o reinar em Tebas; os ódios e horrores dos dous Irmãos Atreio e Tiestes, etc., etc.

(4) Rómulo matou a seu Irmão Remo, que a par com ele reinava, quando era asilo de facinorosos Roma, e em vez de Palácios, se cobria de tugúrios.

(5) Do primeiro triunvirato.

(6) De César, e de Pompeu.

De ambos os Capitães <sup>(1)</sup> Crasso atalhando  
Manchou c'ó Ítalo sangue Assírias Carras:  
Desatou logo o Pártico destroço  
Os furores Romanos. Mais vencestes  
Do que, Arsácidas, credes. Intestinas  
Guerras dais, nessas hostes, aos vencidos.  
Talhou a espada os Reinos: e a Fortuna  
Do Povo poderoso que imperava  
Em Terra e Mar, e em toda a redondeza,  
Dous não pode conter: que a seva dextra  
Das Parcas retraiu, levou aos Manes  
Fachos nupciais <sup>(2)</sup> com duro agouro acesos  
Penhor de unido sangue. <sup>(3)</sup> Que se os Fados  
Te dessem ver do Sol mais largos giros,  
Tu <sup>(4)</sup> só reter d'aquém teu Pai puderas,  
E d'além a teu sposo enfurecido:  
E armadas mãos juntar (depondo lanças),  
Qual juntaram, permeadas, as Sabinas  
Os genros com os sogros. Tu, morrendo,  
Soltou-se a aliança, e aos Capitães foi dado  
(Émulo esforço os punge!) mover guerra.  
Tu, Magno, <sup>(5)</sup> temes, que os triunfos novos <sup>(6)</sup>  
Teus antigos eclipsesem; que o pirático  
Louro, aos vencidos Galos se submeta.  
Já te <sup>(7)</sup> alça o fio, e trato das façanhas  
E a ventura, insofrida em grau segundo.  
Que César não consente a alguém primeiro,

---

(1) Pompeu, e César.

(2) Da filha de César esposada com Pompeu.

(3) Quem não souber a história deste triunvirato custosamente compreenderá este poema.

(4) Júlia filha de César.

(5) Pompeu.

(6) De César.

(7) A César.

Nem Pompeu ter igual. Colher não cabe  
 Qual dos dous com mais jus vestiu as armas.  
 Em potente Juiz cada um se escora;  
 A vencedora causa aprouve aos Numes;  
 A vencida a Catão. Nem correm ambos  
 Parelhas, na refrega; que à velhice  
 Vergam já dum os anos; no remanso  
 Da toga, longo tempo, em paz, trajada, <sup>(1)</sup>  
 Teor de General desaprendera.  
 Fama anelando, pródigo c'ó vulgo,  
 Só, na aura popular, na voz, que o aplaude  
 No teatro seu, se embelezava todo:  
 Recostado nos seus braços antigos  
 Remoçar-se olvidava em vigor novo;  
 Só do grão nome seu sombras conserva.  
 Qual sublime Carvalho em fértil campo  
 Blazona o popular despojo antigo  
 E os sacros dons dos Capitães, no peso,  
 Não em tenaz raiz o tronco alteia;  
 Os ramos nus devolve pelos ares  
 Não co'as folhas, c'ó tronco inda faz sombra:  
 Bem que aos primeiros sopros do Euro vergue  
 E queda ameace, e em roda ufanos subam  
 Ferrenhos bosques, cultos só os tem ele. <sup>(2)</sup>

Não tinha César, não tal nome e fama  
 De General, mas tinha inquieto, activo  
 Valor, que o ser vencido em campo, o anoja;  
 Onde quer que Ambição, Vingança o chame  
 A travar guerra, indómito e ferrenho.  
 Não poupa a lança, em sangue vai cevá-la:  
 C'os seus sucessos cerra, insta c'os mimos  
 Da Fortuna, impelindo quanto lhe obsta  
 A atingir ao mais alto; e folga abrir-se

---

(1) Te dá altivez.

(2) O carvalho.

Rota, rompendo estragos. Tal das nuvens,  
Com rouco estalo de ar, fracasso do Orbe  
A violências de Éolo, rompe o raio  
Travessa o alvor do dia, aterra os Povos  
Descorados, a face, os olhos lhes deslumbra  
Com torti-vaga luz, e solta fúrias  
Contra os seus próprios Templos. Nada o estorva;  
Ou volte, ou caia, as chamas ele ajunta  
Derramadas, quebranta, arruina, arrasa.

A ambos os Generais tais causas movem:  
Mas são da guerra as públicas sementes  
As que sempre afundiram Nações grandes.  
Já avassalado o Mundo, apenas trouxe  
Desmedidas riquezas a Fortuna,  
Cederam usos bons aos usos prósperos, <sup>(1)</sup>  
E inimigos despojos, e rapinas  
Luxe inculcaram, desmediram regras  
O ouro e edifícios, teve a Gula  
As mesas dos Avós em menoscabo;  
De galas, para Noiva inda garridas,  
Homens se apoderaram. Fogem todos  
Da Pobreza, em Heróis já <sup>(2)</sup> tão fecunda.  
De todo o Orbe acarreiam quanto há sido  
De possantes Nações fatal destroço:  
Remotos marcos, vastas jeiras cingem;  
E as que outrora lavrou com relha dura  
Terras Camilo, ou Cúrio abriu co' antigo  
Enxadão, Dono obscuro encrava <sup>(3)</sup> e estende.  
Não, com tranquila Paz, contente fora  
Tal Povo, e com manter com armas quedas  
A Liberdade sua. De lá vinham  
Aceleradas iras, ter por baixa

---

(1) Aos maculosos vícios, que surgiram com a prosperidade.

(2) Noutros tempos.

(3) Nos seus amplos domínios.

Maldade, a que Pobreza a alguns inculca,  
E por brasão, o que ia a força, e ferro,  
E a poder mais, que a Pátria: era a Violência  
A Vara do Direito; eram forçados  
Plebiscitos, e Leis, como o era tudo:  
Foros turbavam Cônsules, Tribunos;  
Em almoeda as fasces; que as vendia  
A quem mais dava o Povo; ao venal Campo, <sup>(1)</sup>  
Combate anual trazendo mortal âmbito <sup>(2)</sup>  
A Roma. Sai de lá voraz Usura  
Sôfregos juros, combalido crédito,  
E vir, da guerra, grão proveito, a muitos.  
    Já na derrota os Alpes franqueara  
Gelados César, que no peito aloja  
Abalos grandes, e o guerrear futuro:  
Do escasso Rubicon já as abas trilha.  
Eis da angustiada Pátria o vulto ingente  
Tristíssima no gesto, desaparzida,  
Desfeito o adorno das madeixas brancas  
Na torrígera frente, nus os braços,  
Radiosa, no obscuro da alta noite,

-----  
(1) Campo Márcio onde o povo nomeava os Cônsules, etc.

(2) Âmbito era em Roma chamado todo o empenho de buscar protecções, agradar com lisonjas, com promessas, com dinheiro, etc., a quem dava os cargos. E este crime de âmbito, nociva ao merecimento e aos bons costumes, era punido pelas leis enquanto elas tiveram vigor. Para mais explicar esta passagem mui difícil para leitores, que não têm notícia da História Romana nos últimos tempos da república, ponho aqui os versos de Petrónio.

*Empti Quirites  
Ad prædam strepitumque lucri suffragia vertunt  
Venalis populus, venalis curia Patrum.  
Est favor in pretio.*

Mais ao claro. Fasces, ou feixes de varas, c'uma machada nelas embebida, eram insígnias de Cônsules, etc. O Povo, para esses postos dava os votos, a quem mais dinheiro dava; o que se chama pôr os cargos em almoeda, ou leilão. Para os obter houve, muitas vezes, sanguinolentos arruídos.

Se of'rece a César, rompe entre gemidos:  
«Onde é que encaminhais? Levais aonde,  
Varões, meus estandartes? Téqui parem;  
Se vindes Cidadãos, se réus não vindes.»

Súbito horror embebe a César o ânimo,  
Os cabelos, na fronte se lhe eriçam,  
Lânguido o passo às ribas <sup>(1)</sup> se lhe prende.  
Eis se recobra: «Oh Jove, <sup>(2)</sup> que adoraram,  
Em Alba meus Avós; tu que hoje velas,  
Na Rainha do Orbe, do alto Capitólio  
E vós Troianos Deuses tutelares,  
Que à Ausónia Eneias trouxe; tu, oh Rómulo,  
Que ao Olimpo alçado o nosso culto houveste,  
Vesta, a quem na ara é vivo sacro fogo;  
Roma, oh tu, que meu Númen foste sempre,  
Prospera o intento meu. Não venho armado  
De Furial facho. Terra e Mar vencidos, <sup>(2)</sup>  
Ama-o tu, inda é teu: é teu soldado;  
E em todo o Orbe o será. Só dêem por crime,  
Que inimigo de Roma a César chamem.»

Não difere: co'as tropas rompe o Rio. <sup>(3)</sup>  
Leão que da ardente Líbia em mudos ermos  
Avista o Caçador, pára, e duvida:  
Eis já se anima, recolhe o furor todo,  
Ondadas jubas treme, açouta as ancas  
Co'a mortífera cauda, ruge irado  
Na profunda garganta; e ou leve <sup>(4)</sup> o Mouro  
Lhe arroje o dardo, ou lhe o zarguncho entranho,  
Golpes transcura, e aos gumes se arremessa.

---

(1) D'aquém de Rubicon.

(2) Havendo César vencido por Mar e Terra.

(3) Rompe o fio que a veia do Rio leva.

(4) Leve, por ligeiro.

Ténue ao nascer, desliza ténues ondas  
Na estiva, o Rubicon, ardente quadra.  
Serpeia em Galo vale, e a Ausónia estrema;  
Cobra forças no inverno, três chuvosos  
Meses o engrossam, fundem neve os Alpes,  
E o sopro do Austro emborca-lhe torrentes.

Para embarrar-lhe o undoso peso, os Équites  
Lá se impelem, lá travam dique oblíquos:  
Suspense é o curso impetuoso; eis cedem,  
E obedientes dão caminho as ondas.  
Já César cruza o Rio, e poja contra;  
Trilha com pé revel vedada a Itália.  
«Lá deixo a Paz, <sup>(1)</sup> e as Leis que os meus adversos  
Hão violado. Oh Fortuna, a ti me entrego:  
Seja-me a Guerra Juiz, árbitro a Sorte.» <sup>(2)</sup>

-----  
(1) Diz César.

(2) Como estamos com tradução a peitos; vá de história. Em mil e outocentos e cinco, um vizinho meu francês, que fizera louváveis estudos, quis ler no original alguns versos meus. Como sabia bastante Grego, e mais ainda Latim, com seus laivos de Espanhol e Italiano, fácil lhe foi entrar pelo Português. Tomado de afeição por essa língua lançou-se a traduzir algumas Odes. Até qui não há que dizer; mas quando o levou essa curiosidade a imprimir a tradução, e por estandarte desse regimento de Odes, lhe pôs certa notícia acerca da vida e Obras de Filinto, apurou-se-lhe a paciência a um amigo meu, e desfechou co' a seguinte nota.

Têm-me perguntado alguns amigos, e outros, que conceito faço eu duma tradução de Poesias líricas Portuguesas; e como pode haver quem deseje pelo tempo adiante perguntar-mo, porei aqui a resposta que aos primeiros dei.

Quanto à fidelidade e elegância da versão, nada direi, porque para dela julgar com discernimento cabal, preciso fora mais largo conhecimento da língua francesa, que não cabe a um estrangeiro, que a não aprendeu nos Liceus, quando Mancebo nem a exercitou com douts, que lha corrigissem.

Começando pela notícia que lá tão do Autor, digo, que os elogios exorbitantes que dão ao Poeta o enjoaram de modo, que pediu a um amigo poderoso que atalhasse a impressão, que então se fazia da tal notícia; e não podendo consegui-lo avisou a todos que a liam, da mágoa que lhe ficava de se ver tão descocadamente panegiricado. Isto quanto às lisonjarias. Quanto à verdade histórica da sua vida, entre algumas circunstâncias sinceramente escritas, vão entressachadas desmesuradas mentiras, bebidas em destampados boatos, que amigos e inimigos dele derramaram. Assinalá-las-ei a quem curioso mas pedir. — *Nota dum amigo do Autor.*

---

---

ODE XI

DO I.º LIVRO DE HORÁCIO (1)

TU não trates (que é mau) saber, Leuconoe.  
Que fim darão a mim, a ti os Deuses;  
Nem inquiras as cifras Babilónias  
Por que melhor (qual for) sofrê-lo apures.  
Ou já te outorgue Jove invernos largos,  
Ou seja derradeiro o que espedaça  
Agora o mar Tirreno nos fronteiros  
Carcomidos penhascos. Vinhos coa:  
Encurta em tracto breve ampla esperança.  
Foge, enquanto falamos, a invejosa  
Idade. O Dia de hoje colhe, e a mínima,  
No dia de amanhã confiança escotes.

---

(1) Não sem grande timidez, e quiçá de má vontade deixo correr essas traduções de Odes de Horácio. Esboços foram, a que me deu afouteza a ignorante mocidade, que nada teme, porque não conhece os perigos. Quis à força de trasladá-lo, ver, se depois de passados anos neste exercício, chegaria a arremedá-lo na nossa língua. Hoje que estou certo do contrário, darei todavia conselho aos novos vates Lusos que traduzam Odes de Horácio, e que assim consigam um estilo Lírico. Talvez entre tantos se ache algum que obtenha o que eu não pude, e à Lusitânia dê o que tantas Nações literárias com tanta ambição pertendem.

---

---

ODE XXXVIII  
DO MESMO LIVRO

DOS Persas aborreço os aparatos:  
Desagradam-me, oh Moço,  
C'roas atadas com listões de Tília.  
Abre mão de indagar onde com rosas  
Acertarás do tarde.  
Que não te esmeres na singela Murta,  
Disvelado procuro,  
Nem a ti que és meu servo disconforma  
A Murta; nem a mim, que bebo à sombra  
De emparreirada Vide.

---

---

ODE (\*)

---

Me dulces dominae Musa \*\*\*  
Cantus me voluit dicere lucidum  
Fulgentes oculos, et bene mutuis  
Fidum pectus amoribus.

HORAT. *Lib. 2. Od. 12.*

---

CELESTES Musas, este dia é vosso;  
Dia de egrégio canto, e de almo júbilo,  
Hoje, que nasceu Márcia, para adorno  
Do admirado Universo.

Apolo (bem sabeis) desceu convosco,  
Desceu Vénus c'ó Amor, nas mãos trazendo  
Significanda a Márcia em flâneas notas,  
A verba do Destino

Chegou (vísteis) Cupido ao mole berço,  
E na face a beijou; «Vem, oh transunto  
Da mui formosa Mãe; oh das três Graças  
Fiel, mui linda cópia.

-----

(\*) Não pela ridícula presunção de afectar parelhas, introduzi esta engoiada entre as versões de Horácio. *Absit.* — Cerolico, Berolico, quem te deu tamanho bico? — Mas estava já a pobrete copiada por acaso aqui (e intercedeu por ela a Perguiça, alegando-me a grande fadiga de a trasladar segunda vez, se aqui a riscasse, pelo muito que desmentia das obras do grande Mestre.

Ouve o que te hão os Fados prometido:  
Aditarás a Terra em que nasceste,  
C'os dons do coração, c'os dons do ingenho,  
Que Homens, que Numes rendam.

Filinto a quem darás teu puro affecto,  
Enlevado n tua formosura,  
No cândido desse ânimo, que esmaltam  
Virtudes de alto preço,

Lançar-se-á destemido a merecê-las,  
Ajudado de Amor, de Vénus linda,  
Inspirado de Apolo, e das Piérias  
Todo esforços, e chamas,

Te entoará na Lira, que alto soa.  
Tem de esquecer, por ti, num Polo e noutro,  
A que anos dez travou porfiada guerra  
Ante Iliacos muros.

Filinto, que feriu com plectro altivo  
As cordas para os Castros, e Albuquerquees,  
Cordas mudando à Lira, em sons melífluos  
Dirá sós teus louvores.

Seu Canto devolvendo, onde teu nome  
Bebem <sup>(1)</sup> todos com ávidos ouvidos,  
Quanta inveja, quanta ira não acendes  
Nas Nizes, nas Delmiras!

Tu lendo os Hinos seus, os teus aplausos  
Em delicado som de amante peito,  
Ditosa te dirás: dar-lhe-ás em prémio  
Teu coração rendido.»

---

(1) *Bibit aure.* — HORAT.

---

---

ODE V.<sup>a</sup>

DO III.º LIVRO DE HORÁCIO

REINAR cremos nos Céus troante Jove  
Nós crê-lo-emos presente Divo, a Augusto,  
    Desque cresceu o Império  
C'os Britanos, e c'os cansados Persas <sup>(1)</sup>  
Torpe Esposo viveu, co'a Mulher bárbara,  
O soldado de Crasso? E o Marso, e o Ápulo <sup>(2)</sup>  
Sob Rei Medo, encaneceu nas armas  
Dos inimigos sogros? deslembado,  
(Oh Cúria! oh desmudança de costumes!)  
De Ancílios, Nome, Toga e eterna Vesta?  
Salva a Cidade Roma, e Jove salvo?  
Bem Régulo previsto o precavera,  
Quando às vis condições não assentia  
    E à perdição, que o exemplo  
Para as eras vindouras acarreta,  
Se os Cativos (sem dó) Moços <sup>(3)</sup> não morrem:  
«Vi, nos Púnicos Templos, pender armas, <sup>(4)</sup>  
Bandeiras (diz) tomadas aos soldados  
Sem sangue; <sup>(5)</sup> e em livres costas de Romanos,  
Torcidos pulsos: vi, francas as portas,  
Lavrando Campos, que em guerra devastámos.

-----

(1) Que cansavam os Romanos com importunas correrias, e hostilidades. Já mais que muito mostrei noutras notas quanta elegância tinham na língua latina estes adjectivos passivos com significação activa: e com que elegância não vêm imitados nos nossos Clássicos.

(2) Soldados destas províncias, e havidos por mui valorosos.

(3) A mocidade do exército, que se deixou vencer.

(4) Diz Régulo no Senado de Roma.

(5) Sem esses soldados haverem derramado sangue pelejando.

Mais fera, se a pesais a ouro, <sup>(1)</sup> a tropa,  
Virá ela? juntais à infâmia o preço. <sup>(2)</sup>  
Não torna à cor nativa a lã que embebes  
Noutra tinta; nem cuida a sã virtude <sup>(3)</sup>  
Se em fracos descaiu, tornar ao que era.  
Solta de bastos nós, <sup>(4)</sup> se a Corça briga,  
Será valente o que a contrários pérfidos  
Se confiou: lá, noutro Marte, <sup>(5)</sup> os Pænos  
Trilhará, se ora inerte em roxos pulsos  
Cordas sofreu, e teve medo à Morte,  
Intermeiou paz com guerra,  
Nem soube onde é que a vida  
Recobre. Oh Vitupério! Oh gran Cartago,  
Hoje mais exalçada  
Co'as derrotas da Itália desonrosas!»  
Da Consorte pudica  
O ósculo, e os filhinhos  
É dito que arredara de si longe,  
Menoscabado; <sup>(6)</sup> e em terra  
Cravara torvo o varonil semblante:  
E em tanto roborava  
Os titubantes Padres  
No voto que ele deu, <sup>(7)</sup> (nunca aliás dado!)  
E entre os amigos tristes  
Se dava pressa o egrégio desterrado:  
Bem certo, do que o algoz lhe apresta bárbaro!  
Não rompe de outra sorte

---

(1) Resgatando-a a peso de ouro.

(2) Do resgate.

(3) Ou *vero esforço*, necessária virtude num soldado.

(4) Solta das redes da Caça.

(5) Noutra batalha.

(6) Capite minus.

(7) De não aceitar a paz.

Por obstantes <sup>(1)</sup> Parentes,  
Pelo Povo que a volta <sup>(2)</sup> lhe atardava,  
Qual se deixando os pleitos dos Clientes  
Com despacho à Tarento Lacedémona,  
Ou de Venafro aos Campos caminhasse.

---

---

## ODE III

### DO LIVRO I.º DE HORÁCIO (\*)

ASSIM de Chipre a Deusa poderosa,  
E de Helena os Irmãos, astros luzentes  
E ao Pai dos ventos hajas por Piloto  
Que os mais represe, e só te solte o Jápix, <sup>(3)</sup>  
    Te peço, oh Nau, que deves  
    Virgílio, a ti confiado  
Aos Áticos confins o dês incólume,  
E salves de minha alma essa metade.  
Tinha em tresdobro ao peito o robre, e o bronze  
Quem cometeu, primeiro, ao mar sanhudo  
Frágil baixel, sem receiar os Áfricos <sup>(4)</sup>  
Despenhados, c'os Aquilões lutando,

-----  
(1) Que lhe impediam a partida.

(2) Voltar a Cartago.

(\*) Sei que o nosso Ferreira traduziu ou imitou esta Ode. Mas há tantos anos que não tenho um Ferreira; e que pudesse com a sua emendar esta versão!...

(3) O vento Oes-noroeste.

(4) Ventos Sudoestes.

Tristes Híadas, nem raivoso Noto.  
Maior que este não tem Árbitro o Hádria,  
Que lhe as assanhe, ou lhas aplaque.  
Que género temeu de morte aquele,  
Que os nadadores monstros, com enxutos  
Olhos viu? viu o mar revolto, e infames  
Cachopos avistou Acroceráunios?  
Retalhou Deus prudente, em vão as Terras  
Co' Oceano dissociável, se já agora  
As impias Naus transpõem vaus não tocandos.  
Ousada a arrostar tudo a gente humana  
Pelos defesos medos atropela.  
Trouxe ousada a progénie de Japeto  
Lume às gentes, com fraude iníqua; e logo,  
C'o lume subtraído à Casa etérea,  
Fez pendor sobre as Terras a Magreza  
E nova ala de febres: e a tardia  
Necessidade de morrer, que andava  
Desviada até então, deu-se mor pressa.  
Dédalo exp'rimentou o vão dos ares,  
Com asas inconcessas aos humanos  
Forçou o afã de Alcides o Aqueronte.  
Nada aos Homens é árduo!  
O Céu mesmo (quão loucos!) escalamos;  
Nem a Jove deixamos pôr de quedo,  
C'o nosso error, os iracundos raios.

---

---

ODE XXIII

DO LIVRO I.º DE HORÁCIO

QUAL o Gamo, que a Mãe medrosa busca  
Por Montes sem vereda,  
Do vento, e até das matas  
Se assusta em vão, de mim, Cloé, te ariscas.

Se vem a Primavera, e em móveis folhas  
Silvou rijo, ou na sarça  
Verde sardão remexe,  
Treme-te o coração, joelhos te batem.

Sou Gétulo Leão? sou feroz Tigre,  
Que, para espedaçar-te,  
Te persiga? És madura  
Para vodas. Da Mãe convém te quites.

! !

---

---

ODE XXII

DO LIVRO I.º DE HORÁCIO

HOMEM de vida sã, limpa de crimes  
Nem de venablos, nem de Mauros arcos,  
Nem de aljavas de ervadas flechas prenhe,  
Oh Fusco, necessita:

Ou já por entre as Sirtes naufragosas,  
Ou por Cáucaso inóspito caminhe  
Ou queira decorrer sítios, que lambe  
O Fabuloso <sup>(1)</sup> Hidaspe.

Que, enquanto além barreiras, canto Lálage,  
Vagueando inerme, e de cuidados livre,  
De mim ao longe foi fugindo um Lobo  
Na Sabina espessura.

Não cria assombro tal Dáunia guerreira,  
Nos seus largos sobrais; nem a torrada  
Mãe de Leões, país do Mauro Juba,  
Produz, que lhe emparelhem.

Põe-me Campos inertes, em que a estiva  
Viração não recreie árvore alguma,  
Lá nos quadris <sup>(2)</sup> deste Orbe, a quem apremam  
Nevoeiros e ruins ares:

---

(1) Quer o muito erudito Huet, que dos redores desse Rio surgissem as primeiras fábulas, e talvez fosse essa também a opinião de Horácio.

(2) Como se diz que é o Homem um mundo abreviado, dir-se-á também, que é o Orbe um homem desmesurado; e então lhe cabe ter quadris, ter pernas *et cætera græca*.

Põe-me onde o sol seu Carro assaz abate,  
Terra a Casas negada, inda em tais sítios,  
Hei-de em Lálage amar os doces risos,  
Amar as doces falas.

---

---

ODE IX

DO LIVRO II.º DE HORÁCIO

NEM sempre as nuvens sobre altivas brenhas  
Chuveiros manam; desiguais borrascas  
Não vexam porfiadas o mar Cáspio.  
Nem, nas raias, Arménias, Válgio amigo,  
Dura nos meses todos gelo inerte;  
Nem laboram c'os Áquilos  
Os Carvalhos do Gárgano,  
Nem das folhas os Freixos enviavam.

Tu sempre insistes, com sentido Canto,  
No teu roubado Mistes: e as saudades  
Nem quando aponta o Véspero te deixam,

Nem quando à rapidez do sol se esquivava.  
Contudo o Velho, <sup>(1)</sup> que logrou três eras  
Não chorou sempre a Antíloco;  
Nem a Troilo impúbere  
Sempre as Frígias Irmãs, c'os Pais choraram.

---

(1) Nestor.

Despede enfim as moles carpiduras:  
De Augusto César discantemos antes  
Novos troféus; o ríspido Nifates,  
E o Medo Rio, que aos vencidos Povos  
Se avinculou, donde hoje menos grossos  
Cachões revolve undosos  
E os Gelões, que em curto âmbito  
Já por campos cavalgam demarcados.

---

---

## ODE XXXI

### DO LIVRO I.º DE HORÁCIO

QUE pede o Vate a Apolo,  
No Templo, ao Deus, há pouco, dedicado!  
Que roga, quando verte  
Da taça o licor novo? Não as grossas  
Searas da frutífera Sicília,  
Não o grato armentio

Da estuosa Calábria, não ouro,  
Nem Índico marfim, nem as herdades,  
Que o taciturno Leiris  
Morde com mansas ondas.  
Da Fortuna os mimosos talhem cepas,  
Com a fouce, Calenas; <sup>(1)</sup>  
O rico Mercador aos Numes caro,  
Que três e quatro vezes no ano cruza  
Impune o mar de Atlante,  
Esgote, de áureas taças Sírios vinhos,

---

(1) *Calenam falce*. Com pequena fouce, ou podoa.

Por mercancia em troco.  
Que endivia, olívio fruto e leves <sup>(1)</sup> malvas  
Me alimentam. Com tanto que, oh Latoo,  
Do haver que hei junto desfrutar me outorgues,  
Me dês o corpo são, e sã a mente,  
E não viva velhice desonrosa,  
Nem Cítara me falte, é quanto peço.

---

---

ODE

À SENHORA D. J. M. C. DE SOUSA

---

Perduto é tutto il tempo  
Che in amar non si spende.

TASSO, *in Aminta*.

---

JÁ vem tristonho o Inverno  
O Céu cobrir-nos com chuvoso manto;  
Já acende no horizonte  
Os fachos enxofrados,  
E o Mundo abala co' as troantes rodas.

Das túmidas bochechas  
Já irados soltam rugidores sopros  
O Bóreas, o Austro, o Noto  
Os troncos desarraigam,  
Desbocados os mares acapelam.

-----  
(1) De ligeira digestão.

O bando dos Prazeres  
Os Passeios, o folgazão Congresso,  
Batendo as leves asas  
Os voos já levantam,  
Deixam os Campos, entram nas Cidades,

Quais, sentindo o ameaço  
Da horrisona borrasca fulgurante  
As pávidas Alciones,  
Contra os sanhudos mares  
Abrigo vêm colher nos mansos Rios.

Quem te demora, oh Cloé,  
Entre lascados troncos desfolhados?  
Gostas de ver os Campos  
Afogados das cheias  
Ou cobertados da alta neve os montes?

Volta à saudosa Corte,  
À Corte, que te quer por seu ornato;  
Que te insta alvoroçada  
Com Óperas, Concertos,  
Co' as danças, que tanto ama a Terra Inglesa.

Ah! volta ao teu Filinto,  
Que mil ofrendas te aparelha puras  
De terna Lealdade:  
Vem colher de seus lábios  
Brandos suspiros, carinhosas falas.

Com saudade acesa  
Cupido lhe inflamou o amante peito:  
Vem ver o novo incêndio;  
Vem provar em seus braços  
Quanto ausente o magoaste, e, à vista, o enlevas,

Com cega mão semeia  
Os dias tristes, os alegres dias,

Sem tino, por esse Orbe,  
A volúvel Fortuna:  
Feliz! quem dos alegres se aproveita!

Inda hoje, no retiro,  
Se lamenta, que os dias malograra  
A Vestal Lucidora, <sup>(1)</sup>  
Que das prendas de Almeno <sup>(2)</sup>  
Gozos frustrou, c'ó que, hoje, desdém chora.

Enquanto assim falamos  
Açouta o Tempo os lúbricos cavalos.  
Quem previsto não colhe,  
O instante que lhe foge,  
Dá lágrimas em vão ao seu descuido.

---

---

## ADÃO E EVA

EVA, que sai do bosque  
Pela divina mão graciosa e bela,  
Avista pensativa  
A Adão (que há pouco, Nada <sup>(3)</sup>) excede a todo  
Quanto há, sublime efeito. <sup>(4)</sup>  
Corre a abraçá-lo. (Eva) «Deus, para alegrar-te  
Louco tristonho, há feito  
A Mulher, e em teus males consolar-te».

-----  
(1) A Ilustríssima Senhora D. L. C. de Castro.

(2) O Doutor J. S. D. Fajardo.

(3) Que Deus criou de nada.

(4) A mais sublime obra da criação foi o Homem, em quem Deus imprimiu a sua imagem.

---

---

SONETO <sup>(1)</sup>

MOTE

Quem tão doce prazer cantar pudera!

GLOSA

QUEBRADOS os grilhões mal merecidos,  
Ao toque da verdade, Alcido ovante  
Vem desfrutar do Amor o almo semblante  
Entre afagos da Esposa enternecidos.

Beija na face os Filhos tão queridos;  
Traz a Casa o Prazer, muito há, distante:  
Ei-lo fixo, c'um cravo de diamante,  
Seus dons espalha em rostos afligidos.

Eu triste espectador da cena branda,  
Que da Líbia os Leões embrandecera,  
Sinto na alma o punhal da Inveja infanda:

Arrojo ao chão a honrada c'roa de Hera:  
«Vai-te (diz Clio), em ti Febo não manda  
Quem tão doce Prazer cantar pudera.»

---

(1) Entremeto aqui estas bugiarias de Sonetos, etc., para desluzir a lembrança das Odes de Horácio, e poder continuar. Assim vinha no Presépio da Mouraria depois da criação do Mundo, a Ribeira das Naus; vinha com as suas pachouchadas Manuel Gonçalves... E que é o que não vinha? vinha a dança dos Galeguinhos, vinha a grade de Freiras com o Doutor Estêvão Siringa, e depois mui refastelada a vitoriosa Judite. Feliz tempo!

---

---

SONETO

A ALCIPE CONVALESCENTE

NO Conselho de Júpiter superno  
Se queixou Febo, se queixou Diwone  
Que o temerário Mal a frente entone  
Em desprezo do Divinal governo.  
«Que deslustre! Que um Monstro do imo Averno  
A mão do Fulminante desabone!  
C'um raio que a Doença desentrone,  
Despenha a infame ao calabouço eterno.»  
Jove grave os ouviu. Manda buscá-la,  
E em grilhões vir, perante o alto Concílio <sup>(1)</sup>  
O Monarca iracundo assim lhe fala:  
«Deixa de Alcipe o sacro domicílio,  
Desce ao Báratro atroz, de angústia estala;  
Co'as Irmãs Fúrias raiva em torpe exílio.»

---

(1) *Superum concilio.*

---

---

SONETO (\*)

FINALMENTE partiste para as Caldas!  
Quem tal crera da tua bizzarria?  
Pelo verão desprezas a água Fria,  
E com água enxofrada, a boca escaldas.

Entre essas de mil-cor perluxas faldas,  
Que eu de ti sei, nunca eu tal pensaria.  
Que neve e sorvete, hoje, enjeitaria  
Da loge, a que os limões compõem grinaldas!

E tu teimoso insistes na água quente,  
Nem que Hebe, nela, néctar precioso  
Do Olimpo, te emborcara altipotente

Bebe pois, Mathevon desamoroso,  
Que em pouco prezas o deixar-me ausente,  
Por um licor insulso e mal cheiroso.

---

(\*) Este Soneto ia acompanhado de notícias, que eram como raboleva de Gazeta; entre elas sobressaía o anúncio seguinte. — Saiu à luz a *Bonequeida* ou *Aventuras duma Boneca*. Por António Marques Sisudo.

Dizem que muito coque o tal Poema dá em figurões mui de cutiliquê: tem muitos visos das Aventuras dum Guiné, livro Inglês muito curioso: e que o Autor estirara o Poema a 48 cantos para arremedar ao menos no cômputo dos Cantos os 24 dá juntos com os da *Iliada* e da *Odisseia*.



## ODE

### AO SENHOR DOUTOR FRANCISCO JOSEPH DE ALMEIDA E SPÍNOLA

---

O! quæ fontibus integris  
Gaudes, apricos necte flores  
Necte meu Spinolæ coronam,  
Pimplæa dulcis.

HORAT. *Lib. 1. Od.*

---

EIA, dourada Lira,  
D'há muito, a sons Divinos costumada,  
Consente, que eu disfira  
Contigo a voz, de Apolo bafejada.

Quando das bipatentes  
Portas do Olimpo a Deia Urania desce  
A alumiar as gentes,  
C'o luzeiro das Artes resplandesce.

Aqui, além fitando  
O acume perspicaz da extensa vista,  
(Os ímpios afastando)  
Só de almas virtuosas faz conquista.

A Sócrates, que passa  
Dos Cidadãos, de si desconhecido,  
Com majestosa graça  
A si chama, e a seu lado o traz valido.

A Aurélio, que alça ao trono  
Consigno o alto saber, a alta virtude,  
Como à planta o Colono  
Formou Urânia com lições amiúde.

Ao des-formoso Escravo, <sup>(1)</sup>  
Que embebeu de verdade o Fingimento, <sup>(2)</sup>  
Lhe descontou o agravo  
Do corpo, com profundo entendimento.

Ditoso! e mui ditoso  
Quem Urânia acolheu com preferênciã,  
E ao seu peito mimoso  
C'o leite o alimentou da Sapiência!

Eu a vi apressada  
Baixar à Elísia, quando tu nasceste,  
E vi radiar-se a estrada  
Que ela fendeu, na abóbada Celeste.

Vi como te ergue em braços  
Como te entorna em face a luz divina;  
E Sferas, e Compassos  
Te põe no berço, e para os ver te inclina

«Esta que vês rojando  
(Te diz sorrindo) é a Cobra de Epidauro;  
Põe nela o gesto brando,  
Que já de Leiden te proclama <sup>(3)</sup> o lauro.

A sã Filosofia  
Formosa, qual a vês, de olhar sisudo,  
Por conselho, por guia  
Ta deixo, no prazer, no azar, em tudo.»

Logo os tenrinhos dedos  
Te adestrou sobre a Lira, e a, em bem, deixar-te  
Pelos sentidos ledos,  
Soprou-te o Amor do Bem, o Ingenho, e a Arte.

---

(1) Esopo.

(2) As Fábulas.

(3) A Cobra, insígnia de Esculápio.

---

---

IFIGÉNIA EM AULIS (\*)

TRAGÉDIA DE JOÃO RACINE

ACTO I.<sup>o</sup>

CENA I.<sup>a</sup>

AGAMÉMNON, ARCAS

AGAMÉMNON

AGAMÉMNON, teu Rei vem despertar-te;  
E te vem inteirar da voz que ouviste.

ARCAS

E és tu mesmo, Senhor? Que urgente acaso  
Te obriga a antecipar o alvor da Aurora?  
Mal branqueia, e me guia um frouxo raio:  
Só teus olhos e os meus em Aulis velam.  
Ouviste, por esse ar, rumor de vento, <sup>(1)</sup>  
Que, esta noite, a teus rogos acudisse?

-----

(\*) Pedem-me estes borrões, quando eu nem ânimo tenho de os levar ao fim, nem paciência de lhes dar a demão de que muito necessitam. Duas maneiras dou de se não agastarem os leitores comigo: a primeira é de virar a folha sem os lerem: a segunda é de zombar deles, de jeito, que lhes sirvam de palito.

Às vezes me sirvo eu também dessa segunda, quando em dias de chuva, não posso ir dar o meu passeio. Então os chamo a capítulo, a dizer a culpa. Lá armado de gracetas, em lugar de varas, censor alegre tomo o meu regabofe.

(1) Pelo qual esperavam os Gregos para se navegar a Tróia.

## AGAMÉMNON

Feliz quem de seu fado, se contenta,  
 Solto do sevo jugo, que me acurva,  
 Vive obscuro, e dos Deuses ignorado.

## ARCAS

Dês-quando a assim falar, oh Rei, te gosta?  
 Prestante, e honroso, qual occulto ultraje  
 Faz que os dons menosprezes, e aborreças  
 Com que os Céus dóceis teus desejos cumprem?  
 Rei, feliz sposito e Pai, ínclito Atrida,  
 Na mais rica porção da Grécia imperas;  
 Tens Jove por Avô nos troncos ambos,  
 E o tens da Esposa a quem o Hímen te enlaça.  
 Aquiles, de quem tanto os Céus prometem,  
 E a quem com dons fadaram tão altivos,  
 Pede Ifigénia, e para a boda os fachos  
 Prepara Tróia em rosas labaredas.  
 Qual glória há hi que iguale, ou qual triunfo  
 À que estas praias, perspectiva ostentam?  
 Mil Naus, que ventos clamam? Vinte aguardam  
 Monarcas que as governam, teu aceno.  
 Bonança é adversa às ínclitas conquistas;  
 Que prende, há meses três, Eolo os ventos,  
 De Ilio atalhando a vingadora rota.  
 Mas és mortal, e entre honras tão pomposas,  
 Teme o Fado, que num momento muda,  
 Que não te prometeu constante Dita.  
 Já... Mas, que mágoa encerra essa escritura,  
 Que, dos olhos te arranca amargo pranto?  
 Tragou, no berço a Morte ao teu Orestes?  
 Choras morta Ifigénia, ou Clitemnestra?  
 Que te escrevem? Contar-mo não recuses.

AGAMÉMNON (*fora de si*)

Tu não hás-de morrer. A tal me oponho.

ARCAS

Oh Rei...

AGAMÉMNON

Vês meu enleio. A causa escuta.  
E julga, Arcas, se é dado que eu sossegue:  
Lembre-te o dia, em que Aulis viu a Armada  
Fazer-se à vela, os ventos convidando.  
Partíamos já, e ledas já mil vozes  
A ameaçada Tróia demandavam...  
Eis que um assombro abafa esse alvoroço.  
Pára, na barra, o lisonjeiro vento,  
Batem velas no masto inúteis remos  
Marmóreos mares lavram à porfia...  
Raro portento! que me crava os olhos <sup>(1)</sup>  
Na Deusa, a que este porto é consagrado.  
Seguem-me Menelau, Nestor, Ulisses;  
Vítima oculta queimo em seus altares.  
Qual, Arcas, eu fiquei o Orác'lo ouvindo,  
Que Calchas nos abriu, nesta substância:  
Contra Ilion alta, em vão, vestido heis armas,  
Se as aras não tingis da Irmã de Febo  
C'o sangue de Ifigénia: em vão aos Numes,  
Sem tal vítima, heis de implorar por ventos.»

---

(1) Crava os olhos no crucifixo. — LUCENA.

ARCAS

Tua Filha?...

AGAMÉMNON

De espanto, bem o entendes,  
 Pelas veias senti gelar-me o sangue.  
 Fiquei sem voz por entre mil soluços,  
 Lhe abriu com custo o horror estreita via,  
 Para dar culpa aos Céus; e surdo a tudo  
 Rebelar-me <sup>(1)</sup> jurei sobre a ara mesma.  
 Quanta alma o terno susto ali me assalta!  
 Já despedir o Exército eu dispunha;  
 E o astuto Ulisses, aprovando a ideia,  
 Cedia campo aos ímpetos da cólera;  
 Por logo me insinuar com sagaz génio,  
 Que a Pátria, o Brio, os Reis... e o Império da Ásia  
 Promisso à Grécia... «Vai <sup>(2)</sup> viver obscuro,  
 Rei, que, imolas, sem pejo, à Filha o Império.»  
 Eu (com vergonha o digo) ufano, e cheio  
 Do alto poder, do lisonjeiro lustre  
 De Rei dos Reis, e de Árbitro da Grécia,  
 Cevava o peito de braços soberbos.  
 Por mor desdita, os Céus, em cada noite,  
 Mal me ameaça os cuidados leve sono,  
 Das aras sevos foros vindicando,  
 Meu sacrílego <sup>(3)</sup> afeito repreendiam;  
 E o braço erguendo, em que fuzila o raio,  
 Se o recuso cumprir, vibrar-mo ao peito.  
 Rendi-me, Arcas. Venceu-me Ulisses: mando  
 Entre prantos, vir minha Filha à morte.

-----  
 (1) Contra o Oráculo.

(2) Disse Ulisses.

(3) O paterno amor que se opunha à ordem do Oráculo.

Mas que astúcia funesta inventar pude  
Para arrancar a Filha à Mãe, que a adora?  
Valeu-me o amor de Aquiles; e em seu nome  
Lhe escrevi, e a apressei que venha de Argos,  
Disse, que urgente é a Aquiles ir a Tróia;  
Quer para ela partir, mas desposado.

ARCAS

Nem dele o insofrimento acerbo temes?  
Ou crês tu que Herói tal pausado e mudo,  
Quando, para a matar, seu nome empregas,  
Armado de razão, de afeição terna,  
Veja a Amada imolar, ante seus olhos?

AGAMÉMNON

Aquiles era ausente destes sítios;  
Seu Pai Peleu, receoso dum fronteiro,  
Chamou seu Filho, e opôs-lho, bem te lembra,  
Em guerra que deu ar de ser mais longa.  
Mas quem torrente igual represar pode?  
Triunfo é para Aquiles cada guerra.  
Ei-lo, que em pós e a Fama que o decanta,  
Feliz, na noite de onte' entrou no Campo. <sup>(1)</sup>  
Mas mais estreitos nós as mãos me prendem;  
Eis minha Filha vem: vem dar-se à morte.  
Talvez, sem presumir seus duros fados,  
De seu Pai, entre si festeja o afecto.  
Minha Filha!... sagrado e santo nome!  
Não choro o sangue meu, seus anos tenros,  
Choro virtudes mil, mútua amizade.  
Pia comigo tu, contigo eu terno,  
Tu respeitosa, tudo a mim pospondo,

---

(1) No arraial, ou acampamento Grego.

Co' a morte o teu respeito galardoo.  
 Não: — que não creio o Céu que justo aprove  
 Este atroz, este insano sacrifício.  
 Provar-me quis o Céu, co'a voz do Oráculo,  
 Pronto a punir-me se a o cumprir me afouto.  
 Arcas, eu te escolhi para este empenho,  
 Em que a tua prudência e zelo amostres.  
 Por te acertar fiel a Rainha, em Sparta  
 Te alçou ao cargo que a meu lado ocupas.  
 Toma esta Carta: vai e busca a Rainha;  
 Sem parar segue a estrada de Micenas.  
 Mal que a encontres lhe atalha ir por diante;  
 O que lhe escrevo, sem tardar, lhe entrega,  
 Foge a rodeios, toma um fiel guia.  
 Morta é se aqui põe pés minha Ifigénia.  
 Que apenas que ela chegue, fará Calchas  
 Numes falar, e o pranto ficar mudo.  
 De susto os Gregos só darão ouvidos  
 À Religião que sobre mim tropeja.  
 Os (que o meu lustre <sup>(1)</sup> agasta) Ambiciosos  
 Despertando a cobiça, e intentos altos,  
 Tal me tem de arrancar o invisio <sup>(2)</sup> mando:  
 Vai; do perigo em que eu fraqueei, a salva.  
 Mas por teu zelo insano, oh não descubras  
 A seus olhos meu lúgubre segredo.  
 Minha Filha (a ser dado) ilusa ignore,  
 Para sempre a que p'riego eu a arriscava.  
 Da Mãe me evita as fúrias, os clamores;  
 Concorde, c'ó que escrevo, o que lhe digas.  
 Por que a Filha, e a agravada Mãe recuem, <sup>(3)</sup>  
 Lhe íntimo que mudou de intento Aquiles;  
 Que difere esse hímen, que amante, instava

-----

(1) As honras de General, que comandava tantos Reis.

(2) Dizemos *invisio*, por *invejado*, como dizemos *pretensio* por *pretendido*.

(3) Do caminho que tomaram para vir a Aulis.

A quando volte da Peleia <sup>(1)</sup> guerra,  
Dá-lhe a entender, que a ruim tibiez de Aquiles  
A ocultas vem da que cativa em Lesbos  
Erifile ele trouxe, e igual em anos  
A Ifigénia, com ela assiste em Argos.

E é assaz dizer-lhe: o resto se lhe encubra.  
Já rompe inteiro o dia, e em pleno raia.  
Gente vem, rumor sinto. Oh! que é Aquiles!  
Vai. Parte. Oh Céus! — E Ulisses vem com ele.

CENA II.<sup>a</sup>

AGAMÉMNON, AQUILES, ULISSES

AGAMÉMNON

Como é crível, que rápida a Vitória  
Tão breve em Aulis nos reponha a Aquiles?  
Foi tal o ensaio dum valor nascente?  
Quais lhe tem de acorrer nobres triunfos! <sup>(2)</sup>

---

(1) Que Peleu temia, e para a qual chamou seu Filho.

(2) Eu bem acabara a tradução desta, e também a de Coriolano, que está meia alinhavada; mas o preço tão limitado que me deram pela Medeia de Longepierre, e pelo Mitridates de Racine me decepo a vontade. Continuará a tradução quem mais moço que eu melhor a faça.



ANDRÓMACA  
TRAGÉDIA DE JOÃO RACINE

ANDRÓMACA, viúva de Héctor, cativa de Pirro.  
PIRRO, filho de Aquiles, Rei de Epiro.  
ORESTES, filho de Agamémnon, amante de Hermione.  
HERMIONE, filha de Helena Noiva de Pirro.  
PÍLADES, amigo de Orestes.  
CLEONE, confidente de Hermione.  
CÉFISA, confidente de Andrómaca.  
FÉNIX, aio de Aquiles, e depois, de Pirro.  
Comitiva de Orestes.

*A cena é em Butroto, cidade de Epiro,  
numa sala do palácio de Pirro.*

ACTO I.<sup>o</sup>

CENA I.<sup>a</sup>

ORESTES e PÍLADES

ORESTES

POIS que a ver torno um tão leal amigo,  
Recobra nova face a minha sorte;  
Dão visos de ameigar-se as iras suas,  
Quando no aqui juntar-nos pôs disvelo.  
Foi crível, que esta marge' a mim tão crua,  
Deparasse a meus olhos o seu PílaDES?  
Que além de meses seis, de mim perdido,  
M'ó restituia, assim, de Pirro a Corte?

PÍLADES

Sou grato ao Céu; que, a fio pondo estorvos,  
Denotava impedir-me entrar na Grécia,  
Desde o dia, que as ondas turbulentas  
Quasi, ante o Epiro as Naus nos separaram.  
Que sustos não curti nesse desterro?  
Que lágrimas não dei a teus desastres?  
No temor, que em algum teu novo risco,  
Teu triste amigo não colhesse parte:  
E inda mais, esse humor ferrenho e tétrico  
Em que te vi, contínuo, a alma enterrada.  
Temi que o Céu, com ríspido socorro,

Te acudisse co'a morte, a que acorrias.  
Feliz em ver-te aqui, (di-lo-ei afouto?)  
Conduz-te a Epiro mais ditoso Fado:  
Nem quadra essa faustosa comitiva,  
C'um infeliz, que se arremessa à morte.

ORESTES

Quem aventa qual Fado aqui me guia?  
Faz o Amor, que aqui busque uma inumana.  
Sabe alguém o que a sorte aqui me ordena?  
Se co'a vida, ou co'a morte aqui deparo?

PÍLADES

E tua alma, que Amor há posto a ferros,  
Nele <sup>(1)</sup> o cuidado pôs da vida tua!  
Por que encanto, esquecendo mágoas tantas,  
Tornas a teus grilhões, tão de vontade?  
Crês, que dura e cruel, em Sparta, Hermione,  
No Epiro mais favónea se te apreste?  
De tão supérfluo culto envergonhado,  
A aborreceste; dela, nem falavas.  
Foi engano?

ORESTES

Enganei-me eu a mim próprio.  
Não penes mais este infeliz, que te ama;  
Que nunca te ocultou da alma os desejos.  
Brotar viste seus ais, romper as chamas.  
Quando enfim Menelau, por noivo, à Filha  
Deu quem lhe a honra vingou, vingou linhagem,  
Viste como arrastei desesperado,

---

(1) No amor.

De mar em mar, meus ferros, meus disgustos.  
Nesse ensejo funesto, eu via, em tudo  
Quão pronto a me seguir te abalançavas,  
E ao diro meu furor cortar o fio  
De meus dias, salvando-os, de mim mesmo.  
Mas lembrar-me que Hermione, em tais rebates,  
Todos agrados seus rendia a Pirro,  
Sabes com que ira esta alma enamorada  
Quis, co' olvido vingar o agro desprezo.  
Certa a vitória cri, e fiz que a cressem:  
Delírios de ira actuei os meus delírios;  
Tendo-lhe ódio ao rigor, tédio à beleza,  
Seus olhos afrontei, <sup>(1)</sup> que mais me enturvem.  
Delir cuidei, desta arte, o amante afeito;  
E entrei na Grécia, iluso em tal bonança:  
Lá deparei c'os Reis em grão Congresso,  
Como inquietos de p'rigo temeroso.  
Acorri: na intenção que a Glória <sup>(2)</sup> e a Guerra  
Me enchessem de altos lances a memória:  
E que o antigo vigor dando aos sentidos,  
Despedisse, por fim, o Amor, do peito.  
Mas, o como me avexa a sorte, admira:  
No laço me lançou de que eu fugia!  
Contra Pirro ameaças clamam todos;  
Lavra murmúrio enleado em toda a Grécia;  
Queixas, que o sangue, que a promessa olvida; <sup>(3)</sup>  
Quando a Astíanax, de Héctor mísera prole  
Dos Dánaos inimigo, em Corte educa,  
De tantos Tróicos Reis sepultos, resto.  
Soube que por roubá-lo, infante à morte,  
Andrómaca burlara o astuto Ulisses,  
Arrancado outro infante de seus braços,

---

(1) Como bem seguro de que a formosura de Hermione lhe não enturvaria a mente com paixão amorosa.

(2) Que procede de acções ilustres.

(3) Pirro.

E dado à morte, em vez do próprio filho.  
Que em pouco tendo encantos de Hermione,  
Põe noutra o meu rival <sup>(1)</sup> o amor, e a c'roa.  
Tal não crê Menelau, mas vêem-no aflito;  
Da demora do Hímen descobre enfado.  
E enquanto a alma <sup>(2)</sup> em desgostos se lhe afoga,  
Surge a minha em oculto mar de júbilo.  
Triunfo: e, de primeiro me lisonjo,  
Que só, de assim vingar-me, o enlevo surge.  
Eis que na alma recobra trono a Ingrata;  
E os rasgos vi da mal extinta flama.  
Senti dos ódios meus cortado o fio;  
Antes senti, quanto eu a amava ainda.  
Dos Gregos consegui, que me nomeiem  
Enviado a Pirro: a vinda a Epiro emprendo. [VI]  
Verei se é dado lhe arrancar dos braços  
Esse infante, que tanto Reino assusta.  
Feliz, se obtenho, nesse ardor que me insta,  
Em lugar de Astíanax, roubar Hermione!  
Nem creias que o mor p'riço me acobarde,  
Quando sinto em mim dobre o amor primeiro,  
Pois que após tanto esforço, em vão resisto,  
Cego me entrego às forças, que me arrastam.  
Amo Hermione: e a busco e a abrando, e a roubo.  
Se o não posso.... a olhos seus me tiro a vida.  
Tu, que conheces Pirro, me aconselha;  
Da sua Corte, e seu ânimo me inteira:  
Tem-no a minha Hermione inda cativo?  
E o bem, que me roubou, cuidas, mo entregues?

-----  
(1) Pirro.

(2) De Menelau.

[VI] Sic.

PÍLADES

Quão muito te enganara, se prometo  
Que Pirro em tua mão entregue Hermione.  
Não que ele brasão tire da conquista;  
Quando a viúva de Héctor lhe ascende o afecto:  
E que a amada inumana, em ódios paga  
Téqui o amor, e os cultos d'El-Rei Pirro.  
Nada há que, a cada hora, ele não tente,  
Porque a cativa abrande ou porque a assuste.  
Do Filho, que lhe esconde, a vida ameaça,  
Pranto lhe inflige, que ele presto enxuga.  
Cem vezes viu Hermione, aceso em iras  
Tornar ao jugo seu o desleal Pirro;  
Pôr-lhe homenagem' aos pés, de infieis votos;  
Mais de ódio que de amor lhe ouviu suspiros.  
Oh não speres que ele hoje te afiance  
Coração, que tão pouco lhe é sujeito.  
Bem pode, em tal distúrbio, a que aborrece  
Esposar, e perder a que ele adora.

ORESTES

Dize, com que olhos pode ver Hermione  
Tardado o Hímen, sem posses seus encantos.

PÍLADES

Desdenhar mostra, ao menos na aparência,  
A inconstância de Pirro: e mui ditoso  
O dá, quando o rigor venha aplacar-lhe,  
E a, que lhe aceite o coração, a implore.  
Por fim me confiou os seus pesares:  
Desprezar-lhe a beleza, a lava em lágrimas  
Ocultas. Vai partir... mas pára, e fica.  
— Vale-me, Orestes, — clama...

ORESTES

Ah! se eu a crera,  
Logo me ia lançar...

PÍLADES

Finda a Embaixada,  
A Pirro aguarda; e dize como os Gregos  
Contra o Filho de Hector todos conjuram,  
Que ele, em vez de te dar da Amante o Filho,  
Por esse ódio inda mais terneza apure:  
Nos discrimos do arrufo o affecto medra,  
Insta: e por nada obter, requiere tudo.  
El Rei...

ORESTES

Vai pois dispô-la a que, a ver torne,  
O Amante, que a cruel só, trouxe a Epiro.

CENA II.<sup>a</sup>

PIRRO, ORESTES, FÉNIX

ORESTES

Antes de eu ser a voz da Grécia inteira,  
Dá, oh Rei, que eu me adule dessa escolha,  
E que a teus olhos mostre o gosto, vendo  
De Tróia o vencedor, de Aquiles filho.  
Que, iguais aos seus, teus feitos admiramos:  
Se ele a Héctor morte deu, tu morte a Tróia.  
Tu audaz, tu feliz, mostraste o como  
Só de Aquiles o Filho o lugar lhe enche.

Mas o que ele não fez, com mágoa a Grécia  
Vê, no infeliz, que educas Tróico sangue.  
Quando pio (em grão mal) de guerras longas  
O resto assim susténs; sem te lembrares  
Qual foi Héctor! O desfalcado exército  
Lembra-se, e mais que muito: só de o nome  
Lhe ouvir viúvas fremem, fremem Virgens.  
Nem há família alguma em toda a Grécia  
Que a esse infeliz Filho <sup>(1)</sup> não requeira  
Esposo, ou Pai, que Héctor privou da vida.  
Quem sabe o que esse Filho, um dia emprenda?  
Se, transumpto de Héctor, pojar vê-lo emnos  
E abraçar-nos às Naus em nossos portos?  
Co' facho em mão, segui-las até às ondas? <sup>(2)</sup>  
Se me afouto a dizer o que imagino,  
Oh teme o galardão de teus disvelos:  
Que a serpente que aqueces no teu seio  
Te castigue do bem que lhe fizeste.  
Contenta o empenho, oh Rei, dos Gregos todos:  
Segura a vida a ti, vingança à Grécia.  
Perde um contrário, tanto mais p'rigoso  
Que a combater os mais, em ti comece.

PIRRO

Muito a Grécia, por mim, se des-sossega!  
Cuidei, que em mor disvelo se ocupasse.  
O nome do Enviado me inculcava  
Mor grandeza no assunto, e nos projectos.  
Quem tal crê que encarreguem dessa empresa  
Filho de Agamémnon? Que inteira a Grécia  
Que tanto triunfou, morte conspire

---

(1) Astíanax.

(2) As Naus, que varadas na praia quando Héctor lhe pôs o fogo, deslizando às ondas lá lhes ia Héctor em seguimento c'ó facho que as abrasava.

Dum infante? e a quem querem que eu o imole?  
Que acção contra essa vida coube aos Gregos?  
E deles fui eu só a quem se tolhe  
Disponer de meus Cativos a meu grado?  
Quando às abas dos Pérgamos <sup>(1)</sup> fumeando  
Partilharam a presa os vencedores:  
A sorte, cujo aresto foi cumprido,  
Pôs no meu lote a Andrómaca e a seu Filho,  
Com Ulisses findou misérrima Hécuba,  
E a Cassandra levou teu Pai a Argos:  
Pleiteei-lhe eu seus direitos, seus Cativos?  
Dispus do fruto das façanhas suas?  
Crêem que Héctor, crêem que Tróia inda renasça?  
Me tire o Filho a vida, que lhe eu salvo?  
Grão disvelo requer prudência tanta!  
Não avisto eu desastres de tão longe.  
Penso no que foi Tróia, e em seus soberbos  
Muros, na Mãe de Heróis, da Ásia senhora,  
Que Fado foi o seu, que Fado a espera.  
Que vejo? Torres, que acobertam cinzas;  
Campinas ermas, tinto em sangue o Rio,  
Cativo o infante; e em tal estado, custa  
A crer que a se vingar aspire Tróia.  
Se do Filho de Héctor morte hão jurado  
Porque, um ano completo a hão diferido?  
Não, no colo de Príamo, o imolaram?  
Soterrando-o com Tróia, e infindos mortos?  
Tudo era justo então. Velhice, Infância  
Na fraqueza em vão punham todo o amparo.  
Mais cruéis do que nós, Noite, e Vitória  
Morte excitavam, golpes confundiam:  
Foi minha ira aos vencidos mui de sobra;  
Nem vida à crueza quero em mortas iras.  
Mau grado ao do que sinto, eu, dum infante,  
No sangue, a belprazer, as mãos banhar-me!

---

(1) Muros de Tróia.

Oh não: e os Gregos outra preza busquem,  
E as relíquias de Tróia alem persigam.  
Finda é dos ódios meus toda a carreira;  
E o que Tróia salvou, salvá-lo-á Epiro.

ORESTES

Muito sabes, oh Rei, com que arte, um falso  
Astíanax ao suplício entregue, o Filho  
De Héctor então supriu. Não Tróia avexam  
Já Gregos; mas no Filho ao Pai. Essa ira,  
Com abastado sangue foi comprada;  
E só pode expirar de Héctor no sangue.  
Pode a Epiro trazê-los. <sup>(1)</sup> Pirro, atalha-os.

PIRRO

Folgo antes ver no Epiro nova Tróia;  
Que confundindo os ódios, não dif'rencem  
Do sangue que venceu, sangue vencido.  
Nem, pela vez primeira, a Grécia injusta  
Serviços, que lhe fez, pagou a Aquiles.  
De que <sup>(2)</sup> Héctor se valeu; <sup>(3)</sup> e virá quadra,  
Que encontre o Filho vez de lucrar delas.

ORESTES

Verá a Grécia um rebelde filho, em Pirro?

PIRRO

Por dela depender, ganhei vitórias?

-----  
(1) Trazer os Gregos ao Epiro

(2) Da injustiça dos Gregos para com Aquiles.

(3) Destruindo os Gregos enquanto Aquiles agastado da injustiça de lhe haver Agamémnon levado de força Briseis, não quis pelear.

ORESTES

A espada, oh Rei, te há-de arredar Hermione.  
Hão-de entre ti e o Pai mediar seus olhos.

PIRRO

Dado me é ser-me a Filha <sup>(1)</sup> sempre cara,  
Sem que eu de Menelau escravo seja.  
Dia virá, que Amante, e que Monarca  
Ate em laço feliz, ambos disvelos,  
De Helena a Filha ver te seja franco:  
Sei, quão estreito, vos une um e outro o sangue.  
Partir podes, nem mais te aqui demoro;  
E que eu recuso, aos Gregos anuncia.

CENA III.<sup>a</sup>

PIRRO E FÉNIX

FÉNIX

E aos pés da que ele amou, franco o remetes?

PIRRO

Por ela (dizem) muito se abrasara.

FÉNIX

E se essa labareda a erguer-se torna?  
E; se dá a amar, o coração rendendo-lhe?

---

(1) Hermione.

PIRRO

Amem-se: em bem consinto; e em que ela parta.  
Vejam-se em Sparta, um de outro embelezados.  
Stão francos para Hermione, e Oreste, os portos:  
Quanto enojo eles ambos me impediram!  
Mais te direi um dia. Eis vem Andrómaca...

CENA IV.<sup>a</sup>

ANDRÓMACA, PIRRO, CÉFISA, FÉNIX

PIRRO

Que esperanças, se vens buscar-me, alcanço!

ANDRÓMACA

Passava ao sítio, em que o meu Filho guardam,  
E onde outorgas, que eu cada dia, o veja,  
O único bem, que me restou de Tróia.  
Com ele ia, um momento verter lágrimas;  
Que em meus braços não o tinha ainda hoje tido.

PIRRO

Se aos receios da Grécia lhe dou crença,  
Cedo te hão dar aos prantos mor assuntos.

ANDRÓMACA

Que susto, agora os corações lhe afronta?  
Dos ferros <sup>(1)</sup> lhe escapou algum Troiano?

---

(1) Do cativoiro.

PIRRO

Contra Héctor têm mui vivos, na alma, os ódios:  
Temem-lhe o Filho.

ANDRÓMACA

Grão motivo a sustos!  
Um infante infeliz, que ter ignora  
A Héctor por Pai, e por senhor a Pirro!

PIRRO

Tal qual é, morto o pede a Grécia toda.  
E Orestes vem dar pressa a tal suplício.

ANDRÓMACA

Tens na alma proferir crueza tanta?  
E o faz Réu, quanto eu nele me interesso?  
Ou crêem que ele a seu Pai não vingue, um dia?  
Ou lágrimas da Mãe piedoso enxugue?  
Ele me fora Pai, me fora Esposo...  
Que tudo eu perca!... (1) E por tua mão o perca!

PIRRO

Esse pranto atalhei, negando tudo.  
Já com armas os Gregos me ameaçam:  
Mas retilhando os mares inda venham,  
Com mil Naus, requererem-me teu Filho,  
Mais sangue custem que Helena há vertido;  
Dez anos meu Palácio em cinzas mudem,

---

(1) Lastimando-se.

Não vergo, em seu socorro me abalanço.  
Custe-me a vida, a sua lhe defendo.  
Nos que eu, por te agradar, p'rigos corro,  
Negar-me-ás um olhar menos severo?  
Tudo me insta, sou ódio à Grécia inteira,  
E inda hei-de combater-te a crueldade?  
Quando o braço <sup>(1)</sup> te of'reço, esperar cumpre  
Que o coração me aceites, que te adora;  
Combatendo por ti, ser-me-á bem lícito  
Não te contar na lista dos Contrários?

ANDRÓMACA

Que fazes Pirro? Que há dizer a Grécia?  
Num coração tão grande, tal fraqueza!  
Que, por amante devaneio passe  
Desígnio tão bizarro, tão formoso?  
Importuna a mim mesma, e triste, e Escrava  
Podes tu desejar, que te ame Andrómaca?  
Que encanto encerram olhos infelizes  
Que hás condenado a lágrimas perenes?  
Respeitar nos desastres, o inimigo,  
Dar Filho à Mãe, salvar um desditoso,  
Contra cem Povos cruéis pugnar por ele,  
Sem que salvá-lo o eu pague com amores,  
Quasi a despeito meu, dar-lhe refúgio,  
Dignos disvelos são da Aquílea prole.

PIRRO

Nunca há modo que o teu enfado cesse?  
Sempre me aborrecer, punir-me sempre!  
Fiz desgraçados; (certo!) e Frígia,  
Roxas de sangue teu as mãos me há visto.

---

(1) As posses, e o valor significados pelo braço.

Mas quanto aos olhos teus, quão caro as lágrimas  
Que vertem, a alto preço as hei pagado!  
E quais me lavram, na alma, agros remorsos!  
Quanto mal fiz em Tróia, hoje o padeço;  
Vencido, e a ferros, de aflições gastado  
Ardo, na que acendi, pira severa. <sup>(1)</sup>  
Tais disvelos, tal pranto, e ardor inquieto...  
Fui jamais tão cruel, qual o és comigo?  
Mais que muito um a outro nos punimos.  
Inimigos comuns, <sup>(2)</sup> cabe, nos unam.  
Dá-me um albor somente de esperança;  
Te entrego o Filho, por Pai seu me aclamo.  
Ensinar-lhe-ei a se vingar dos Gregos;  
Do mal que a mim, que a ele hão feito, os puno.  
Um teu olhar me anime; e tudo emprendo.  
Sair pode inda Ilion de frias cinzas;  
E em menos prazo, que empregou a Grécia,  
C'roar teu Filho, em seus alçados muros,

ANDRÓMACA

Sensíveis nos não são, já tais grandezas;  
Bem, quanto o Pai viveu, lhas prometia.  
Sacros muros, que a Héctor não conservastes,  
Oh não espereis, não, tornar a ver-nos.  
Menor favor uma infeliz pretende;  
Um desterro te imploram minhas lágrimas.  
Dá, que dos Gregos, de ti mesmo longe,  
Meu Filho oculte, e o esposo meu pranteie.  
Teu amor, contra nós muito ódio acende;  
Volta a tua afeição à Filha de Helena. <sup>(3)</sup>

-----  
(1) Pelo rigor com que Andrómaca o trata.

(2) Os Gregos.

(3) Hermione.

PIRRO

E me é possível? Quantas me dás penas!  
Dar-lhe eu um coração, que tu tens preso?  
Sob promessa de Império em meus afeitos,  
Sei que para reinar vem ela a Epiro,  
Onde, a Hermione, e a ti, Fados guiaram  
Para ela ferros dar, tu arrastrá-los.  
Vês tu, que em lhe agradar, ponha eu disvelo?  
Não dirão, em contrário, quando avistam  
Tão frouxo o encanto seu, e o teu tão forte,  
Que reinas aqui tu, e que Hermione é a Escrava?  
Se esgarrasse para ela, um dos suspiros,  
Que a ti minha alma exala, oh quão ditosa! (1)

ANDRÓMACA

Pode ela não ser grata a teus suspiros?  
De teus serviços fora olvido infando.  
Contra ti, turbam-lhe a alma, Héctor, ou Tróia?  
Deve ela ainda amor do Esposo as cinzas?  
Oh lembrança saudosa! E de que Esposo!...  
Co a morte imortal fez (2) no mundo a Aquiles.  
Lustre às armas lhe deu de Héctor o sangue;  
E ambos nomeados sois, por minhas lágrimas.

PIRRO

É bem: eu obedeço; e cumpre Andrómaca,  
Olvidar-te, e melhor... aborrecer-te.  
Meus votos de violentos transpassaram  
Para aquém se encurtar na indiferença.  
Oh! pensa-o bem; que d'ora em diante, esta alma,

---

(1) Hermione.

(2) Héctor.

Se a não transporta amor, é fúrias no ódio.  
Nada respeito, em minhas justas iras;  
No Filho vingarei da Mãe desprezos.  
Tal a Grécia o requer; nem tenho no ânimo  
Pôr, em salvar ingratos, minha glória.

ANDRÓMACA

Morra pois, que não tem por seu refúgio  
Mais que a sua inocência, e que estas lágrimas.  
Talvez que no teor, em que me sinto  
Sua morte adiante o fim de meus desgostos:  
Por ele prolongava os anos míseros;  
E irei trás ele, alfim rever o Esposo.  
Por teu modo nós três assim unidos...

PIRRO

Vê teu Filho: talvez, que o amor mais tímido  
Vendo-o, não tome a cólera por guia.  
Ir-te-ei ver tomar tino aos Fados de ambos:  
No abraço, que lhe dês; cuida em salvá-lo.

ACTO II.<sup>o</sup>

CENA I.<sup>a</sup>

HERMIONE e CLEONE

HERMIONE

Qual queiras, faze. Dou-te, que me veja.  
Cedo, a meus olhos o há-de trazer Pílates.  
Se eu bem me creio, vê-lo me não cumpre.  
Consinto em lhe outorgar essa alegria.

CLEONE

E em que pode funesto ser que o vejas!  
Ou não te é ele sempre o mesmo Orestes,  
Cuja constância e amor te eram saudosos?  
Que ansiaste, vezes cem, que ele voltasse?

HERMIONE

Esse affecto, que eu mal paguei, ingrata  
É quem cruel me faz sua presença.  
Que pejo para mim! troféu para ele  
Ver igual à sua dor o meu desastre!  
Como dirá: «E é esta a altiva Hermione!»  
Desdenhou-me: mas outro a põe de lado,  
A ingrata que a amar pôs preço tão alto,  
Sabe agora, quanto os desprezos costum.  
Oh Céus!

CLEONE

Sustos indignos volves na alma:  
Quanto formosa vales sente Orestes.  
Crês que te insulte quem te traz, Amante,  
Coração, que arrancar de ti, não poude?  
Mas quanto o Pai te escreve, me não dizes.

HERMIONE

Se em tais demoras Pirro persevera,  
Se não consente em morte do Troiano,  
C'os Gregos, manda, que eu do Epiro, parta.

CLEONE

Ouve pois quanto Orestes quer dizer-te:  
Pirro encetou — dá fim ao começado.  
Mais valera, que o houvesses prevenido.  
Não me há dito que a Pirro tinhas ódio?

HERMIONE

Ódio: — que era meu timbre aborrecê-lo,  
Tão boa co' ele fui!... E ele olvidá-lo!  
Que horror! Quero entre nós pôr mar em meio.  
Pirro, que eu tanto amei, Pirro trair-me,  
Quanto lhe tive amor, tanto ódio tenho.

CLEONE

Foge pois: e quando há quem te ame tanto...

HERMIONE

Dá tempo ao meu furor que medre, e avulte,  
E contra esse inimigo <sup>(1)</sup> mais me valha.  
Mais que muito o infiel <sup>(2)</sup> porá disvelos. <sup>(3)</sup>

CLEONE

E ainda novas injúrias dele aguardas?  
Amar, e ante olhos teus, uma Cativa,  
Te não val a tornar-to injusto, odioso!  
Pode ele mais fazer, que quanto há feito?  
A poder desamá-lo, o desamaras.

HERMIONE

Porque irritas, cruel, os meus enojos?  
Receio, qual me eu vejo, conhecer-me.  
Assenta em nada crer de quanto hás visto:  
Mas não que eu ame; exalta o meu triunfo.  
Crê que o Despeito esta alma há endurecido;  
E traça, a ser possível, que eu o creia.  
Se é fugir dele?... Nada aqui me prende.  
Não lhe invejo a conquista indigna: vamos.  
Sobre ele a Escrava o seu poder espraie.  
Fujo... Mas se entra, em seu dever, o Ingrato;  
Se em seu peito inda a fé pousasse, e viesse  
Inda a meus pés pedir mercê; havê-lo  
Em minhas Leis, Amor, teu gosto fosse,  
E ele.... Ingrato! só no ultrajar-me cuida.  
Mas fico; e a Dita assim turvar-lhe alcanço.  
De lhes ser importuna o prazer colho.

-----  
(1) Pirro.

(2) Pirro.

(3) Em agradar a Andrómaca.

Ou forçando-o a romper nó tão solene,  
De toda a Grécia aos olhos réu se acuse.  
Já as iras lhe acendi contra esse Filho; <sup>(1)</sup>  
Mas quero, que inda a Mãe requerer venham.  
Quantos soffro tormentos, lhe recaiam:  
Ou tirem-lho, ou que Pirro o entregue à morte.

CLEONE

Julgas, que olhos, que a fio manam lágrimas  
Turbar de encantos teus as posses cuidem?  
Que assoberbada uma alma de tais penas,  
Do, que a avexa, os suspiros ambicione?  
Vê, se de alívio às mágoas, dá indício,  
Ela que em sua dor naufraga, e afunda.  
Porque tanta altivez, <sup>(2)</sup> se o amante <sup>(3)</sup> agrada!

HERMIONE

Por meu mal o escutei; e mais que muito.  
Não lhe affectei mistério em meu silêncio.  
Cri, poder, sem perigo, ser sincera:  
E que, sem de rigor armar meus olhos,  
Falar-lhe, consultando só minha alma.  
Quem na tão santa fé de amor jurado,  
Declarada, como eu, se não houvera?  
Com os olhos de então vê-me hoje Pirro?  
Lembra-te: a seu favor clamava tudo;  
Em júbilos a Grécia — os Meus vingados <sup>(4)</sup>  
Do Tróico spólio as nossas Naus tão ricas  
Vencendo acções de Aquiles, com as suas

---

(1) Astíanax.

(2) Em Andrómaca.

(3) Pirro.

(4) Parentes.

Amor, que eu mais, que em mim, lhe cria ardente  
Tu, como eu, de seu nome, <sup>(1)</sup> deslumbradas  
Me hão traído, antes que ele me traísse.  
E mais que assaz. Se Pirro qual mais queiras,  
Sou sensível, e tem virtude Orestes.  
Sem ser amado, sabe amar, ao menos;  
E, talvez ciar-se a amar bem é possível.  
Venha enfim lhe dirás.

CLEONE

A ponto, Orestes...

HERMIONE

Não o cri tão perto.

CENA II.<sup>a</sup>

HERMIONE, ORESTES, CLEONE

HERMIONE

Um resto de ternura  
Te guia a ver Hermione entristecida?  
Ou devo a ânsia feliz, que em ver-me inculcas  
Imputá-la ao dever dum Enviado?

ORESTES

Quão funesto me cega o Amor tu o sabes: <sup>(2)</sup>  
Meu Fado sempre foi render-te cultos,

-----  
(1) De sua fama.

(1) Estanharão alguns ignorantes que a uma Rainha fale Orestes por tu. Ora saibam, que nunca por vossa Senhoria, nem mesmo por Vossa mercê falaram os

E, de não mais te ver, jurar continuo.  
Sei, que é o ver-te, abrir-me anciãs feridas;  
Que é cada passo meu novo perjúrio.  
Tal sei, tal me envergonho; adjuro os Deuses  
No extremo adeus, qual foi meu furor, digam.  
Onde era a ruína certa, eu lá corria  
Dar cabo à dor, soltar meus juramentos.  
Entre Povos cruéis, mendiguei morte;  
Povos, que ao Céu, com sangue humano, aplacam.  
De meu pródigo sangue então avaros,  
Me tolheram seus Templos. Oh quão Bárbaros!  
A ti volto por fim, por fim a morte,  
Que de mim foge a busco nesses olhos.  
Basta, que o albor me neguem da Esperança,  
Basta a adiantar-me a morte, a que me apresso,  
Que o que me hão dito mil; uma vez digam,  
E à desesperação lhe solto o arrojo.  
Esse cuidado atroz me anima, há um ano;  
Ei-la a vítima? que houveram a teus golpes  
Roubado os Scitas duros; ei-la, em ti acha  
Mais crueza que em Scitas, toma-a Hermione.

HERMIONE

Deixa funestas falas, quando a Grécia  
Mais urgentes cuidados te encomenda,  
A que vêm Scitas? vêm cruezas minhas?  
Atenta em tantos Reis, que representas.  
Dum teu delírio pende o ser vingados?  
Ou requerem de Orestes eles o sangue?  
Do teu dever o encargo desempenha.

-----  
e que a Augusto César, quasi Senhor do mundo inteiro, davam Virgílio e Horácio um tu muito redondo. Vossa Alteza, vossa Graça, vossa Celsitude foi invento de Bárbaros Hiperbóreos.

ORESTES

Pirro negando, assaz me desempenha.  
Despediu-me: outra força faz, que abraçe  
Defensa de Astíanax.

HERMIONE

Infiel!

ORESTES

Eu deixando-o,  
Quais meus Fados serão em ti consulto.  
Já a resposta ouvir creio: — Ódios, Repulsas.

HERMIONE

Sempre injusto no teu dizer magoado!  
De minha inimizade sempre queixas!  
Sempre alegar de mim sevos rigores!  
A Epiro vim, e é meu desterro Epiro.  
De meu Pai ordem foi; quem sabe agora  
Se eu parte não tomei em teus enojos?  
Cuidas, que és só quem sustos há sentido?  
E que Epiro não viu brotar meu pranto?  
Mau grado o que a mim devo, quem te há dito  
Que eu ver-te, alguma vez, não hei clamado?

ORESTES

Clamado ver-me!... A mim, tão gratas vozes!  
Repara, Hermione: tens à vista Orestes,  
Orestes, longo objecto de iras tuas.

HERMIONE

O amor teu, que brotou c'os meus agrados,  
Lhe ensinou o poder de suas flechas;  
Tu, que a estimar-te obrigas, por virtudes,  
Tu, que eu amar quisera, e que eu lastimo.

ORESTES

Bem te ouço. Oh quão funesta é minha sorte!  
Teu coração a Pirro, a estima a Orestes!

HERMIONE

O destino de Pirro, oh não o desejes.  
Que em grande ódio me foras.

ORESTES

Mais me amaras.  
Que olhar tão diferente em mim porias!  
E eu não te agrado, quando amar-me queres,  
E amor, fazendo então que lhe obedeças,  
Me amarias, querendo aborrecer-me.  
Tão terno amor, oh Céus, tão grandes cultos!  
Que razões para mim! Se tu me ouviras!...  
Tu, porém, só por Pirro, altercas hoje,  
A teu pesar, talvez, a pesar dele.  
Que te odeia; e sua alma além cativa...  
Não mais...

HERMIONE

E quem te diz, que me despreza?  
Disseram-to seus olhos, falas suas?  
Cuidas que eu de desprezos seja digna?  
Que eu fogos dum instante acenda na alma?  
Mais favor talvez ache eu noutros olhos.

ORESTES

Continua, cruel; cabe que insultes  
Orestes, e que eu seja o desprezado.  
Não dei prova, a teus olhos, de constante?  
Sou abono do pouco que eles podem?  
Ou desprezei-os? Como ver quiseram  
Desprezar-lhes, como eu, Pirro os poderes!

HERMIONE

Seu ódio ou seu amor, a mim, que valem?  
Contra um revel levante armada a Grécia;  
Da rebelião lhe traz a Epiro o prémio;  
E que do Epiro façam nova Tróia;  
Vai: e dirás então, que eu amo a Pirro,

ORESTES

Dá mais um passo; vem tu mesma armá-la. <sup>(1)</sup>  
Tens gosto, de em refém ficar no Epiro?  
Vem: a toda alma o digam esses olhos;  
Dêem assalto comum as nossas iras.

HERMIONE

Mas, se à Escrava dá a mão?... Que afronta a nossa,  
Se o vemos desposar uma Troiana!

ORESTES

Esse o ódio que lhe tens? Confessa, Hermione  
Que amor não lavra na alma, sem dar lume.

---

(1) Armar a Grécia contra Pirro.

Vendem-te olhos, e a voz, vende o silêncio  
Quanto o mais cobres, mais rebenta o fogo.

HERMIONE

Da má fé que em mim tens verte o veneno,  
Que te mata, e descrê de quanto eu digo.  
A toda a razão minha acha rodeio,  
Por esforços de amor toma o meu ódio.  
Ouve quanto te explico, e depois obra.  
Por meu dever, a Epiro vim; tu o sabes,  
Fico por meu dever: partir não posso,  
Sem que Pirro ou meu Pai assim consintam.  
Insinua a meu Pai, que ser seu genro  
Não convém quem da Grécia é inimigo.  
Que decida entre mim, entre o Troiano, <sup>(1)</sup>  
Qual conserva dos dous, ou qual entrega.  
Se vos cede Astíanax ou me despede.

ORESTES

Tens de seguir-me, Hermione. Oh não duvides  
Que ele o consinta, eu já daqui to abono.  
Oh! que a retenha aqui Pirro, não temo:  
Que olhos Pirro só crava em sua Andrómaca,  
E qualquer outra o ofusca; e talvez que hoje  
De arredá-la de si pretextos busca.  
Falar-lhe sobra, e é feito. Que alegria  
Roubar a Epiro preza tão formosa!  
Salva o que inda de Héctor, de Tróia resta,  
Oh Epiro, e a Viúva, e o Filho, e inda mil outros  
Guarda: assaz é perder de vista Hermione  
Tuas praias, teu Príncipe, ausentando-se.

---

(1) Astíanax.

Mas feliz Fado o traz aqui. Falemos.  
Fecha-lhe, Amor, a tanto encanto, <sup>(1)</sup> os olhos.

CENA IV.<sup>a</sup>

PIRRO, ORESTES, FÉNIX

PIRRO

A ti buscava. Combati violento  
Razões luas; e te hei deixado apenas,  
Que as dei por mui forçosas, por mui justas.  
Qual tu, pensei, que a mim, que à Grécia, e a Aquiles  
Era contrário, e restaurava Tróia:  
Quanto o Pai, quanto eu fiz, mal acabava.  
Nem legítimas iras já condeno:  
E ser-te-á, incessante, entregue a vítima.

ORESTES

Prudente arbítrio é o teu, mas rigoroso.  
Sangue dum infeliz a Paz te custa.

PIRRO

Porque a Paz me assegure, seja Hermione,  
A quem dou mão de Esposo, o penhor dela.  
Parece, que a se abrir, só esperava  
Tão meiga cena, a ter presente a Orestes.  
Que o Pai, <sup>(2)</sup> que os Gregos todos representas;  
O Pai, que em ti o Irmão <sup>(3)</sup> vê figurado.

---

(1) Que Hermione possuía.

(2) Menelau, Pai de Hermione.

(3) Agamémnon Pai de Orestes e Irmão de Menelau.

Vai pois vê-la: e dir-lhe-ás que amanhã espero  
De tuas mãos ter a Paz, e ter Hermione.

CENA V.<sup>a</sup>

PIRRO, FÉNIX

PIRRO

Senhoreia-me o amor? Di-lo-ás ainda?  
Não querem conhecer-me inda teus olhos?

FÉNIX

Por Pirro te conheço; e esse ódio justo  
Te congraça c'os Gregos, e contigo,  
Duma afeição servil não és já mofa;  
És Pirro, és bem de Aquiles filho és émulo,  
Que a suas leis revocou, por fim, a Glória,  
Que de Tróia alcançou troféu segundo.

PIRRO

Dize antes, que hoje é que eu a glória enceto  
Na que, de amor vitória hei conquistado.  
Nem será quão submissa a viste, esta alma;  
Vence inimigos mil, no amor que vence.  
Pensa, a quais turbações esquivo o peito,  
E a quanto mal o Amor traz por escolta.  
Quanto Amigo imolava, e Dever quanto,  
Quanto p'riço... Um olhar deslembrou tudo.  
Caía num revel jurada a Grécia;  
Pela Escrava <sup>(1)</sup> eu com gosto, percia.

---

(1) Por Andrómaca.

FÉNIX

Bênção dou à ditosa crueldade,  
Que te...

PIRRO

Como ela me tratou bem viste.  
Eu vendo-a em sustos tais no amor do Filho  
Cuidei que este o rigor lhe desarmasse.  
Fui ver quão bem sortiram tais abraços <sup>(1)</sup>  
E que achei? Achei ímpetos, e prantos.  
Azedam-na os desastres; fera e esquiva  
Cem vezes o de Héctor nome prefere.  
Em vão lhe assegurei ao Filho amparo:  
«É o meu Héctor: <sup>(2)</sup> (c'os braços o cingia)  
São seus olhos, sua boca, e o afouto dele.  
És Héctor; em ti beijo o amado Esposo.»  
E cuida dela, que eu lhe consinta o Filho,  
Filho, que lhe a afeição do Esposo alente?

FÉNIX

Sim: que esse prémio te guardava a Ingrata.  
Deixa-a, Pirro.

PIRRO

C'o que se adula atino.  
Na beldade se estriba; e bem que irado  
Me espera inda a seus pés, inda, a orgulhosa.  
Eu, que a vira a meus pés, com olhos quedos,  
Viúva ela de Héctor, Filho eu de Aquiles.  
Nímio ódio separou Pirro de Andrómaca.

---

(1) Os que Andrómaca tinha licença dada a seu Filho, uma vez, no dia.  
(2) Dizia Andrómaca.

FÉNIX

Mas dela, oh Pirro, mais que muito, falas:  
Vai ver Hermione, e folga de aprazer-lhe  
Até de ira, a seus pés traça olvidar-te.  
Vem tu mesmo dispô-la ao Hímen. A um émulo  
Tal cargo dás? Quando a ama tanto Orestes?

PIRRO

Não dou ciúmes, com Hermione, a Andrómaca?

FÉNIX

E sempre a te lavar, na mente, a Escrava!  
Que te val seu prazer ou seu despeito?  
Que encanto te retrai sempre a Andrómaca?

PIRRO

Quanto lhe quis dizer, não bem lho disse;  
Um rasgo só lhe dei da minha cólera.  
Que inimigo em mim tem, oh! que o não sabe!  
Lá torno; arrostar quero o seu orgulho,  
Dar campo largo e inteiro às minhas iras;  
Ver-lhe humilhada tanta formosura.

FÉNIX

A seus pés?... Vai jurar-lhe que inda a adoras,  
Dar-lhe azo que inda mais te ela despreze.

PIRRO

Tu disposto crês Pirro a desculpá-la?  
E aplacá-la meu peito anseia, e eu corro?...

FÉNIX

Tens-lhe amor e...

PIRRO

Eu amor a essa ingrata,  
Que quanto eu a amo mais, mais me aborrece?  
De mim só, que em seu Filho posso tudo,  
Desvalida de amigos, de parentes,  
Estranha aqui... Di-lo-ei? No Epiro Escrava,  
Dou-lhe o Filho, a minha alma, o meu império;  
E que ganho, no seu coração pérfido?  
De seu Perseguidor somente o título.  
Não que o jurei. Vingar-me hei decidido;  
O Ódio, que me ela tem, lhe justifico:  
Abro do Filho mão... Mas quantas lágrimas!  
Que nome, há de ela dar-me, em sua angústia;  
Qual, para ela dispõe, cena, este dia!  
Morre ela... E eu sou quem, Fénix, lhe dá a morte,  
Quem no peito lhe enterra o punhal frio!

FÉNIX

E porque, desse arbítrio alarde hás feito?  
Mais consultar coubera o quanto és fraco.

PIRRO

Entendo. Mas de amor restos desculpa.  
Crês, que em ténue combate, iras me afrouxem?  
De amor, que morre, este é o extremo arranco.  
Todo me entrego a teus conselhos; vamos.  
Cumpro o Filho entregar? Ir ver Hermione?

FÉNIX

Ir vê-la, ir protestar...

PIRRO

Prometi: — cumpro-o.

ACTO III.<sup>o</sup>

CENA I.<sup>a</sup>

ORESTES, PÍLADES

PÍLADES

Modera esse furor desatinado.  
Não és em ti, não te conheço; escuta...

ORESTES

Intempestivos são os teus conselhos.  
De escutar a Razão me enfado, oh PílaDES.  
Muito há, que a vida, e o meu tormento arrasto.  
Ou tenho de a roubar, ou perder vida.  
Tomada é já a tenção; e hei-de a fim pô-la.  
Quero sim...

PÍLADES

Rouba-a pois; em tal consinto:  
Vê onde estás. Quem, no que intentas, crera?  
Dissimula; esse assomo inquieto aplaca.  
Manda a teus olhos, que o segredo encubram.  
A Corte, os Guardas, o Ar em que te volves,  
E Hermione inda mais, em mão de Pirro.

Mormente aos olhos seus tua ira esconde.  
Céus, porque, a vens buscar, na extrema fúria? <sup>(1)</sup>

ORESTES

Era eu senhor de mim? pude eu sabê-lo?  
Assomado em furor, talvez que eu vinha  
Dum tracto, a ameaçar o Amante, e a ingrata.

PÍLADES

E que fruto esperavas de tal ímpeto?

ORESTES

E a tal golpe alma há hi que não transtorne?  
E há razão, que em seu ser se não confunda?  
Mão de Esposo amanhã dá Pirro a Hermione;  
Desta mão, por me honrar, quer Pirro havê-la  
Mas antes esta mão tinta em seu sangue...

PÍLADES

Culpas nele desvairas do Destino?  
Talvez de arbítrios seus atormentado  
Seja mais de chorar, do que te eu choro.

ORESTES

Sei quem é: folga em ver que eu dêo espero.  
Sem mim, sem o amor meu, a tinha em pouco;  
Pouco o abalou té qui sua beldade;

---

(1) O furor com que os Deuses castigaram a Orestes, subia de ponto e o punha às vezes fora de si.

Por ma arrancar (cruel)! se empossa dela.  
Certo que ia (conquista minha!) Hermione  
Para sempre alongar-se-lhe da vista:  
Entre o despeito e amor enleada, a mente,  
Dava-se a min c'um só desdém de Pirro.  
Já se abriam seus olhos, já me ouvia,  
Falava, e tinha dó. Uma palavra  
Faria o mais.

PÍLADES

E o crês?

ORESTES

Contra esse ingrato  
Toda em iras...

PÍLADES

Nunca ela o amou tanto.  
Cuidas que a haver-ta Pirro dado, falte  
Pronto pretexto que a retardar a obrigação?  
Queres-me crer? De enganos da beleza  
Lasso, em vez de a roubar, foge de Hermione.  
Encarregar-te amante duma Fúria,  
Que te há-de detestar, quanto ela viva:  
Que chorando um Hímen, que ia findar-se,  
Quisera...

ORESTES

Esse é o fim, porque eu a roubo.  
Rir-lhe-ia tudo, e em mim raivas lavraram,  
Longe dela inda houvera eu de esquecer-me?  
Oh não. Tome ela parte em meus tormentos.  
Não gema eu só: me cansa o do de alheios:  
E tema-se de mim essa inumana.

Danados <sup>(1)</sup> a chorar seus cruéis lhos,  
Quanto nome <sup>(2)</sup> eu lhes dei, me restituum.

PÍLADES

Deu pois de si tua Embaixada, um roubo?

ORESTES

Que val? Lograr por mim, vingança a Grécia,  
Menos dos prantos meus dá gosto à Ingrata?  
E em que me admire a Grécia, eu que granjeio,  
Enquanto obtenho ser do Epiro fábula?  
Que mais? — Ouve (por que eu nada te encubra)  
Começa-me a cansar minha inocência.  
Que eu não sei qual aí há poder injusto  
Que a Inocência avexa, e sofre o crime.  
Volvo olhos sobre mim; que vejo em tudo?  
Infortúnios que acusam réus aos Deuses.  
Demos-lhe à ira acção, justiça ao ódio;  
Do crime o fruto à pena se antecipe.  
Mas tu, por que erro queres a ti sempre  
Volver iras, que a mim, vem só flechadas?  
Minha amizade, há muito te soçobra;  
Réu me evita, infeliz me desampara.  
Crê, que o dó, caro amigo te alucina;  
Deixa-me os p'rigos, de que eu fruto espero.  
Leva à Grécia Astíanax; Pirro mo entrega  
Vai...

PÍLADES

Vamos ambos: roube-se Hermione:  
Perigos rompe um peito valoroso.

-----  
(1) Mihi castæque danatum Minervæ. — HORAT. *Lib. 3. Od. 3.*

(2) Nomeada pelo mundo.

Se a guia o Amor, quão forte é a Amizade!  
De toda a Grécia o zelo acorçoar vamos.  
São prestes as Naus: o Vento nos convida.  
Todo o rodeio eu sei deste Palácio.  
Tu vês? como lhe bate o mar nos muros.  
Por via oculta à Nau te leva o roubo,  
Esta noite, e sem custo.

ORESTES

Oh quanto abuso  
Dessa nímia amizade! Oh! sim perdoa  
Males de quem tu só te compadeces.  
Perdoa a quem, quanto ama, perde, mísero;  
Quem, de todos odiado, a si se odeia.  
Ah! que se eu mais feliz, a ti pudesse...

PÍLADES

Quanto anseio que agora dissimules:  
Cuida, em que não de brado-o teu desígnio;  
E te esquece que te é Hermione ingrata;  
Esquece-te do amor. Mas vem Hermione...

ORESTES

Dou seguro de mim: dá-mo de Hermione.

CENA II.<sup>a</sup>

HERMIONE, ORESTES, CLEONE

ORESTES

A meus disvelos deves a conquista:  
Que eu Pirro vi; e o Hímen se te aparelha.

HERMIONE

Dizem: e até seguram, que tu mesmo  
Vinhas dispor-me...

ORESTES

E não será rebelde  
Essa alma...

HERMIONE

Quem desleal não crera Pirro?  
Tão tardo em dar-se à luz o seu affecto?  
E vir render-se a mim, quando o eu deixava?  
Contigo quero crer, que a Grécia o assusta;  
Que mais que o amor, seu interesse o impele;  
Que em teu peito os meus olhos mais reinavam.

ORESTES

Pirro te ama; certo é. Quanto eles querem  
Não sabem consegui-lo esses teus olhos?  
Nem tu, bem creio, desprazer-lhe traças.

HERMIONE

Prometida lhe fui. Que obrar me cumpre?  
Bens que não vêm de mim, posso eu roubar-lhos?  
Das Princesas não pauta o Amor a sorte;  
Só lhes cabe o brasão de obedecerem.  
Partia eu já; bem viste o como as regras  
(Por ti) do meu dever eu relaxava.

ORESTES

Cruel! Tu bem sabias... Cada um pode  
De seu peito dispor a seu arbítrio.

Senhora eras do teu. Sperei... Por último...  
Sem mo roubar, mui bem dar lhe pudeste,  
Ponho, mais do que a ti, culpa à Fortuna.  
Com me queixar não te importuno, e canso.  
Foi teu dever. Confesso-o, é o meu salvar-te  
Deste meu lastimar.

CENA III.<sup>a</sup>

HERMIONE, CLEONE

HERMIONE

Sperar podias  
Que em iras tão modesto...

CLEONE

Ira que cala,  
Tenho-a por mais funesta. Eu o lastimo;  
Tanto mais que a seu mal deu ele os meios;  
Co'a dextra, o que o prostrou, se há dado o golpe.  
Conta a que tempo Hímen se te aparelha:  
Falou Orestes, declarou-se Pirro.

HERMIONE

Que Pirro teme crês? Mas que teme ele?  
Os que, ante Héctor, dez anos, hão fugido?  
Que, ausente <sup>(1)</sup> Aquiles, sustos cem beberam?  
E nas queimadas Naus buscavam couto?  
Que, a faltar-lhes de Pirro o esteio; inda hoje  
Stariam a pedir Helena a Príamo?

---

(1) Retraído na sua tenda e não querendo pelear.

Tão contrário de si não é, Cleone:  
O que quer faz; e me ama, pois me esposa.  
Suas mágoas me impute embora Orestes;  
Sempre nos prantos seus conversaremos?  
Pirro a nós vem. Contemplas tu, Cleone,  
Quanto prazer o peito a Hermione inunda?  
Sabes qual Pirro seja? e quais proezas  
Pregoa dele a Fama? e quão sem conto...  
Valente, e co'a vitória sempre a lado,  
Leal, donoso, Herói de glória pleno...

CLEONE

Dissimula: chorando a émula tua  
Certo, a teus pés prostrar vem seus pesares.

HERMIONE

Não poder abrir a alma a tanto júbilo! (1)  
E que lhe hei-de eu dizer? Vou-me.

CENA IV.<sup>a</sup>

ANDRÓMACA, HERMIONE, CLEONE, CÉFISA

ANDRÓMACA

Onde foges?  
Não te é grato a teus pés ver humilhada  
A Viúva de Héctor! banhada em lágrimas?  
Não te venho roubar com ciúme ou prantos  
Um peito, que se rende a tuas prendas.

---

(1) De esposar Pirro.

Vi mão cruel a morte dar-lhe ao único,  
Em quem, com gosto apascentava a vista.  
Chama, que outrora Héctor me acendeu na alma,  
Com ele tem de entrar na sepultura.  
Resta-me um Filho. Alcançarás um dia,  
Sendo Mãe, a que amor nos leva um Filho.  
Oh! nunca alcances. (Quanto eu to desejo!)  
Que turbação mortal o amá-lo custa!  
Quando de tantos bens, que assim lisonjam,  
O que resta único, arrebatá-lo querem!  
Quando, anos dez, cansados infortúnios,  
A Mãe <sup>(1)</sup> te ameaçavam furiosos  
Troianos, em Héctor lhe eu dei amparo;  
Quanto eu pude em Héctor, podes em Pirro.  
Que susto o Infante dá de estragos resto?  
No ermo duma Ilha sofram que eu o encubra,  
Dos disvelos da Mãe seguro tomem  
Que, a com ela chorar somente aprenda.

HERMIONE

Corta-me a tua dor: dever austero  
Manda que eu cale, quando o Pai o ordena:  
Ele é quem as de Pirro iras revolve;  
Quem, mais que tu, a Pirro aplacar pode?  
Longo há, que os olhos teus na alma lhe imperam.  
Dá, que ele o diga; e eu lhe subscrevo a tudo.

---

(1) Helena mãe de Hermione.

( 139 )

CENA V.<sup>a</sup>

ANDRÓMACA, CÉFISA

ANDRÓMACA

Cruel! com que desprezo me repulsa!

CÉFISA

Seguira eu seu conselho, vira eu Pirro;  
C'um olhar confundira Hermione, e a Grécia...  
Eis vem buscar-te...

CENA V.<sup>a</sup>

PIRRO, ANDRÓMACA, FÉNIX, CÉFISA

PIRRO (*a Fénix*)

Onde a Princesa?... Hás dito  
Que ela aqui...

FÉNIX

Tal julguei.

ANDRÓMACA (A CÉFISA)

Vê quanto podem  
Meus olhos. (1)

-----

(1) Ironia. Tão belos, e tão poderosos em render corações lhos tinha gabado Céfisa. Pirro entra, fala com Fénix, e nenhuma atenção de Andrómaca faz.

( 140 )

PIRRO (*a Fénix*)

Que diz ela?

ANDRÓMACA

Oh como tudo  
Me desampara!

FÉNIX

Vem; e a Hermione vejas.

CÉFISA

Que esperas? O tenaz silêncio rompe.

ANDRÓMACA

Prometeu-me Astíanax...

CÉFISA

Mas não to há dado.

ANDRÓMACA

Que val chorar? tem-lhe assentado morte.

PIRRO

Volve ela, ao menos para mim seus olhos? <sup>(1)</sup>  
Que orgulho!

---

(1) Outra ironia.

ANDRÓMACA

Cada vez mais lhe a ira ateio.

PIRRO

De Héctor o Filho à Grécia demos.

ANDRÓMACA (*lançando-se aos pés de Pirro*)

Pára. Se o Filho dás, dá a Mãe com ele.  
Essa à amizade, que hás a mim jurado?  
Não te poder essa alma a dó movê-la!  
Sem que espere perdão me hás condenado?

PIRRO

Palavra dei: dizer-to Fénix pode.

ANDRÓMACA

Tu que, por mim, perigos afrontavas...

PIRRO

Cego então, hoje vêm a luz meus olhos.  
Podia a teu desejo dá-lo eu livre:  
Mas tu, nem mo pediste.

ANDRÓMACA

Ah que os gemidos  
Que temiam repulsa tua, ouvias.  
Perdoa ao brilho de prosápia ilustre  
Altivez, que importuna ser receia.  
Tu o sabes, que sem Pirro, nunca Andrómaca  
Se vira aos pés dum Amo ajoelhada.

PIRRO

No mais profundo me aborreces: da alma,  
Temes de ao meu amor ser devedora:  
E esse Filho, esse objecto de teus sustos  
Menos o amaras tu, se eu o salvasse,  
Contra mim juntos são ódio e desprezo,  
Tu, mais que os Gregos inda, me tens ódio.  
Ódio tão nobre, a belprazer, desfruta-o.  
Vamos, Fénix.

ANDRÓMACA

E eu ter-me vou c'ó Esposo,

CÉFISA

Atenta...

ANDRÓMACA

Que mais tentas que lhe eu diga?  
Crês, que ele ignora os males, que me há feito  
Olha, oh Pirro, a que estado me reduces!  
Morto o Pai vi, vi muros abrasados;  
Vi a todos os meus cortar as vidas,  
Rodar no pó vertendo sangue o Sposo,  
Comigo, e só, guardado o Filho a ferros.  
E eu sirvo, e vivo! E que não pode um Filho!  
Mais fiz. Quasi me apraz tenha desterro,  
Por dita, aqui, de tantos Reis a prole,  
E se tem de servir, tuas leis cumpra.  
Cri que a sua prisão lhe fosse asilo;  
Que já Aquiles respeitou prostrado um Príamo:  
De Pirro inda esperei maior bondade.  
Perdoa: inda mais cri... Héctor perdoa:  
Magnânimo julguei teu inimigo,  
A pesar seu; e isento o pus dum crime.

Ah! se grandioso nos deixasse ao menos  
No jazigo que as minhas mãos te ergueram;  
Findando lá seu ódio e nossas penas,  
Não, de tão caras cinzas, separar-nos...

PIRRO

Fénix, vai-me esperar.

CENA VII.<sup>a</sup>

PIRRO, ANDRÓMACA, CÉFISA

PIRRO

Tu fica, Andrómaca.

Fácil é dar-te o Filho, por quem choras.  
Sinto, e me agasta que te excitando lágrimas  
Dou-te armas centra mim. Cri, que aqui vinha  
Mais abundando em ira. Ah! põe-me os olhos;  
Vê se eu de Juiz severo dou semblante,  
Ou que traça inimigo, desprazer-te.  
Porque me forças a trair-te eu mesmo?  
Em nome de teu Filho, os ódios cessem,  
E eu sou quem te convida a que o salves.  
Tenho eu de, a suspirar, pedir-te? Oh, salva-o!  
Pedir-te essa mercê ajoelhado?  
Salva-te, e salva-o: digo-to eu por último.  
Como os nós por ti rompo? nós jurados!  
E que ódios contra mim não alevanto!  
Despeço Hermione, e em vez de c'roa, a afronta  
Eterna vou na frente assinalar-lhe.  
Levo-te ao Templo, onde Hímen se lhe apresta;  
Cinjo-te o diadema de Hermione.  
Oh não desdenhes a valiosa oferta;  
Ou reinar, ou morrer (te digo) cumpre.

De ingratidões dum ano em fúrias a alma,  
Incertezas não sofre em seu destino.  
Quem longo ameaçou, gemeu, oh tema-se.  
Mais sperar é morrer, morrer perder-te.  
Porque o bem cuides, parto, e após te busco,  
Para ir ao Templo, em que te aguarda o Filho. (1)  
Lá me verás, submisso, ou furioso;  
Perdê-lo aos olhos teus, ou coroar-te.

CENA VIII.<sup>a</sup>

ANDRÓMACA, CÉFISA

CÉFISA

Não te ante-eu-disse, que mau grado à Grécia  
Da tua sorte houveras ser senhora?

ANDRÓMACA

E que efeito surgiu de teus discursos?  
Meu Filho condenar?...

CÉFISA

Por leal ao sposo,  
Te houvera feito Ré nímia virtude:  
A alma, em tal transe o sposo te adoçara. (2)

ANDRÓMACA

Por sucessor, Héctor lhe eu dera Pirro?

---

(1) Astíanax.

(2) Porque condescendesse com Pirro e salvasse Astíanax.

CÉFISA

Tal requer Astíanax, que os Gregos levam.  
Crês, que envergonhe Esposo tal, os Manes?  
Que um Rei desprezem, Rei vitorioso,  
Que ao grau, que teus Avós houveram te alça?  
Que iras calca dos Reis, que te hão vencido;  
Que, por ti, esquece <sup>(1)</sup> que é de Aquiles Filho?  
Desfaz de seu valor, valor supérfluo. <sup>(2)</sup>

ANDRÓMACA

E esquecê-los devo eu, se ele se esquece?  
Esquecer-me de Héctor, falta de exéquias?  
Baldam de rastos, rodeando os Pérgamos? <sup>(3)</sup>  
Ou seu Pai a meus pés, deitado a terra?  
O altar, que a braços tinha, ensanguentando?  
Lembre-te a noite de cruel desastre,  
Para um inteiro Povo noite eterna!  
Afigura-te Pirro, olhos em brasa,  
Entrando, à luz das chamas do Palácio,  
Por meus mortos Irmãos rompendo via,  
Todo em sangue a matança afervorando,  
Clamores dos que vencem, dos que morrem,  
A ferro, a fogo, dando o extremo arranco;  
E entre horror tal desamparada Andrómaca...  
Tal se me apresentou à vista Pirro.  
Eis, com quais se c'roou, Pirro, façanhas!  
Eis quem tu queres dar-me por Esposo!  
Oh que dos crimes seus não seja eu cúmplice,  
Sejamos antes, dele últimas vítimas.  
Ser-lhe eu sujeita Esposa! Eu, ressentida!

---

(1) Clássicos há que, por elipse calam o *se* aos verbos *lembrar, recordar, memorar*.

(2) Que nada vale salvando a prole dos Reis, que destruíra.

(3) Os muros de Tróia.

CÉFISA

Vamos pois ver, como a teu Filho matam.  
Por ti se aguarda só... Mas tu stremeces!

ANDRÓMACA

Com que lembrança me dás golpes na alma!  
Eu ir ver, como morre o amado Filho!  
O retrato de Héctor, meu prazer único!  
Penhor do afecto seu! Como eu o avisto  
No dia, em que animoso a Aquiles busca,  
(Ou que antes busca a morte!) pede o Filho;  
Toma-o nos braços, lágrimas me enxuga:  
«Cara Esposa (me diz) não sei qual sorte  
Minhas armas terão; toma este Filho <sup>(1)</sup>  
Penhor da minha fé; se ele me perde,  
Recobre a Héctor em ti; se te é prezada  
De Hímen feliz lembrança, mostra ao Filho  
O quanto amaste o Pai.» Verei, que um sangue,  
Vertem, de preço tal? meus Avos régios  
Nele morrer? morrer por meu delito?  
Do ódio que te insto, é réu meu Filho? (oh bárbaro!)  
Ou de todos os seus te argui a morte?  
Queixou-se-te dos males que não sente?  
Tu morrer, — se eu o ferro não atalho...  
Cruel fero! que a garganta te ameaça!  
Posso-o atalhar. — Por ti vou imolar-me...  
Não hás <sup>(2)</sup> morrer. Não mo consente o afecto.  
Vamos a Pirro... Não. — Vai tu Céfisa.

CÉFISA

Dir-lhe-ei?...

-----

(1) Tão menino, que ainda os não conhece.

(2) Também aqui há elipse de *de*, mui consentida em verso.

ANDRÓMACA

Dir-lhe-ás, que eu tanto amo a meu Filho...  
Crês, que ele, na alma, a morte lhe há jurado?  
Pode amor tal crueza...

CÉFISA

Eis todo fúrias  
Virá...

ANDRÓMACA

Vai segurar-lhe...

CÉFISA

A afeição tua?

ANDRÓMACA

Como lha posso dar, não sendo minha?  
Cinzas do Esposo, oh Tróia, oh Pai, oh quanto,  
Filho meu, me há custar, salvar-te a vida!  
Vamos...

CÉFISA

Mas onde? Hás tu bem resovido?...

ANDRÓMACA

No jazigo o meu Esposo se consulte.

ACTO IV.<sup>o</sup>

CENA I.<sup>a</sup>

ANDRÓMACA, CÉFISA

CÉFISA

Não duvido: é teu Sposo; e esse prodígio  
Héctor mesmo em teu ânimo o há obrado.  
Quer que inda se erga Tróia; e co' ela o Filho.  
Tu bem ouviste, a Pirro essa promessa.  
To entrega a uma voz tua: os teus, e a cr'oa  
Te põe aos pés no júbilo, que o enleva.  
De si, do Povo seu te faz sob'rana.  
Chamá-lo-ás vencedor, assunto de ódios?  
Contra os Gregos ardendo em nobres iras?  
Qual de ti, de teu Filho tem cuidado:  
Dá-lhe inda Guardas, tolhe as Gregas fúrias,  
Aventura-se a si, por não expô-lo...  
Mas tudo é pronto na ara: e hás prometido...

ANDRÓMACA

Lá me hão-de ver: mas cumpre ir ver meu Filho.

CÉFISA

Que te insta? Quando te é d'ora em diante,  
Dado a teu gosto vê-lo, e tê-lo em braços?

Nele empregar afago, empregar mimos?  
Não tem de t'ir contar... Que íntimo gosto  
Ver medrar um Infante, que se cria  
Não para escravo, mas de si sob'rano!  
E por que, nele, tantos Reis ressurjam!

ANDRÓMACA

Vamos vê-lo. Talvez, seja a vez última...

CÉFISA

Que dizes? Céus!

ANDRÓMACA

Contigo nada finge  
Meu coração; que leal em meus desastres  
Te encontrou. Mais deveras conhecer-me.  
E pudeste pensar, que infiel Andrómaca  
Traísse o Sposo, que inda, em mim, tem vida?  
E que acordando a dor de tantos mortos,  
Por meu repouso, o deles interrompa?  
Esse o ardor, que eu jurei às cinzas suas?  
Morria o Filho... e eu tinha de ampará-lo;  
E, me esposando, lhe era esteio Pirro.  
Assim: sobre ele em tudo me repouso;  
Sei que é violento Pirro, mas sincero.  
Mores acções fará, que as que promete.  
Quanto à ira dos Gregos... me sossego:  
Essa ira um Pai dará; de Héctor ao Filhos.  
Pois que imolar-me cumpre; eu desta vida  
Vou segurar a Pirro o resto; e salvo  
Minha virtude; e na ara, a mão tomando-lhe,  
Com laço uno imortal, Pirro a meu Filho.  
Mas desta vida infiel, logo co'a dextra,  
Só a mim funesta, cortarei os fios.  
Nessa heróica acção me desempenho

Com Pirro, e Sposo e Filho, e até comigo.  
Eis o inocente arдил que na alma traço:  
Eis quanto ordenar pode o meu Esposo.  
A Héctor, vou só, e aos meus Avós unir-me.  
Tu, de os olhos cerrar-me, em bem te incumbe.

CÉFISA

Eu ficar viva...

ANDRÓMACA

Oh vive. A ti confio  
A minha única jóia, Se vivias  
Por mim, por ele <sup>(1)</sup> vive. Em teu depósito  
Deixo a Tróica esperança. Oh! cuida a quantos;  
Reis precisa és. Vigia acções de Pirro,  
Quanto fale de mim; que a fé me guarde;  
Dá valor a Himeneu; que antes de morta,  
Sua Esposa fui; e que ódios seus se apaguem;  
Que em lhe deixar meu Filho, o prezo, e muito.  
Dá a meu Filho a saber de que Heróis surge;  
E por seu trilho o guia quanto o possas;  
Por que acções seu nome se illustrou, lhe dizê.  
E antes o que fizeram, que o que hão sido.  
Das virtudes do Pai lhe fala a miúdo;  
E da Mãe, tal qual vez, também lhe fala.  
Que em nos vingar não cuide. Amo lhe deixo  
Que ele há-de respeitar. De Avós lembrança,  
Mas modesta; é de Héctor Filho, é resto único.  
Resto... e por quem sacrifiquei, num dia,  
O meu amor, <sup>(2)</sup> meu ódio, <sup>(3)</sup> e até meu sangue. <sup>(4)</sup>

---

(1) Por Astíanax.

(2) O amor que tinha a Héctor.

(3) O ódio que tinha a Pirro.

(4) O sangue que há-de verter apunhalando-se.

CÉFISA

Ai!

ANDRÓMACA

Não me sigas, se antevêm teus sustos  
Que não possas conter no ensejo, as lágrimas.  
Vem gente. Enxuga o pranto, e te recorda  
Que à tua fé cometeu sua sorte Andrômaca.  
Hermione vem. Fugamos-lhe à violência.

CENA II.<sup>a</sup>

HERMIONE, CLEONE

CLEONE

Que mudez! Pasma, que em tão cru desprezo,  
Não se enturvou em nada esse teu ânimo.  
Tu sustentas tão queda um tal assalto,  
Que ao nome stremecer eu vi de Andrômaca!  
Tu, que desesperavas, de que Pirro  
C'um pôr de olhos a honrasse? e hoje esposa-a!  
E lhe dá, co' diadema a fé, que é tua! <sup>(1)</sup>  
E, em tanto enojo, mudos esses lábios,  
Nem a dele queixar-te, abrir-se querem?  
Tão funesto sossego me dá sustos.  
Antes quero....

HERMIONE

Mandaste vir Orestes?

---

(1) Fé de esposo que Pirro lhe havia dado.

CLEONE

Oh! que não tarda! E tenhas por seguro,  
Que a teus pés virá prestes of'recer-se,  
Pronto sempre a servir, sem sperar prémio.  
Mais que muito os teus olhos o afeiçoam!

CENA III.<sup>a</sup>

ORESTES, HERMIONE, CLEONE

ORESTES

E é certo que vez houve, em que, buscando-te,  
A teu mandado obedeceu Orestes?  
Oh não me adulem falsas esperanças!  
Tu desejares ver-me? E é bem seguro?  
Hei crer que os olhos teus despidos de ira.  
Querem...

HERMIONE

Dize-me só, se ainda me amas.

ORESTES

Se te amo? Minhas juras, meus perjúrios,  
Respeito, injúrias, minha fuga, e volta,  
Meu desespero, e os olhos sempre em prantos...  
Se os não crês qual darei maior abono?

HERMIONE

Vinga-me; e tudo creio.

ORESTES

Vingo; e a Grécia  
Abrasada assinale o quanto pode  
Meu braço, e o nome teu; serás nova Helena,  
E eu novo Agamémnon. Desastres de Ilion  
Despertemos; de nós reboe a Fama,  
Qual a de nossos Pais. — Partamos: eis-me.

HERMIONE

Levar tão longe nego tais afrontas;  
Pondo c'roa a insolência d'inimigos,  
Ir lá aguardar lenturas de vinganças;  
Ou cometer-me ao Fado das pelejas.  
Que, pode ser, por fim, me não vingasse!  
Chore, ao meu despedir, inteiro o Epiro.  
Vinga-me; uma hora dou: vinga-me, e vinga-te.  
Repúdio é para mim toda a demora:  
Corre ao Templo, dá morte...

ORESTES

A quem?

HERMIONE

A Pirro.

ORESTES

A Pirro?

HERMIONE

Já avultam teus rancores?  
Corre, e teme que eu no correr te atalhe.  
Nem me alegues direitos, que hoje esqueço:  
E a ti justificá-lo mal te cumpre.

ORESTES

Desculpá-lo? Seus crimes muito na alma  
Insculpiram favores teus. Vinguemo-nos,  
Mas por mais nobres meios. Dar-lhe morte  
Como sicário, não, como inimigo;  
Seja minha conquista a ruína sua.  
Com levar-lhe a cabeça <sup>(1)</sup> aplaco os Gregos.  
Por caso incumbi-me eu dar morte a Pirro,  
Por me desempenhar co'a Grécia inteira?  
De seu querer dê Grécia o senso claro,  
E Pirro ao pendor morra do ódio público.  
Monarca é Pirro: e as fronte coroadas...

HERMIONE

Sentença assaz não lhe é, que o queira eu morto?  
Sentença, que anuviou a minha glória.  
Consagrada, a mim só, requeiro-o vítima.  
Seja opresso o Tirano, Hermione é o prémio.  
Que ódio lhe eu tenho! Eu que amei tanto a Pirro!  
Soube muito agradar-me; não to encubro,  
Ou que esse amor meu Pai mo haja ordenado;  
Ou que... Que importa? Avisa te em tal lance.  
Mau grado a meus desejos mal cumpridos,  
E o justo horror que um crime tal me entranha,  
Teme, que enquanto vive, lhe eu perdoe.  
Minha ira é incerta em quanto ele não morre:  
Se inda vive amanhã; bem posso amá-lo.

ORESTES

Morra pois, e ao perdão se ponha estorvo.  
Mas cumpre... Como tenho eu de servir-te,  
E de empregar do teu rancor os golpes?

---

(1) A cortada cabeça de Pirro.

Mal piso o Epiro, e hei já destruir um Reino?  
Que um Rei mate?... No prazo curto o mate  
Dum só dia? Duma hora? Dum momento?  
Dar-lhe ante o povo todo corte à vida?  
Deixa, que eu ante as aras leve a vítima;  
Concordo em tudo já; que eu veja o sítio:  
E te sirvo esta noite, e o sacrificio.

HERMIONE

Mas ele, antes da noite esposa Andrómaca.  
Já no Templo seu trono está erguido.  
Põe cunho à minha ofensa, cunho ao crime.  
Que aguardas? Dá-te <sup>(1)</sup> o peito desarmado;  
Sem guardas se apresenta ao desposório;  
Que ao lado as mandou pôr de Héctor ao Filho.  
Eis se dá franco às mãos que hão-de vingar-me.  
Queres, mau grado seu, poupar-lhe <sup>(2)</sup> a vida?  
Teus Gregos arma, e quantos me hão seguido;  
Arma os amigos teus, os meus stão prestes;  
É-me falso; e te engana, e nos despreza.  
Eles? <sup>(3)</sup> me igualam no ódio que é eu tenho. <sup>(4)</sup>  
Com custo poupam de Troiana o Esposo.  
Não vos pode escapar o ingrato odioso.  
Sobra que os deixes tu vibrar o golpe:  
Tão formoso furor <sup>(5)</sup> conduze-o, ou segue-o.  
Do sangue do infiel venhas manchado,  
E este meu coração tens por seguro.

-----  
(1) Pirro.

(2) Muito há que em português se disse: — Quem seu inimigo poupa às mãos  
lhe morre.

(3) Os Gregos, os que vieram com Hermione, etc.

(4) A Pirro.

(5) Dos apaixonados por Hermione.

ORESTES

Mas...

HERMIONE

A tardança é afronta à minha cólera!  
Dou-te azo a me agradar, e te contentes;  
Mas, mais que merecer, amas queixar-te.  
Vai gabar teus extremos de constante,  
Enquanto eu de vingar-me o empenho tomo.  
Briosa me envergonho de quão boa  
Te fui, quando ao que mando acolhes dúvidas.  
Lá ao Templo vou, onde o Him'neu se apresta,  
E onde tu não te afoutas conquistar-me;  
E o peito, que mover não pude, encravo;  
Logo a sanguenta dextra, a mim voltando,  
(Seu mau grado) nos unirá na morte.  
Bem que ingrato! ser-me-ia de mor agrado,  
Que contigo viver, morrer com Pirro.

ORESTES

Desse prazer funesto hei-de privar-te.  
Pirro tem de morrer às mãos de Orestes.  
Orestes há-de imolar teus inimigos;  
Premiarás meu serviço, como o queiras.

HERMIONE

Vai; que a mim tomo guiar a tua sorte;  
Tuas Naus, para a fuga, prontas sejam.

CENA IV.<sup>a</sup>

HERMIONE, CLEONE

CLEONE

Corres perda, <sup>(1)</sup> Hermione; oh cuida ao menos...

HERMIONE

Perder-me, ou não... Vingar-me é o grande intento.  
Mau grado ao que promete; <sup>(2)</sup> não stou firme.  
E não fora melhor vingar-me eu mesma?  
Pirro, aos seus, não é réu, quanto a meus olhos,  
Mais seguros, que os seus, foram meus golpes.  
Que gosto! vingar-me eu, no infiel, da afronta!  
E o braço retirar fumando em sangue!  
Porque o prazer me avulte e nele a mágoa,  
Morra, e a rival não veja; que eu lha oculte.  
Se Orestes castigando o crime, ao menos  
Lhe dissesse, que é a mim votada vítima?...  
Vai: dize a Orestes, que assegure o ingrato,  
Que ao Estado, não, mas que ao meu ódio o imola.  
Corre: que o timbre perco da vingança,  
Se ele morre, e não sabe que eu o mato.

CLEONE

Obedeço... Mas, Céus! Que vêem meus olhos?  
Quem tal crera? E El-Rei.

---

(1) Dizemos — correr naufrágio — correr fortuna má ou boa.  
(2) Orestes.

HERMIONE

Vai, corre a Orestes;  
Que nada emprenda, sem que a Hermione veja.

CENA V.<sup>a</sup>

PIRRO, HERMIONE, FÉNIX

PIRRO

Não me esperavas. Sinto que turbar-te  
Venho as falas. Não me arma indigna astúcia,  
Com equidades paliando o injusto.  
Sobra que o coração, manso <sup>(1)</sup> me exprobre;  
E eu sustivera mal o que não creio.  
Desposo uma Troiana, e bem confesso,  
Que a Fé que hoje lhe sagro, a ti foi dada:  
Disseram-te outros, que nos Tróicos plainos,  
Laços tais, nossos Pais, sem nós, formaram,  
Sem tua escolha, ou minha consultarem;  
Sem amor, empenhados ambos fomos.  
Eu, por mim, sujeitei-me, e meus Ministros,  
De meu peito a afeição te prometeram.  
Tanto a não revoquei, que a dei por firme.  
Co' eles vieste a Epiro; e bem que houvesse  
Doutros olhos o triunfante lustre,  
Antecipada aos teus, tomado a praça.  
Não me obstou, que em te eu ser fiel porfiasse,  
A nova chama que no peito ardia.  
Rainha te acolhi, crendo até hoje,  
Me servissem de amor meus juramentos.  
Mas vence o novo ardor; me arranca Andrómaca

---

(1) De *manso*, às *caladas*.

Do peito um coração, que ela detesta.  
Arrastando um a outro, à ara corremos  
Jurar, a pesar nosso, amor eterno.  
Contra um traidor te desafoga, Hermione:  
Bem me pesa de o ser, mas sê-lo abraço.  
Tua ira é justa; e eu tanto a não constranjo,  
Que a mim, quanto ela a ti, me presta alívio,  
Quantos dão-se aos perjuros, nomes, dá-mos.  
Mais teu silêncio, que as injúrias temo.  
Mil remorsos que na alma se me assanham,  
Quanto menos me culpas, mais me acusam.

HERMIONE

Nesse falar desenganado, folgo, oh Pirro,  
Ver ao menos, que a ti justiça hás feito;  
Que querendo romper no tão solene,  
Réu me vens confessar o teu delito.  
Cabe ao conquistador tanto humilhar-se,  
Que a lei servil do prometido cumpra? <sup>(1)</sup>  
Há na perfídia engodo, que assaz tente,  
E por dela gabar-te, é que me buscas.  
Não te atalha o dever? não o juramento?  
Troiana amar, e ir procurar a Grega?  
Deixar-me, e me tomar; e tornar inda  
Da Filha de Helena, à de Héctor Esposa?  
Ora c'roar a Escrava, ora a Princesa?  
Tróia à Grécia imolar, a Astíanax Grécia?  
Tudo de si senhor denota um peito;  
E não ser de sua fé Heróis escravos.  
Talvez, por que, à tua esposa, mais contentes,  
Te dás o meigo nome de perjuro.  
Vinhas-me o rosto ver como era pálido,  
E ir rir da minha dor nos braços dela?

---

(1) Com ironia.

Queres ver-me a chorar, junto ao seu Carro. <sup>(1)</sup>  
Fora, num dia amontoar os júbilos.  
Oh não procures títulos de empréstimo;  
Assaz de casa os tens. Do velho Príamo  
Abatido o valor aos pés da sua  
Família, que entre arrancos, vê morrendo;  
Em quanto o braço teu no sangue ensopas  
Que os anos hão gelado, rios correm  
De mais sangue, por Tróia que arde em chamas.  
Tu mesmo hás Polixena degolado,  
Ante a hoste Grega de tal feito irada.  
Quem facções tão bizarras te denega?

PIRRO

Muito sei, quanto de Helena a vingança  
Fez subir o rancor; deu ala ao esforço:  
Posso queixar-me a ti, do que hei sparzido  
Sangue: mas olvidemos o passado,  
Graça aos Céus! que me dás, indiferente  
Candidez aos suspiros meus ditosos.  
E minha alma assaz pronta a constranger-se  
Mais conhecer-te houvera, e conhecer-se.  
Mortal injúria te eram meus remorsos;  
Para crer-me infiel convém que me amem.  
E eu, que temi trair-te em te servindo!  
A ti, que em teus grilhões não querias ter-me!  
Nossos peitos, para um depender doutro,  
Não nasceram; tu o teu, meu dever cumpro.  
Nada a me amar teu coração forçava.

HERMIONE

Cruel! E eu não te amei? Que hei téqui feito?  
Por ti o affecto enjeito dos Reis todos

---

(1) Carro do seu triunfo.

Da Grécia. E ao Reino teu venho buscar-te.  
Buscar um desleal! no Reino fico,  
Mau grado aos Gregos, que de mim tão boa <sup>(1)</sup>  
Se envergonham: e a quem mandei que encubra;  
Na esperança que a mim, perjuro, tornes,  
E a teu dever volvendo cedo ou tarde,  
Um coração, que é meu, me restituas.  
Se infiel te amei, fiel, quanto eu te amara?  
Inda agora, que a morte me anunciam  
Teus lábios tão cruéis, com tal sossego,  
Se inda te amo não sei. Não o sei, ingrato.  
Se irado o Céu dispôs que te conquistem  
Outros olhos, conclui esse himeneu,  
Consinto; mas a vê-lo oh não me obrigues.  
Talvez te eu falo pela vez extrema.  
Franco amanhã o Hímen, não o seja hoje.  
Não respondes?... Ah pérfido! Bem Vejo,  
Que as horas contas, que comigo perdes.  
Anseias na alma ir ver essa Troiana,  
E penas, que eu com falas te demole.  
Teu coração lhe fala, olhos a buscam.  
Despede-te de mim, não te detenho.  
Vai-lhe jurar a Fé, que me hás jurado;  
Dos Numes profanar a majestade:  
Dos justos Numes, que se não deslembram  
Dos nós sagrados, com que a mim te debes.  
Essa alma, que me enjeita, leva-a às aras,  
Vai, corre... E se no Templo a Hermione encontras?...

---

(1) Afeiçoada a Pirro.

CENA VI.<sup>a</sup>

PIRRO, FÉNIX

FÉNIX

Ouviste? Oh não transcures uma Amante  
Furiosa, que em vingar-se leva o fito!  
Que no Epiro tem tanto, em que se esteie.  
O dos Gregos queixume ao seu <sup>(1)</sup> se prende:  
Inda a ama Orestes; se a tal preço Hermione....

PIRRO

Andrómaca me espera. O Filho guarda-lhe.

---

(1) De Hermione.

ACTO V.<sup>o</sup>

CENA I.<sup>a</sup>

HERMIONE

Onde estou? Que fiz eu? Que farei ainda?  
Qual me morde pesar, ardor me enleva?  
Sem tino, errante corro este Palácio;  
E se eu amo não sei, se eu aborreço  
Com que olhar, oh cruel, me hás despedido?  
Sem dó, sem mágoa ao menos estudada?  
Turbou-se ele um instante? lastimou-me?  
Nem lhe pude arrancar um só gemido.  
Mudo aos suspiros meus, quedo a meus sustos,  
Nem parte só tomou em minhas lágrimas.  
E ainda o choro? e por cúmulo de enojo,  
Meu frouxo coração nele interessa!  
Só de pensar no golpe ameaçado,  
No golpe que me vinga... Lhe perdoo.  
Não se atalhe o que dita a minha cólera;  
Se para mim não vive, — é justo morra.  
Triunfa, e ri de meu rancor o pérfido;  
E que esta tempestade pare em pranto,  
Que eu sempre de alma incerta, de alma fraca  
Co' a esquerda romperei da dextra o golpe.  
Por boa, qual lhe fui ainda me julga;  
Oh não! Noutros conceitos lida agora.  
Triunfa junto da ara, e não pergunta

Se a vida, ou se eu a morte lhe desejo,  
Neste me deixa o ingrato, ansiado enleio,  
Me deixa?... Oh não. Orestes a orde' execute.  
Pois que o não anteviu, morra, e me vingue.  
Ele é quem me impeliu a dar essa ordem...  
E eu dei-a? e vem-lhe a morte, de Hermione?  
Pirro, de quem minha alma com tal júbilo  
Folgava ouvir contar altas façanhas?  
A quem me eu tinha, a ocultas, destinado  
Antes que o Hímen fatal convindo fosse?  
Sulquei mares, transpus Estados tantos,  
Vir de tão longe a morte aparelhar-lhe?  
Antes que ele pereça...

CENA II.<sup>a</sup>

HERMIONE, CLEONE

HERMIONE

Oh Céus, que hei feito?  
Que me vens tu dizer? E que faz Pirro?

CLEONE

Pirro, no auge se vê de seus desejos.  
Mortal o mais afano, o mais amante  
Leva, eu o vi, nova a conquista ao Templo,  
Onde, para o Him'neu tudo se apresta.  
Nos olhos lhe transluz esperança e júbilo,  
Embelezado no prazer de vê-la:  
Ela, entre ledos vivas mil, mostrava  
Até a ara levar na ideia, Tróia.  
Não pode amar, aborrecer não pode;  
Obedece, sem gosto, e sem murmúrio.

HERMIONE

Leva até o fim o seu ultraje o ingrato?  
Hás-lhe ta bem scrutado ares do rosto?  
Verte nele prazer perfeito, e manso?  
Nunca a vista voltou para estes Paços?  
Quando tu pareceste, e te ele há visto,  
Não corou esse ingrato, conhecendo-te?  
Nem lhe veio de infiel, à face, a culpa?  
Susteve até ao fim a altivez sua?

CLEONE

Nada vê. Da memória, houveras crido,  
Seu salvamento, e glória se lhe foram.  
Todo em projecto amante põe de parte,  
Se inimigo, ou vassalo é quem o segue.  
Crê, que ao só Astíanax ameaça o p'rito:  
Pôr-lhe a Guarda, que a si melhor coubera,  
Pôr Cabo dela a Fénix, que num forte  
O tem longe do Templo, e do Palácio.  
Nesses disvelos sós todo se enleva.

HERMIONE

Morre, pérfido. Orestes que te há dito?

CLEONE

No Templo, de rondão, entrou c'os Gregos.

HERMIONE

Pronto o crês tu a me vingar?

CLEONE

Ignoro-o.

HERMIONE

Mais esse horror! Trair-me Orestes!

CLEONE

Ele

Adora-te; mas mil remorsos pungem-lhe  
A alma, que cede a amor, cede à virtude.  
Da c'roa a majestade acata em Pirro;  
Em Pirro acata o Pai, té a Pirro acata,  
Teme os Gregos, e o Mundo irado teme.  
E mais que a todos, teme-se a si mesmo.  
Trazer-te ama a cabeça do vencido,  
Mas de homicida o nome o espanta, o tolhe.  
Entrou sim, sem que na alma fixo tenha  
Se espectador, se réu sairá do Templo.

HERMIONE

Vê-los-á triunfar, sem pôr-lhe obstáculo,  
De lhes turbar tal cena, receoso.  
Sei quais remorsos o ânimo lhe pungem;  
Teme o cobarde a morte, e é o que só teme.  
Sem rogos despender, minha Mãe pode  
Armar em seu favor a Grécia inteira,  
Ver, por ela, em dez anos de combates,  
Perecer tantos Reis, que a viram nunca;  
E eu que só quero a morte dum perjuro,  
E encargo o amante, que me a injúria vingue;  
Que, a preço tal, sem custo me conquiste,  
Toda a ele me dou; — não sou vingada!  
Vamos. Quero-me a mim fazer justiça;  
Da minha dor reboe o Templo aos brados;  
Turbe-se o Hímen fatal; unidos sejam;  
Mas um momento só. Não faço escolha:  
Pirro, Orestes... Se morro, ... vou vingada.  
Não morro só; alguém há-de ir comigo.

CENA III.<sup>a</sup>

ORESTES, HERMIONE, CLEONE

ORESTES

Hermione, a teu contento estás servida;  
Pirro ante a ara a infiel vida exala.

HERMIONE

É morto?...

ORESTES

E no seu sangue traições <sup>(1)</sup> tantas  
Lavam todos os Gregos indignados.  
Bem que de tal facção funesta imagem  
Ma pintasse o valor, dei-te a promessa...  
Corro ao Templo; já os Gregos desparzidos  
Se eram, na turba, ante a ara coleado.  
De face não mudou, com ver-me Pirro;  
Mais creio que avultou na audácia, ao ver-me.  
Que o splendor do Him'neu, a afronta à Grécia  
No seu Embaixador, dar-lhe-ia realces:  
Trava no enlevo seu da c'roa, e assenta-a  
Jubiloso, de Andrómaca na frente:  
«A minha fé te dou, <sup>(2)</sup> dou-te o diadema;  
Reinar Andrómaca, em mim, no Epiro reina.  
Amizade de Pai voto a teu Filho;  
Aos Deuses juro, e a ti o juro, Andrómaca.  
Por inimigos tenho, os que lhe vierem;  
E dos Troianos Rei, daqui o aclamo.»

---

(1) Feitas ao amor de Hermione.

(2) Dizia Pirro.

Anuiu ao dito o Povo: mas os Gregos  
Com raiva e grito ao desleal se apinham,  
Nem pude, para o golpe achar aberta;  
Que foi pleito, a quem mais cravasse o ferro.  
Já, todo em sangue, quis furtar-se aos golpes,  
Mas deu tombo, sem mais poder, ante a ara.  
No espanto do que vira, rompo a turba,  
Para a minha Princesa vir roubá-la,  
Ir ao porto; onde já nossos amigos  
Tintos viram do prometido <sup>(1)</sup> sangue.

HERMIONE

Que hão feito?

ORESTES

O insofrimento lhes perdoa.  
Vejo bem que a vingança te hão traído.  
Quiseras, que encetasse eu nele os golpes;  
E que às tuas mãos morria compreendesse.  
De mim tomou o seu ardor exemplo,  
De mim, que os trouxe, em teu favor, ao Templo.  
Lisonja-te que é tua a morte dada;  
E que o teu braço a deu, com braços Gregos;  
Que esses golpes teus são...

HERMIONE

Cala-te, oh pérfido;  
Do infando parricídio a ti só culpa.  
Vai-te aos Gregos; que o teu furor admirem;  
Dás-me horror: desconfesso tal façanha.  
Que hás feito? e com que fúria à vida (oh bárbaro!)

---

(1) Sangue, que a Hermione prometera Orestes, seria derramado.

Mais bela, o nobre fio assim rompeste!  
Sacrificá-lo (cruéis!) pudestes hoje,  
Sem que se alvorotasse em vós o sangue!  
Mas quem nele te deu de vida arbítrio?  
Mataste-o? E que te há feito? E com que título,  
Quem to disse?...

ORESTES

E não foste, oh tu, Hermione,  
Quem mesma a sua morte me ordenaste?

HERMIONE

Quem jamais creu delírios duma amante?  
Leras antes meu íntimo conceito;  
A cada instante em meus assomos viras,  
Que o coração bem desmentia a boca.  
Quando eu inda o quisera... Ires cumprir-lo,  
Cem vezes cem mo ouvir?... Sem me vir antes  
Consultar, se o farás? repetir inda?  
Ou, por melhor cumprir... Fugir de ver-me?  
Deixar ao meu cuidado essa vingança:  
Quem, onde fogem de te ver, cá trouxe?  
Eis do amor teu o abominável fruto!  
Desastres, (sombra tua) <sup>(1)</sup> me hás trazido.  
A ambos fatal essa Embaixada, à minha  
Rival fez (por mal seu) a amor dar força.  
Talvez bandeando entre ambas seus disvelos,  
Inda me amasse; inda o fingisse, ao menos.  
Partir podes. Porque eu no Epiro fico,  
À Grécia digo adeus, a Sparta, ao Reino,  
À família. Traidor, assaz me pena  
Que um monstro qual tu és ela há gerado.

-----  
(1) Desastres, que como sombra sua o acompanhavam.

CENA IV.<sup>a</sup>

ORESTES

Que vejo? que escutei? Não é Hermione,  
Por quem, o que eu verti, sangue inda mana.  
E, a crê-la, eu sou traidor, sou homicida.  
Foi Pirro quem morreu? sou inda Orestes  
Mato na alma a Razão, que me esclarece,  
Tiro a vida a um Rei, que assaz respeito,  
Quebranto ardido os foros dos Monarcas,  
Foros de Embaixadores, foros do Homem,  
Foros sacros do altar, que pus em sítio;  
Já sacrílego sou, já parricida...  
Por quem? Por uma ingrata, a quem prometo  
Que mais me não verá, se Pirro vive.  
Colho em mim seu furor; e quando a sirvo,  
Quando me ela requer seu sangue e vida,  
O ama ela, e eu lhe sou furioso monstro,  
E para sempre foge de mais ver-me!  
Fugiu a ingrata; e me deixou por prémio  
Quantos, colhi por ela, odiosos nomes.

CENA V.<sup>a</sup>

ORESTES, PÍLADES, SOLDADOS DE ORESTES

PÍLADES

Convém partir; sairmos deste Paço;  
Ou resolver-se a nunca sair dele.  
Tem-nos a porta algum instante os Gregos;  
Armado o Povo todo nos persegue;  
Observa tudo aqui ordens de Andrómaca,  
Rainha a chamam, chamam-nos imigos.

Rebelde outrora a Pirro, hoje essa Andrómacha  
Cumpre todo o dever de leal viúva.  
Que o vinguem manda; e em nos vingar intenta  
O seu primeiro Esposo, e a Tróia sua.  
Não speremos que aqui cercar-nos venham.  
Nossos Gregos virão; e enquanto Hermione  
Inda em roda de si o Povo apinha  
Ei-la a estrada, saiamos em seguro.

ORESTES

Seguir pretendo só a Hermione, amigos,  
Nem mais viver; que ouvi-lhe o extremo aresto.  
Vai-te: que o crime eu fiz, e expiá-lo eu, cumpre.

PÍLADES

Hermione? Oh trata de esquecê-la. Sempre  
Lhe foste assunto, e braço de seus ódios.  
Buscas inda entre mortos novo ultraje?  
E, porque ela morreu, a morte buscas?

ORESTES

Morreu? Deuses! que escuto?

PÍLADES

Ainda o ignoras?  
Tornando aqui, co' ela, que inquieta corre  
Desatentada ao Templo, deparámos;  
Lá deu com Pirro que os soldados levam  
Todo em sangue, e que a vingar-lhe a morte  
Os punge: ao vê-lo, lhe arde o rancor na alma;  
Da porta a vimos, c'um punhal na dextra,  
A Pirro debruçar-se, ao Céu os olhos  
Erguer, ferir-se o peito, e cair morta.

ORESTES

Graça aos Céus, vence o Mal minha esperança.  
De assim perseverar <sup>(1)</sup> vos louvo, oh Numes.  
Ferrenhos, no disvelo de punir-me,  
Ao cúmulo da dor me haveis chegado:  
Folgou vosso ódio de acurvar um mísero,  
Da ira vossa em mim dar cabal exemplo  
Transumpto pôr completo da desgraça;  
Contente morro e c'ó meu Fado cumpro.  
No sangue deles, <sup>(2)</sup> no meu sangue hei gosto  
De no auge afogar-me de meu júbilo:  
Como um, como outro morre avistar quero,  
É unir três corações sempre discordes.  
Mas qual me embrusca o dia, espessa treva?  
Por que lado hei sair? Como estremeço?  
Que horror me prende? Graça aos Céus lá avisto...  
Que sangue em rios junto a mim resvala?

PÍLADES

Orestes...

ORESTES

Ainda aqui te encontro, oh Pirro?  
Sempre o odiado rival tenho eu de vê-lo!  
Como salvado te hás, talhado a golpes?  
Leva este, que eu a ti guardava... Oh vista!...  
E abraça ante olhos meus Hermione a Pirro?  
E vem pairar o golpe, que eu lhe ameaço?  
Que hórrido olhar me lança Hermione, oh Numes!  
Quais serpentes, quais Fúrias traz de rojo!  
Eis-me oh Filhas de inferno. Há mãos já prestes!

-----  
(1) Em perseguir-me com desgraças.

(2) Dos dous amantes, Hermione e Pirro.

E a quem essas, que em frente, serpes silvam?  
E a quem todo esse, aparelhais, alarde?  
É para arremessar-me à noite eterna?  
Vinde, que ao furor vosso dou-me, e entrego-me.  
Retirai-vos, deixai que exerça a ingrata, <sup>(1)</sup>  
Em me despedaçar, as suas iras.  
Levo-lhe o coração; que ela o devore.

PÍLADES

Perde o sentido. O tempo é urgente, Amigos,  
Lucremos do delírio o prazo breve:  
Frouxos foram esforços de acudir-lhe,  
Se c'os sentidos volta a usadas fúrias. <sup>(2)</sup>

---

(1) Hermione.

(2) O ponto principal para que olham numa tradução os Eruditos é a fidelidade dela; os homens disertos, olham para o matiz bem correspondente das belezas da cópia às belezas do Original. Após estas duas Classes, é que vem o brando dos que requerem clareza (como *v.g.* a da Folhinha). Querer sempre comprazer com estes últimos, sacrificando tudo à sua acanhada inteligência, é expor-se a desabrir as duas primeiras Classes em as quais deve sempre o tradutor levar cravada a vista. Querer contentar a todos numa obra de estilo apurado, como esta, dou-o por impossível: e se alguém se sente com bofes de lançar até lá a barra do ingenho, louve a Deus, que tão favorecido seu o desceu cá ao mundo, entre os pobres de espírito como eu, e alguns mais que eu bem conheço.

---

---

A FILINTO ELÍSIO

ODE

---

At lacrymas finge videre meas.

OVID. *Ep.* 5<sup>a</sup>.

---

NÃO mais cantar-te pode, meu Filinto.  
Débil a minha Musa:  
Lasso de em vão sofrer acerbos males,  
Da horrível Parca vejo  
Não longe cintilar o golpe extremo.  
Entre as negras ideias,  
Que perene aflição me geram n'alma,  
Só de eu jovem deixar-te,  
A dor me arranca férvidos suspiros.  
Morrer! E morrer todo! <sup>(1)</sup>  
Sem útil nunca haver servido a Pátria!  
Sem das altas Ciências  
Alegre decorrer o Templo augusto!...  
Só tu, cândido amigo,  
Do furioso Tempo, e Morte insana  
Impávido triunfas.  
Os ervados farpões da vil Calúnia  
Teu peito em vão feriram...  
Hoje, talvez, nas tétricas masmorras  
Desesperados gemem,  
Esses tiranos; que ao fatal desterro

---

(1) Non totus moriar. — HORAT.

Impios te remeteram...  
Dos remorsos talvez a fúria sentem...  
Mas recordar-te é justo  
Os passados tormentos, as desgraças  
Que Virtuoso te aclamam?  
Que eternos vivas no Orbe te asseguram?...  
Por toda a parte a Fama,  
Em despeito da inveja te apregoa:  
«*Horácio Lusitano,*  
Que ao raro Ingenho as asas desferindo,  
Cheio do Deus Apolo,  
Da sacra inspiração no fogo ardendo,  
Aos grandes Albuquerquees,  
Ilustres Castros, célebres Pachecos,  
Eternos dás Encómios.  
Píndaro assim outrora decantava,  
Empresas portentosas...»  
Mas qual súbita Luz me enoita os Olhos? <sup>(1)</sup>  
Que esplendor me deslumbra?  
No albergue meu que Deusa me aparece!...  
Oh Céus! E quão magnífica!  
Quanto é seu traje nobre, e majestoso!  
«Esqueces (diz-me) acaso  
Do teu Herói a mais excelsa prenda  
Mérito o mais sublime?  
A Religião Cristã, cujo triunfo  
Cantou em áurea Lira,  
Com altíloqua voz que um Céu nos abre?  
No rutilante Empíreo  
Tem de lhe ornar a frente o sacro Louro  
Devido à gran Virtude.»

Por B. L. VIANA, FILINTO INSULANO.

---

(1) Sunt que illi tenebræ ob tantum lumen obortæ. — OVID.

---

---

ODE

AO SENHOR JOÃO NEPOMUCENO BERTRAND

---

..... Me tabula sacer  
Votiva paries indicat.

HORAT. *Lib. 1. Od. 5.*

---

SER-ME-Á feliz este ano outenta e cinco,  
Que, de hoje, <sup>(1)</sup> avança? ou tem de vir cortar-me  
A Morte, co'a luzente fouce, a trama  
Da desbotada <sup>(2)</sup> vida?

Não verei inda a cara Pátria? os Lusos?  
Lusos, Pátria, que inda amo; eu mais que a vida?  
Do infame Tribunal inda a caverna  
As prezas me <sup>(3)</sup> arreganha.

Inda o Deus, que rasgou o véu de treva,  
Com que a Astúcia vendava, e o Zelo impio,  
Vendava alta Ignorância aos Reis os olhos,  
Não quis rasgá-lo ao \*\*\*

Quando Prússia, quando Áustria, e os Reis do Pólo  
Dão Leis, que ditou branda a Sapiência;  
Gemeis Hispanos, Lusos, sob o açoute  
Da arteira Hipocrisia!

---

(1) De hoje em diante, a volver para mim começa.

(2) Com anos de desterro e perda de bens.

(3) Os dentes com que faz preza.

Adeus, Desejos vãos de ir ver a Pátria.  
Fica-te, oh Monstro, oh tragador Busíris: <sup>(1)</sup>  
Calca aos pés, despedaça ânimos frouxos,  
Que o colo te não cortam.

Eu me vou <sup>(2)</sup> aos Elísios, satisfeito;  
Que tábua pendurei, salvo, e seguro  
Das naufragosas, enraivadas ondas,  
Que acapelar-me vinham

---

---

SONETO <sup>(\*)</sup>

LI teus versos, Alcipe, e quando os lia,  
Bem cri, que com Horácio conversava.  
Tanto eu, co' alto pensar me arrebatava,  
Tanto o teu estilo ao seu, quadrado lhe ia.

A Musa Tagitana se revia  
No enleio que a leitura me causava;  
Quanto eu perplexo, tanto ela folgava  
De ver quanto com Roma competia.

Nisto, vem Flaco; e o seu laurel viçoso  
Me dá. Que orne com ele a Alcipe ordena;  
A Alcipe, que o seu esp'rito ressuscita.

«Comigo ocupe (diz) o assento honroso:  
Vejam-m'á ao lado essa ínclita Camena;  
Prémio que eu dou a quem tão bem me imita.»

---

(1) A Inquisição.

(2) Na avançada idade em que me vejo, não tardarei a pôr-me a caminho para esses sítios.

(\*) Este soneto acompanhava uma Ode da Ex.<sup>ma</sup> D. Leonor de Almeida; e bem lhe cabe, visto o grande mérito dos versos que empreendeu louvar, dizer com Horácio:  
*Musa vetat tuas laudes culpa deterere ingeni.*



## ODE

### A DAFNE (\*)

---

Quem referent Musæ, vivet.

TIBULL. *Lib. I. Eleg. IV.*

---

**E**U sou feliz: que mereci a Dafne  
Doces versos, por sua mão escritos,  
Nobre mão, que ora meiga, e que ora esquivava  
Dar, e não dar queria.

Feliz mil vezes quem, pelos ouvidos  
Bebe, oh Dafne, teus versos sonorosos,  
Feliz quem bebe a meiga melodia  
De teu suave Canto!

Os Amores, em bandos, pelos ares,  
Andam colhendo as notas desparzidas.  
E nas asas soberbas vão levá-las  
Ao regaço de Vénus:

Como quando lá junto de Ilion alta,  
Já lhe levavam do insofrido Anquises  
Desejos, e saudades exaladas  
Pelas margens do Simois.

---

(\*) A Ex.ma Senhora D. Maria de Almeida, condessa da Ribeira.

Eu cantarei tão grato o dom precioso  
De teus versos, que a ouvir-me as Musas desçam;  
E o louro Apolo deles namorado  
Me afinará a Lira.

Verei ligeiros Génios, à porfia  
Brigando sobre quem seja o ditoso,  
Que eu encarregue de of'recer meus Hinos  
Ante os vossos altares.

Assim jurou Petrarca à sua Laura  
(E foi fiel ao juramento santo)  
Celebrá-la em seus versos amorosos  
Até o instante extremo.

---

---

## SONETO

Com consoantes forçados, ao R.<sup>do</sup> Fr. Tarar de Gasparede

O Profeta Proteu em fresca lapa  
Cozia <sup>(1)</sup> o auri-dulce humor de Cepa:  
Eis que um sonho esquipático lhe trepa  
À mente, de ser Bispo, e de ser Papa.  
Já folga bambolear bordada Capa,  
Empinar mitra, que os ínvideos decepa,  
E que aos Lázaros cobre de carepa,  
Mordendo as mãos e os braços de sob-capa.  
Como Odre himpando, e a pança como pipa,  
Farto de boa vaca e boa sopa,  
Vê-lo-eis, que c'ó traseiro vos apupa.  
Ouvís-lhe os roncós da folgada tripa?  
Que arrasar jura, quanto por hi topa?  
Salvai-vos no telhado — Arriba. — Upa. <sup>(2)</sup>

-----  
(1) *Dulcis musti vulcano decoquit humorem.* — VIRGIL. *Georg. I, v. 96.*

(2) Este soneto é mau (dirão os críticos) e eu digo: este soneto é péssimo.

### CRÍTICOS

Porque o deste à luz?

### FILINTO

Porque não tinta outro melhor que dar.  
Ah! como vem a pêlo uma cantiga, que minha Mãe cantava:

Árvore, que das pilritos,  
Porque não dás cousa boa?  
Cada qual lá o que tem  
Conforme sua pessoa.

---

---

ODE

A ALCIPE

---

..... invidiaque major  
Urbes relinquam. ....

HORAT. *Lib. 2. Od.*

---

ALCIPE não me ver? Ao seu Filinto <sup>(1)</sup>  
Depois de longa ausência a vista breve  
Negou (avara <sup>(2)</sup>) do Divino gesto.  
Vós o crereis, vindouros?

Filinto, a quem ornou có'a sacra rama  
Do tronco da puríssima Amizade,  
Suaves falas não travou ditoso  
Co'a des-saudosa Alcipe.

Aquela, a quem chamaste — *Alma de fogo* —  
Que os trabalhos têm quasi amortecida,  
À terna luz de teus formosos olhos  
Revivera alentada:

-----

(1) A Ex.<sup>ma</sup> D. Leonor de Almeida foi quem em Chelas deu ao poeta o nome de Filinto, e por tal o nomeou sempre em todos os versos que lhe escreveu.

(2) Com paixão fala aqui o Autor; porquanto folheando entre os seus papéis, deparei com duas Cartas de Alcipe, uma em Francês, e outra em Português; em ambas demonstrava grão desejo de lhe falar. Sei eu *d'alias* que o Embaixador de Portugal que então residia em Paris, de nímio acutelado aconselhou a Filinto que não falasse a Alcipe, porque tinha razões mui sisudas para lho assim encomendar. — *Nota do Editor.*

E atropelando co'as afoutas asas  
Os baixos ares do pesado vulgo,  
Vingando a cima do bifrente Pindo  
Tomara o Canto usado.

Lá, das pungentes penas esquecido  
Cantara Alcipe, aos sons do casto Coro;  
E Alcipe enternecida se lembrara  
De Chelas saudosa.



## ODE

### AO SENHOR ANTÓNIO MATHEVON DE CURNIEU, MEU ÍNTIMO AMIGO

---

..... trecentæ  
Pirithoum cohibent catenæ,

HORAT. *Lib. 3. Od. 4.*

---

NA triste Casa o enojo me consume;  
Co'a mão molhada o desabrido Inverno  
Me aperta o coração: e o umbral me rondam  
As fiandeiras Parcas.

Com descorado véu me assombra o rosto;  
A squálida <sup>(1)</sup> Tristeza; pelos membros  
Me côa um sangue negro, perguiçoso,  
Que me decepa os braços.

---

(1) *Squalida vel pulla veste* se trajavam os anojados.

De aflito eu bem quisera ir saudar-te;  
Para que me espancasses estas mágoas,  
C'os teus *latins*, co'as tuas francesias,  
Engraçado pedante.

Como os enojos me hás cerceado lépido  
Do torto arrieiro, dos ronceiros machos,  
(Dos dous brutos que a nada se moviam) <sup>(1)</sup>  
Quando deixamos Sintra.

Mas a Chuva, aguazil mal encarado,  
Para dentro de casa me rechaça:  
Qual empece a Piritoo, o Cão triforme  
De sair com Teseu.

---

(1) Imitação dum verso de Camões.

---

---

ODE,

AOS ANOS DA SENHORA D. F J. DE MELLO

---

Hic dies anno redeunte festus.

HORAT. *Lib. 3. Od. 8.*

---

FAUSTO, oh Aónias, fausto dia, oh Febo!  
Ao Poeta acudi, que haveis prendado  
Co'a branda Lira, nos sagrados bosques  
Do laurífero Pindo.

Oh recordai o próspero presságio  
Com que a Lira fadastes. Veros Hinos  
A Heróis, a Amigos, a formosas Damas  
Te há-de toar benigna.

Mas nunca hão responder ao plectro as cordas  
Quando as vibre a Lisonja, para encómio  
Do Vício entronizado, ou mal havida  
Orgulhosa Opulência.

Verás como lhe estalam com ruído  
Aos malqueridos toques, e te arguem  
Que aos seus divinos tons só tem jus sacro  
As Prendas, as Virtudes.

Vem, Dia fausto, venha Apolo, e as Musas.  
Hoje Anfrisa nasceu: hoje a alma Vénus  
Quis em Anfrisa dar-nos o traslado  
De seu Cíprio semblante.

Nunca eu, Febo, com rogos tanto da alma  
Por Nise, Anarda, ou Cloé instei-te influxo,  
Quando intrépido Vate, em seus louvores  
Quis modular o Canto.

Exulta oh Universo! os Céus meus votos  
Hão rompido, e do alto Jove não são aceites.  
Olhai como Polímnia a mim risonha  
Me inspira os sons dos Fados.

Quando Anfrisa nasceu, nas brônzeas folhas,  
Que as sortes guardam das vindouras Eras,  
Com buril de diamante estes prenúncios  
Insculpiu o Destino:

«As Aspásias, as Helenas, dotadas  
De prendas, de celeste formosura,  
Por Vates decantadas, tu no Letes  
Afundarás, Anfrisa,

Tem de abraçar a Lusa Mocidade  
Esse brilho, a que o mármore Páριο cede,  
Esse rosto em que as isenções resvalam;  
Esse donaire, e garbo.

Vénus, e Amor, a Elísia arremessando-se,  
Tomarão no teu peito altivo sólio,  
Para ali te abaixar agrilhoados,  
Em bando, os Amadores.»

---

---

MÁRCIO CORIOLANO,  
TRAGÉDIA DE M. DE LA HARPE (\*)

ACTO I.<sup>o</sup>

CENA I.<sup>a</sup>

CORIOLANO E VOLÚMNIO

CORIOLANO

TANTO a Romana Cúria me desdoura,  
Que ao Tribunal do Povo me transfere!  
Que um vil Sicínio túrbido Tribuno  
(E o senado o consente!) julgue Márcio!  
Que os foros meus, e que o meu sangue avilte!  
Quando veio aos Tribunos poder tanto?  
Magistrados Plebeus, do Povo amparo,  
Quererem do senado ser juízes?  
E sofrem, que hoje o Orgulho que os <sup>(1)</sup> inspira  
Sobre os Patrícios seu domínio espraie?  
Que ante Plebeus, Conscriptos Padres tremam?  
Nenhum de nós curvou a tão vil jugo;  
Deu-me a Cúria essa afronta a mim primeira,  
Por lisonja à do Povo audácia impune.

---

(\*) Eia, Alunos de Apolo, visto que tanto carecemos de Tragédias, e que tão poucas têm composto os nossos vates, eia digo, arremessai-vos a traduzir as estranhas; fazei o que eu não pude. Dai-nos os bens alheios; mas no-los dai na frase de Camões, na de Ferreira, frase Lusa, frase nobre, ora sublime, e ora suave. Não cuideis que esse mérito é mesquinho. Outro mérito não teve o latiníssimo Plauto, nem *Oratio bene morata* de Terêncio, que com pouca alteração das comédias Gregas, nos deixaram Obras imortais para modelo.

E essa é a porção que em minha sorte abraçam?  
E se encarga de novas tais Volúmnio?

VOLÚMNIO

Como a ti me dá ira o insigne opróbrio:  
Senador me envergonho, amigo gemo;  
A nossa injúria, e a tua afronta sinto.  
Mas o Povo, tão pronto em levantar-se.  
Põe Roma em p'riço, e há susto que furioso,  
Inda uma vez, da Pátria desertando,  
Queiram rasgar em dous o novo Império.  
Ou levando mais longe a audácia, o insulto,  
Despenhando o furor té o lance extremo,  
De mortos junque a Vencedora Roma.  
Desse agro dia, que revolto o Campo <sup>(2)</sup>  
Faltando à fé, aos Cônsules, aos Numes,  
Quis entre eles e nós, por Juíz, a espada,  
Nunca o Povo mostrou tão seva fúria.  
Assunto lhe é de horror Coriolano;  
Nem por livre se dá, sem tua ruína.

CORIOLANO

Fatal dia! Oh do Tibre inulto opróbrio!  
D'então vindouras lhe augurei desditas;  
Punidos antevi favores nossos. <sup>(3)</sup>  
Antevi todo o mal. Se então me creram,  
Terço inda fora o lustre dos Patrícios.  
Vemos (quão tarde!) o ufano Tribunato  
A Cúria assoberbar com poderio.  
Do Estado árbitra é a Plebe: podem tudo

---

(1) Os Tribunos do Povo.

(2) O Povo aquartelado fora de Roma.

(3) Favores que o Senado outorgara ao Povo.

Os que a lisonjam, falham <sup>(1)</sup> foros, títulos,  
 Des-lembram-lhe façanhas e serviços,  
 Se, ante a Tribúnea voz, te (vil) não prostras.  
 E se o brio susténs Romano, és alvo,  
 (Por mais que a Roma sirvas) de seu ódio.  
 Tu vês o exemplo: cinge os nossos muros  
 Com ufanos pendões o Volsco afouto,  
 Surge o valor nos lances perigosos:  
 E eu que do ousado insulto quis vingança,  
 Pedi de Cônsul as cargadas honras,  
 Não por splendor que dão; sim pelo risco.  
 Que essa estrada só vi para a vitória,  
 Eu que ambição pus só num feito insigne.  
 Meu nome, a quem dei lustre, em verdes anos  
 Jus me dava ao encargo pertendido.  
 Das portas de Ancio aos muros de Coríola,  
 Meu nome, e o Capitólio eram temidos.  
 À origem Márcia enobrei o brado  
 C'ó granjeado brasão de Coriolano.  
 Esse, de Roma agro inimigo, Tulo,  
 De meu braço feliz rival prolixo,  
 Ante mim fraqueou, bramiu três vezes,  
 Ante mim, susto e horror do Volsco brio;  
 E que alcancei? Ofensas, e repulsas.  
 Os Comícios peitados preferiram  
 Co'a escolha honrar meus émulos obscuros.  
 Que a multidão é assim! Sem leis, sem rédea;  
 Sem pejo injusta, ingrata sem remorsos,  
 Ama o que a amima, odeia ao que a bem serve;  
 Teme o que a vinga; e antes, que vencer co' ele  
 Escolhe fugir com des-valentes Cabos.

---

(1) Perdem crédito co' a Plebe foros, etc.

VOLÚMNIO

Roma o sente: o seu Génio envilecendo,  
Cónsules fracos, em cobarde Campo <sup>(1)</sup>  
Junto dos muros seus se acantonaram.

CORIOLANO

Que tais Romanos a vencer usados!  
Assim, no voo atalham a Águia, e a humilham  
As facções, que de Roma o seio rasgam!  
Quando seguiam Márcio <sup>(2)</sup> à guerra as hostes,  
E ao Volsco, e não à Cúria ameaçavam;  
Quando no assalto, ou briga, diante eu delas  
Rompia o muro, ou dava ao saque as casas,  
Quando a Vitória, em meu poder, depunha,  
Todo o saque era prémio aos meus soldados,  
Meu valor todo a Roma, às hostes dando:  
Para mim guardei só coroas Cívicas.  
De louro então ornado o nosso exército,  
Ditoso aos Lares, triunfando vinha.  
Ingratos! que me oprimem furiosos!  
Qual crime é o meu, por que arruinar-me jurem?  
Que lhes fiz? Que maldade tão perversa  
De inimigo e tirano me dá nome?  
Em Roma, a facções dada, civil guerra.  
(Fruto desse furor!) produziu fome.  
Quando atenta em pairar tão cru flagelo  
Com disvelos de Pai, promete a Cúria  
Distribuir-lhe as messes de Sicília,  
Ludíbrio (oh fátuos!) de falaz simpleza  
Crêem nos Tribunos, que afomeamos Roma,  
Para a tiranizarmos prepotentes.

---

(1) Acampamento.

(2) Coriolano.

Indignou-me (confesso) a atroz calúnia;  
Argui-lhes, que seus Campos não cultivam,  
Como em terras sem dono, o amanhã falha:  
Da sedição fiéis assíduos servos  
Vão nos grilhões dos pérfidos Tribunos,  
Louvar-lhes, voz em grita, ímprobas falas;  
E motores usados da Discórdia  
Os danos recolher, que hão semeado.  
Tal é o meu crime. Em que se agrava Roma?  
Que lhe fale o Senado, como sente?  
Qual monstro horrendo abominar-me Roma!  
E do Tarpeio ansiar precipitar-me!  
Tanto Sicinio me dar morte a incita!  
Que um Guarda impuro do plebeu Ministro  
A pôr as mãos num Senador se atreva!...  
Injúria amarga, que eu bebi bramando,  
E no peito ulcerado me rabeia.  
E pode (oh altos Céus!) sofrê-la a Cúria?

VOLÚMNIO

Tu viste como a socorrer-te prontos  
Os graves Consulares, os Patrícios  
Para atalharem o furor Plebeio  
Da Cúria a digna majestade opunham  
À cega multidão, fero alvoroto.  
Coroa de a ver o vulgo; mas tal zelo  
Porém por ti, lhe assanha ódio e vingança.  
Quanto nos és mais caro, mais nos traça  
Do esteio que mais teme, em ti privar-nos.  
A tua causa é nossa.

CORIOLANO

E aos inimigos  
Me entrega esse Senado, a quem sou caro?  
Aos Tribunos, que assoberbei, por ele?

VOLÚMNIO

Quer salvar Roma a Cúria: e tu a podes  
Hoje prender c'um nobre sacrifício,  
Com que o Povo, a teu pró, talvez se abrande,  
Se vir que verga esse ânimo tão forte,  
E folgue, que a seu mando te submetes.  
Tanto espera o Senado, e eu, que julgo  
Que sempre te não seja Roma ingrata.  
Talvez, que ao ver-te, o Povo entre em remorsos  
E acolha muito em mal, punir virtudes.

CORIOLANO

Do Senado esperei melhor defesa:  
Frouxa Prudência os perde; (1) e é meu o agravo.  
Foros nos são comuns, comuns é o p'riego.  
Quando aos Tribunos cede assim a vítima?  
Falseia a Cúria os foros da Nobreza,  
E co' a frouxeza a ingratição envida.  
Nunca será tão vil Coriolano,  
Que tal poder (não seu) (2) permita ao Povo.  
Inumano tropel venha a seu grado  
Banhar seu ódio em meu vertido sangue:  
Venha; que eu sei morrer, não sei baixar-me.

VOLÚMNIO

Tal é o acordo teu?

CORIOLANO

Ditou-mo a Honra.

---

(1) Os Senadores.

(2) Não pertencente ao Povo.

VOLÚMNIO

Sem que à Amizade, à Pátria dês ouvidos,  
Consentirás?... Mas vejo vir Vetúria:  
Tua Mãe em te aplacar terá mais força.

CENA II.<sup>a</sup>

CORIOLANO, VOLÚMNIO e VETÚRIA

CORIOLANO a VETÚRIA

Nele, <sup>(1)</sup> de Roma, vês o alívio, o p'riço.  
Nada, em seu peito, a voz do amigo alcança,  
Junta-lhe a tua, enquanto espero que ele  
Defira aos votos do senado; e apresto  
Os, socorros, que dele obter consigas.

CENA III.<sup>a</sup>

CORIOLANO, VETÚRIA

CORIOLANO a VETÚRIA

E crê, que o sangue, e os brios desmentindo,  
Vetúria ao filho seu baixeza influa?  
Mal te julga, se tanto se lisonja.

---

(1) Em Coriolano.

VETÚRIA

Nem quanto os brios teus amo, duvidas.  
A tua honra, a meus dias a anteponho;  
Bem certa, oh Filho, quanto em mim confias.

CORIOLANO

Em tudo é tua esta alma, que hás formado, <sup>(1)</sup>  
E que a amar-te inda mais, cada hora aprende;  
Sê segura do império que hás sobre ela:  
Que à Natureza, a Gratidão se ajunta.  
Bem sabes, que do berço à morte dado,  
E seguindo ao sepulcro a esposa minha,  
Inteira em ti pousei minha ternura;  
Que, mais me não deixou, que a Mãe, a Sorte,  
Em cujo seio os meus cuidados verto.  
Volúmnio que alto afecta o enternecido,  
Não colhe o de meu peito afano oculto.  
Minha ira vês, mas bem verás meu pranto;  
Ante olhos teus não me envergonham lágrimas,  
A dor me escuta, e vê quais golpes sinto.  
Merecê-los cuidou, cuidou ganhá-los  
Quem, como eu, verde em anos, serviu Roma?  
Ufano de tal Pátria, e de servi-la  
Dando-lhe o sangue, blasonei ditoso.  
Na grandeza Romana idolatrava  
Sorte imortal, fadada ao Capitólio:  
Ansiava adiantar dos Céus o arbítrio,  
A cada Cidadão havendo-o em preço,  
Quantos me, a vida, a tanto ardor, não devem?  
Quantos, da espada aos fios, não salvava?  
Do meu valor lhes pus nas mãos os prémios  
Com mais contento meu, quanto mais ricos.  
Devo abjurar um erro tão prezado,

---

(1) Para a Virtude e honra.

Quando odiar-me ostentam furiosos?  
Quando essa Plebe traça a minha ruína?  
E me rasga a ilusão dum longo affecto? <sup>(1)</sup>  
Pode um peito arrostar do Fado as fúrias,  
Mas não golpes sofrer de ânimo ingrato:  
Do mal, que eles me hão feito, o mais sensivo  
Foi forçar-me a verter-lhe o amor em ódio.

VETÚRIA

Ódio à Pátria que tão augustos foros...

CORIOLANO

Quando ingrata é comigo, ódio merece.

VETÚRIA

E tu me odiaras, se te eu fora injusta?

CORIOLANO

Tal dizes? E achas modo que eu falseasse  
Tão meigo amor, tão caros motos da alma?

VETÚRIA

Assim quê, já não tens por Mãe a Roma?

CORIOLANO

Por filho ela me tem quando Sic'ínio  
Em mofa de meu posto...? <sup>(2)</sup>

---

(1) Que Coriolano aos Romanos tinha.

(2) De Senador e Cônsul.

VETÚRIA

Escuta, oh Márcio:

Lições t'eu dei ao brio em anos verdes,  
E gozei desse invicto ensino a miúdo:  
Glória me alçaram no materno peito  
Teus feitos (dons do Céu!) tuas virtudes  
De mais brioso que és te incende a Fama:  
Mas transvia a Altivez a alma briosa  
E, bem que esteio, é escolho à heroicidade.  
Conheço o orgulho da Patrícia prole,  
Seu jugo imperioso, altivez suma.  
Como os nobres, seus foros tem a plebe.  
Não, que eu aprove os ilegais abusos  
Nem dos viciosos Cabos os arrojos.  
Lastimo-os. Digo mais: Não tem a Cúria  
De que se arguir? sobejo não azedam  
A um Povo livre, presunções a desprezos?  
A altivo Povo, em guerra endurecido?  
Abusam ricos duma Lei severa, <sup>(1)</sup>  
Que mais que muito aos míseros acurva.

CORIOLANO

Durezas tais ninguém arguir-mas pode:  
Ao pobre, e ao devedor fui doído e humano,  
Mil vezes acudi ao fraco, ao mísero.

VETÚRIA

Pugnando pelos foros da nobreza,  
Muito de Ápio seguiste o axioma altivo,  
Dum Povo de guerreiros desdenhavas,

---

(1) Lei que condenava o devedor ao cativoiro, e aos castigos que lhe desse o Credor, quando não pagava a dívida.

Soberbos co'a recente liberdade;  
República, inda nova, pouco assente,  
Na forma, que abraçara, mal segura.  
Viste (inda infante) o Reino de Tarquino.  
É brava a Liberdade, apta a ciúmes.  
É ditosa; mas nasce entre tormentas;  
Do jugo da Grandeza ameaços teme,  
Se ela ante os Cidadãos não baixa a frente,  
Ou da igualdade não respeita o prumo.  
Tão cara vai a glória de ser livre!  
Deve um Herói, por tão subido preço,  
Contentar seus iguais com seu desconto;  
Ser popular, no alcance das virtudes,  
Cumpre, não só os servir, mas agradar-lhes.

CORIOLANO

Nunca lhe hei-de agradar: Lisonja?... ignoro-a.  
No foro Cidadãos, Leões na guerra,  
Respeitem sempre em nós os Pais do Estado,  
E Roma gozará destinos prósperos.  
Querem tudo reger, e tudo estragam:  
Que o saber governar não cabe ao Povo.  
Do Tribuno embaidor as leis não sofra.  
Foste, oh Roma. Se lhe o senado cede.

VETÚRIA

Quem, se prudente cede, argui-lo ousara?  
Se assim desarma o Povo, que encruceces?

CORIOLANO

Eu, minha honra abater a seus editos?

VETÚRIA

Se um decreto da Cúria o Edito abona?

CORIOLANO

A mim, julgar-me a plebe? E qual é o crime? <sup>(1)</sup>

VETÚRIA

Crime não o tens. Dou grandes aos Céus graças.  
A seres, Márcio, réu, fora eu tranquila?  
Dir-te-ia: «Vai; desconhecido busca  
Asilo, onde o teu nome a Lei não manche,  
Nem sobre tua Mãe recaia a nódoa.  
Certo me és não ser réu: mas desce um tanto  
Dessa tua altivez, compraze ao Povo:  
Não te exponhas ao mais cruel dos danos.  
Queres, que por ti só, a Roma abrasem  
Duas Ordens rivais? Queres, meu Filho,  
Ser de guerra civil horrendo facho?  
Dás por ténue do estranho assédio o susto?  
Termos à porta o Volscos; e cada Cônsul  
Inultos <sup>(2)</sup> lhe esconder a Águia indignada? <sup>(3)</sup>  
Oh! resguarda, em tal p'riço, a tua Roma!  
Com estrondo, e sem fim, arrostar queres  
Do Povo, e do Senado o poder sumo?

CORIOLANO

Quanto podes em mim! Cedo-te em tudo;  
Por ti bebo a amaríssima desonra:  
Que usado a anuir a todos teus desejos,  
Não quer teu Filho desprazer-te em nada.  
Como os destinos meus não rege o Povo,

-----  
(1) A ordem Patrícia e a Plebeia.

(2) Sem vingarem Roma nem a si, do insulto do inimigo.

(3) Os estandartes Romanos, que se indignavam da covardia dos Cônsules, que não se afoutavam a ir pelejar com os Volscos.

A ante ele aparecer me verás prestes.  
Coriolano (oh Céus!)... ante Sicínio!...  
Vamos; que o queres tu: mais não recuso.  
E humilhar-me hei podido a tal baixeza;  
Mas temer, mas rogar... Oh nunca, nunca!  
Eu, em trajos portar-me suplicantes?  
Com desalinho vil, squálido luto?  
Eles verão, se à vista deles tremo.

VETÚRIA

Modéstia firme é adorno da Inocência.  
Oh não rogues: — mas não os desafies.  
Mas, que tropel...

CENA IV.<sup>a</sup>

CORIOLANO, VETÚRIA, VOLÚMNIO, SENADORES

VOLÚMNIO

Oh Márcio, a Cúria toda  
Resolveu de comigo acompanhar-te  
E entrar no p'rigio, em que ódios te despenham.  
Honras, que a ti, que as devem a Vetúria.  
Ladeado de esteios tão ilustres  
Vêm dar cópia de ti à plebe atónita;  
Que Réu foi jamais visto com tal séquito.

CORIOLANO

Grato a disvelos tais tão generosos,  
Que a crédito me dar inúteis foram.  
Tal foi vosso querer; a Cúria, e Márcio  
Dum Tribuno ouvirem supremo aresto.  
Como hão-de triunfar! e em nós que opróbrio!

Cairá este exemplo em vós um dia.  
Qual cabe a senador darei defesa;  
E antes de me julgar me ouvirá Roma.  
Verá como lhe arrostos os seus Tribunos,  
Com gesto igual ao que os guiei à guerra.  
Vamos. <sup>(1)</sup>

VETÚRIA

Ah! se hoje Roma comprehendesse  
Quanta é de Heróis custosa a perda!

---

(1) Vai-se com o Senado.

ACTO II.<sup>o</sup>

CENA I.<sup>a</sup>

VETÚRIA (só)

Quão prolixos instantes me angustiam!  
Quão, no peito assustado as penas dobram!  
Mãe Romana me armei de austeros brios;  
Mas terna Mãe me sinto nestes sustos.  
Quanta aflição qual dor não causa um Filho?  
E qual Filho? O broquel, brasão da Pátria:  
Fiel a Roma, espanto de inimigos.  
Márcio!... Oh cruel costume austero o nosso!  
Se eu, com ele mostrar-me, em risco tanto,  
Dado me fosse aos ruins que agora o acusam,  
Dar pasmo, e susto à Inveja e à Injustiça;  
Dar có' a vida do Herói <sup>(1)</sup> mor brado à Fama.  
Se Herói, que os feitos seus, forçado, conta,  
É de alheios ouvido com ciúme;  
De glória e natureza, em boca minha  
Certo era ter vitória o forte grito.  
Mas meus vãos devaneios que lhe valem?  
Já, talvez... Ele vem.

---

(1) Coriolano.

( 201 )

CENA II.<sup>a</sup>

VETÚRIA E VOLÚMNIO

VETÚRIA

E bem! Volúmnio!

VOLÚMNIO

Apresta o ânimo teu: e sê Vetúria.

VETÚRIA

Sou: dize.

VOLÚMNIO

A Pátria (é concluído!) perde  
Um grande Cidadão mal premiado,  
Proferido é, Vetúria, o seu desterro.

VETÚRIA

Que dor para uma Mãe! Que afronta a nossa!  
E, dos adversos pode o tosco embuste  
A tão fatal, extorquir, sentença a Roma?

VOLÚMNIO

Tão grande nunca foi Coriolano,  
Junta, no Foro, Roma inteira estava  
A tão raro spectác'lo, ansioso pleito,  
Apareceu, ladeando-o os Senadores  
Com passo firme, aspecto mui seguro,  
Mui senhoril; que é espelho da inocência,

Lavrou silêncio pela imensa turba:  
Nele a atenção, e os olhos se cravaram;  
Suspensos no árduo assunto a voz, e ingenho:  
Sicínio se ergue então: seu ódio inulto  
Ministro da mentira e da calúnia  
A Márcio argue, urdir projecto odioso  
De reinar nos Romanos, e oprimi-los;  
Ter ódio ao Povo, união estreita à Cúria,  
Pronto sempre a abraçar suas querelas,  
E o ter crebra assídua cópia de Clientes;  
Té os lhe argui, que prodiga às hostes.  
Márcio, em contra, refere os seus serviços;  
No peito que abre, as cicatrizes mostra  
E de arrostados p'rigos, prémio, as c'roas:  
Por nome a tanto Cidadão, que em guerra  
Salvou a vida, os apelida, e adjura.  
Um brado se ergue então: fervente zelo  
Prende em todos, e as vozes concordando:  
«Nós o vimos mil vezes (voz em grita)  
Da vida e do vigor, por nos ser pródigo;  
Dais-lhe em rosto o de que lhe somos gratos?  
Dele tudo nos vem, os bens e a vida:  
Por lhe a sua salvar daremos tudo.»  
Chorando clamam; e o seu mavioso pranto  
E os braços estendidos, dextas súplices  
Do Povo, a pia comoção rompiam;  
E vi quasi à Virtude entoar triunfo.  
A não ter tão altiva a índole Márcio,  
E que inclinasse um tanto a brando rogo,  
Levava os seus contrários de vencida.  
Não que eu lhe argua o rijo da firmeza:  
Raro a pedir se dobra um nobre peito.  
Pede o Culpado, indigna-se o Inocente.  
Fautor de seus Tribunos, cego o Povo,  
De ser Juiz dum Senador se ufana:  
Dessa triste avenge abono tira,  
E os votos lhe ditou Ódio, e Frouxeza.  
Ouvindo o aresto seu, imóvel Márcio,

Quasi <sup>(1)</sup> ao seu interez fora insensível.  
Sem que solte uma voz deixa o congresso;  
E, quando em torno geme lastimada  
A Amizade, do golpe, a nós funesto,  
Disseras, que ele só o não sentira.

VETÚRIA

Mais que muito eu o sinto o acerbo golpe.  
Qual, mais que eu feliz Mãe, dar-se coubera?  
Concebei quanto eu perco do alto preço  
Que este meu coração punha em tal Filho.  
Tanto respeito, e amor, tanta ternura  
Tal lustre, que em mim só Márcio espelhava! <sup>(2)</sup>  
Une-o ao prazer tão puro, e tão subido  
Que brasão me era a, de meu Filho glória,  
E o, que em carinhos seus, bebia, encanto.  
Dai vénia ao pranto meu. Perco hoje tudo;  
Nem cabe, em tal desastre, encobrir lágrimas.  
Nelas, oh da Amizade os olhos ponde;  
Vede o peito da Mãe qual golpe o rasga,  
Que prantos tão de Mãe se afouta a argui-los?

VOLÚMNIO

Bem, contigo chorar, Roma devera,  
Roma, a quem despenhar quer ódio insano.  
Quando as margens do Tibre cobre o Volsco,  
Por dar ala ao furor, p'rigos transcura  
Roma; e esse ínclito Herói, em que ela esteia,  
Terror do Volsco altivo o perde incauta.

---

(1) À maneira dos Latinos *quasi* significa entre nós — *como se*.  
(2) Reflectia, como o espelho reflecte a luz.

VETÚRIA

Filho meu, caro Márcio, que eu com júbilo  
Ilustre Herói formei brasão de Roma,  
Não mais te hei ver trazer-me honrados louros,  
E em tão nobres, e à Pátria, caros dias,  
Tantas Mães me invejarem tal ventara?  
Márcio vive; e Vetúria jaz sem Filho?

VOLÚMNIO

Ei-lo.

CENA III.<sup>a</sup>

VETÚRIA, VOLÚMNIO, CORIOLANO

VETÚRIA

Os teus sevos inimigos, Márcio,  
Nossa comum desdita perfizeram.  
Vai proscrita a inocência. Enfim sanhudos  
No golpe que te dão, meu peito rasgam.  
Quando esta aflita Mãe te enviava ao Foro,  
Oh nunca os deu, (que mágoa!) tão injustos!  
Nunca...

CORIOLANO

O suplício meu, Sicínio instava:  
Ter-me-iam condenado (a crer-lhes o ódio!)  
À morte infame, que aos traidores cabe.  
Roma indulgente me adoçou a pena,  
Num degredo...

( 205 )

VETÚRIA

A ti, Márcio; a ti seu steio?

VOLÚMNIO

Tu, que, per ela, a tanto p'riço exposto!...

CORIOLANO

Crime único, e causal, que em mim castigam.

VETÚRIA

Que prémio ao teu valor, às tenções tuas!

CORIOLANO

Até o fim cumpre teu gosto, ao menos.  
Quiseste, que submisso Márcio ao Povo,  
Ante inimigos seus comparecesse:  
Da minha obediência o extremo abono  
Te dei, na submissão, que ao Povo hei dado.

VETÚRIA

Oh lembrança! oh quão agra me lastimas!

CORIOLANO

Nem, dela, oh Mãe, me afouto a consolar-te;  
Que mal me assenta consolar Vetúria,  
Alma intrépida, e de virtudes cofre.  
Que ela de alma Romana o vigor mostre  
No receber do Fado o golpe injusto,  
Fora dar-te as lições que bebi dela.

( 206 )

VETÚRIA

Mas sou Mãe...

CORIOLANO

Esquecer cabe esse nome.  
Já não tens Filho.

VETÚRIA

Não?...

CORIOLANO

Que assim quis Roma.  
Não se arrogou a Plebe poder sumo?

VETÚRIA

Foros de Mãe delir não cabe à Plebe.  
Meu Filho....

CORIOLANO

Foste Mãe; Mãe dum Romano.  
Romano eu já não sou.

VETÚRIA

Tu?...

CORIOLANO

Não; que o nome  
E o jus de Cidadão me, hoje, hão tirado.  
Bandido sou.

( 207 )

VETÚRIA

E insana ignora a Plebe  
Qual golpe dá na Pátria, quando a cingem  
Inimigos sedentos de vingança?

CORIOLANO

Nada teme; que a amparam seus Tribunos.  
E em pressa urgente, não tem lá Sicínio?

VOLÚMNIO

Dar-lhe-ão os tempos luz: virá um dia  
Que seus justos remorsos...

CORIOLANO

Não lhos quero;  
Não lhos aguardo; nem me são de porte.

VETÚRIA

E a que sítios te guia o teu desastre?

CORIOLANO

E aos Romanos que importa o meu asilo?  
Não lhes sobra, que eu saia de seus muros?

VETÚRIA

Obscuro asilo quadra à gente obscura:  
Mas, por armas, teu nome tão preclaro  
Os meus sustos recresce. Acaso háis feito  
De seguro refúgio escolha? Dize.  
Nada respondes?

CORIOLANO

Acharei aberta  
Talvez uma pousada ao infortúnio,  
Que inda à Virtude, ao menos, não se negue.  
Confio aos Numes, que os meus passos guiem.  
Não creio, te hajas de informar da sorte  
De quem Pátria não tem.... dum desterrado.  
Velai, oh Céus, os anos de Vetúria!  
Olvide o Amigo, e a Mãe a quem baniram;  
E o último adeus aceite a Coriolano.

VETÚRIA

E a sentença fatal vem tão severa,  
Que não possas...

CORIOLANO

É meu do dia o resto.  
Mas que val pôr delonga a Fados que instam?  
Sair de Roma cumpre; cumpro-o, e eis parto.

VETÚRIA

Descompanhado, e só, sem mais auxílio?

CORIOLANO

Al não levo de Roma, que ódio a Roma;  
E esse ódio é assaz.

VETÚRIA

Consente, que os meus olhos  
Até os muros te sigam, te acompanhem.

CORIOLANO

Foge, oh Mãe: que inda louco no execrando  
Triunfo, <sup>(1)</sup> o tropel corre, e desatina,  
E no orgulho insolente, de Vetúria  
Não mágoa lhe respeite, nem decoro;  
Não arrisques tua dor ao jogo, ao riso  
Dum Povo embriagado da vitória.  
Mãe minha, adeus; adeus, Volúmnio. Parto.  
Adeus, Roma.

VETÚRIA

Oh, de mim já longe, oh Numes,  
Nem me ouve... O espanto, e horror do adeus sinistro  
Só me deixou no estremecido da alma.  
Não partirás sem nós: vamos, Volúmnio;

---

(1) De humilhar o orgulho dos Patrícios no desterro de Coriolano.

ACTO III.<sup>o</sup>

*O Teatro representa o arraial dos Volscos. A Tenda de Tulo aberta por um dos lados, toma parte da cena. No respaldo do Teatro, altar, e nele Divindade Volsca: e em arredada perspectiva se avistam as muralhas e bastiões de Roma.*

CENA I.<sup>a</sup>

*Junto do altar, CORIOLANO em traje plebeu: no proscénio,  
e diante da Tenda de TULO, PRÓCULO e AUFIDO*

PRÓCULO

Quem é? Que busca? Aufido, o forasteiro? <sup>(1)</sup>  
Que intento aos nossos arraiais o guia.  
Torvo, tácito, imóvel, seu conspecto  
Em traje humilde inspira acatamento:  
Lhe admiro o porte. Que requer?

AUFIDO

Ignoro-o.  
Pouco há, trazido, nem país, nem nome  
Atéqui declarou. Franco, e seguro  
Se presentou, no valo, às sentinelas,

---

(1) Apontando para Coriolano.

Requeriu Tulo, e só; <sup>(1)</sup> que ante ele, disse  
O ferrenho silêncio quebraria.  
Mandei que entre; e pus guarda sempre a vulto.  
Creio, que à vida sua agravo teme. <sup>(2)</sup>

-----

(1) *E disse que somente na presença de Tulo, e não antes.* Alguma licença é permitida ao verso: e não são mais comuns as elipses, que na frase familiar onde se comem as palavras para adiantar o pensamento. Em — *bons dias, boas noites* vai desfalcada a frase de — *Deus conceda a V. m. bons dias*, etc. Em *V. m. muitos anos* — se come por elipse — *Deus dê a V. m. muitos anos de vida* — *et sic de cæteris*.

(2) Dirão os perluxos, e os piliquitetes: — Porque não acabaste tanta obrinha, que ameaçavas levar de golpe?

#### PARÊNTESES

Nada me espraia tanto o baço; como os diálogos com os meus Censores; aparelhes as catanadas na minha gorda Pachorra; desquito-me co'as minhas razões, enfronhadas às vezes num socate; e fico mui redondo, como quem acabou de tomar o sen café na loge do Casaca, e pede, para debicar, a noticiosíssima, e de mui castiço Português, Gazeta de Lisboa.

#### RESPONDO AGORA

Não acabei as obrinhas que tanto ameaçavam, porque no maior calor da escrita, vieram pendangas mais urgentes, que deitaram água na fervura, e as puseram de ré. Quando depois, passada a precissão das pendangas, vieram como as pretas, e as regateiras que acompanham, berrando o bendito, o Senhor dos Passos à Graça, ou os padecentes à força, vieram (como digo) as obrinhas a me passarem pela vista, acharam fria e regelada a imaginação, e foram pouco a pouco resvalando até ao cadoz do esquecimento. Hoje que as querem tirar de lá, como quem tira do limoeiro os degredados, para os ir encoleirando na gargalheiras, e no Cais da pedra embarcá-los para a Índia: assim eu que estou velho, e cansado, e sobre tudo, destituído de meus brios, lá deixo ir nuas e esfarrapadas as tais obrinhas, cuidando pouco ou nada, neste meu pachorrento desmazelo, do que dirão ou não dirão Censores perluxos, nem Tarelos perliquitetes. Fartem-se de lhe meter unha Bonzos, Naires, e Filamintas.



## ODE

### A ALFENO

---

Romæ principis urbium  
Dignatur soboles inter amabiles  
Vatum ponele me choros:  
Et jam dente minus mordeor invido.

HORAT. *Lib. 4. Od. 3.*

---

SALVE, laureado vate; Apolo e as Musas  
Que dar querem teu nome, e a Lusa glória  
Às estranhas Nações, aos pólos ambos,  
Hoje a aclamar-te se unem. <sup>(1)</sup>

Hoje aos tronos de Píndaro, e de Horácio  
Te sobem ledos, dão assento entre eles.  
Olha como singelos te abrem praça  
Mericida a teus Hinos.

Apolo manda ás Musas, que recitem  
Ante Juízes tais, teu metro egrégio,  
Certo, que em teu favor, se incline fácil  
A palma ao teu Ingenho.

Calíope, que mais que as Irmãs, te ama,  
Que te embalou com música do Pindo;  
Que imberbe te levou no colo, a Febo,  
Entoa assim teu Canto:

---

(1) Tinha Alfeno composto a sublime Ode a Vénus física.

«Antes que o Gama o tormentório Cabo <sup>(1)</sup>  
Dobrasse afouto, muitos já surcaram  
Esses virgíneos Campos de Neptuno,  
C'o voador arado.

Mas a todos oprime imensa noite;  
Porque o Fado lhe nega santos vates,  
Que à luz tragam seus nomes, talvez dignos  
Do nosso grato pranto.»

Não acabava: eis Clio que donosa  
Sempre de Alfeno lhe adestrou, na Lira  
A dextra, a palpar suave as áureas cordas,  
Rompe em Cantata a Nise. <sup>(2)</sup>

De Vénus física alça <sup>(3)</sup> a Ode sublime;  
E do vário <sup>(4)</sup> Proteu o vaticínio; <sup>(5)</sup>  
Do Ditirambo a Anfrisa os ébrios rasgos  
Da Grega escola oriundos.

«Sonho?... <sup>(6)</sup> ou estou desperto? Eis me arrebatado  
Sobre as penas do vento, ao ar sublime...  
Lá surge o sol radioso, asseteando  
As trevas trepidantes.

-----

(1) Ode de Alfeno contra os destrutores da Poesia; nela imita a Horácio na Ode 10 do livro 4.º.

(2) Uma das mais lindas poesias de Alfeno, e que ele intitulou — Cantata à Noite.

(3) Canta com voz mais alta: que o assunto o requer.

(4) Vário, porque várias formas toma.

(5) Na aclamação da Rainha D. Maria, mãe de D. João VI.

(6) Estas duas estrofes vêm no citado Ditirambo Anfrisa, e que foi a primeira Obra que o A. fez, despegado um tanto, por conselhos meus, da timidez que lhe influíam os desprezos de certos versejadores dessa era, com que lhe queriam abafar o ingenho, que muito ao deles se avantajava.

Como submerge em pélago de luzes  
As pálidas estrelas! Os Etontes  
Ruem aos pulos... nas inchadas ventas  
Revolvendo ígneo fumo.»

Davam-se pressa Erato e mais Tália,  
Uma a cantar amores delicados  
De Alfeno a Nise, outra a entoar risíveis  
Dislates da Farófia. <sup>(1)</sup>

Píndaro e Horácio as Musas interrompem:  
«Assaz, oh Musas, é patente o Injenho  
(Dom vosso, dom de Febo) e o vosso Aluno <sup>(2)</sup>  
Da que, bebeu, doutrina.

Em vosso coro, imagens dá tão vivas,  
Que as não tem de negar por suas Febo  
Febo lhe cinja a c'roa de hera e louro;  
Vale ínclito o proclame.»

---

(1) Faz alusão a uma Carta em que Alfeno me contava o que se passava nesse verão em Sintra. Essa Carta, com outras poesias do mesmo Autor (quantas eu pude haver) inseridas vão no terceiro tomo dos versos de Filinto Elísio novamente impressos.

(2) Alfeno Cíntio.

---

---

## CONTO

UM certo cavalheiro da Gascunha,  
Que por tal nesta corte se vendia,  
Bazofiava herdades, casas nobres,  
Móveis de preço, e cabedais a rodo.  
Por faltas de remessas  
De seus almoxarifes

Se lhe escorreu a bolsa. A este, e à quele  
Pedia um chico; <sup>(1)</sup> e dava por fiança  
Do seu solar fazendas, e Palácios.  
Desgraçado Gascão!  
Ninguém lhe quis prestar um pintainho <sup>(2)</sup>  
Ei-lo, que deixa a corte,  
(Por forrar despedidas) à surrelfa.  
Passaram dias, meses.  
Houve quem a Bordéus foi, por negócios,  
E encontra o Cavalheiro,  
Bajulando, em bom trem, dous baldes de água <sup>(3)</sup>

Com sonoro pregão atroando as ruas.  
«Como, senhor (lhe diz o negociante)  
Em trajes tais, um guapo Cavalheiro?...»  
Responde-lhe o Gascão mui repousado:  
«Todo o meu cabedal pus neste Rio; <sup>(4)</sup>  
E, por parcelas, o vou dando a juro.»

---

(1) 6400 réis.

(2) 480 réis.

(3) Assim, ou de pipa, num carro, desbaratam em Paris os aguadeiros a água.

(4) O Garumna.

---

---

EPÍSTOLA  
DE M. DE VOLTAIRE  
AO PRESIDENTE HENault

De Lunéville em Novembro de 1748

TU, que emendado tens erros Cronólogos,  
Cuja mão há colhido o beijo e as flores <sup>(1)</sup>  
Da mais bela Poesia; e que hás sondado  
Os profundos arcanos Filosóficos,  
Mau grado a embaidores passatempos  
Do teu viver partilhas, Henault, dize-me  
Porque arte hás desarmado, ou por que mágica,  
A Inveja; tu que tantos de valia  
Louros hás conquistado: e eu; que somenos  
Lugar tenho após ti, à Inveja ignoto  
Ser devera, venenos, cada dia  
Me verte esse cruel, na douta estrada?  
Rasgue-se o véu: no Templo da Memória  
Me quis assoalhar pelas esquinas;  
Quando tu te encobrias dos idiotas  
Mostrei buscar a glória, que a ti busca.

---

(1) Este beijo e flores encontraram talvez com alguns desses perluxos, que não gostam de figuras. Se tal caso lhe succede, eis a tradução e o tradutor posto de avesso na intelligência do tal perluxo. Ora eu que estou de pachorra, quero-lhe copiar aqui certas palavrinhas francesas, que entre vários papeliços, que me pejam a banca, achei mui comezinhas, para a resposta.

Tout est figuré, pour ainsi dire, dans les discours même les plus simples; les passions ont leurs figures, le sentiment a les siennes; l'imagination les prodigue, la raison les adopte; c'est avec leur secours que les Poètes animent leurs ouvrages, que les orateurs persuadent, touchent meuvent; que les Philosophes instruisent et éclairent.

Tal dos bosques brasão, alteia a cima  
Sobre arbustos o Robre, e a verde rama  
Respeitada, dá às danças grata sombra;  
Do tapete relvoso, se um talinho  
De fetos, no ar entona a frente presumido,  
Como irados o arrancam!.... Quão cuitado  
Lastimo o pobre Autor, que o não lastimam  
Outros Autores! Se ele algum deseja  
Deleite desfrutar, nas doudas lidas,  
Servo desses consócios se lhes fuja.

Donoso Autor Montaigne, que a reveses  
(Quedo no seu solar) profundo, e frívolo,  
Que de quanto há, impune duvidava  
Distante dos malévolos praguentos,  
Dos becas de Colégio escarnecia!  
Mais reteúdo que ele, <sup>(1)</sup> e mais metódico  
Seu aluno Carron quis sapiência  
Ensinar; mas correu transes de morte:  
Tanto n'almas, furor, lavra, teólogas!  
De sítios pende, e de Ocasão, do Tempo,  
Teu baldão, teu troféu; ontem nos astros  
Teu nome punham, hoje é excomungado:  
Státua ao tonto Pirron alçou a Grécia;  
Sócrates, que a Razão apregoava,  
Na cicuta bebeu a morte Sócrates.

Feliz quem se faz útil a si próprio  
Em seu lavor obscuro! Bem compete.  
Para quedo viver vida gostosa,  
Cópia de Amigos, de Émulos carência.  
Fama e Glória não dão manso repouso;  
A Elegância de Ingenho dá tormento;  
E o Talento nos logra: e igual à Esposa  
Loureira, que não vive sem Amante,

---

(1) Que ele Montaigne.

Vã te avexa; imprudente expõe-se a tudo,  
Contenta aos mais, ao que a possui aflige.

Triste é o tom que tomei, demos lhe cabo.  
Tão ruim é o dar agrado? A Inveja alheia  
É necessário mal. Fino acicate  
Que esperta a obrar melhor, que a uma alma nobre  
Afervora na trilha da Virtude.  
Mévio Virgílio teve, Euristeu Hércules:  
Que valem pragas, que se vão, que esquecem?  
Meus dias volvo na mais mansa Corte  
Ditosos, sem enredos, sem ciúmes,  
Junto dum Rei, que cortesão não sofre  
Ao lado de Boufflers, ao pé de Emília.

---

---

## CARTA

AO SENHOR DIONÍSIO DE ROBOREDO PALMA

Em Julho de 1780

**D**AR-TE-EI novas, Amigo, da visita  
Que fiz ao Cura duma certa Aldeia,  
Não longe de Paris. Fui recebido  
Com cortesia franca; e entrei-lhe em Casa  
Como se a minha fora; à Ceia o Cura  
Me gabou de sua Ama o grão talento  
De insigne cozinhar Galinha d'água.  
(Era dia de peixe.) Veio alegre  
A seguinte manhã; um sol dourado  
Entrava pelas físgas das janelas,  
Junto c'ó som dos sinos e garridas  
A acordar os Mortais, e pôr em fuga

Os de Morfeu prestígios sonolentos.  
Barbeados, lavados, e vestidos,  
Vamos à Igreja. Oh quantas maravilhas  
Te houvera de contar, se bem coubesse  
No meu fraco talento contar quanta  
Stranheza me acudiu ali aos olhos:  
Por amostra, uma só te escrevo, e mando.  
Saía a Procissão: ia diante  
Uma Moça morena rechonchuda  
Que hasteava um pendão, qual nunca hei visto  
Nem sonhado. Com seu ferrão no conto,  
Um varapau vermelho e grosso, no alto  
Sustinha um prato longo, e em vez de assado,  
Nele dous moços, com alcunha de anjos  
Com asas de ouro, e de ouro o prato, e os monos.  
De ouro a Assunção, e a c'roa, que a adornava,  
Descia-lhe por baixo do tal prato  
Saiote de vermelha serafina,  
Como manga de cruz; outro saiote  
Por cima deste, e de bordada cassa,  
Atufado de fitas multicores,  
Bamboleava co' andar, e com a aragem.  
Era cousa de ver toda a sequela  
Da procissão campónia. Mas contenta-te  
Co' a amostra que te dei; condiz com ela  
O resto, que não conto. Adeus, Amigo.

---

---

ODE

AO SENHOR BENTO LUÍS VIANNA  
(FILINTO INSULANO)

---

.... Cum tua  
Velox merce veni.

HORAT. *Lib. 4. Od. 13.*

---

ESTE és, Dia feliz! Dia maldito!  
Coroa-te de rosas;  
Ou vai por todo esse Orbe arrastar lutos.  
Tu me puseste em cobro  
Dos satélites vis, da vil fogueira.  
Tu me arrojaste ao longe  
Da cara Pátria, dos leais amigos.  
Tenho eu de contemplar-te  
  
Com senso de alegria ou de amargura?  
Bem que pobre, estou salvo.  
Afeito a pouco, em nada invejo os ricos;  
E a Amizade ainda  
Me lança ao colo carinhosos braços:  
Inda a Memória aponta  
Os mimos que logrei na Pátria, quando  
Meus anos celebravam  
  
Armados de sonetos, de odes guapas,  
De louras trouxas de ovos,  
Quando os caros amigos na Ulisseia  
Com brindes ruidosos,  
O Dia festejavam; que a Filinto  
Expôs à luz de Febo.

Já dantes com presentes delicados  
    Davam largueza ao bródio;  
Lembrados de que Horácio assim encarga  
    Ao Convidado amigo.  
Tem mais sabor na mesa as iguarias  
    Que adubou a Amizade.  
Não trouxas de ovos, não sab'rosos vinhos,  
    Mas prendas d'alto Ingenho  
Serão, Viana, ao bom Filinto aceitas,  
    E em grão preço estimadas.

---

---

## ODE

---

Sic mihi tarda fluunt ingrataque tempora...

*HORAT. Epist. 1. Lib. 2.*

---

**N**O quarto ano do lustro sexto-décimo  
Entrei: quem sabe se eu findá-lo obtenha?  
Não mo dá a crer ruim Melancolia,  
    Que, em solidão, me rala.

Paris, para Filinto, é ermo insípido,  
    Se dos Lusos que vem, já stantes <sup>(1)</sup> Lusos  
Lhe falta a aliviosa companhia,  
    Que ele única apetece.

---

(1) Lusos recém-chegados, e Lusos que já em Paris estavam de morada.

Da Pátria o amor, que na alma eterno lhe arde,  
Lhe influi amar os seus, e ter em preço  
Os que, ao nascer, em braços o tomaram,  
Lhe ouçam o adeus extremo. (1)

Lá stá (me digam) a Ópera, a Comédia:  
Que vale Ópera a um surdo? Ao muito ceva  
Em gesto, em rico traje, em bastidores.  
A vista, com desleixo.

A música, que amou com prazer sumo,  
A quem deu, com fervor, juvenis anos,  
Em vão devolve amável melodia:  
No ouvido os sons se baldam.

Nos sítios, (2) onde brilha a Formosura,  
A Graça, a Polidez, que assento cabe  
Ao decepado velho, se lá intenta  
Entremeiar-se, inútil?

Onde stais Mathevon, Araújo, Alfeno?  
Cortou-vos imaturos crua fouce:  
Cortou minha alegria, e o laço estreito  
Da constante amizade.

Tive um Amigo perspicaz, bom crítico,  
Bondadoso por génio. Hoje amuado  
Sumiu fala, sumiu papel e pluma,  
Com emperrado arrufo.

Tenho o meu Verdier, o meu Constâncio:  
Mas ferrenha a Perguiça mos malogra:

---

(1) Esse foi sempre o desejo de Filinto viver com Portugueses, e com Portugueses morrer.

(2) Passeios, Tertúlias, etc.

Só Viana <sup>(1)</sup> se dói do triste velho;  
Tal, qual vez, traz-lhe alívio. <sup>(2)</sup>

Se qual eu amo os Lusos, tal me amassem!...  
Tempo houve, em que a pousada de Filinto  
Ondas de Amigos acolhia. Em quê, hoje,  
Os hei des-merecido?

---

---

## EPÍSTOLA DE M. DE VOLTAIRE

### À DUQUESA DU MAINE

Em que lhe fala na Batalha de Lawfelt,  
que Luís XV ganhou em 1747

AUGUSTA Mãe de Heróis, e augusta Filha,  
Que a frouxa voz me alentas quebrantada;  
Queres que a derregada Musa minha  
Não saiba, como Luís, o que é repouso?  
Manda que em quadro fiel, com finas cores  
Brilhe modesto, e os altos feitos brilhem:  
E o Cumberland, que hão visto vezes duas  
Admirar, e temer o Rei, que busca.  
Mas dos bons versos é volvida a quadra:  
E a que volve, artes só de guerra exerce;  
Busca o nosso Alexandre em balde a Apeles:  
Que ao exalçar-se Luís, se abate o século.

---

(1) Bento Luís Viana, Mancebo estudioso e honrado.

(2) Visitando a Filinto. Outros Amigos tenho e muito bons mas que não vivendo eles em Paris, privado sou da sua estimável conversação.

Tu puderas, oh Nome harmonioso,  
 Fontenoi, dar ao Génio alento, quando  
 Só de encarar Voërdên, Boileau infiavas.  
 Que disseras, se de Helderén não longe  
 Houveras de seguir entre os dous Néthes, <sup>(1)</sup>  
 Bathiani perito em retiradas  
 Avançar-se a Rosmal com o d'Estrée?  
 Clama-me a Glória, e Luís me esperta: e sempre  
 Me encanta o ouvido o nome de Monarca;  
 Mas que duro é Lawfelt a proferi-lo!  
 E a que vêm todos esses Panegíricos,  
 Epístolas heróicas, pareneses,  
 Registradas, por Crébillon *visadas*,  
 Assinadas — Marvile, — e nunca — Apolo?  
     Sei quanto o Filho teu, mui bom, desculpa  
 Me há-de aceitar o incenso, não irado:  
 Que a, dos Avós, nos Filhos teus descende  
 Bondade, Irmã da guapa Valentia,  
 Não tem todo o Leitor bondade tanta;  
 E a ser eu temerário que afigure  
 Mangas de Cravineiros teus, exemplo  
 De valor dando mais guerreiras hostes:  
 Se eu esse Neto, e de Gondé esse émulo  
 Pintasse, às nossas armas sendo amparo,  
 Viria favonear-me o Deus dos versos  
 Como o favoneou o Deus das guerras.  
 Mais dum Censor, a gritos, me acusara,  
 Despeitosos, que muito pouco hei dito:  
 Que é galardão de quem afouto escreve,  
 Pouco agradar, e aseteá-lo a Crítica.  
 Mas sofrer por seu Rei cumprir ao Vassalo.  
 Nada obra, quem a nada se aventura;  
 E mais que injusta crava maliciosa  
 As unhas a Censura nesses ínclitos

---

(1) Rios.

Leais Heróis a quem sagrei a Lira,  
Que serviram melhor, que os hei cantado.

Nobre Academia, dormes sobre os louros?  
Fala, afigura à nossa atenta ideia  
O Herói Conquistador, que sopesando  
Na dextra o raio, a Paz, humano, of'rece;  
Fazei justiça, não louveis, Autores.  
Comparai com as Eras já passadas,  
A Era feliz, os dias que vos volvem,  
Lede César; lá dais c'ò grão Maurício. <sup>(1)</sup>

Se amais os deste Império vingadores,  
Se em vossos corações é viva a Pátria,  
Vede esse General que sábio e activo  
Dum tracto vinga a França e Parma, e Génova  
Cantai Belle-Isle, levantai nos versos  
A Boufflers generoso padrão nobre:  
Sangue esteio do trono nele gira  
E ele o fora, a não vir da Morte a fouce,  
Nos mesmos muros que salvou c'ò a espada  
Cortar os, que a Bellona arrancou, dias.

Que voz porém tão forte, voz tão terna  
Saberá lastimar a heróica cinza  
Dos Heróis que privou Marte da vida  
Ante os olhos de El-Rei, Pai e Amor deles?  
Tu Bavieira infeliz, mais que eles todos  
Jovem Froulai, credor de nossas lágrimas  
Quem te há cantar a Marcial Virtude?  
Quem flores espargir nos vossos túmulos?

Potências imortais, Anjos Celestes,  
Que aos nossos presidis volúveis dias,  
Salvai Lautrec desse âmagô de p'rigos,  
Cobri Ségur co' a sombra de asas vossas:  
Já lhe há visto Rocou rasgada a ilharga;  
Tão tenra idade a compaixão vos mova.  
Não lhe vertais o resto desse sangue,

---

(1) Le Comte de Saxe.

Que por Luís anela derramar-se.  
C'roa os dias gentis de cem Mavortes,  
Não me firas Bonac nem d'Aubeterre,  
Mais, que dos tiros dos trovões da Guerra,  
De socorros cruéis, assoberbados.

Para que (me dirão) em todo ensejo,  
Dar-nos listas de Heróis em culto verso?  
Tem por certo, que em vão o Amor da Pátria  
Versos te dita sacros à Verdade  
Curta lisonja a quantos celebraste,  
Grão despeito aos mais todos que esqueceste.

Sempre, assim, movo as plantas perigoso,  
E pronto sempre a acarear pelepas  
Quantas por terra e mar esta balança  
Proveitosa à Britânia há já renhido.

Cessa, oh de Bourbon digno sangue, cessa  
De ao meu tímido Apolo dar alento,  
Da História os Campos, deixa que eu decorra  
Onde eu sem Arte e Ingenho seguir franco  
Desde Scaldá até Jart a Luís posso  
Direi tudo; que tudo lhe é de glória,  
Tudo me é a mim de glória. <sup>(1)</sup> Tu não semelho,  
Nem quero semelhar ao grão satírico, <sup>(2)</sup>  
Do Herói seu comedido historiógrafo  
Que, afim que escreva um Panegírico  
Bem pago foi, se à luz não saiu nada.

---

(1) Tanta glória granjeio eu em lhe escrever as proezas, quantas Luís granjeia em as obrar.

(2) Boileau.

---

---

ODE

---

Nunca fui mais feliz, que em meigo sonho.

LUÍS RAMEIRO DE SOUZA num Soneto.

---

EM tristezas ruins todo embebido  
Junto me recostei de umbroso Ulmeiro;  
    Lá me aformoseou tudo  
Dum regalado sonho a ilusão grata.  
    Próspero aos meus desejos  
Era Amor, que co' as asas me amparava;  
Que c'ó dom de agradar me fez mimoso.  
    Quem sempre assim sonhara!

Veio a Era de Astreia ante olhos pôr-se-me.  
Entre os Mortais a Paz era a Sobr'ana,  
    Tinha aras a Justiça;  
Singela a fé, sagrada era a promessa,  
    Casta, cordata a gente,  
Exalava franqueza a voz, e o trato;  
Negada ideia, *servidão, tiranos*.  
    Quem sempre assim sonhara!

Fecunda a Terra que ornam mil boninas,  
Sem que duro labor requeira aos Povos;  
    Qual, na Era de ouro, quando  
Por gosto os Ricos, gados pastoravam:  
    Nas choças de folhagem  
Assentava de pousada Homens sem luxo;  
Fora estranheza ver desleais Amantes.  
    Quem sempre assim sonhara!

Eis do trovão um hórrido arremedo  
Me sobressalta o sonho: eis esvaída  
    A sonhada Ventura;  
Nem vestígios deixou. Então acordo  
Do meu error saudoso.  
Adeus, encanto! adeus, donosos dias!  
Que me ficou do meigo sonho? Mágoas.  
    Quem sempre assim sonhara! \*



## ODE

VIVE LE VIN, VIVE L'AMOUR

SEDAINE.

VEM, oh Baco: oh vem tu também, Cupido,  
    Co' as doces Ilusões, acompanhadas de ambos;  
    Vem formosear os quadros  
    Do vão sonho da vida:

Dai solidez aos bens imaginários,  
    Estendei ambos as donosas vendas  
    Sobre os tão agros males,  
    Tão feias cataduras.

Acuda aqui o Amor, acuda o Vinho.  
    Amante que bem bebe, afoga e sume  
    Em roxo pego as mágoas,  
    A ruim Melancolia.

---

\* Esta Ode traduzida, já vai impressa, com o original, a pág. 30 deste tomo; mas aqui a torno a pôr em razão das variantes que encerra. — *Nota do Revisor.*

Tem tal virtude o Amor, virtude o vinho,  
Qual vates fabularam tê-la o Letes.  
Quando amo, e quando empino  
Que enojo há hi que lembre?

E há quem ame viver, desadorando  
Tais Deuses tão benignos, tão fagueiros?  
Sim: mas com dor perene  
Os aflige Amor e Baco.

Lá está co' açoute alçado Erínis fera,  
Que os golpes amiúda. Ixion, e Tântalo  
Não tem mais penas no Orco,  
Que as que esse austero curte.

Pode-se a Amor dar culto, e culto a Baco,  
Guardada a Lei do *Honesto*, a Lei do *Sóbrio*:  
Desonra a Ebriedade;  
Infama a Impudicícia.

---



---

## DIFERENÇA DESCONSOLATRIZ

CARA a cara c'ó meu alojamento,  
 Ajeita o tirapé, crava a sovela  
 Um certo Calçador da humana prole.  
 Da janela conquisto com meus olhos  
 Quanto faz e não faz. N. B. em dia claro;  
 Que à noite, as portas vedam ver mistérios  
 De familiar conchego. Vi um dia  
 Parar-lhe à porta, um faetonte aéreo. <sup>(1)</sup>  
 Com meneio estudado o sécio Dono  
 Inclina olhos ao Mestre: — Uns sapatinhos  
 De primor, para os anos de Temira,  
 Com quem quero valsar; Disfere o estalo  
 Do açoute, e toma a pulos a calçada.  
 O Mestre deixa tudo, e rebolindo,  
 Põe-se à empreita da obrinha encomendada,  
 Que lhe medra nas mãos; e a ponto fixo,  
 A leva ao Sécio. — Eu vi-a. — Era obra prima.  
 Tanto me não sucede. Amigo, ou Dama  
 Me pede versos (versos de encomenda),  
 Ponho-me à banca; chamo pelas Musas,  
 Por Febo Pataréu.... Patas do Pégaso  
 Creio que ouço no pátio.... Mau agouro!  
 Vi Burro, vi cangalhas. Fiz uns versos  
 Que bem davam sinal de tal auspício.  
 Tenho teiró com versos de encomenda,  
 Nunca os fiz, que me enchessem as medidas: <sup>(2)</sup>  
 Que dif'rença de mim ao Sapateiro!!!

---

(1) Carinho alti-montado, leve, levíssimo, que aposta levezas com a concha de Vénus tirada por duas Pombas.

(2) Não quer isto dizer que mas encham os outros. *Vade retro* bazófia.

---

---

## DITIRAMBO

HOJE que torna,  
Gentil Maria,  
Teu feliz dia,  
Damon entorna  
Do Cristalino  
Frasco benino  
No copo ingente  
O reluzente,  
O Ebri-festante,  
Vivificante,  
Licor dourado,  
Que Bassareu  
Ao mundo deu,  
Como o Universo  
Mais do que Juno,  
Mais que Minerva,  
Que o azul Neptuno  
E a mais Caterva,  
Que o Olimpo encerra,  
Que habita a Terra,  
O mar profundo  
O abismo imundo,  
O Grão Lieu  
Enriqueceu!

II.º TENOR

Aqui tens, Alfeno, a Ambrosia,  
Que a fértil Chamusca nos manda  
Moscatel doirado, e divino,  
Que alegre e agita a loira Irlanda.

I.º TENOR

Eis o primeiro copo empino  
Dicando-o a Ti, Linda Maria.  
Novos sons nunca escutados  
Soltar vou... Fugi ligeiros  
Co'a profana plebe rude,  
Sóbrios vates adamados,  
Para os *rancidos oiteiros*;  
Que eu beber quero um almude,  
Té que Baco fácil desça,  
E do Pindo traga as flores  
Com que eu teça  
Os Louvores  
Da Donzela  
Meiga e bela,  
Tenra Vara  
Que brotara  
Hoje um ramo  
Que tanto amo  
Ramo em mil virtudes fértil  
Dos honrados e dos  
Mathevons.

CORO

*Viva a bela Maria! Viva, viva*

II.º TENOR

Agora que a taça nitente  
A espuma transborda fervente,  
Inundo as sedentas entranhas  
Co' o celeste sumo fragrante,  
Em que, Grão Leneu, ledó banhas  
O Vermelho imberbe semblante,  
E o loiro cabelo ondeante,  
Sumo das pingues cepas ramosas,

Que tu mesmo benigno plantaste  
Quando à fresca Setúbal chegaste,  
Nas circumstantes serras viçosas.

Oh viticomada  
Progénie de Jove,  
Dest'alma remove  
E dardeja aos ares  
Os cruéis pesares,  
Malífica praga,  
Da Desgraça filha,  
Com este que brilha,  
E o peito me alaga  
Teu sacro licor.

CORO

*Desce propício, Padre Baco, desce!*

I.º TENOR

Basta; deixai-me orar ao grande Brómio.

*ou*

Silêncio; que exorar a Brómio quero.

Ajuda-me, Damon, nos santos ritos:  
Primeiro em derredor do altar sagrado  
De pâmpanos ornado,  
Três vezes move a mística ciranda:  
Depois do almo Mação alambreado  
Um Ciato capaz libando entorna,  
Enquanto eu outro que de vinho arraso  
Pela garganta sitibunda vaso,  
E os meus rogos envio  
Sobre as asas de um Hino alticanoro;  
Té que com este duplicado encanto  
O Deus deduza do Apolíneo Coro.

Oh padre, co'a dextra  
Digna me fulmina,  
E extingue a trilingue  
Serpente furente  
Da Tristeza eterna  
Que n'alma se interna,  
E mal nela aponta  
Gosto ou Esperança,  
Sobre eles se lança  
Famélica e pronta  
Com impio furor.

CORO

*Desce propício, Padre Baco, desce!*

II.º TENOR

Damon, Leneu inda não aparece?  
Dá-me outro copo daquele que imita  
A acesa cor de Ariadne formosa,  
Quando passou de amargura infinita  
Mais que nenhuma mortal venturosa,  
    Dos braços invencíveis  
    Que mil monstros terríveis  
    Votaram a Sumano,  
    Do nosso Soberano  
    O crin-áureo Lieu;  
E em tal gozo e doçura  
A sua alma engolfava  
Que atónita e estática  
A ventura fantástica  
Da Irmã não invejava,  
E até se deslebrava  
Do pérfido Teseu.

CORO

*Desce propício, Padre Baco, desce!*

I.º TENOR

Eis empunho o copo brilhante  
Do doce ambri-fogo ondeante;  
Eis ligeiro o esgoto de um trago,  
E da sede as iras apago....

Evoé! Saboé!

Já chegado o Deus he!

Já me oferece as flores do Pindo,  
E o pampinoso Tirso brandindo  
Ao Coração, pela boca me cala.  
Traz dele atenta, Damon adorado,  
Que brincam bando d'Espr'itos abala  
De porta-júbilos setas armado!

Ferve em meu peito

A alegre tropa;

E em guerra brava

Já Brómio trava,

E o Tirso ensopa

No torpe sangue

Da vil Tristeza,

Que sem defesa,

Baqueia exangue,

E a arquejar.

CORO

*Evoé! Viva Baco, viva, viva!*

II.º TENOR

Tenha a botelha que encerra o rocio.  
Que destilou o feliz Lavradio.  
Que é isto, Alfeno, vazia deixei-a!

Estou desperto, ou sonhando?... Não minto...  
Como tu n'alma tumultos eu sinto...  
Não escutas, não vês, doce amigo,  
Com que tropel Evan triunfante  
Conduz a acesa turba saltante,  
Contra o bruto Esquadrão inimigo,  
Que se entrincheira no peito chagado  
Dos sangui-sedentos Pesares?  
Zunem setas, cruzam os ares...  
Já trombetas roucas ressoam...  
O estridor e os roncões me atroam.

Que oiço! Vitória!  
Vitória! Grita  
A turba invicta:  
E o bando infando  
Passa, trespassa,  
Escala e estala,  
Que pela boca  
Me desemboca  
A sibilar.

CORO

*Evoé! Viva Baco, viva, viva!*

I.º TENOR

Evoé Nictileu Tirsipotente!  
Como toda minha alma desassombras,  
Da luctífica Turma que tremente  
Corre a engolfar-se nas tartáreas sombras!  
Inunda-me agora  
A mente com teu Nume  
Aviva o imortal lume  
Que no peito infantil me acendeu Febo:  
E ajuda-me a tecer alma capela  
De sempiternos Hinos  
Aos Natais faustos da gentil Donzela.

Mais vinho, mais vinho  
Daquele cor d'ouro  
Orvalho da rama  
Que ao tímido Douro  
A urna lhe enrama,  
Que hei-de embriagar-me  
Té Brómio emprestar-me  
Seu santo furor.  
Silêncio! Silêncio!  
Já Évio fremente  
Toda me fulmina  
A fervida mente,  
E a Lira me afina  
Do Dirceu cantar.

CORO

*Evoé! Viva Baco, viva, viva!*

II.º TENOR

Donde, oh Deusa da alegre juventude,  
Colheste a ideia, quando te esmeraste  
Em tecer o lindíssimo despojo  
Que lhe a alma veste, ninho da virtude  
Da engraçada Maria?  
De que jardins celestiais roubaste  
Os lácteos lírios, as sanguíneas rosas  
Destas faces formosas?  
Mas já Baco o mistério me revela;  
Tu mesma, oh Hebe, te disfarças nela,  
Não, seus lábios ardentes  
De fendido rubim  
Nem tão nítidos dentes  
De burnido marfim;  
Bem que lide a Natura  
Já mais pode criar.

São das Graças só dignos  
Os seus olhos brilhantes,  
E os subtis ondeantes  
Seus cabelos divinos.  
Áureo esmalte do colo,  
Sem ceder aos de Apolo,  
Só amor no alto Olimpo  
Os podia fiar.

CORO

*Viva a bela Maria! Viva, viva!*

I.º TENOR

Tragam-me vinho da Ilha viçosa  
Que os mortais néscios Madeira nomeiam,  
E os Imortais Nova Chipre formosa;  
Que com o Néctar mil vezes misturam,  
E a Vénus lisonjeiam,  
Com ele puro brindando, à porfia,  
Dos seus Natais ao festivo almo dia.  
Encham dois copos cada um raso, raso...  
Já nas ardentes entranhas um vaso  
A Ti brindando,  
Tenra Donzela,  
Afável, bela;  
Antes estrela  
Do Tejo louro,  
Rico Tesouro  
Que a Lusa terra  
Soberba encerra  
Roubado ao Céu.  
Brindo c'ó outro  
Ao seu Papá  
Que rindo está  
Como um Baxá  
No seu sofá,  
Junto à Cativa

Formosa e viva  
Té-li esquiva,  
Mas já não tanto;  
Que as faces molha  
De dúbio pranto,  
E a furto o olha  
Tinto de pejo  
O gesto seu.

CORO

*Viva o grão Mathevon! Maria viva!*

TIPLE

Mas que prodígio súbito inefável  
Dos meus olhos, da mente torna o freio!  
Vejo da Madre Terra roto o seio,  
Que em desmedido báratro se alonga  
Té a sagrada Gruta donde o Letes  
Em sonolentas roucas bolhas brota;  
    Dela sai Terra informe;  
    À minha vista ignota,  
Mais horrenda que o Cérbero triforme?  
    Qual serpe vem de rojo,  
E toda imensa boca, imenso bojo,  
    De contínuo devora  
Honras, Grandezas, Títulos faustosos,  
Ceptros, Tiaras, feitos gloriosos,  
Que em torno o impio Tempo lhe rebanha,  
E só ao seu furor os Fados negam  
Quanto as da Aónia íngreme Montanha  
Tutelares gentis ao canto entregam.  
Já para nos dirige o veloz curso  
    O Monstro detestando,  
Pelas inchadas ventas exalando  
Espesso e crespo fumo que o ar enluta.  
    Eis da garganta bruta  
Fazendo emudecer de susto ao vento

Rompe a toante voz, o Mundo atroa:  
«Eu sou, Mortais, o torpe Esquecimento,  
Filho da tenebrosa Eternidade  
Que c'ó Esquadrão dos hinos que revoa  
Em torno as vossas Liras  
Desejo apascentar as minhas iras.»

Que sorte lhes insta!  
Que transe apertado!  
Já tenho gelado  
O sangue de horror.  
Que mágoa! que pena!  
Com tal ordena  
Do fado o furor!

CORO

*Acode aos tristes, Baco invicto, acode!*

I.º TENOR

Damon, Damon! oh Céus! Oh corre, amigo,  
Sus, mais vinho... mais vinho depressa.  
A vasta boca a abrir já começa  
Para os tragar o Monstro inimigo.  
Dá-me o Néctar das cepas de Tires...  
Bom!... eu farei que em vão te retires,  
Maldito, urrando ao Reino de Dite,  
Por mais que a Inveja e o Tempo te incite.

CORO

*Acode aos tristes, Baco invicto, acode!*

I.º TENOR

Eis nestes copos dois cristalinos,  
Que um frasco inteiro embebem no bojo,

Vou mergulhar três vezes os hinos;  
E o resto à vil carranca te arrojoo...  
Que é isto? ao Orco foges pulando,  
E o focinho bramindo sacodes!  
Volta aos Hinos: devora-os se podes.

De corrido embrenha-se  
Na Gruta sombria  
Do Letes somnífico  
E sobre ela o báratro  
Com fragor terrífico  
Logo se fechou.  
O Canto grandíloquo  
Ouvi, oh vindouros,  
A Harmonia célica  
Que co'as doces Piérides  
A Maria angélica  
Alçar ledo vou.

CORO

*Viva a bela Maria! Viva! Viva!*

I.º TENOR

Quando, oh Ninfa, do Empíreo radioso  
Aos campos Tagitanos  
Baixou ufano o instante venturoso,  
Que te deu aos atónitos humanos;  
O altitonante Jove  
Sobre as penas horríssonas do vento  
Corre a privar de luz e movimento  
Aos astros donde chove  
Maligno influxo sobre o triste Mundo;  
Nem as sanguíneas crinas desentrança  
Pelo Éter cometa furibundo.  
O Oceano Lucífero e profundo  
Donde o perene fogo se deriva;  
Que alimenta, que aviva  
A cem sóis que no ar giram nadando,

De alto gozo soberbo transbordando  
Com alma inundação de luz os cobre  
O seu benigno aspecto te descobre  
Dos Planetas a turma refulgente,  
E abrindo o cofre seu, de dons sublimes  
Derramam sobre Ti formosa enchente.

Dêem-me vinho, que tenho a voz rouca,  
E o divinal furor se me pouca.

I.º TIPLE

Toma este espumoso  
Líquido rubim

II.º TIPLE

Que's antes do Alambre  
Que vence em fragrância  
A Rosa e o Jasmim?

II.º TENOR

Venha este... Céus! Que subtil porta-fogo!  
Basta; calai-vos, e ouvi-me, vos rogo.  
Ornada de tais dotes soberanos,  
Lindíssima Maria  
Quais já florescem em teus verdes anos,  
Se eu não de balde denodado rejo  
Das Nove Irmãs o Carro luminoso  
Pelo reino fragoso  
Do Futuro nublado,  
Já emalar Te vejo  
C'o as asas da Inocência, da Virtude,  
Longe da Plebe cega  
Os remontados voos que desprega  
O áureo Cisne do Loire  
Pelo céu da Honra austera.  
Ali da Fama o Templo demandando  
C'um chuva de raios cintilando,

Que pelo vasto Olimpo reverbera,  
Témis vos dá em prémio, oh almas belas!  
As roupas imortais com que vestira  
    As Tindáreas Estrelas.  
    Série ínclita de Heróis  
    Pisa os Orbes estrelados,  
    Cujos feitos em mil sóis  
    São por Jove transformados,  
    Que escurecem as de Alcides  
    Imortais brilhantes lides:  
    Pelo Empíreo já ressoam  
    Festivais suaves sons.

    Junto aos Deuses se recostam;  
    Já o Néctar e a Ambrosia  
    C'os purpúreos lábios gostam:  
    Prole é tua, Gentil Maria,  
    Um e um a Ti se humilha,  
    A abraçar-Te gloriosa  
    E aos honrados Mathevons.

TODOS

Viva o Grão Mathevon! Maria viva!

CORO

*Façamos silêncio  
Que as leves Napeias  
Co'as Ninfas do Tejo  
Já travam Coreias.  
Com digno festejo  
Honrando à porfia  
Da Linda Maria  
O Dia Feliz.*

---

---

ETIMOLOGIA (\*)

DE LOUÇÃ, E LOUÇANIA

OFERECIDA

Ao meu amigo d'há mais de 40 anos,  
Timotheo Lecussan Verdier

---

Ex more imponens cognata vocabula rebus.

HORAT. *Lib. 2. Serm. 3.*

---

OS que a língua de Homero bem compreendem  
Descortinam agudos, <sup>(1)</sup> que, *Anarquia,*  
*Hidropisia, Higia, Hipocrisia,*  
E inda outros mais, com rabo-leva em *ia*  
Chupão etimon, <sup>(2)</sup> Cáspite!!! Greguíssimo.  
Mas, com sobejo cabedal gregório  
Com sobejo recheio latinório,  
Não atinam com quem, a *Louçania*  
Deu o primeiro ser. Não foram Persas,  
Não Arábios, Assírios, Babilónios:  
Deu-lho a moda, Verdier, o gado fêmeo.  
Tem-se apurado em vão Ingenhos cultos  
No esquadrinhar o ponto. Ele travesso

-----

(\*) Esta peça foi a primeira que o Autor compôs sobre este assunto, mas tendo-se extraviado na imprensa, fez em seu lugar a que vai no Tomo III. Agora que por acaso se descobriu, aqui a damos. — *Nota do Editor.*

(1) Que tem aguda vista, agudo juízo.

(2) Que sabença! Nunca me cuidei tão erudito.

Lhes fez nicas téqui. Guardado estava  
Esse lauro ao bestunto de Filinto:  
Como já a Bato fez mercê Mercúrio  
De o armar pedra de toque. — Vá de Conto.

Já tinha a de Faenza invenção guapa <sup>(1)</sup>  
Dado branca, e pintada louça às mesas,  
Quando o Gama, rompendo o Mar Eoo,  
Abriu lida aos impróvidos Lusíadas,  
Nos tão remotos Reinos Indianos.  
De lá correr Japão, surgir na China  
Era um cuminho: — e menos. Com que enlevo,  
E resguardos, não viram, não trataram  
Os pratos finos, as brilhantes <sup>(2)</sup> chávenas,  
Pinturas de primor, vivos matizes?  
Foi portentoso, foi extasi!.... Embasbacam-se.  
Não davam fé de si. Pero Solano  
Companheiro do Pinto <sup>(3)</sup> viagíssimo  
Cobiçoso de regalar a Pátria,  
Dela atochou Baús, mandou remessa,  
No primeiro baixel, que à Pátria veio.  
Os madraços que a viram, que ignoravam  
O nome que ao crismá-la, pôs Solano  
(Logo o direi) foi dita Per-solana.

Ora, Amigo Verdier, tu, que lês Crónicas  
Que chincas Grego!... Tens cabal notícia,  
Que em eras de Solano, e Mendes Pinto,  
Greguejavam, e a flux latinizavam  
Grandes estudantões, que em França e Itália,

---

(1) Louça branca que em França chamam *faience*, do nome da Cidade, onde inventada foi.

(2) Em que brilhava o ouro, e as luzidas cores.

(3) Fernão Mendes Pinto, o mais desabalado corredor de mar e terra que Portugal deu à luz.

E na Alemanha, sôfregos sorveram  
 Lições dos Melancthons, dos Policianos,  
 Dos Galos sabichões de mais da marca, <sup>(1)</sup>  
 Lições, com que o idioma, nos douraram, Luso.  
 Eis que o Solano (grego, e mui da gema)  
 Namorado das xícaras, dos pratos,  
 Despiu-lhe o nome Chim; pôs tudo à Grega.  
 De *luo*, <sup>(2)</sup> que é lavar, em Grego idioma,  
 E de como ela brilha, e luz, lavada  
 Compôs *louça*: — Qual, se ele adivinhara,  
 Quão destras no lavar, Inglesas Damas,  
 Na redondez da mesa asseiam xícaras.  
 Ponto é de alto saber, polido garbo,  
 No enxaropar do chá; miúda etiqueta!

Vê, quanto val ter lido Histórias!  
 A Nau, que então primeiro, soltou velas  
 Para os Reinos de Luso, trouxe a louça.  
 Rica louça! À Grei fêmea dás no goto;  
 Soam, ressoam gabos Persolanos:  
 Moda, na Elísia, moda em todo o Reino  
 Foi, titular, co'a louça, o que agradava.  
 No louvar cousa guapa, logo o epíteto,  
 Vinha aos pulos, da louça: — É *louçania*.  
 — É *cousa mui louçã*. — Pingentes, Broches,  
 Rosicléres, Anéis, em *Louçainhas*  
 Mudam nome. Se haviam na conversa,  
 De louvar de bizarro o amado Amante,  
 Ou Dama de formosa, logo à bailha  
 Vinha o *loução*, *louçã*. Já o Index todo

---

(1) Que El-Rei D. João segundo lá mandara aprender o que lá então se sabia. Disso fala certo Orate numa Carta de vastíssima parlenda, que vem no I.<sup>o</sup> tomo das suas trovas.

(2) Salvo este naco de etimon, que me veio por tablilha.

Dos termos do Namoro, de Arrebiques,  
Trastes do Toucador, Fitas e Flores;  
*Louçainhou-se* a flux. Dali ao Léxicon  
Desceu *louçã*, desceram *louçainhas*,  
A fazer seu papel. Aprendei Grego,  
Latim, Tonquim Árábio, e Conchinchino,  
Suai, e tres-suai, apezinhai-vos:  
Se, por pontinhos, não sabeis a História  
Ficareis, no sem-cabo etimológico,  
Tão patinhos como eu, <sup>(1)</sup> como outros muitos.

-----

(1) Parece-me que *louça* e os seus derivados vêm do Grego *Luo* que quer dizer lavar, e *louça* assim é chamada porque se *lava*, deve *lavar-se*. Não estranhem que esta palavra venha do Grego; da língua Grega vêm outras palavras mui correntes na língua Portuguesa, como Maganão, Tolo, Lérias, Cassuar, etc.

- Mavgganon — maganão, maquinador, velhaco.  
Qolo;º — tolo, enlameado, pouco civil basbaque.  
Lkroº — lérias, bagatelas.  
Kassuvw — caçoar, tagarelar, taramelar. — *Nota do Sr. T. L. Verdier.*

---

---

ODE

AO DR. CONSTÂNCIO,  
MÉDICO DE AGRADÁVEIS RECEITAS

---

Oblivioso levía Massico  
Ciboria exple. ....

ORAT. *Lib. 2. Od. 6.*

..... Dissipat Evius  
Curas edaces! .....

*Id. Lib. 2. Od. 11.*

---

VIVA o bom Cordial! viva a Tisana,  
Que me veio a Versalhes, empalhada,  
Como o bom Redentor nos veio ao Mundo  
Tendo, por berço, palhas.

Canídia não compôs filtro amoroso,  
Que valha a beberagem do meu Médico.  
Cadet de Vaux, o Rei dos Boticários  
Fica aprendiz em drogas.

Só tu, oh Baco, és digno Farmacêutico;  
Tu, com mão poderosa, apaziguaste  
Uma tosse emperrada, que, nas noites  
Me afugentava o sono.

Apenas, à saúde de Constâncio,  
Esgotámos inteiro o Cordial grato,  
Morfeu nos embalou nos meigos braços,  
Té que nos saudou Febo.

Oh não hajam mais Médicos, no Mundo  
Que outros recipes dêem, senão tisanas!  
Tisanas do teor do meu Constâncio.  
Nem hajam Boticários!

Boticas sejam só adegas cheias  
E o bom Bordéus, e a doce Malvasia.  
Seja só Boticário o Vinhateiro,  
Lagar, laboratório.

FRANCISCO MANUEL

~~~~~

Dous bons presentes seus vieram empenhar a minha gratidão. O Cordial, que me afugentou a tosse, de maneira, que toda a noite, dormi como pedra em poço: e os três compatriotas muito amáveis, se não pecaram tanto em lisonjeiros. Bem se conhece neles virem de tronco francês, pelo bem que sabem adubar um elogio.

Porque tudo me aconteça ao revês, até os presentes se me fazem às avessas. Vi eu sempre (e talvez eu o usei em Portugal) um doente, que conseguiu a ventura de ter um bom Médico por amigo, sabendo, que este não lhe aceitará dinheiro pelas visitas, o brinda com o melhor que pode. Ora a mim o contrário me sucede. O Médico brinda o doente, quando o doente, nem real oferece o Médico. *Fortuna ludum insolentem ludere pertinax transmutat*, etc.

Foi muito feliz, para mim, o dia de ontem; em razão dos dous presentes. Desenferrujei a língua com patriotas, e alegrámo-nos todos à noite, beberricando o cordial.

Não nos sucede assim todas as noites; que lá diz o ditado — Nem sempre há rabo de sardinha.

Versalhes, 6, de Julho de 1812.

N.B. A seguinte Ode a Camões, confiada pelo seu autor M. Raynouard, Secretário perpétuo da Academia Francesa, ao Dr. Constâncio, foi por este logo transmitida ao Sr. Francisco Manuel para que a houvesse de traduzir. Ele assim o executou com a maior prontidão, e dentro de poucos dias terminou a tradução, a qual não é por certo inferior às melhores versões que saíram da pena de Filinto. Nela há estrofes que bastariam para eternizar o nome do poeta.

Depois da morte do Sr. Francisco Manuel fez M. Raynouard uma mudança nesta Ode, e converteu duas estrofes em uma, que é a VII. Felizmente foi possível fazer a mesma emenda na tradução, sem nada acrescentar aos versos, e unicamente transpondo um deles, e suprimindo parte de outro. Para que o leitor possa julgar da escrupulosa exacção com que foi feita esta emenda, inserimos no fim da Ode traduzida as duas estrofes VII e VIII quais elas existiam na versão da primitiva Ode original, e que formam agora uma só.

O Editor.

CAMOËNS

ODE (*)

I

HABITANTS des rives du Tage,
Dirigez mes pas incertains:
J'apporte mon pieux hommage
Au Chantre heureux des Lusitains;
Montrez-moi l'auguste retraite
Ou repose ce grand Poète
Comblé d'honneurs et de bienfaits.
Que vois-je? votre indifférence
Dans le besoin, dans la souffrance.
Laisse l'Homère Portugais!

II

BARBARES l'affreuse indigence,
Les noirs chagrins et la douleur
Auraient épuisé sa constance,
S'il ne dominait le malheur.
Dans ce délaissement funeste,
Un ami toutefois lui reste,
Mais ce n'est pas un Lusitain;
Chaque soir sa main charitable
Quête le pain que sur leur table
Ils partagent le lendemain.

(*) Esta Ode foi recitada na sessão pública das *Quatro Academias do Instituto de França* celebrada em 24 de Abril de 1819.

III

ANTÓNIO ton digne maître
T'aurait célébré dans ses chants; ...
Les miens t'assurèrent peut-être
Des souvenirs non moins touchants.
Apprends, Serviteur magnanime,
Qu'un dévouement aussi sublime,
D'âge en âge, sera cité;
Oui, de mes chants écho fidèle,
L'avenir dira que ton zèle
Ennoblit la mendicité.

IV

CEPENDANT ce zèle pudique,
Durant la nuit, à demi-voix,
Demande à la pitié publique
D'acquitter la dette des rois.
Pourquoi te cacher? Bélisaire,
Étalant sa noble misère,
Ne croyait pas s'humilier,
Lorsque ce casque ou la victoire
Ceignit les palmes de la gloire,
Était redait à mendier.

V

OSE te montrer dans Lisbonne,
Mendie à la clarté du jour,
Impose une pieuse aumône
Et sur le peuple et sur la cour;
Qu'avec toi l'illustre poème,
Plus hardi que l'auteur lui-même,
Implore ses Concitoyens:
Et les cœurs les plus insensibles
Frémiront à ces mots terribles:
«Faites l'aumône a Camoens.»

VI

MAIS non; digne rival d'Homère,
De son indigence héritier
Il sait souffrir il sait se taire
Il veut le malheur tout entier.
Leur pitié serait un outrage.
Que la gloire le dédommage
Et de sa vie et de sa mort:
Fort de courage et d'espérance,
Il se résigne à la souffrance
Sans orgueil comme sans effort

VII

J'ÉCOUTE, il s'explique lui même:
«Dans les succès de mes héros,
N'ai-je pas offert un emblème
Du génie et de ses travaux?
Pour conquérir aux eaux da Tage
Les tributs d'un lointain rivage,
Suffisait-il de la valeur?
Non, non, il leur fallait encore
Cette constance qui s'honore
De lutter contre le malheur.

VIII

LE géant du cap des tempêtes
Soudain se dresse devant eux,
Déploie au dessus de leurs têtes
Son corps immense, monstrueux.
D'une main il touche aux nuages
D'ou la foudre et tous les orages
Seront à l'instant détachés;
De l'autre il refoule les ondes,
Ouvrant les cavités profondes
Où les abîmes sont cachés.

IX

FUYEZ, leur dit-il avec rage,
O téméraires étrangers!
C'est moi qui fermai ce passage;
Ici j'amasse les dangers.
Mais eux au haut du promontoire
Ont bientôt reconnu la gloire
Qui les promet à l'univers;
Soudain ces guerriers magnanimes,
Bravant la foudre et les abîmes,
Ravissent le sceptre des mers.

X

QUI n'applaudit en cette image
L'homme dont l'intrépidité
Force le pénible passage
Qui mène à la postérité?
Si jusqu'aux palmes immortelles
Il tente des routes nouvelles,
Son siècle voudra l'en punir;
Mais quand l'ignorance et l'envie
Persécutent sa noble vie,
Il se jete dans l'avenir.

XI

ET n'attendez pas qu'il se plaigne
Ni des hommes ni du destin;
Qu'on l'oublie ou qu'on le dédaigne,
Son espoir n'est pas incertain.
Souvent l'envie inexorable
S'applaudit d'un essai coupable,
Elle croit l'avoir insulté;
Et lui, sans regret ni murmure
Expie la gloire future,
Rêve son immortalité.

XII

ET que nous font les vains hommages
D'un peuple follement épris,
Qui tour à tour à nos images
Porte le culte ou le mépris!
Écoutons l'instinct magnanime
Qui nous prédit la longue estime
Des temps et des lieux ignorés;
Que le vulgaire nous condamne,
Autour de nous tout est profane,
Nous n'en sommes que plus sacrés.»

XIII

IL a dit. Mon respect contemple
Ce vainqueur de l'adversité
À l'univers donnant l'exemple
De souffrir avec dignité.
Imitez cet exemple auguste,
Talents qu'outrage un sort injuste,
Ou l'ignorance des mortels;
Soutenez cette noble lutte:
Si, vivants on vous persécute,
Morts, on vous dresse des autels.

CAMÕES

ODE

I

VÓS, que as praias trilhais do Tejo aurífero,
Regei meu passo incerto,
No tributar meu pio rendimento
Ao Luso feliz Vate.
Mostrai-me o augusto sítio, em que repousa
Quem troou facção ínclita:
Veja eu as honras, veja os grandes prémios...
Que ingrata indiferença!
Dais à penúria, dais ao sofrimento
O Português Homero?

II

A não pôr ele os pés sobre o infortúnio,
Pobreza houvera-lhe hórrida
Apurado a constância; houvera-o, bárbaros!
Atro cuidado, e penas.
No amargo desamparo, que lhe fica?
Só caridosa dextra,
(Caridosa e não Lusa!) que nocturna
Esmola ⁽¹⁾ o pão mesquinho
Que tem de apascentar, no sol vindouro
O Escravo leal e o Amo.

(1) Temos o verbo esmolar na significação de pedir esmola.

III

SE o caro nome teu não poude o Vate
 Ilustrar no seu metro,
No meu te hei pôr segura alta lembrança
 De grão renome, António.
Sabe, que esse sublime sacrifício
 Tem de achar nos meus hinos,
Eco fiel, oh! Servidor magnânimo,
 Nos devolvendos séculos,
Pregoando, que enobrece esse teu zelo
 Da mendiguez o opróbrio.

IV

PUDICO zelo, que com voz submissa
 Pede à piedade pública,
Com nocturno recato, o que, alto dia
 Cumpria aos Reis pagarem.
Oh! não te encubras. Olha a Belisário
 No márcio capacete
A esmola receber, nobre penúria
 Sem pejo assoalhando:
Louros, palmas colhera em cem vitórias;
 Ei-lo cego e mendigo.

V

OH! pisa ufano a triunfal Lisboa
 De Febo ao claro lume;
Impõe tributo ao Povo, impõe-no à Corte
 Tão raro Ingenho o cobre. ⁽¹⁾
Co' Poema nobre em mãos mais atrevido
 Que o Vate mesmo, os peitos
Dos Cidadãos abala: vê quão briosos

(1) Arrecade.

Se pejam, se envergonham
Da voz terrível que pediu na treva,
Para Camões esmola.

VI

OH! não! Que ele rival de Homero, e herdei o
De seu mendigo Fado,
Calar sabe sofrido, e sorve inteira
A taça das desditas.
Serôdio prémio, a ilustre ofensa o houvera,
Que perdões escasseia.
Deixai-lhe o pundonor brioso e irado
Consolar-se em si mesmo
No conceito que à Pátria sagrou tudo,
Tudo sagrou a ingratos.

VII

ESCUTAI, escutai. Camões vos fala:
« Digno emblema a mim próprio
Não dei, dos meus Heróis nos altos feitos,
Consolador emblema?
Par'avidos colher d'Eoo tributos,
Que a foz do Tejo aceita,
Bastara a Valentia? Não. Faltava
Constância, que blasona
Lutar arca por arca, c'ó infortúnio,
E lutando aterrá-lo.

VIII

O Gigante do Cabo Tormentório
Entona a frente ao vê-los, ⁽¹⁾

(1) O Gama, e os Heróis que o acompanhavam.

Medra em vulto, devolve sobranceiro
Monstruoso o corpo lívido;
Co'a dextra as nuvens preme donde rompam
Seguidas tempestades,
Estalem os trovões, raios fuzilem;
Recalca com a esquerda
Cavadas ondas, que lhe, à vista, rasguem
Do abismo as profundezas.

IX

E diz raivoso: — Oh Nautas temerários,
Virai de velas súbito;
Que eu sou quem pus traveses neste passo,
Pus-lhe os roncós dos p'rigos. ⁽¹⁾
Mas Gama, e seus Heróis já lá avistaram,
Raiar no cimo ⁽²⁾ a glória,
Que tem de alardeá-los no Universo.
Magnânimos Guerreiros
Afrontam raios, e transpondo abismos,
O azul tridente roubam.

X

QUEM não aplaude, neste quadro, o intrépido
Que denodado rompe
O través, que lhe embarga o passo franco
Ao póstero renome?
Se novas sendas tenta a colher fouto

(1) O mar empolado com a tormenta, que com os roncós assusta, e ameaça perigos. Tem seu atrevimento a frase: mas vou-me com Plínio júnior, *epist.* 9. Mais amiudado (diz ele) cai quem corre, que quem de gatinhas vai: tal qual gabo porém se dá aos que caíram, nenhum aos que não caem.

(2) Do Promontório.

Imortais palmas, logo
Traça a Ignorância, a Inveja castigar-lhe
A profícua ousadia.
Avexam-no? Ele nobre ⁽³⁾ se abalança
Ao grémio do Futuro.

XI

NÃO espereis, que ele frouxo se lastime
Nem de homens, nem dos Fados.
Nele desdém não punge, nem desprezo
Vosso: lançou ele a âncora
De esperança. Se Inveja inexorável,
De que o insultou se ufana,
Ele contempla que a expiar o lançam
Culpas de herói virtuoso;
Fita a glória imortal, que o aguarda, e olvida
Murmurar contra a Inveja.

XII

QUE nos vale esse obséquio vão, do Povo
Tonto na afeição sua?
Que, a reveses dá cultos, dá desprezos,
À imagem nossa? Ouçamos
O que instinto magnânimo nos clama,
Quão longa e nobre estima
Em Era, em Clima ignotos, nos espera.
Condenam-nos? Desdenham-nos?
Profano é tudo aqui? Mais nossos nomes
Serão, por lá, sagrados.»

(3) Nobremente.

XIII

PÔS fim Camões. Contemplo com respeito
O Herói de adversos Fados,
Que exemplo de sofrer com dignidade
Em si brioso o ostenta.
Vós Talentos, que ultraja a sorte injusta,
Ou de Homens a ignorância,
Mirai-vos nesse brio, e firmes sede
Na luta nobre: — Vivos,
Se perseguidos sois; na Era vindoura
Mortos, vos erguem aras.



Esta Ode, que o meu Amigo Constâncio me pediu que mui breve lha traduzisse, dous dias nela trabalhei d'afogadilho. Ei-la aí tal e quejanda. Lembra-me, que dizia minha Mãe, que Obras feitas à pressa sempre saem atrapalhadas Se a não acharem tão cabal, como (a ser mais ajudada) sair pudera, confesso que são da minha opinião. Tal que, se me, subido houvesse, em tão avelhentada estação (o que não é para crer) maré alguma de ambição de glória, em que eu, achando-me com vida alegre, com saúde, com dinheiro, com boa vontade e com pachorrento vagar, metesse o pouco cabedal de ingenho em a guisar mais comezinha... Então... fora ela outro cantar.

Valha a pura verdade. Não só esta versão, mas todos os versos meus mereciam amanhã tal: mas também é verdade pura a que se os Senhores Críticos tomassem tão curta lida para os censurar quão curta a eu tomei para os compor, em bom couto de pungentes unhasdas estariam os meus deslavados versinhos. Que bem inteirados estão quantos me conhecem, que se versos me custassem a compor, nunca eu versos comporia.

Estrofes VII e VIII da tradução da Ode original primitiva

VII

ESCUTAI, escutai. Camões vos fala.
«Quando eu, oh invejosos,
Ingratos Lusos, illustrei a Pátria
Na glória o fito punha,
Não em vós. Hoje sofro, mas seguro,
Que, um dia, hão vossos Netos
Contra o descuido vosso arrojaram iras.
Sofro, mas com tal brio,
Que o arrosta a glória minha; e, em vós o ultraje
Minha virtude o escusa.

VIII

NÃO dei, dos meus Heróis, nos altos feitos,
Digno emblema a mim próprio?
Consolador emblema? cabal prémio
Do ingenho, e seus labores.
Par'ávidos colher d'Eoo tributos,
Que a foz do Tejo aceita,
Bastara a Valentia? Não. Faltava
Constância que blasona
Lutar arca por arca, c'ó infortúnio
E lutando aterrá-lo.

TRATADO
DO
SUBLIME

A QUEM LER

CONFESSO, que o pouco, ou quasi nada, que aprendi da língua grega, me não daria afouteza para traduzir do Original este Tratado: como porém, lendo a versão que dele fez Boileau, encontrasse eu dictames, que seriam úteis a quem, ignorando a linguagem de Longino, folgaria de os ler em português, tapei a boca ao deslustre de ser tradutor duma tradução.

Confesso, que quando, para meu uso a empreendi, como muitas outras traduções de Clássicos para me formar estilo, não sabia que havia já em português, e de mão de mestre, a versão deste tratado. [vii] Ainda hoje que conto 83 anos, o não soubera, se numa nota do ilustríssimo Elpino Duriense [viii] não acertara com essa notícia.

Mas (dirão, e com muito siso, algumas pessoas) se o sabes, e se comprehendes quanto à tua cabe que sobreleve a douta versão primeva, te afoutas a dar a tua, que bem julgas quanto inferior lhe tem de ser, pelas razões que tu mesmo apontas, e ainda muitas mais. Respondo que antes de saber que existia essa versão, estavam vendidas para nova impressão todas as minhas obras em verso, e em prosa, tanto as já vulgares, quanto as inéditas; que nestas ia comprehendido este Tratado, e que o comprador diz que como possuidor dele tem todo o jus de publicá-lo, e eu nenhum de lho impedir.

Como vertia para uso meu, trascorei o prefácio que Boileau compôs. Os curiosos o podem ler com proveitosa instrução.

[vii] Filinto refere-se à tradução de Cândido Lusitano, aliás Francisco José Freire.

[viii] António Ribeiro dos Santos.

e Poetas, e estenderam pelos vindouros o brado, e a glória do seu merecimento.

Porquanto não é do Sublime persuadir, mas é sim arrebatár, arrobar, meter-nos na alma certa admiração entretecida de suspensão e espanto, que transpõe além do agradar, além do persuadir. Da persuasão digamos, que ela em nós pode, o que nós consentimos que ela possa. Não assim do sublime, que às falas tão invencível força dá, que a quem ouve, a alma lhe enleva. Não bastam em qualquer Obra uma ou duas passagens, para que lhe notem o fino da invenção, o belo da disposição e arranjo; com custo se dá a notar, em toda a série do discurso, esse ajustado. Mas quando o Sublime rompe, no lugar que lhe compete, ei-lo, que derruba, como um raio, quanto encontra, e alardeia ali juntas as forças todas do Orador. Ora o que eu aqui digo, e mil outras cousas de igual espécie, inútil dizê-las fora, a ti, que por experiência as sabes e que a mim na precisão mas ensinarias.

CAPÍTULO II.º

*Se há do Sublime arte que particularmente o ensine:
e quais são os três defeitos que lhe são contrários.*

VEJAMOS, de primeiro, se do Sublime há particular Arte ou não: que pessoas há aí que dão por erro o reduzi-lo a Arte, e lhe assinalar preceitos. O Sublime (dizem) connosco nasce, e não se aprende; e o melhor meio de o haver, é vir do ventre com ele; e ate pretendem que Obras há hi tais, que só a Natureza produzi-las pode; e que as afrouxa o constrangimento das regras, e que estas as secção, as definham, e mirram. Eu todavia, bem tomado o peso ao assunto, sustenho-lhes o contrário.

Bem certo é que nunca a Natureza se ostenta mais liberta, que nos discursos sublimes, e patéticos; mas também é fácil de compreender que se não deixa ir ela a esmo, e como inimiga de arte, ou de preceitos. Confesso que ela tem de ser base, como princípio, e primeiro fundamento em todas a produções; o que não priva necessitar o nosso Ingenho que lhe ensinem o como, e o quando método este, que muito vale para adquirir com perfeição o hábito do Sublime. Não se arriscam muito as Naus, quando à velocidade delas se não dá lasto? se não dá competente carregação?

Tal succede ao Sublime, se o largais aos ímpetos de ignorante e temerária Natureza. Nem lhe é menos ao nosso espírito necessário o freio que a espora. Numa passagem lá disse Demóstenes, que ser ditoso é o maior bem que na vida nos pode acontecer; mas não o é menos saber dar-se prudente proceder. Digamo-lo assim do discurso. Para se remontar à grandeza do falar, mui precisa é a Natureza: mas falte-lhe a Arte; vai como cega, e sem tino dar, aonde?... ⁽¹⁾

Torrentes de enoveladas chamas, vomitar contra o Céu, fazer de Bóreas o seu flautista: e mil frases de igual estofa, de que se recheia o tal drama; e que nenhum ressábio trágico tem, mas inchação, e extravagância

(1) Tinha o Autor falado da inchação do estilo, a cujo propósito citava certos dislates dum Poeta trágico, de cujos são os seguintes.

muita. Ora elas tais travadas de embelecões de outra imaginação mais enturvam, mais corrompem o discurso, do que alevantá-lo prestam. Olhai-as de mais perto, e mais à claridade; e já o que tão terrível, de primeiro, vos pareceu, dispara em pura asnidade.

Ora, se na tragédia, que pompa no estilo pede e magnificência, é desar insuportável despropositada inchação; quanto mais o não será num discurso ordinário? Chasquearam de Górgias, que a Xerxes apelidou Júpiter dos Persas, e aos Abutres sepulcros animados; nem mais forro saiu Calístenes que em certas passagens de seus escritos, em vez de se elevar como é devido, tal se remonta, que é perdê-lo de

v i s t a .
O que eu porém mais que todos, intumescido vejo é Clitarco, tão balofo, que só pele sem polpa tem; e de cujo, com Sófocles direi, que incha grandes bochechas para assoprar num assobio. Digamos outro tanto de Anfícrates, de Hegesias e de Mátris, que dando-se por arrobados de Estro, e de furor Divino, cuidando que trovejem, destampam em joguetes de crianças.

Por certo, que em pontos de Eloquência nada há mais agro de evitar que a tumidez. Como em tudo nos abalançamos ao grandioso fugindo de que nos tachem de acanhados, e mesquinhos, acontece (e não sei como) que a maior parte nesse vício cai, encostando-se na máxima vulgar:

Em nobre empresa, a mesma queda é nobre.

O que todavia não tolhe ser tão nociva no discurso a inchação, quanto o ela é no corpo. E que é ela? Falsa fachada de inconstructo alcáçar e falha esse mesmo grandioso, a que se tinha arremessado. Daqui nasceu dizer-se, que nada há aí mais seco do que um hidrópico. Por fim, o senão do estilo túmido é o querer transpor além do estilo grandioso: pelo contrário do estilo pueril, de cujo nada há aí tão arrastado, tão mesquinho e tão oposto à nobreza do discurso.

E que é estilo pueril? Pensamentos de escolar, que à força de exquisitos dão em friezas. Nesse vício caem quantos borbotam brilhantes estranhezas, e mormente os que se atiram ao engraçado e jocoserio; que por muito se aferrar ao figurado, dispararam em destampada affectação.

C'o patético vem o terceiro defeito adversário do estilo grandioso. Chama-lhe Teodoro, furor desassizado, quando no que deviam medianos aquecer, sem medida se inflamam além do que consente o assunto. Oradores, e não raro, vemos que ébrios se tomam de paixões desconformes do objecto; mas que vindas com eles da retórica palestra, lhe ficaram como apegadas: com o que conseguem, não só não comoverem, mas até virem a ser aborrecidos, e insuportáveis: acontecimento infalível a quantos despropositadamente se debatem ante o auditório que comover não conseguiram. Quando tratarmos das paixões o diremos mais ao largo.

CAPÍTULO III.^o*Da frieza no Estilo.*

DESSE estilo frio e pueril abastado está Timeu, aliás homem de porte, e às vezes grandioso e sublime, de muito saber, e que muitas cousas diz com siso; dado que tal e qual defeito repreende nos outros, que ele cego em si não vê, e que sôfrego de alardear novos conceitos, cai em puerilidades. Do que darei um ou dous exemplos, visto que já quantidade deles deu Cecílio. Querendo Timeu louvar Alexandre Magno, diz, que em menos tempo havia conquistado a Ásia, do que Isócrates gastara a lhe compor o elogio. Que bem é comparado o magno Alexandre c'um Mestre de Retórica! Razão, pela qual subiria Isócrates acima dos Lacedemónios: estes empregaram 30 anos na tornada de Messénia, quando Isócrates não usou mais que 10 em lhes tecer o panegírico.

Ora a propósito dos Atenienses cativos na guerra de Sicília, quejanda a exclamação em que prorrompe: «Castigo foi do Céu, pelo impio desacato a Hermes feito, e estátuas que lhe mutilaram; e mormente, porque um dos Cabos das inimigas hostes, Hermócrates (avoengo apelido) se chamava.» E porque, Caro Terenciano, não disse ele também, que permitiram os Deuses, expulso fosse Dinis tirano, por Dion, e Heráclides (apelidos derivados de Dios Jove, e de Hércules) pelo pouco acatamento que acerca destas duas Divindades demonstrou?

Que há hi demorar-me com Timeu? Esses heróis da antiguidade, Xenofonte e Platão digo, da escola de Sócrates alunos, também às vezes se descuidam e puerilidades e baixezas lhes deslizam no que escrevem. No livro, que o primeiro escreveu da república dos Lacedemónios. «Mais não falam (diz) que se pedras fossem, nem olhos volvem, quais de fixo bronze. Acharas-lhes mais pudor, que as oculares porções, que Virgens os Gregos chamam.» A Anfícrates, que não a Xenofonte, chamar Virgens pudentíssimas as meninas dos olhos. Que conceitarrão! Porque em Grego, *core* diz *Virgens* e diz *Meninas dos olhos* diremos nós que quantas pupilas há no mundo são virgens pudentíssimas? visto que nos olhos é que mais ressumbra o pejo. Razão porque Homero disse: «Atestado de vinho com descoco de cão

nos olhos.» Não o viu Timeu em Xenofonte, esse frio conceito, que como furto que lhe fora feito, o não reivindicasse assim, na vida de Agatocles: «Que estranho que é roubar sua Prima própria recém-casada, no dia crástino das vodas! Quem tal faria, a não ter nos olhos em vez de Virgens, impúdicas pupilas? E de Platão, que diremos nós? desse Platão aliás divino, que falando dos cupressinos Registros dos Actos públicos, solta este pensamento: “Havendo tudo escrito, foram pôr no Templo esses monumentos de Cipreste?” e falando de muros: “Esses muros, deixa-os, Megillo, dormir na dura; e que os não ergam.”» Ridiculez igual é a de Heródoto, quando diz que dor dos olhos as Mulheres são. Conceito, a que todavia, no lugar em que ele o diz, dou-lhe eu desculpa, pelo dizerem Bárbaros envinhados e dissolutos; o que contudo não salva de baixeza o dito; e não cumpria, por uma mísera palavrada, pôr-se a pique de desprazer aos vindouros.

CAPÍTULO IV.º

Donde vem a frieza ao Estilo?

DA mania que hoje lavra nos Autores de excogitarem novidade no dizer, surgem essas affectações tão pueris e baixas. Porquanto do mesmo sítio, donde nos vem o bem, nos vem às vezes o mal. Assim vemos, que o que em certos casos contribui a aformosear a Obra, o que (digo) dá formosura, grandeza e graças à elocução, lances há, que dispara no contrário, como succede nos hipérboles e outras figuras, que Plurais têm nome. No curso que levamos, demonstraremos quão perigoso seja usarmos delas. Por agora tratemos de evitar esses vícios, que nos resvalam às vezes pelo sublime. O que conseguiremos, adquirindo do verdadeiro sublime clara, e nítida concepção, e a fazer dele exacto juízo: o que tem sua dificuldade; porque para bem julgar do forte e do fraco no discurso, se requer uso prolongado, e o serôdio fruto de consumada doutrina. Mostraremos a vereda, que lá guia.

CAPÍTULO V.º

Porque meios, em geral, se conhece o Sublime.

É de saber, querido Terenciano, que na vida ordinária que não é dado dizer que neste ou naquele objecto grandeza existe, quando é nobre, quando é grande o desprezá-lo. Riquezas dignidades honra, império, e outros aparentes bens de fastoso exterior, e que nunca passaram por veros bens no ânimo do Sábio, dão realce a quem virtuoso os despreza. Menos admiração nos dá quem os possui, que aquele que os enjeita por grandeza de alma.

Igual conceito cabe que façamos das Obras dos Poetas e dos Oradores. Sejam precavidos no tomar por sublime certos visos de grandeza, fundada quasi sempre, em palavras campanudas, e que b e m examinadas, são mera tumidez, que mais desprezo, que admiração merece. Que traz consigo o sublime o cevar a alma quando o ouvimos, tomar ela grande opinião de si mesma, entranhar-se de contento de não sei que nobre altivez; nem que o que ela simplesmente ouviu; o houvera ela mesma produzido.

Quando um Homem de siso, e nesse assunto bem versado, nos lê alguns rasgos de Eloquência; se depois de muitas vezes lhos ouvirmos, nossa alma se não eleva, e não concebe o nosso Espírito superior ideia ao que ouvira: se pelo contrário, atentando bem, descai, e se não sustém; demos-lhe a grandeza por falida, e que foi toada, que deu no ouvido e nele se esvaeceu. O infalível cunho do sublime é deixar-nos o que ouvimos, muito em que pensar; ser-nos, desde logo dificultoso, e quasi impossível resistir-lhe; e apegar-se-nos de modo na lembrança, que longo dura, e custosamente vem a apagar-se. Afigura-te que o verdadeiro sublime é o que em tudo, e a todos agrada. Prova certa de que há no discurso grandeza, e maravilha, e quando nalguns rastos dele quantidade de pessoas que entre si nenhuma relação têm de génio, e de inclinação, sentem em si o mesmo o mesmo toque de elevação e assombro.

(1) Gigantes, que cresciam cada ano um côvado de largo, e uma alna de comprido. Tinham 15 anos quando cometeram escalar o Céu. Por astúcia de Diana, um a

CAPÍTULO VI.º

Das cinco nascentes do Sublime.

CINCO são as principais nascentes do sublime, que todas cinco pressupõem a faculdade de bem falar, sem a qual seriam como nulas:

1.ª É mais considerável, espírito elevado, feliz no modo com que acerca dos objectos pensa. Já nos Comentários de Xenofonte o demonstrámos.

2.ª O Patético; e por ele entendo o estro, a veemência natural que abala e move. Ora estas duas nascentes a Natureza as dá, connosco nascem; quando as três seguintes em quasi tudo da Arte pendem.

3.ª As Figuras, às quais cumpre certo meneio dar. São biformes as Figuras; consistem umas no pensamento, na dicção outras.

4.ª Nobreza no dizer; e esta vem da escolha dos termos, e das elegantes figuras.

5.ª Que produz o grandioso, e que em si encerra as outras quatro, a composição e arranjo das palavras, em toda a sua dignidade e magnificência.

Examinemos agora o que é para denotar, e o que é peculiar a cada uma dessas espécies; advertindo como de passagem, que de algumas delas se deslembrou Cecílio, entre outras lhe esqueceu o patético. Se foi nele engano, por assentar que nunca o sublime se des-companha do patético muito o creio: porquanto muitas paixões há, falhas do que é grandeza, e até mesmo baixas, como o são a tristeza, o pavor, e a aflição: e tanto mais que deparamos com cousas sublimes e grandes

outro se mataram. Alceo era filho de Titan, e da Terra; Ifimédia se chamava sua Esposa, que Neptuno violou, e de quem dous filhos houve, Efiates o Oto, a quem Aloidas apelidaram, por terem sido criados em casa de Alceo como filhos dele; donde veio dizer Virgílio no 6 da Eneida verso 582:

*Hic et Aloidas geminos, immania, vidi
Corpora,*

em que paixões não entram. Como o que com tanta ardidez diz Homero falando dos Aloidas: ⁽¹⁾

Vastíssima ambição, que ao Pétion o Ossa
Sobrepôs, por que os Deuses destronasse!
E com mais força ainda, quando segue dizendo:

Sem dúvida haveriam, etc., etc.

E ora em prosa Panegíricos e outros Discursos mais de mero aparato contêm grandioso, contêm sublime, e de ordinário não contêm patético. De modo que Orador patético menos apto é para o Panegírico: e o que no Panegírico realça é menos apto para o patético.

Se imaginou Cecílio que o patético não contribui para o grandioso, e portanto o não nomeou, mais alto se enganou ainda: e me afouto a lhe dizer, que nada tanto relevo ao Discurso dá, quanto um feliz abalo, e uma paixão levada ao galarim; que vem ali como um entusiasmo, uma nobre fúria, que dá alma ao Discurso, dá-lhe chamas, e vigor divino.

(1) Liv. a 11. vers. 551-552, onde Ulisses faz suas submissões a Ajax: mas este nem se digna de lhe responder.

CAPÍTULO VII.º

Da sublimidade nos pensamentos.

POSTO que das cinco partes de que falei, seja a primeira, e a mais considerável, a natural elevação de ânimo, que mais é dom do Céu, que qualidade que se adquira; demo-nos quanto possível seja, a cevar o nosso espírito em objectos grandes, e em sustê-lo sempre em cheio, e como tímido de nobre, e de generosa altivez.

Se me perguntais onde com ela se depara, dir-vos-ei, que já noutro tratado deixei escrito que elevação de espírito era imagem da grandeza da alma: por isso admiramos num Homem, sem que ele fale, admiramos (digo) o que ele pensa. Seja exemplo o silêncio de Ajax, na Odisseia; ⁽¹⁾ silêncio que eu dou por mais sublime e grande que quanto ele dizer pudera.

A primeira qualidade pois que suponhamos no que é verdadeiro Orador, é a não baixeza de ânimo. Que não é possível que quem toda a sua vida teve pensamentos e inclinações baixas e servis, produza algo, que maravilhe, e digno seja de ir à posteridade. Aqueles somente que altos e sólidos pensamentos concebem, produzir podem Discursos elevados; e unicamente aos grandes Varões e que escapam extraordinários conceitos.

Veja-se o que Alexandre respondeu, quando Dario, com a metade da Ásia lhe ofereceu a Filha: «Se Alexandre eu fora (dizia Parmenião) aceitava-lha.» — «Também eu (lhe tornou o Magno) se eu Parmenião fora.» — Para tal resposta releva Alexandre ser.

Homero, nesta parte sobrexcele, sublime em seu pensar. Vejam como descreve a Discórdia (*Iliad. 4. vers. 443*):

Os pés na Terra tem, nos Céus a fronte.

E cabe dizer, que menos dá a medida da Discórdia, Homero, do que a medida da sua capacidade, e da elevação de seu ingenho. Hesíodo no seu Poema do Broquel (se dele é) diz da Deusa das trevas:

Fétido humor das ventas lhe escorria

Imagem não terrível, mas aborridível e nojosa. E vede que majestade não dá Homero aos Deuses, quando diz (*Iliad. 5. vers. 770*):

Quanta à beira do Mar, do alto rochedo
Sentado avistas a amplidão dos ares,
Tanto dum pulo salvam os dos Numes
Intrépidos corcéis etc.

Medir-lhe o pulo, é medir o Universo. Quem não clamara, e com razão, ao ver a magnificência de tal hipóbole, que a darem outro pulo esses Corcéis, não teriam onde. São imagens, como também a da Guerra dos Deuses, que encerram grandioso em si como esta (*Iliad. 21. vers. 388*):

Todo o Céu retumbou, tremeu o Olimpo

e esta (*Iliad. 20. vers. 61*)

Ao que furioso fez, rumor Neptuno,
O inferno estremeceu. Plutão, do trono
Salta, infiado grita: assusta-o o Nume
Que a golpe do tridente, lhe não meta
O dia, no seu reino tenebroso.
E aberto o centro da estalada terra,
Se não vejam da Stix ansiadas ribas
Ou que aos vivos se amostre o Império odioso,
Que aborrecem mortais, que Deuses temem.

Não vês, Terenciano, escachada até ao centro a Terra dar assomos do Inferno e ameaçada de cabal ruína esta máquina do Mundo; como apontando que nesse combate, os Céus, o Inferno, quanto há que mortal, que imortal seja, tudo com os Deuses contendia, e nada haver na Natureza que não corresse perigo? Conceitos são que tomar devemos em sentido alegórico, por não atinarmos com certa impiedade e horror, disconveniente à majestade dos Numes. Vejo em Homero feridas, conluios, suplicios, lágrimas, prisões de Deuses, e quantos acasos lhes acontecem: e sou de parecer, que ele dos Deuses quis fazer Homens, e desses Homens que assistiram ao cerco de Tróia,

lance de combater c'ó mesmo Júpiter. Disseras, que neste lugar, toma a forma Homero de vento auxiliador, e favoneia o ardor dos contendores; e que não menos violento se debate, que se aceso fora de igual furor.

Qual Marte iroso no âmago das brigas,
 Ou fogo, que o furor co'a labareda
 Devolve na espessura da floresta,
 Ele escuma de cólera, etc. (*Ilíad. liv. 15. vers. 605*)

Peço-te que repares, (e por muitas razões) como vai afracando na Odisseia, em que descobre quanto o ingenho que envelhece descai e se apraz em fábulas e contos: que darei bastantes de que ele compôs a Odisseia depois da *Ilíada*. Tanto mais que cousas há na Odisseia, que são da liada meras consequências, por ele transpassadas a esse último Poema, como episódios da Guerra de Tróia. Acresce, deplorarem a miúdo os Heróis da Odisseia, como comuns desastres os longo tempo, lá acontecidos. Assim a Odisseia é como um epílogo da *Ilíada*.

Ajax grande lá jaz, e o invicto Aquiles;
 Cortado o fio viu Patroclo à vida;
 Vio e seus dias findar meu caro Filho.

De lá acontece, que como Homero teceu a *Ilíada* no vigor do ingenho seu, lavra nela o dramático, e é toda acção; quando a melhor parte da Odisseia se alonga em narração, percalço da velhice. Pelo que, compare-se essa última Obra ao Sol quando se põe, que não desfalcado na grandeza, mingua no ardor, mingua na força. Já não é aquele Homero de tom alto e sublimado, que na *Ilíada* marcha a passo cheio, que nem pára nem descansa. Não se notam já nele aqueles movimentos, aquelas paixões, uns sobre outros cumulados; já não tem aquela mesma força, aquela (digamo-lo assim) volubilidade de discurso tão apta para a acção, e entremeada de tanta imagem singela de objectos. Digamos que é a vazante do ingenho, qual a desse Oceano, que se retira de suas praias, e como que as desampara. Vai-se, em tudo, transviando em concepções, e em fábulas incríveis. Não deixarei esquecidas todavia, as tempestades tanto ao vivo debuxadas, as venturas de Ulisses na caverna de Polifemo, e outras passagens,

sem dúvida, mui belas. Que em Homero essa velhice sempre é velhice de Homero. Bem que nessas mesmas passagens mais fábula, mais narração, que acção transpire.

Mais me alarguei nisso, com intento (como dito fica) de te demostrar que os mais elevados ingenhos naturalmente descaem às vezes no jocoso quando lhe vai minguando a vívida força da alma. Seja exemplo o sacco em que Eolo embucha os ventos, e os Companheiros de Ulisses que Circe transfigura em porcos; e de que Zoilo chasqueia, c h a m a n - do-os lagrimijantes cochinos. E que dizes das Pombas que dão a Júpiter sustento, como a um Pombinho? e Ulisses esfaimado com dez dias que não come depois de naufragado? e de tão absurdos contos na morte dos amantes de Penélope? O maior abono, que a tais ficções lhes cabe, é dar-lhes título de guapos sonhos de Jove. Se eu da Odisseia assim falei, mostrar-te quis, que os grandes Poetas, e insignes Oradores, quando, para o patético se lhes vai desmedrando o vigor, de ordinário se entretêm a pintar costumes. Assim fez Homero quando nos deu o teor de vida, que os Amantes de Penélope desfiavam em casa de Ulisses: descrição cómica, que pinta diferentes caracteres dos Homens.

(1) Se eu tivesse livros, acharia em Catulo a tradução Latina que me seria de muito préstimo.

CAPÍTULO VIII.º

Da sublimidade que se tiradas circunstâncias.

DEPAREMOS com pressuposto de que ainda o sublime surja; digo pois nada nos vem da Natureza, que se não acompanhe de certas circunstâncias; infalível segredo para acertar c'ó grandioso será a apropriada escolha que fizermos, das que de mor vulto sejam, e delas bem unidas se formar como um corpo: que é certo que essa escolha, e esse cúmulo de circunstâncias prendem muito o espírito.

Assim, quando fúria do Amor exprime Safo, junta quantos accidentes seguem essa paixão e a acompanham. Olha com quanta indústria ela escolhe os que mais assinalam o excesso, e a violência do amor, e o como ela os une todos:

Feliz, quem, junto a ti, por ti suspira; ⁽¹⁾
 E as falas te ouve, que o prazer lhe entranham:
 Vê teu meigo sorriso deleitoso!
 Essa Dita, a dos Numes, não a iguala.

Sinto de veia em veia subtil flama
 Coar, quando te vejo, em todo o corpo;
 E no arrobo em que esta alma se me prende
 Busco a voz, busco a língua; ambas deixaram-me,

Nuvem de confusão me enleia os olhos;
 Já nada escuto; lânguida esvaneço;
 Gelo, e fogo me investe e eu tremo, e morro.
 Quem nada seu possui, tudo arrisca, etc.

Não admiras quanta ajunta? Alma, corpo, ouvidos, olhos, língua, cores? nem que outras tantas pessoas, fossem, em ponto de expirarem? Olha quantos a abalam contrários movimentos. Ela arde, e gela: ora louca, ora sisuda: ou já fora de si mesma, ou já falece. Disseras que entranhada não está duma única paixão, mas que de tropel lhe entraram todas na alma, como a todos os que amam acontece. Bem reparas, que consiste a principal formosura de seu discurso na

acertada escolha dessas grandes circunstâncias a propósito assinaladas. Assim, quando Homero descreve uma tempestade, exprime quanto ela demonstra mais terrível, mais horroroso. E ora o Autor do Poema dos Arimaspios imagina que diz admiráveis cousas quando exclama:

Prodígio de assombrar! Furor incrível!
Homens sem siso, em frágil lenho, ao longe
De terra, habitar vão volúveis ondas;
Por via incerta, o mar, sem rumo fendem;
Correndo vão buscar trabalho e penas,
Sem jamais desfrutar paz, nem descanso.
Olhos no Céu, nas vagas posto o Sp'rito,
Revoltas as entranhas, mãos erguidas,
Mandam roxos ao Céu, rogos baldados.

Não imagino, que alguém haja, que não veja antes flores, antes enfeites neste discurso, que grandeza e sublimidade. Vejamos como Homero o faz, e entre outros lugares, no seguinte:

Quais, co'a tormenta as ondas se alvorotam,
Raivosas dão no lenho, que as rebate;
Brama o vento nas velas solto em fúrias;
Encarneira-se o pego, geme ao longe
O Ar; perde a arte o tímido Piloto;
Vê, em cada vaga a Morte, que o rodeia.

Este último quis requintá-lo Arato quando disse:

Da Morte o ampara leve, frágil lenho.

mas enfeitando assim esse pensamento, de terrível que ele era, o tornou baixo, e florido. Tanto mais que encerrando todo o perigo, neste dizer — Da Morte o ampara um leve e frágil lenho, — mais diminui, e mais afasta o perigo do que o aumenta. E ora Homero não põe, por uma única vez, diante dos olhos o perigo em que os marinheiros versão, mas dá-os como em retábulo, submergindo-se, a cada onda, que se acapela; e até nas mesmas palavras, nas mesmas sílabas estampa a imagem de perigo. Nem de outra arte usou

Arquíloco na descrição do seu naufrágio; nem Demóstenes, quando pinta quão turbados ficaram os de Atenas, quando a nova ouviram que tomada Etaleia fora; e então lhes dizia: «Era mui tarde já, etc.»

Ambos (digamo-lo assim) estremaram, e atentados recolheram as grandes circunstâncias, e descartaram de seus discursos particularidades baixas e supérfluas, que lhes trouxessem ressábido de escola. Com efeito, o deter-se e m miudezas tudo deita a perder: é como arrumar seixos e caliça, e dar nos esse montão por um edifício.

CAPÍTULO IX.^o*Da amplificação.*

PONHAMOS a amplificação entre os modos que contribuem para o Sublime: pela razão, que quando a natureza dos assuntos que se tratam, ou a das causas que se advogam, mais extensos períodos requer, e compostas de mais membros, por graus se pode ir o Orador alçando, e de maneira tal, que vá cada palavra sobre outra encarecendo: arte que muito vale, ou já para confirmar um feito, ou para o dar em luz mais clara, ou também dar meneio a qualquer paixão. Mui diversamente se divide a amplificação: saiba porém o Orador que nenhuma desse infindo número é em si perfeita, se o grandioso, se o sublime se não encontra nela; menos quando se trata de mover a compaixão, ou de abater de estima algum objecto. Se aliás tirais à amplificação o grandioso, é como se a alma lhe arrancásseis. Mal que essa escora lhe falece, sem vigor, sem movimento, langue. Por ora cifremos em poucas vozes, para maior clareza a diferença que milita entre esta e a de que falámos no Capítulo precedente a qual nada mais é, que acervo de circunstâncias escolhidas: e vejamos por onde a amplificação em geral, discrepa do grandioso, e do sublime.

CAPÍTULO X.º

Que é amplificação?

NÃO aprovarei o como a definem os Mestres dessa arte, que a dizem: — Discurso que aumenta, e que dá aos objectos maior vulto: definição que igualmente cabe ao sublime, ao patético e às figuras que todas elas dão ao discurso, certo carácter de grandeza. A diferença é contudo clara: porquanto, na altura e na elevação consiste o sublime, quando a amplificação assenta na multidão das palavras; em que vezes há que o sublime libra só num único pensamento e em que a amplificação se não sustenta sem a pompa, sem a abundância. Demos uma ideia geral: a amplificação é um incremento de palavras, o qual de todas as circunstâncias particulares dos objectos, e de todos os lugares da O r a ç ã o , tirar-se pode, e que enche e fortifica o discurso, escorando-se, no que dito fica. Pelo que difere da prova; consistindo esta no emprego de dar por certa a questão, quando a amplificação no dilatá-la, e encarecê-la.

Segundo meu parecer, diferença igual milita entre Cícero e Demóstenes acerca do grandioso, e do sublime, (quanto o podemos nós os Gregos julgar das obras dum Autor Latino). Com efeito grande é Demóstenes, no seu dizer apertado e conciso; e Cícero em discorrer difuso e dilatado. Comparara eu o primeiro, em razão da violência, rapidez, vigor e veemência, com que destrói, e como que tudo após si leva, à tempestade, ao raio. Cícero, a meu parecer, é como um incêndio, que devora e gasta, com nunca extinta chama, quanto encontra: e essa chama, em suas Obras diversamente lavra; e quanto mais vai indo, maiores forças cobra. Tu melhor o julgarás, do que eu. Alfim vale o sublime de Demóstenes muito mais, nas exagerações fortes, nas violentas paixões, quando (para o dizer assim) tem cabimento assombrar a quem o ouve. Pelo contrário vem mais a abundância a ponto, e quasi que se derrama como um orvalho aprazível pelos ânimos: que é mui certo ser um discurso difuso mais adaptado a agradar nas digressões, nos lugares comuns, nas perorações, e no género que geralmente chamamos demonstrativo. Assim também na História, assim na Física, e outros assuntos tais.

CAPÍTULO XI.º

Da imitação

VOLTANDO ao nosso pressuposto; Platão, cujo estilo não deixa de ser elevado, dado que sem rapidez, e sem arruído se devolve, nos deu ideia desse estilo: o que tu ignorar não podes, se os livros tens da sua República. Diz ele, num lugar: «Esses Homens desgraçados que não sabem o que é sapiência e virtude, empegados de contínuo em banquetes, e na dissolução, descaminhados toda a vida vão, sempre de mal em pior. Nunca atractivos encontraram na Verdade, nem olhos sequer ergueram para a ver: nenhum puro nem sólido prazer gostaram. São como os brutos animais, que para a terra curvos, só terra avistam. Só em pastar e comer cuidam, e em satisfazer paixões brutais. Em se fartar ardentes, recalcitram, arranham-se, e às unhas, e com férreos cornos se combatem; e por fim insaciáveis comilões perecem.

Outro caminho ainda nos ensinou esse Filósofo, que a querê-lo nós seguir ao sublime nos guiara. E que caminho? Imitar, emular Poetas e Autores insignes, que antes de nós viveram; que é o alvo que sempre aos olhos propor compete.

Por certo, que muitos há a quem o espírito de outrem arrebatou além de si mesmos; a quem, como à Febade santo furor abrange; porquanto dizem que quando sentada na trípode, certo vapor celeste, que sai do rasgado chão, a entranha em divina virtude, logo oráculos profere. Tais essas grandiosas belezas, que nas Obras denotamos dos antigos, nem que elas fontes foram, donde venturosos vapores se difundem nas almas de seus imitadores, elas animam até esses espíritos que naturalmente menos calor sentem em si: ei-los então arrebatados, e como fora de si pelo entusiasmo alheio. Portanto, vemos que Heródoto, e antes dele Stesícoro, e Arquíloco grandes imitadores foram de Homero. Todavia foi Platão quem o imitou mais; pela razão que desse Poeta hauriu, como em vivo manancial, e dele derivou regatos sem fim; do que dera eu exemplos, a não os ter Amónio em tanta qualidade referidos.

Tanto mais, que furto não é, antes formosa ideia que dos costumes, da invenção, e das obras de outrem se há formado. Que nunca Platão entremeado houvera cousas tão grandiosas, em seus tratados Filosóficos, passando, como passa, de singelo discorrer a expressões, e a poé-ticos assuntos, se (para o dizer assim) vindo não fora, qual novo atleta contender com toda a força que tinha, o preço a Homero; a aquele que recebido tinha os aplausos do mundo inteiro. Se Platão com sobejo ardor o fez, e como com as armas na mão o fez, não tira que muito lhe prestasse. Digamos-lhe com Hesíodo:

Aos Homens presta a Inveja, quando é nobre.

E quão glorioso, e quão digno duma alma nobre não é contender pela honra, e pelo prémio da vitória, com esses que o antecederam quando até dá brasão o ser deles vencido!

CAPÍTULO XII.^o

Do modo de imitar.

BOM é, que no ponto de nos abalçar a qualquer Obra que grandioso e sublime estilo requeira, façamos esta reflexão: Como o faria Platão, Demóstenes, e Tucídides mesmo (no caso de ser História) a quererem escrever em estilo sublime? Pela razão, que acudindo-nos esses grandes Varões à nossa imaginativa nos sirvam de luzeiro, e nos subam a alma à altura, em que lhes consideramos subido o ingenho seu; e ainda melhor, se bem entranhemos no espírito: Que pensariam Demóstenes e Homero, se me estivessem ouvindo? Que juízo de mim fariam? Que não mediano prémio pleiteáramos, a nos afigurarmos que vamos dar conta do que escrevemos nesse rigoroso tribunal, em que Varões tais serão juizes, ou num teatro espectadores. Excite-nos ainda motivo mais valente: o juízo que há-de a posteridade fazer do que escrevemos. Porquanto, se desse juízo desconfiando, me receio de que algo disse, que muito viva além de mim, abortos e mostrengos gero, e nunca hei-de perfazer obra que tenha de passar aos últimos vindouros.

CAPÍTULO XIII.º

Das imagens.

IMAGENS, que outros pinturas ou ficções chamam, são de grande artifício para dar ao discurso peso, magnificência, e força. Toma-se em geral a palavra imagem por todo o pensamento, cabal pela sua expressão, de produzir e de pintar em nosso espírito, de qualquer modo, objectos; mas em sentido mais particular e mais cerrado, pelo discurso, que fazemos quando levados de entusiasmo, e de um movimento extraordinário da alma vemos as cousas de que falamos, e as trasladamos aos olhos dos que nos ouvem.

Inteiremo-nos todavia, que na retórica têm essas imagens outro uso, de que têm entre os poetas. Porquanto o que estes pertendem é a suspensão e assombro; quando na prosa valem, se bem pintam o objecto, e o dão claramente a ver. Só tem de comum, que em prosa, e em poesia tendem ambas a mover.

Detém-te oh Mãe cruel, essas do Tártaro
 Filhas, d'ante olhos spectros torvos tira-me.
 Já vêm, já as vejo: é pronto o meu suplício.
 Quais lhe sirvam na frente hórridas serpes!

E noutro lugar:

Onde fujo? Ei-la que vem. Já a vejo. Eis morro.

Não que o Poeta as Fúrias visse: mas tanto ao vivo as afigura que quasi as põe à vista do espectador. Não direi, por certo, se no exprimir as outras paixões é tão afortunado Eurípides: mas nas do amor, e do furor, a que ele mais peculiarmente se applicou, digo que mui bem levou a palma. Lugares nele há em que ardimento lhe falece na pintura; e dado que de si mesmo, se não atire ao grandioso, corrige todavia o que lhe vem da natureza, forçando-se a ser elevado e trágico, e muito mais quando o assunto o pede. Cabem-lhe ao justo estes versos da *Iliada*. liv. 20. v. 169.

Vê o perigo, e anima-se ao combate,
 Ouriça o dorso, os olhos lhe fuzilam,

E fustiga os quadris co'a longa cauda.

Fácil é de o notar assim quando na sua tragédia de Faetonte diz a seu Filho o Sol:

Cuida, em sumo ardor funesto à vida
Te não rode sobre essa Líbia estuosa,
Que nunca de água embebe áridos sulcos,
Nem flâmeo curso ao Carro meu refresca.

Também nos seguintes versos:

Logo se a ti deparam sete estrelas,
Por elas teu caminho recto enfia.
Disse: toma Faetonte em mão as rédeas;
Dos alados Corcéis as ancas fere,
Que dóceis a seu mando, ágeis correm.
Vence o carro em seu voo, o do relâmpago;
Pela amplidão dos ares rompe ardido.
Lá aflito o vê rodar, o Pai de longe
Pelos celestes plainos, e inda lhe acena
Por onde corte estrada; dos Céus sumos
C'oa voz, c'os olhos sempre o vai seguindo:
Toma por lá, — desvia, — volta, — pára.

Não disseras que a alma do Poeta montada vai com Faetonte no Carro, que com ele comparte os perigos todos? Com ele, e com os Corcéis nos ares voa? Que a não ir pelos Céus com ele; a não assistir a quanto ali sucede, como o pintaria tanto ao vivo? Igual lhe aconteceu na Cassandra, no lugar que começa:

Mas, oh fortes Troianos, etc.

Também Ésquilo tem tal qual vez semelhantes afoutezas nobres e heróicas, por certo. Leiam a tragédia — Sete diante de Tebas, em cuja o Mensageiro que traz a Eteócles a notícia dos sete Generais que tinham jurado, para assim dizer, de ali morrerem, se explica assim:

Sobre um negro broquel sete ímpios Cabos

Numes espantam com tremendas juras:
Dum degolado Touro moribundo
No sangue ensopam mãos; juram vingar-se;
Pelo Pavor, Bellona, e Marte juram.

Finalmente, dado que esse Poeta, à força de querer levantar-se, a miúdo caía em pensamentos ásperos, grosseiros, e mal polidos nada menos Eurípides se expõe às vezes, por uma nobre emulação aos mesmos riscos. Em Ésquilo (sirva de exemplo) abala-se o Palácio de Licurgo entra ele em furor, quando avista a Baco:

Muge, ao vê-lo o Palácio furioso.

Doutro modo emprega Eurípides esse mesmo pensamento:

Responde a clamo tal, mugindo, o Monte.

Não sobressai menos Sófocles, quando pinta. Lede a descrição que nos ele deixou de Édipo em agonias de morte, quando, nos terrores de espantosa tempestade, a si mesmo se sepulta: e no lugar, em que afigura a aparição do Aquiles por cima da sua sepultura, no instante em que os Gregos iam levar ferro. Quanto porém a aparições não creio que haja alguém dado mais viva descrição que a de Simónides. Fora nunca acabar, quereremos aqui alardear exemplos a este propósito, e que tão fáceis se deparam.

Tornando ao que dizíamos: são na poesia cheias ordinariamente as imagens de fabulosos acidentes, que além de toda a crença passam; quando na retórica, para serem boas, cabe que afigurem o caso como ele passou na realidade: pela razão, que essa invenção poética, em discurso oratório traz de necessidade consigo disparatadas, e grosseiras digressões, e descai em absurdo: e é todavia o que hoje procuram os nossos Oradores. Conseguem como os Poetas trágicos ver as Fúrias sem repararem, que quando diz Orétes

Tu, que vás nos infernos despenhar-me,
Oh Deusa, cessa enfim de perseguir-me.

esse Orestes, que esses objectos vê, não está em seu sentido. E que efeito fazem essas imagens, na retórica! Tem, além doutras, a qualidade de avivarem, de aquecerem o discurso; de modo que entremeadas com arte nas provas, não só persuadem os ouvintes, mas os domam, e como que os avassalam. «Se um homem (diz um Orador) ouviu no Palácio grande arruído; e que outro homem vem anunciar que se abrirão as prisões, e que se salvam os prisioneiros de guerra, não há hi velho de anos carregado, não há tão indiferente moço, que não ponha as forças todas em acudir. Haja quem, nesse em tanto amostre o Autor dessa desordem; dão fim desse infeliz, ali súbito perece, sem lhe azo darem de falar.

Desse mesmo artifício se serviu Hipérides, quando fez lavar o decreto que dava forros os Escravos, depois da derrota de Queroneia: «Não foi um Orador quem o lavrou, mas sim a derrota de Queroneia.» Provado com razões o ponto, acode a imagem; e pela proposição que avança, faz mais que persuadir, mais que provar. Como nestes casos, no que mais brilha, é que nós demoramos; a imagem que lhe ostentamos no vigor do razoado, o leva após si com o golpe que lhe deu na imaginação, e lhe tolhe averiguar mais apurado a força das provas. Tanto cobre, e tanto abrange todo o discurso, o lustre dessa imagem! Tanto mais, que extraordinário não é esse efeito que em nós faz, visto que o corpo mais reforçado a si atrai o poder do menos forte.

Assaz falámos na sublimidade, que consiste na força dos pensamentos, e que, como já disse, da grandeza da alma, da imaginação ou da imitação procede.

CAPÍTULO XIV.º

Das figuras, e primeiramente da Apóstrofe.

FALEMOS agora das figuras, seguindo a ordem que nos propusemos; nem elas são pequena porção do sublime, dando-lhes o jeito que se requer. Fora empresa de longo tiro (antes quasi infinito) apurar aqui quantas figuras entrar podem no discurso. Diremos dalgumas das principais, dessas que mais contribuem para o sublime, porque se dê por certo o que tratamos. Quer Demóstenes justificar-se ante os de Atenas (e provar-lhes) que os não faz réus a batalha que deram a Filipe. Como lhe vinha natural dizer: «Não há de que vos arguir, de haveres pelejado, arriscando as vidas pela liberdade e salvamento de toda a Grécia: exemplos tendes, que desmentir não cabe. Que ninguém arguiu esses grandes varões, que pela mesma causa pelejaram nos plainos de Maraton, Plateia, e Salamina.» Que trilho tão diferente o que ele toma! Ei-lo como inspirado, e nem que o Espírito de Apolo nele se entranhara, exclama, e jura pelos manes desses impávidos defensores da Grécia: «Não errastes Atenienses, não. Por vós o juro, por vós, oh illustres guerreiros, que pela mesma causa, combatestes em Maraton.» Por esta única forma de juramento, que eu chamarei apóstrofe, endeusa esses antigos Cidadãos, e inculca que os homens, mortos por tal motivo, são como Deuses em cujo nome jurar é dado; inspira aos Juizes o espírito e afeitos desses illustres mortos: e trocando o ademan natural da prova na patética e extraordinária feição de afirmar por juramentos tão novos, e tão dignos de fé, mete na alma dos ouvintes um contraveneno, que destrói maus conceitos; pelos encómios lhes suscita brios; e lhes dá por fim a conceber, que não devem estimar em menos a batalha que deram a Filipe, que as vitórias que alcançaram em Maraton, e em Salamina; por todos os quais meios concentrados nessa única figura, ao seu partido os careia. Achar-se-á quem diga, que em Eupolis se depara com o original desse juramento, quando diz:

Por meu combate em Maraton, vos juro
Que não me afligirei de os ver contentes.

Oh! que não é bem fina a indústria dum simples juramento. O ponto está na ocasião, e no motivo porque se ele faz. Nem há na passagem desse Poeta mais que um juramento simples: e ele fala a ditosos Atenienses, em tempo que de nenhuma consolação necessitavam. Acresce, que nesse juramento não obtesta, como Demóstenes, varões, que ele imortaliza; nem abala os de Atenas a tomar afeitos dignos da virtude de seus Maiores; visto que, em lugar de jurar pelo nome dos que haviam pelejado, jura por cousa que não tem vida; por um combate. Pelo contrário, Demóstenes, quando ele despede semelhante juramento, leva tenção de acorçoar os vencidos Atenienses, e que não olhem como infortúnio a batalha de Queroneia. De modo que com essa figura, não só pela razão lhes prova que não erraram, mas lhe acode com um exemplo; não só confirma com juramento, mas ainda os elogia e os exorta a pelejar contra Filipe.

Ora, podiam argumentar a Demóstenes. «Trata-se da batalha contra Filipe, cuja nós perdemos no prazo em que tu maneavas a República, e tu falas-nos em vitórias que os nossos antepassados conseguiram. Para Demóstenes ir sobre seguro, que faz? Comede as palavras de modo, que só lhe saiam as que lhe sejam vantajosas, dando a colher, que ainda no maior afogo, e fervor do dizer, cumpre sóbrio e comedido ser. Se fala em vitórias de antepassados contenta-se com dizer: «Os que por terra em Maraton, e os que por mar, em Salamina pelejaram: os que perto de Artemisa, e de Plateia combateram (oh! que não diz *venceram*). Cala o successo, que tão ditoso foi nessas batalhas, quão desastrado em Queroneia; e se põe em salvo prevenindo assim o auditório: «Quantos, oh Ésquines, nesses recontros pereceram, todos à custa da República sepultados foram, todos, e tão igualmente, como esses cuja valentia a Fortuna bafejara.

CAPÍTULO XVI.º

Das interrogações.

QUE direi das requestas, e das interrogações? Ninguém me negará que dão essas figuras muito mais movimento à oração, muita mais acção, e força. «Não tratareis vós, de mais (dizia Demóstenes aos de Atenas) que de ir pela Cidade, perguntando-vos uns a outros: — Que se diz de novo? Um homem da Macedónia senhoria os Atenienses, e dá leis a toda a Grécia. — Morreu Filipe (diz um). — Não (diz outro) está enfermo. E que vos importa que ele morra, ou viva? Livres que dele vos dê o Céu, vós mesmos vos fareis bem presto outro Filipe. A guerra, sim, a guerra é só quem pode assinalar-nos por onde é fácil vencer Filipe.» Se ele simplesmente o houvera dito, desmentira a Oração da majestade do assunto que ali labora: ao passo, que por esta divina e violenta interrogação, e súbita resposta, que se a si dá, não só faz mais grandioso, e mais valente o que ali diz, mas até mais verosimilhante, e mais plausível. Nunca o patético mais efeito faz, que quando não parece que o Orador o busca, mas sim que lho depara a ocasião. Que nada há hi que mais imite a paixão que essas interrogações, e essas respostas. Sente o interrogado certa comoção e se acelera a responder quanta verdade sabe, e responde quasi, antes que o interrogador acabe. Figura é esta que mui destra engana o ouvinte; que as mais meditadas falas, as toma tais, quais a ardência do discurso as ditara.

Também muito movimento à Oração granjeia, o desfalcá-la dos atilhos (ou nexos). Com efeito Oração desempeçada e livre, se despede e marcha por si mesma; e tal às vezes vai que se adianta ao pensamento do Orador: «Roçando-se os broquéis (diz, Xenofonte) recuavam, pelevavam, matavam, e morrião de malhada.» Tais são também as falas de Euríloco a Ulisses, em Homero:

Qual mandaste, corremos desse bosque
 Com despenhado pé desviadas sendas.
 Num fundo val sombrio deparámos
 C'os de Circe arredados aposentos.

Períodos assim despegados, e aceleradamente proferidos assinalam dor viva, que embaça o falar, o que ao mesmo tempo faz que rompa. Assim é que Homero achega, ou afasta os nexos.

CAPÍTULO XVII.º

Como se hão-de entremeiar as figuras.

NADA os ânimos mais fortemente abala, que o coacervado das figuras: duas delas ou três assim entremeadas, entrando, por meio tal, numa sorte de sociedade, se comunicam umas a outras a valentia, o engraçado, e atavio. Vejam-no na passagem da Oração de Demóstenes contra Mídias, na qual despe de nexos o discurso e ao mesmo passo mescla as figuras repetição e descrição. «Porquanto (diz esse Orador) todo o Homem que a outro ultraja, muito com o gesto faz, com os olhos, com as vozes, faz, cujo na conta que o ultrajado faz, pintar não pode». E receando, que pelo fio do discurso, se lhe não relaxe, bem certo que a ordem cabe aos ânimos pausados, como aos apaixonados a desordem; que al não é esta que torvação e abalo de alma, assim variando as figuras, continua: «Ora como a inimigo o fere, e por mor insulto, a punhos secos ora, ora ao semblante...» Com o violento das palavras assim acumuladas umas sobre outras, não comove menos o Orador, e não abala menos poderosamente os Juizes, que se eles ao ferimento presentes fossem. Rebate mais ainda, e qual se tempestade fora, assim prossegue. «Afrontas afligem; afrontas tiram de seu sentido o Homem brioso, e nunca a injúrias avezado. Tão enorme é o feito que não há hi termos que o bem exprimam.» Com a mudança contínua que nestas figuras faz, lhes conserva o carácter de turbulentas: de modo que nessa mesma ordem que leva, lavra a desordem; e pelo contrário essa desordem pautada vai com ordem maravilhosa. Para prova do que digo, fazei como os discípulos de Isócrates metei conjunções em toda essa paisagem, assim: «Por certo que não é para esquecer que quem a outrem ultraja, muitas cousas faz; primeiramente com o gesto, depois com os olhos, e por fim com a mesma fala, etc.» Igualando e alhanando assim as cousas por meio dos nexos, dum patético forte e violento descai num mesquinho affectado dizer, que nem estímulo nem ponta leva, e toda a valentia do discurso por si mesma se quebrada. E sendo

certo que se do Homem que corre lhe ligas o corpo, o desfalcas de suas forças; assim também, se com esses nexos, e com essas partículas inúteis atravancas a corrida da paixão, que mal as comporta, o desenvolto do correr lhe acanhas; e o ímpeto que lhe dava ala, como ao dardo violento que o trabuco dispara, tu lho quebras.

CAPÍTULO XVIII.^o

Dos hipérbatos.

DEMOS aqui seu posto ao hipérbato, que al não é que a transposição dos pensamentos, ou das palavras, no fio da Oração; figura esta, que traz consigo o genuíno carácter de forte e violenta paixão. Bem o vedes nos que a cólera, o despeito, o susto, o ciúme, ou qualquer paixão que seja, hão abalado: e ora as paixões tantas elas são, que não cabem no algarismo. Na agitação do ânimo, apenas há formado um desígnio, que já concebem outro; e neste encetado já enxertam outro; sem que neles relação milite ou razoamento, reviram bem vezes sobre a primeira resolução: como se uma leve aragem, como a grimpa os desatinasse; ou se como num fluxo e refluxo de opostos mares bandessem. Assim, a cada instante de pensamento mudam sem que no que dizem ordem, nem fio guardem.

Ora, para bem imitar estes movimentos, de hipérbatos se valem os Escritores hábeis. E a falar verdade, nunca a arte a mais alto grau remonta na perfeição, que quando escondida na natureza mesma pela natureza a tomam: e pelo contrário nunca a natureza mais sobressai, que quando a arte vem mais disfarçada.

Genuíno exemplo deparamos em Heródoto, quando Dinis o Fócio fala assim (transpondo toda a oração) aos Iónios: «Reduzidos somos às extremas, oh Iónios. Sermos livres, ou escravos sermos; e escravos infelizes. Quereis pôr atalho aos ameaçados infortúnios? Cabe, e sem demora, abraçar-vos c'ó trabalho, e co'a fadiga; e co'a derrota do inimigo conquistar a liberdade.» A querer ele seguir a ordem natural, dissera: «Iónios, agora é que se há-de abraçar o trabalho, e a fadiga; porque em fim reduzidos somos à última extremidade etc.» Já, de primeiro a palavra Iónios ele a transpôs, nem a traz a ponto, senão depois que a alma lhes espavoriu; nem que a grandeza do perigo, da urbanidade o desmemoriara: da urbanidade

digo com que encetamos o discurso. Logo desmancha a ordem dos pensamentos: pois que antes que os exorte ao trabalho, que é o seu escopo, dá a razão porque ao trabalho se abalancem. Ei-la a razão: «Reduzidos somos última extremidade». E obra assim, por não dar ares de que traz estudado o que lhes diz, mas que da paixão lhe surge extemporâneo. Mui notáveis hipérbatos se deparam em Tucídides; que mui bem atina ele no transpor cousas que naturalmente unidas se afiguram, e que azo não dariam a que as separem.

Nesse ponto, mais comedido foi Demóstenes que Tucídides; do que este ninguém de hipérbatos mais profuso foi: disseras que saciou os seus leitores. Que no afinco de que pareça extemporâneo quanto escreve, de rojo o auditório leva por arriscados rodeios de suas longas transposições. Quasi de costume suspende o seu primeiro pensamento, como de propósito affectando desmancho; e entremeia diversas cousas, que, às vezes, fora do assunto buscar vai; e sustos põe na alma do ouvinte, que a Oração ali se morre, e entra co'Orador no perigo, em que o crê na quina de cair. Logo, e quando menos se espera, acudindo a tempo, com o que há tão longo se esperava pela tão ardida, quão perigosa transposição, comove muito mais, que se bem pautado levasse o seu discurso. Tantos exemplos há do que aqui digo, que me escuso a trasladá-los.

CAPÍTULO XIX.º

Da mudança de números.

NEM menos há que dizer do que chamamos diversidade de casos, colecções, inversões, gradações, e quantas (como sabeis) figuras fortes e veementes, que tão de préstimo são para o adorno da Oração, e tanto valem para o grandioso e para o patético. Que direi do trocar os casos, os tempos as pessoas o número e género? Oh que aptas elas são para diversificar para aviventar a expressão! Esses singulares, cuja terminação é singular, e que todavia (a bem tomá-los) tem a força, e virtude de plurais.

Logo ao porto acorrendo um grande povo,
Aos gritos que eles dão reboa a praia.

Tanto mais são dignos de nota esses singulares, que, bem de vezes nada há de maior magnificência que os plurais; pela razão, que encerrando multidão em si, essa multidão lhe avulta o som, e lhes dá ênfase, Tais os plurais que da boca solta em Sófocles, Édipo:

Hímen, funesto Hímen: me hás dado a vida
Mas no álveo em que encetei meu ser, o sangue
De cujo me hás formado fazes que entre.
De lá vêm Filhos, Pais, Irmãos. Esposos;
Vêm Esposas, e Mães; vem quanto os Fados
Em seu furor maligno hão dado ao Orbe
Em desvergonha, e horror.

Todos esses nomes diferentes designam uma única pessoa; daqui Édipo, d'além Jocasta. E todavia, por meio desse número múltiplice e derramado por diversos plurais, multiplica, em certo modo de Édipo os infortúnios. Pelo mesmo pleonasma disse um Poeta.

Sarpédons vimos amostrar-se, e Heitores.

Digamo-lo também dessa passagem de Platão, que eu referi, acerca dos de Atenas: «Não Pelops, nem Cadmos, não Egiptos, nem Danaus, não bravios lá das brenhas, que connosco moram. Gregos somos, esquivos de trato e frequência de nações estranhas, que uma e mesma Cidade habitámos, etc.

Com esses coacervados plurais dão a conceber mais avultada noção dos objectos: cumpre não menos que a propósito venham, e onde tem cabimento a amplificação, já multiplicando, ou já encarecendo; ou também nas paixões, quando o assunto dá modo a uma, ou a muitas delas: por quanto, se a esmo tantos cascavéis, e campainhas encoleiras, dás em Sofista.

CAPÍTULO XX.^o

Dos plurais reduzidos a singulares.

TAMBÉM reduzindo os plurais a singulares, dar grandioso de si podem. «Todo o Peloponeso (diz Demóstenes) em partidos estava dividido.» E em Heródoto: «Na Tomada de Milet tragédia de Frínico, todo o povo espectador se debulhou em lágrimas.» Que dá vulto à Oração o conservar muitas cousas numa só. E eu estou que por ordinário uma mesma razão dá valia a essas duas figuras. Ou já mudes os singulares em plurais, e duma só, muitas cousas faças, ou de muitas uma, essa improvista troca, paixão designa.

CAPÍTULO XXI.º

Da mudança de tempo.

IGUAL sucede na mudança de tempos, quando dás por agora feito, o já pretérito; não narras; assinalas a acção que ante olhos passa: «Cai um soldado (diz Xenofonte) debaixo do cavallo de Ciro, que o pisa a pés: mas co'a espada que lhe ensopa o conculcado no bojo sacode ao chão a Ciro.» Figura em Tucídides mui frequente.

(1) Elefantina, e Méroe, cidades do Egipto.

CAPÍTULO XXII.^o

Da mudança de pessoas.

NÃO assinala menos patético a mudança de pessoas, conseguindo muitas vezes se imagine o que vos ouve no âmago do perigo.

Disseras, vendo-os nesse ardor tão nobre.
Que vão novo vigor sempre cobrando,
Que vencê-los, cansá-los nada os pode,
Que o prolixo combate agora encetam. (*Ilíad.* 15. v. 637).

E em Arato

Oh neste triste mês nunca te embarques.

Também em Heródoto: «Ao sair de Elefantina, pela ladeira, dás c'um outeiro, etc. — de lá desces a planície, e atravessando-a, tornas a embarcar-te; e em doze dias pojas na grande Méroe.» ⁽¹⁾ Repara, Terenciano, como ele consigo toma o teu espírito, to leva por esses sítios, e mais tos aponta à vista do que tos narra. Pratique-se isto com acerto, que eis atalhado o ouvinte e fito o ânimo seu na acção presente; e muito mais quando o não hás com muitos ouvintes, mas com um só.

Nem tu no ardor da briga, conheceras
Qual toma o hardido Filho de Tideu
Partido.

Despertando com apóstrofes tais o teu ouvinte, ei-lo abalado, ei-lo atento, e bem entranhado do que dizes.

CAPÍTULO XXIII.^o

Das transposições inopinadas.

ACONTECE às vezes, que falando o autor de alguém, súbito lhe toma o posto, e o representa designa esta figura o ímpeto da paixão.

Mas Heitor, que os vê soltos pela praia,
Deixar o saque ordena a grandes gritos,
E às Naus se vão, c'os Gregos arremetam:
E o que os meus olhos virem desmandado
No seu sangue lhe vou lavar a infâmia. (*Iliad. liv. 15. v. 346*).

O Poeta, que como Poeta ia narrando, de repente, e sem que advirta, precipita a ameaça pela boca desse guerreiro assomado, e furioso. Lânguido fora, a ter o Poeta entremeado: «Heitor disse então tais e tais palavras, etc.» Eis que, com esta inopinada transição, antecipa o leitor; e eis a transição feita, antes de ele dar tino de que a fez. O lugar genuíno, em que esta figura cabe, é quando urge o tempo, e que não sofre demoras a ocasião ali deparada; quando se há de passar de golpe, de pessoa a pessoa, como em Hecateo: «O Arauto, que havia tudo ponderado manda aos descendentes dos Heraclidas, que se retirem. Nada mais por vos fazer me é dado; nem que eu nunca nado fora. Eis-vos perdidos, e forçar-me-íeis a ir entre outros povos buscar retiro.» Demóstenes, na Oração contra Aristógiton, também, mas por diverso modo, sumamente forte, e patético, empregou esta figura. «Não acertareis entre vós, com alguém que se ressinta, que se indigne, de que um infame com insolência viole as cousas mais sagradas? Que um malvado, vos digo, que... Oh malíssimo dos Homens! nada haverá que enfrie teu desbocado ousio? Não, destas portas falo, não de grades, que outrem, tal como tu romperá.» Lá deixa inconcluído o pensamento; que o tem, como atalhado, a cólera; e como repartido em diferentes pessoas uma só palavra *que...* Oh malíssimo dos Homens! E depois rebatendo sobre Aristógiton à mesma fala, como que deixada mais co' ela abala, mais dentro a imprime. Assim o afogo de Penélope, quando vê entrar o Arauto de parte de seus amantes:

Arauto injúrio de enfadosos procos,

A que vens? Que procuras nestes sítios?

Vens de parte do bando avaro, impor-me

Que mui presto o banquete se prepare?

Praza ao Céu que, apressando-lhes a morte;

Lhes seja tal comer, comer extremo.

Cobardes que soberbos, e sem brios

Gastais a herança fértil de seu filho!

Nem vossos Pais outrora vos hão dito

Qual Homem fora Ulisses? etc. (*Odiss. liv. 4. v. 681*).

CAPÍTULO XXIV.^o*Da perífrase.*

NINGUÉM duvida, creio eu, que no sublime, seja de grande préstimo a perífrase: que assim como na música, mais apraz ao ouvido quando acompanhado vem de partes, que várias lhe respondem, assim volteando a perífrase em torno do termo próprio, muitas vezes, com a relação que com ele tem, forma certa consonância, e harmonia mui formosa, e melhor ainda quando é não entra tumidez, nem discordância, e que tudo se ajusta com acertado temperilho. Dá-nos Platão no princípio da sua Oração fúnebre prestante exemplo:

«Dados enfim lhes temos os últimos deveres; e ei-los que ora findam essa fatal viagem, ufanos vão tocante à magnificência, com que em geral a Cidade, e em particular os seus parentes, em fora deste Mundo os hão acompanhado.» Primeiramente intitula a Morte *fatal viagem*; logo fala dos últimos deveres cumpridos acerca dos mortos, como de pública pompa, que a Pátria lhes havia, de indústria, aparelhado e com que os guia em fora desta vida. Diremos nós que todo esse aparato, só medianamente contribui a dar realce a esse pensamento? Ora confessemos, que por meio dessa perífrase melodiosamente desparzida no discurso, duma simples dicção compõe um contraponto harmónico, e concertado. Assim também, Xenofonte: «Olhais para o trabalho, como para quem único guiar-vos a ditosa vida e aprazível possa. E por cabo adornada tendes a alma com a mais formosa qualidade que jamais hajam de possuir os Homens que para a vida militar nasceram; a qual é que nada mais sensivelmente vos comove que o louvor.» Não disse: «Entregais-vos ao trabalho», mas usou da circunlocução: «Olhais para o trabalho, como para, etc.» Nessa amplidão, que ao pensamento dá, o engrandece; e torna mais relevante o elogio. Inimitável é a perífrase com que Heródoto diz: «Para castigar nos Scitas a insolência de lhe haverem roubado o templo os transmudou Vénus em mulheres.»

Nada há por fim que mais uso tenha que a perífrase; com tanto porém que em tudo a não desbaratem à toa, e sem medida: que então languescer, e não sei que se lhe embebe de simplório, e de grosseiro. Por essa razão Platão, que sempre é nas expressões figurado (e às

vezes fora de propósito, como alguns sentem) motejado foi de que, nas suas leis, disse: «Não se consinta que cabedais de ouro e prata tomem pé e como que inquilinem na Cidade.» E, prosseguindo no motejo: «A querer ele proibir posses de gados, diria *cabedais de Bois e de Carneiros.*»

Para abonar o uso das figuras tocante ao grandioso, e ao sublime, sobra o que em geral dissemos: sendo certo que elas avivam a oração, e lhe dão patético; o qual tanto participa do sublime, quanto o sublime do belo e do agradável participa.

CAPÍTULO XXV.^o*Da escolha dos termos.*

POIS que, de ordinário, o pensamento e a frase recíprocos se explicam, vejamos se ainda há que denotar nessa parte do discurso, tocante à expressão. E que a escolha de grandiosos, e próprios termos tenha maravilhosa virtude para comover, ponto é que ninguém ignora: assim temos por inútil nele demorar-nos. E ora nada há, em que os Oradores, e em geral, todo o Escritor que se abalança ao sublime, colham mais grandeza, mais elegância, nitidez, peso, vigor e energia em suas obras, que da escolha das palavras. Por elas, brilham como em precioso Quadro, todas as belezas em suas Orações: Elas são quem alma e vida lhes influi. Luzeiros são, que alumiam o discurso, palavras felizmente deparadas. Evitemos todavia o contínuo alardo de inchadas balofas vozes: que exprimir baixos objectos com grandes e magníficas palavras, é como o aplicar ao rosto duma criança máscara dum grande actor, menos que na poesia... O que se pode ver na passagem de Teopompo, que Cecílio lhe repreende, não lhe sei a razão; antes a louvaria eu por justa, e porque muito diz. «Sem custo bebe Filipe o que a necessidade lhe verte, dos negócios.» Com efeito, melhor exprime, às vezes, um singelo discurso as cousas, que toda a pompa, e todo o atavio. Nos acontecimentos da vida, a cada hora, o vemos. Quanto mais que facilmente se dá a crer o que singelamente se diz. Assim, o dizer que um Homem por se engrandecer, sem custo, e como com gosto, bebe as afrontas, e indignidades, me significa muito. Tal a expressão de Heródoto: «Cleomenes, em seu furioso teor trava dum cutelo, e de suas carnes picado faz, e em pedacinhos morre.» São expressões que denotam um homem que à boamente diz as cousas, sem finuras; dado que encerre em suas palavras bom senso que nem é trivial, nem rústico.

CAPÍTULO XXVI.^o*Das metáforas.*

QUANTO ao número de metáforas, parece que Cecílio assenta aos que, para exprimir qualquer objecto, não consentem além de duas, ou três quando muito. Mas Demóstenes nos sirva aqui também de norma; que nos mostra esse Orador, que lances há em que muitas, à uma empregar-se podem, quando as paixões, qual torrente arrebatada, consigo, de força, e de tropel a rojo as leva.» Esses homens desventurados (diz ele) esses abjectos lisonjeiros, essas Fúrias da República, são quem, devassos, venderam a Filipe, e a vendem hoje a Alexandre, a nossa liberdade: esses, medindo sua total ventura, pelas sórdidas satisfações da gula, e por devassidões infames, derrubaram todos os padrões da honra, desbarataram entre nós, aquele ditame em que os antigos Gregos escoravam toda a sua felicidade, — «NÃO CONSENTIR SENHOR.» — Com essa fila de metáforas fecha a boca a esses trédos o Orador. Todavia Aristóteles e Teofrasto quereriam que para desculpar a ousadia de figuras tais, se adoçassem com — *Porque assim o diga — assim falando — afoutando-me em termos tais — para mais ousado me explicar.* — E dizem ser essa desculpa o remédio dessas afoutezas. Desse parecer também eu sou: sustentando contudo o que já disse que o remédio mais genuíno contra a cópia e ardidez, já das metáforas, já de outras figuras, é de as empregar a propósito; quero dizer, nas grandes paixões, e no sublime: que, como o sublime? como o patético, por sua violência, por sua impetuosidade, tirão naturalmente consigo tudo e tudo levam de rojo, requerem necessariamente expressões fortes, e não deixam tempo ao Ouvinte de tomar a rol a quantia das metáforas: que, entranhado se acha ali, do mesmo furor, que esse que lhe está falando.

Quanto aos lugares comuns, e quanto às descrições, nada há que melhor exprima às vezes os objectos que um bando de continuadas metáforas. Por elas em Xenofonte vemos a tão pomposa descrição do edifício do corpo humano; de que Platão contudo, por divino modo, nos deu o Quadro, quando Cidadela a cabeça chama, istmo a garganta, assente entre o semblante e o peito, e quícios em que ela volve as vértebras: volúpia que é o engodo de quantas desgraças aos

homens acontecem; língua, Juiz dos sabores; coração, manancial das veias, do sangue a fonte, que dali rápido despede o alcance aos membros todos; igual à fortaleza que defende tudo: aos poros apelida estreitas ruas. «Querendo os Numes (continua) dar ala ao coração, e que este folgadoamente pulse; que nem ver medonhos objectos, nem impulsos de cólera, que é fogo, o assoberbem, sotopozeram-lhe a substância mole e não sanguínea dos bofes, que como covinhada esponja lhe serve de almofada, a fim que quando a cólera se inflame, em suas funções o não perturbe.» Aposentos da Mulher intitula a parte concupiscível; e a irascível aposentos do Homem; cozinha dos intestinos, o baço, que entumece, e entufa, quando repleto de sordidez do fígado.» Toda a carne os Numes (continua ainda) lhe lançaram sobre, para lhe ser muro que o defenda das injúrias da calma e frio, e outros acidentes; e é a carne como a mole e conchegada lã, que meigamente o corpo enroupa: indica o sangue como pábulo da carne; e a fim que os membros todos sustento colham, lá cavaram como num jardim canais diversos a fim que, saindo do coração como de sua nascente os sanguíneos arrosios corram por esses estreitos condutos do corpo humano. « Quando, por fim a Morte assoma, os órgãos se desatam, como as cordas dum baixel, e liberdade deixam à alma, a que se solte.» Infinitude ainda ele depois traz de fortes metáforas; mas as que expusemos sobram, para mostrar quanto essas figuras, por si mesmas são sublimes, e quanto ao grandioso servem as metáforas, e a quanto uso valem nas descrições, e no patético.

E ora do que hei dito se colhe quanto estas figuras, e as outras elegâncias da Oração levam as cousas ao galarim; motivo, pelo qual ao mesmo Platão assaz o arguíram, de que a miúdo o leva o furor do discurso, e rompe em metáforas, duras e *ultra modum*, e em alegórica pompa vã. «Não será fácil de conceber (diz ele noutra lugar) que seja uma Cidade como vaso em que se o vinho verte; este, de primeiro, furioso, e em bolhões ferve, eis que lobo mesclando-se com outra divindade, que o castiga, se amansa, e se dá a beber.» Repararam-lhe em chamar a água *divindade sóbria*, e em *castigar* por temperar: e (numa palavra) em que se esmera nesses requintes, e dá resábios de Poeta, e de Poeta não mui sóbrio. O que motivou talvez Cecílio a afoutar-se nos seus Comentários a antepor Lísias a Platão: que a tanto o encaminharam dous movimentos tão desarrazoados um como outro: por quanto, posto que Cecílio, mais que a si mesmo amasse a Lísias; mais

do que ele amava a Lísias, a Platão aborrecia. De maneira que levado de ambos estes movimentos, e como por espírito de contradição, soltou à cerca desses autores decisões, que não passam por tão soberanas, como ele cuida. Tanto mais que quando acusa Platão de que em alguns lugares falha, nos dá a Lísias por autor completo, e sem nenhum defeito: o que longe de ser verdade, nem co' ela se assemelha. E onde é que se acha Escritor, que não peque, e que não dê ansa à Crítica?

CAPÍTULO XXVII.º

Se se há-de preferir o medíocre perfeito, ao sublime que tem seus defeitos.

TALVEZ que não vá fora de propósito examinarmos aqui, e em geral, qual mais valha, em verso ou prosa; sublime com alguns defeitos, ou medíocre perfeito, e em tudo são, que em nada falhe, nem desminta: julgando com justiça, qual das duas Obras levará o prémio; se a que encerra mor quantia de belezas, ou a que se arremessa ao grandioso, e ao sublime? Questão que aqui tem seu lugar, e que aqui cabe resolver. De mim sinto, que não se apura como o medíocre, o que leva os olhos no grandioso: esses discursos tão limados, e burnidos lá orçam por baixezas; quando os sublimes, abastados em cabedais, pouco reparam, e se descuidam. Dou por quasi impossíveis os defeitos num espírito medíocre e rasteiro; não se arrisca, não se remonta, e vai seguro; ao passo, que por si mesmo, e por sua própria grandeza topa o grandioso com resvaladios e despenhos. Digam-me que é condão nosso julgar sempre as Obras pelas falhas, e que estas nunca se nos apagam da lembrança, quando mui fáceis dela se nos escoam as belezas. Ora notado eu tenho em Homero, e noutros célebres Autores, faltas, e que estas mais que a ninguém me desagradem; mas de opinião sou, que delas curaram pouco; e que em vez de faltas, são descuidos, ou desleixos, que da vista se lhes sumiram; que se lhes esmerava no grandioso o Espírito e em nonadas se lhes não prendia. E mantenho assim, que ainda quando o sublime se não sustêm igualmente ao todo, pela razão mesma da grandeza sua, lhe cabe vitória sobre tudo mais. Lá no seu Poema dos Argonautas nunca Apolónio descai; tirem de Teócrito alguns lugares, em que sai da esfera da Écloga tudo o mais é felizmente imaginado. Amarás por isso mais a Apolónio ou a Teócrito, do que a Homero? A Erígone de Eratóstenes, é Poema sem senões. Dirás tu que Eratóstenes seja maior Poeta que Arquíloco, que se emaranha, que falece de ordem, e de economia em seus escritos; mas que nesse defeito cai, porque de rojo o leva estro divino, que ele, a seu querer, regradar não pode? No lírico darias antes por Baquilides, que por Píndaro? e na tragédia, antes por esse Ion, poeta de Quio, que por Sófocles? Assim é que no mais violento de seu estro, quando eles troam, quando coriscam, bem a desar se lhes apaga a ardência, e

desastrosos caem: mas que homem assisado afrontaria ao único Édipo de Sófocles quanto compôs Ion?

CAPÍTULO XXVIII.^o

Comparação de Hipérides com Demóstenes.

ORA no caso de julgar o mérito duma Obra, pela quantia antes, que pela qualidade, e pela excelência de suas belezas, em Hipérides ele sobrelevar Demóstenes. Que Hipérides mais harmonioso que ele; tem mais dotes de Orador, e quasi que os possui todos em eminente grau: parece-se co'esses atletas, que destros nas cinco maneiras desse exercício, passando acima de todos, no ordinário e no comum, em nenhum preeminentes são. E bem certo, que em tudo o que Demóstenes há de belo o imitou Hipérides, salvo na composição das palavras, e na colocação delas. Acresce acharem-se nele a suavidade, e graças de Lísias; e que adoça (quando compete) a rudez, e a simpleza da Oração; e que não diz, como Demóstenes todas as cousas pelo mesmo teor; que é relevante no pintar costumes; que na sua singelez tem certa doçura agradável, e florido o estilo seu; que se encontram nas suas Obras infindos joviais ditos; e que o seu rir; o seu motejar é delicado, e até nobre; que lhe é muito maneira a ironia; sem que esquisitos, nem frios lhe acudam os motejos; como o são os desses falsos imitadores do estilo ático: antes os de Hipérides vivos são e urgentes. E quão destro que ele é no eludir as objecções que fazer-lhe possam, e no torná-las em ridículo com as ensanchas que lhes dá? Muito de cómico tem, e de jovial; galantarias, e agudos ditos, que sempre no alvo ferem a que os aponta. E por fim, tudo ele assazoa e um torneio de frase, e c'uma graça inimitável. Nasceu para abalo dar, e comover a compaixão. Nas fabulosas narrações extenso, é (por maravilha) nas digressões flexível; sabe-se desviar, e quando cumpre, tomar alento: vejam-no em as fábulas que de Latona conta. Faz Hipérides uma Oração fúnebre? é ela escrita com tanta pompa e com adorno tanto, que outra não sei que a par dela eu ponha.

Pelo contrário, Demóstenes não sobressai no pintar costumes, nem no seu estilo se espraia; tem sua dureza, e é baldio em ostentação e pompa, nem tem alguma das qualidades das que vimos de nomear. Quando quer ser jovial, dá no ridículo, em lugar de excitar o riso; e

tanto se afasta do jocoso quanto mais se esmera em o ser. Todavia pela razão, que todas essas belezas que em bandos em Hipérides se encontram, nada (a meu sentir) de grandioso encerram, e que (digamo-lo assim) nele vemos um Orador sem polpa, de languento espírito, que nunca toma foga, nem ânimos remove, se vê que ninguém, com a leitura de suas Obras, se sentiu arrebatado. Quando Demóstenes, que gasalhou em si quantas qualidades competem ao Orador que nasceu para o sublime, e que com estudos se aperfeiçoou, que alardeia esse tom de grandeza e majestade, esses animados movimentos, essa fertilidade, destreza e prontidão; e ainda o que nele mais é para estimar, essa veemência, e vigor que parelhas nega.... Com todas essas divinas qualidades, que eu considero como tantos mimos com que os Deuses o prendaram, e não humanas qualidades, é que ele escureceu quantos Oradores célebres os séculos produziram. Ele os deixou todos abatidos, e deslumbrados, com os relâmpagos, e trovões que dos lábios disparou. Por quanto no em que ele sobreexcede, tanto acima vai de todos eles, que cobre o que lhe sonegou a Natureza. Que é mais fácil encarardes fito, e a abertos olhos os coriscos que do Céu caem, que não vos abalarem as violentas paixões que em seus discursos lavram.

CAPÍTULO XXIX.^o

De Platão e de Lísias, e da excelência do Espírito humano.

MUITA diferença, como eu já disse, corre quanto a Platão; por quanto não só excede a Lísias na preeminência das belezas, mas também na quantia delas. Mas digo ainda: não tanto excede pelo número das belezas Platão a Lísias, quanto este a aquele se abate, pela maior quantia de defeitos.

Quem pois levou esses dons espíritos divinos a desprezar essa exacta e escrupulosa delicadeza, quando só nos escritos seus buscavam o sublime? Como a animal de baixa e vil condição não considera o homem a Natureza. Se lhe deu vida, se no Mundo, como num grande congresso o colocou, levou tenção, que o Homem atentasse em tudo e que ali passa; introduziu-o no combate, como a generoso Atleta que glória só respira: motivo, por que nas almas infundiu invencível paixão por quanto há, que mais grandioso, que mais divino seja. Portanto vemos que o Mundo inteiro não é ainda cabal para a vasta extensão do espírito humano. Vão a miúdo além dos Céus os pensamentos nossos, e penetram além das balizas que rodeiam, e que põem cabo a tudo.

Faça-se reflexão no Homem que nada em sua vida fez que não fosse illustre e grande, e ver-se-á o para que nascemos. Razão pela qual não admiramos ténues regatos, bem que águas volvam claras e transparentes, e nos tomam de assombro o Danúbio, o Nilo, o Reno, e mais que tudo o Oceano. Pouco ou nenhum tento damos à que acendemos breve chama, bem que a sua pura luz conserve largo tempo: quando admirados contemplamos esses que nos Céus, rompem, abrasados luzeiros, mortos apenas que nascidos. Nem se depara em toda a Natureza com assunto, que mais nos estranhe, que essas fornalhas do monte Etna, que da profundez de seus abismos arroja.

Seixos, rochas, flamíferas torrentes.

Acabemos com dizer; que tudo o que é útil e até o que é necessário aos Homens, e que é fácil de adquirir, maravilha não dá; ao passo que o que é extraordinário nos admira, e nos estranha.

(1) O Original é muito falto neste lugar.

(1) Hipérboles.

(2) As águas do Rio.

CAPÍTULO XXX.º

Que podem, no sublime, os defeitos ter desculpa.

Enquanto aos grandes Oradores, nos quais se encontra o sublime e o maravilhoso junto com o útil e necessário, confessemos que ainda que se não isentem de defeito, algo neles se vê que é sobrenatural, e que é divino. Com efeito o relevar-se em todas as outras qualidades, entra na alçada humana; mas o sublime nos põe quasi tão acima como os Numes. Quanto ganhas em evitar defeitos, é não te arguirem; sublimaste-te? admiram-te. Que vos digo? Um só desses formosos rasgos, desses sublimados pensamentos que se acham nas obras desses excelentes autores paga todos os defeitos. Digo mais: haja quem calcule quantas falhas tem Homero, tem Demóstenes e Platão com quantos há hi famígeros, quão desluzidas, quanto em menos, e em milésima parte são do grandioso que ostentam nessas obras! Tal corre; que nem a Inveja mesma as rebateu do preço em que as hão tido os evos; e té qui, ninguém as desvaleu da estima que ainda hoje têm, e terão de sempre conservar

Enquanto águas correrem pelas veigas,
E bosques nus refolhe a Primavera.

Talvez me digam que um Colosso que alguns defeitos mostra, menos se estima, que pequenina mas bem acabada estátua, *v.g.* o soldado de Policletes. Respondo, que nas obras da Arte, o em que se repara, é o esmero, é o bem acabado delas; e nas da Natureza o sublime, e o prodigioso. Ora o discorrer é no Homem natural operação. Acresce, que numa estátua o que se busca, é a relação, e a

CAPÍTULO XXXI.^o*Das parábolas, das comparações, e dos hipérboles.*

VOLTANDO ao que dizíamos, muito se chegam as metáforas, as parábolas e as comparações, e num ponto só diferem....⁽¹⁾

Tal é o hipérbole: «No caso que vos resida na mente o espírito a e que o não piseis a pés.» Pelo que atentai bem na alçada a que relevais todas essas figuras: que às vezes por querer sobejo remontar um hipérbole o destruíis. Tal a corda do arco, que de muito atesada, se frouxa e bamba: e eis que o efeito desvaira da intenção.

Isócrates, que no seu panegírico ambicionou ênfase em tudo o que disse; caiu no defeito dum aprendiz de Retórica. Empenhado em mostrar que mais serviços que aos Lacedemónios devia a Grécia aos Atenienses rompe: «Visto que é natural virtude da Oração dar pequenas as grandes cousas, e grandes as pequenas; dar graças de novidade às já envelhecidas, e envelhecer as que novas são.». Dir-lhe-ia quem tal lhe Ouvisse: «Assim é que tu vás tudo trocar, Isócrates, acerca dos Lacedemónios e Atenienses?» Elogiando assim os dotes da Oração, faz propriamente exórdio tal, que nada os Ouvintes creiam do que ele há de dizer.

Pelo que, suponha-se sempre acerca de hipérboles o que de todas as figuras em geral dissemos: as melhores⁽²⁾ são as que mais se escondem, de modo que as não tomem por tais. Assim haja grão desvelo, que no fervor de alguma grande circunstância rebentem da paixão mesma. Seja exemplo o hipérbole de Tucídides: «Os Sículos, que a esse lugar desceram, grande mortandade fizeram nos de Atenas, mormente nos que no rio se lançaram. Num instante, com o sangue desses míseros as águas se lhe estragaram,⁽³⁾ e sanguentas e lodosas brigavam pelas beberem.»

Não é mui de crer que bebam, e briguem Homens por beberem lodo e sangue: mas a grandeza da paixão, no fervor dessa circunstância, lhe dá tal qual aparência de razão. Tal Heródoto, no passo dos Termópilas: «Defenderam-se eles (os Lacedemónios) ainda algum tempo, (com as armas, que lhes restavam, já com mãos, e com os dentes; até que os Bárbaros com tão bastas lanças quasi que os enterraram.» Que tal é o hipérbole? Homens, que com mãos é dentes

se defendem contra gente armada! E tanto Lacedemónio quasi sepultado na bastidão de arremessões! E lá tem, nada menos, sua verosimilhança: porquanto não se aparelhou o período para o hipérbole, mas do assunto é que o hipérbole rompeu. E por não desmentir do que já disse, o remédio, que não ofendam afoutezas tais, é o empregá-las nas paixões unicamente, e nos lugares que as estão como pedindo. Tanto é assim, que no Cómico mil cousas se dizem, que em si absurdas são, e todavia por verosímeis passam, em razão demoverem a paixão; isto é porque fazem rir. Que é paixão da alma o rir, e este do prazer rompe. Reparai neste rasgo dum Poeta Cómico: — Tinha uma Quinta tão espaçosa como Carta de Lacedemónio.

Tanto por fim, vale para diminuir os objectos quanto para os avultar o hipérbole: porque em ambos esses efeitos cabe a exageração; e o diasirno, que é uma espécie de hipérbole, e em boa acepção, o encarecimento de cousa ridícula e baixa.

CAPÍTULO XXXII.º

Da colocação das palavras.

DAS cinco condições que dão o ser ao grandioso, nos resta ainda a averiguar a composição e arranjo das palavras. Mas como dous volumes compus eu já acerca desse assunto, e expliquei quanto adquirir pude numa longa indagação, só direi aqui o que nos for de absoluta precisão: *v.g.* não ser a harmonia simples quebro, que à humana voz a Natureza deu, para persuadir e inspirar agrado; mas que até nos inanimados instrumentos, dá maravilhoso meio de relevar a coragem, e dar às paixões abalo.

Não vemos nós abalarem-se as almas dos que as ouvem ao som das flautas, e como se de si mesmos estivessem fora, se tomarem de furor? Que entranhando-se-lhes pelos ouvidos o movimento da cadência, esta os obriga a que a sigam, e que com ela conformem de seus corpos o movimento. E não somente o som das flautas, mas quasi quantos diferentes sons há, como *v.g.* o da lira, semelhante efeito causam. Ainda que esses sons por si mesmos nada significam, pelos mudados tons uns com outros embatendo-se, e consonâncias entremeando, vemos a miúdo em admirável enlevo transportarem a alma. E contudo meras imagens são, e meros arremedos da voz, que nada persuadem; e sendo sons (para assim dizer) bastardos, e não, como já disse, efeitos do que no Homem é natural. E que não diremos nós da Composição, dessa harmonia do discurso e de que tão natural é no Homem o uso dela? Ela não só toques dá no ouvido, também no espírito os dá; revolve, à uma tão variados nomes? tantos objectos, tantas belezas, tantas elegâncias, com cujas tem nossa alma certa união, e como parentesco, que ela, pela miscelânea, e diversidade de sons, se insinua nos ânimos, e inspira nos que ouvem, as paixões que o Orador disfere; e que nesse sublime acervo de palavras, edifica o grande, o maravilhoso que buscamos. Podemos nós (torno a dizer) podemos nós negar quanto a composição contribui para a grandeza, para a majestade, para a magnificência da Oração, e para todas as belezas, que ela em si concentra? Negar que tendo ela sobre os ânimos absoluto império, não possa em todo o tempo roubá-los, enlevá-los?

Louca fora a dúvida à conta duma verdade tão universalmente reconhecida e de cuja faz a experiência fé.

E ora como os discursos se assemelham aos corpos, e nestes a maior excelência é o conjunto de seus membros em justa proporção; e dado que nenhum desses membros separados dê de si brande nota, juntos eles em boa regra, compõem perfeito corpo. Divide tu os membros do sublime, eis que este se dissipa e se esvanece; ao passo que do conjunto que das porções dele fazes, e por sua harmoniosa união, e pelo boleado período lhe dás ênfase e lhe dás som. É comparado o sublime em seus períodos, a um banquete em que cada convidado paga o seu escote. De maneira que muitos Poetas, e muitos Escritores vemos, que não nascidos com sina de sublimes, não foram todavia destituídos de sublime, dado que ordinariamente de termos baixos, triviais, e pouco elegantes se servissem. E que é que os susteve? a única colocação das palavras, que inchando-lhes e encorpendo-lhes a voz lhes encobria a baixeza dos termos. Nessa conta entra Filisto; e em certos lugares Aristófanes também com Eurípides e muitos outros, como assaz já demonstrámos. Assim, quando, em Eurípides, Hércules, depois de ter morto os filhos, diz:

Tantos me entraram na alma, à uma, os males,
Que onde hóspede não tenho, novas mágoas

esse pensamento é trivial: mas ei-lo nobre, pelo harmonioso e musical torneio que ele a cada objecto deu. Desmanchai-me esse período, e vereis patente quão ditoso que foi Eurípides mais no arranjo das palavras, que no bom senso desse conceito. Também na sua tragédia — Dirce levada a rojo por um Touro: —

Na estrada incerto, pelos redores volve
Por quanto sítio a raiva o vai levando,

Roja a Mulher consigo, e o tronco, e a rocha.

Por certo, que é de si nobre o pensamento; mas também o que mais força lhe dá é essa harmonia não precipitada, mas sem o arrojo de volumoso peso; antes com palavras, que servem de escora umas a outras entremeando-as com diversas pausas: e pausas que como fundamentos sólidos em que a Oração se vai sustendo, e levantando.

CAPÍTULO XXXIII.º

Da medida dos períodos.

PELO contrário, nada abate mais o sublime que essas quebradas na cadência, que à pressa se proferem, *v.g.* pés pírricos, pés troqueos e pés dicóreos, que só para a dança valia têm. Como os tais pés, o único em que valem, é um certo melindre e um certo agradozinho, que nunca muda de vez, e que nada o nosso ânimo comove. E o que de mais mau lhe acho, é o que sucede aos que ouvem cantar, que não ponderam nas palavras; que os leva após si o canto: assim também esses números quebrados não inspiram na alma as paixões que do discurso brotar devem, e que só no ouvido imprimem o movimento da cadência. De modo, que vai o ouvinte no alcance da cadência, que lhe é já prevista, e bate dantemão, como na dança, o compasso à consonante frase, que tem de vir.

Também afrouxam muito a Oração, os períodos arrumados com muita arte, ou já quando os membros mui curtos são, ou que se compõem de muita sílaba breve, juntas *aliás* como com pregos, aos lugares em que se depara com desunião. Nem menos dizer convém do muito corte nos períodos; que nada há de maior aleijão em pontos de sublime, do que tudo acanhar em curtíssimo espaço. Quando eu tolho que os períodos se cortem, não falo dos que tem sua justa amplidão; mas só dos curtos, e como mutilados.

Se muito corte no estilo dás, o espírito atalhas; e quando o divides em períodos, serves de guia ao teu leitor. O contrário se encontra nos períodos mui longos: e em quantas palavras te esmeraste para sem siso alongares o teu discurso, a tantas deste desmaio e morte.

(1) Aqui está mui falto o original.

CAPÍTULO XXXIV.^o*Da baixeza dos termos.*

SE empregas em teu discurso termos baixos tu o envileces. Lá vemos em Heródoto que na descrição (divina em seu sentido!) duma tempestade, a entremeou de termos sumamente baixos, e diz: «Começavam a rouquejar os mares.» O mau som da palavra *rouquejar* estragou nesse pensamento uma porção do que ele de grandioso tinha. «O vento (diz ele noutra passagem) por tal jeito os peloteou que dispersos pela tormenta pouco agradavelmente pereceram.» *Pelotear* é baixo e o advérbio *pouco agradavelmente* não é próprio para exprimir tal acontecimento.

Descreve Teopompo a descida do Rei da Pérvia no Egipto, (descrição em tudo o mais maravilhosa) e ei-lo que pelos termos vis q u e lhe entremeia destrui tudo. «Cidade e nação há aí na Ásia que ao Rei Embaixadores não enviasse? Há hi cousa já formosa, ou rica, que nesses sítios cresça, ou já neles se fabrique, que oferecida lhe não fosse? Que alcatifas, que magníficas vestes já na alvura, já no escarlate, e no soberbo dos matizes? Quantas roupas, quantos tálamos sumptuosos? Quantos vasos de ouro e prata, engastados de preciosa pedraria, ou com esmero trabalhados? Acrescei-lhe infinda cópia de armas estrangeiras e à Grega; incrível tropel de azémolas, e de imolandas rezes; alqueires de cousas de gosto e de regalo; armários, e sacos cheios de papéis, e de outros utensílios; gran quantia de chacinados animais, que a ver de longe acervos tais, os disseras terreaes outeiros.»

Da maior elevação, cai na última baixeza, e no luto, ar mesmo em que lhe competia levantar-se mais. Numa descrição de tanta pompa, entremear desassisado alqueires, molhos, sacos, nem que ali nos debuxasse uma cozinha!... Fez como quem no arrumar de tanta cousa, entre régias tendas, vasos de ouro, dinheiro, diamantes, alardeasse os sacos e os alqueires. Que desagrado para a vista! Tanto acontece c'os termos baixos no discurso. São como nódoas e ferretes vergonhosos, que aviltam a expressão. Por pequena volta que se lhe dê, ei-los os pináculos de carne salgada, e todo o mais ajojo competente ao regalo do paladar mandado ao Rei, sobre Camelos e mais azémolas. Nada há

hi de melhor adubo e de maior delícia, a voto de cozinheiros, e copeiros. Mas quanto mal se empregam elevadas frases (sem necessidade urgente) em objectos baixos e de nenhuma consideração! Quadrem as palavras com a majestade das cousas de que se trata: imite-se a Natureza, que quando formou o Homem não lhe expôs à vista as partes de que não é honesto falar, e pelas quais se purga o corpo: e para o dizer, como, Xenofonte: «Como que escondeu a Natureza, e os arredou despejos tais, quanto mais longe poudes, porque a animal formosura não manchassem.» Escusemos tomar fé de quantas cousas desvaliam a Oração; visto que tendo nós mostrado o que a elevá-la, e a enobrecê-la serve, fácil é de julgar, que (pelo ordinário) o que lhe é contrário a envilece e a leva de rastos.

CAPÍTULO XXXV.º

Das causas da decadência dos Ingenhos.

CARO Terenciano, um ponto só me fica para examinar: a questão que um dia certo Filósofo me fez. Digna é que claridade se lhe dê; e por satisfação tua particular, a este tratado juntá-la quero.

«Muito estranho (me dizia um Filósofo, e o dizem outros mais) que achando-se nesta era bastantes Oradores que um razoamento sabem manejar-lo, que até possuem oratório estilo; muitos ainda em quem se encontra vivacidade, nitidez, e mormente graça em seus discursos; com tão poucos se depare, que ao sublime alçar-se valham; tanta esterilidade, por agora, nos ingenhos lavra! Será acaso que o popular governo alimente e forme esses espíritos sublimes, visto que nele floresceram, e com ele findarão, quantos Oradores deram brado? Ora, o que mais a alma desses grandes Homens exalça é a Liberdade: esta excita, esta desperta com grande poderio o nosso ânimo, que tende à emulação, desperta o nobre ardor de nos elevar acima de outros. Acresce que os prémios que nas repúblicas propostos são, afiam (para assim dizer) e pulem o ingenho dos Oradores; fazem, que eles cultivem os talentos com que os dotou a Natureza. Donde vem, que reluz em seus discursos a Liberdade do seu país.

«Mas nós (foi continuando) que desde nascidos nos avezamos a sofrer o jugo, duma dominação legítima, que tivemos por mantimentos o teor monárquico, quando tenra ainda a nossa imaginação e apta a que nela se imprimam tais sinetes, nós que nunca nos saboreámos desse vivo e facundo manancial da Eloquência (da Liberdade falo), e o que nos agora acontece é sermos grandes, e magníficos lisonjeadores.» Que dizia ele: «Quem na servidão nasceu, bem pode ser cabal nas mais ciências; mas Orador, nenhum Escravo o tem de ser. Que abatido, e como submisso pelo vezo do jugo, a nada se afoutará; quanto vigor tinha se lhe evaporou, e ei-lo como encarcerado. Caibam aqui os versos, em que Homero diz:

O dia que a Homem livre pôs a ferros,
Metade lhe roubou da anciã virtude.

Assim como (no caso que verdade seja) nesses estojos em que encerram os Pigmeus, ditos *Anões*, não só lhes tolhem os estojos crescimento; mas ainda por enfeito da atadura com que lhes cingem, corpos os desmedram; da mesma maneira a servidão (eu falo da servidão melhor estabelecida) é como um encerro, em que a alma se acanha e como que se encurta. Bem sei que é fácil, e que é de seu natural ao Homem des-gabar o que presentemente se passa: mas toma cuidado em que... ⁽¹⁾ Por certo (fui eu prosseguindo) que se as delícias duma prolongada paz capazes são de corromper as mais belas almas também esta guerra prolixa, que há tanto tempo perturba este universo, não é o obstáculo menor aos desejos nossos.

Ajunta lhes quantas paixões põem assédio à nossa vida, e nos metem na alma confusão e desordem. Ajunta-lhe a cobiça de cabedais nossa contínua enfermidade; o amor de prazeres que nos despenha na servidão; ou porque melhor o diga, nos arrasta ao abismo que os talentos nos devora. Paixão mais baixa que a avareza não a há, nem vício mais infame que a volúpia. Nem eu vejo como os que tanto caso fazem das riquezas, e delas se fazem um Númen, possam delas enfermar, sem com elas receberem junto quantos males consigo trazem. Sendo certo que a profusão, e que os outros ruins hábitos na cola vêm de excessivos cabedais; pisam-lhes os vestígios, e por meio deles Cidades, e pousadas as portas lhes franqueiam; por elas, entram, e lá de assento ficam. Ei-las de morada? Ninho tecem, e (como os sábios pensam) em multiplicarem se afervoram. E que progénie dão? Fausto, branduras, seus legítimos géritos, não bastarda prole. Deixai que medrem esses dignos filhos das riquezas, que deles vos virá a lume a Insolência, a Devassidão, a Desvergonha, e quantos ímpios há tiranos da alma.

Logo que um Homem, transcurando a virtude, só cousas frivolas e perecedouras admira, sobre ele vem quanto hemos dito: já nem olhos ergue ao que é acima de si, nem nada fala já que trivial não seja; em prazo breve lhe lavra pela alma, inteira corrupção; e quanto havia que nobre, que grande fosse, murchando-se, e secando-se-lhe foi; e quanto colhe são desprezos.

E como não é possível que sanmente julgue do que é honesto e justo o Juiz peitado; em razão de que um espírito subornado com presentes, não considera no que é justo, no que é honesto, senão o que é lucroso: como queres tu que nesta quadra que os ânimos, que os

costumes dos Homens estragou; em que se cuida só em colher às mãos a herança deste, armar laços a aquele por que uma verba nos ponha em seu testamento; em cobrar infame ganho de quanto aí haja; até a vender, (Escravos míseros de nossas paixões) nossa alma: como é possível (torno a dizer) que nesse geral contágio se depare com Homem de Juízo são, e de paixões liberto, a quem a cobiça de ouro não induza, não cegue, e antes cabal seja para discernir o que é veramente grande e digno de renome entre os vindouros? E ora, não fora melhor a tais que nos nós sentimos, que alguém de nós se apoderasse, e retraindo nossas posses, nos quebrantasse essa fúria insaciável de adquirir; bem comparada à do maníaco que rotas as cadeias se arremessa a quantos vê, e lançaria fogo às quatro partes do Mundo?» Acabei com lhe dizer, que o amor do luxo é quem dá causa à madraçaria, em que se encharcam (menos bem poucos) os universos ânímos. Estudamos; mas como? como quem convalesce de moléstia grave; como quem toma divertimento; como quem arma aos gabos e jamais por nobre emulação; nem por do estudo tirar louvável e solido aproveitamento.

Já assaz dissemos. Vamos ao tratado das paixões, e que a meu sentir, não são um dos menores adornos da Oração, maiormente no que toca ao sublime.

FIM

(1) Só a nobres era permitido ter pombal, e só a príncipes ter Cisnes em seus tanques.

(335)

A VOZ DA NATUREZA,

OU

AVENTURAS DA MARQUESA DE...

PRIMEIRA PARTE

SEM preâmbulo começo. Muito tempo assentei que da Normandia me vinha a origem: e era meu Pai um fidalgo, cujo haver consistia numa fazendinha que ele cultivava, e que em anos de safra, lhe rendia ao redor de sessenta e quatro mil réis: qualificava a ele de Prédio nobre, em razão talvez de que havia nela um pombal ⁽¹⁾ dado que um tanto danificado já.

Esse fidalgo pois, a quem moléstias impediram servir na guerra, passou parte da mocidade em demandas c'os vizinhos, e a caçar lebres que mandava de mimo a seus amigos. Querendo perpetuar sua prosápia, resolveu casar-se, e a um amigo antigo, abastado de família comunicou o seu projecto: deu-lhe o amigo a mais velha de suas filhas, dotada não de formosura, nem de riqueza ou venustidade, mas de muito governo, e que em despeito da nobreza, tinha ela mesma o cuidado dos Patos, Peruns, etc. Concluiu-se presto o casamento, e bem é de supor, que não de grande pompa e lustre.

Monsieur d'Embleville, encantado co'a Esposa, cobiçou muitos anos haver um filho. Ei-la pejada, ei-la que deu à luz uma filha, que lhe custou a vida; e seu marido que pouco lhe sobreviveu, e eu desde logo órfã. O Cura, que a todas as luzes, era o mais douto da tal aldeia, foi incumbido ele noticiá-lo ao Irmão do defunto, e insigne advogado, morador em Paris; e que respondeu ao Cura, que arrendasse a fazendinha, se encarregasse da herança, e tomasse cuidado de sua sobrinha: o que bem cumpriu o Cura. Anos volveram sem que em meu Tio entrassem desejos de me ver, bem que o Cura não cessasse de escrever-lhe a meu favor. Foi ventura minha que uma nobre viúva, que há longos anos se retirara ao sítio em que nasci, por zelo, e por amizade, quis encarregar-se da minha educação. Juntava ela a muito e bom juízo, grande conhecimento e uso do mundo. Desgraçados azares a obrigaram a decorrer na aldeia o resto de seus dias, acompanhados de pesares. E que esconderijo há hi onde se deslembre deles um coração sensível! De muito engenhosa que é a mágoa, deparar sabe a ponto com tudo o que lhe é de préstimo: e avezada a viver à custa da memória, lhe faz esta mui bons offícios; e por gran desgraça da minha

Benfeitora, a dotou o Céu de memória prodigiosa. Soltava a miúdo o Cura as velas à sua retórica, com que desluzisse um tanto suas tristezas. «Parece-me, Senhora (lhe dizia) que acarreais motivos de avultar a vossa mágoa, e jurastes fidelidade ao contrato de sempre viver com ela. De que espécie vossos pesares sejam, não o sei; mas certo estou que há mais grandeza de alma em sujeitar-se aos decretos da Providência, que em rememorar de contínuo desabridas circunstâncias, que vos assoberbam o ânimo. Tão pouco conquistavam estas razões do Cura, que fraqueando a Dama ao seu pesar, caiu num desfalecimento, que a levou à sepultura. Eu que então contava quatorze anos, vivamente senti tamanho infortúnio meu: bem que o Cura desvelado sempre na minha educação conseguisse que uma parenta me tomasse a si, enquanto acertasse com novas de meu Tio. E ora essa parenta idosa, e muito enferma, não ela apta a velar no meu proceder.

Neste em meio, de tão ocupado meu Tio nos negócios de outrem quão pouco o era nos meus, respondeu curto que me deixasse em casa de Madama de Vernouillet até segunda ordem. Foi dita minha que pouco depois tivesse o Cura de vir, por negócio, a Paris, e atinou acertadamente que lhe seriam nele valedores os amigos, fundado no provérbio: que *o bom direito bom é ajudá-lo*, provérbio em toda a terra bem sabido.

O primeiro passo que deu foi a casa de M.^r d'Embleville, em quem punha toda a esperança, pelo grande préstimo de que lhe podia ser. Relatado longamente o negócio a que vinha, falou-lhe em mim, e que era perigoso deixar-me quasi ao meu arbítrio em anos tão escassos; que Madama de Vernouillet não estava em azo de velar sobre mim; que ainda que me houvessem criado com boas máximas, e que muito de mim eu já promettesse, se o não lavra o artífice, pouco ou nada brilha o diamante: que era tempo de me dar forma ao Espírito, e orná-lo com talentos, que a falta de bens me reparassem: que nenhuma inclinação para a clausura descortinava em mim; razões, pelas quais se considerava obrigado a empenhá-lo, que me tomasse a si.

Quatro para cinco anos havia que tomara estado M.^r d'Embleville, e de primeiro rejeitou o que lhe propôs o Cura; mas sua Esposa, que era a própria bondade, comovida da minha situação, expôs a meu Tio quanto inumano fosse o desamparar-me; e lhe rogou que me mandasse vir; e que não tendo filhos, colheria sumo prazer, e

passatempo em cuidar na minha educação. Consentiu ele; mas observou-lhe que não me conhecendo a índole, se acareava talvez pesares de que ele se não dava por caução. Então é que abundando em Cristão zelo, o assegurou o Cura acerca de seus receios, fazendo-lhe o elogio da minha sinceridade e candidez, a que ajuntou o retrato vantajoso dos dons com que me prendara a Natureza: e porque não resfriassem os movimentos que avistava em Madama d'Embleville afervorou, mal queolveu, minha partida. Faltava saber a quem na jornada me encomendariam. Propôs Madama mandar-me buscar pela sua Aia; foi-lhe contra, e vivamente seu marido, o que deu azo a suspeitoso ciúme, e este a altercação mui debatida; primeira e única que entre eles houve. E como temesse o Cura que alterassem essas razões a boa vontade que me favorecia, lançou-se a aplacar os ânimos, com uma longa fala, a que pôs termo, propondo sua sobrinha que me acompanharia, e pedindo a Madama d'Embleville, que a acomodasse com alguma de suas amigas. Num ímpeto de viveza, e com ver o como seu marido se assomara, no ponto da Aia, deliberou-se sua Esposa a despedir a Aia, e tomar a sobrinha; que já da Aia, havia tempos, andava desgostada, pelos visos de autoridade que lhe via, e que lhos mal sofria. Razões que ela deduziu ao Cura, e que este com tanta mais vontade abraçou, quanto mais em favor da sobrinha se demonstravam.

Dando fim ao que viera a Paris, se despede para o seu curato, e me dá a saber uma nova tão feliz e que eu tanto e há tanto tempo desejava, sem com tudo pôr nela afoutas esperanças. Transbordei de júbilo, mostrei-me agradecida, e que nunca me esqueceria desta nova bondade que comigo teve.

Também Ana, a sobrinha desse bom Cura, se contentou muito com o que ele com tanto acerto dispusera, e com que lhe abria caminho a melhor sorte que lhe ele Cura podia dar. Era-me ela muito afecta, e dobrou-se-lhe o contentamento, em ver, que se não separava de mim. Apesar do alvoroço de ir ver meu Tio, lágrimas dei a Madama de Vernouillet, e em maior cópia ao meu bom Cura. Não foi longo o entrouxar-me o fato, nem os adeus que fiz, nem aprestar carruagem para a recâmara; uma que me mandaram, e mais um Criado, nos levou, e levou fato.

Impaciente de me ver estava Madama d'Embleville segundo o vantajoso retrato, que de mim lhe tinha feito o Cura; e queria desde logo ir mostrar essa pessoinha às suas mais íntimas amigas. Mas que

pasmo, quando viu entrar uma cigarinha (de crestada e negra que eu vinha dos ares do campo) c'um trajo tão curto que me descia a meia perna, calçada à aldeã, sem luvas, mãos e braços de Saboiana, e para rematar o adorno, um coruchéu de fitas verdes, que é a cor que mais mal me vai c'o rosto. Ei-la Madama d'Embleville que tal grito deu, que me assustou, mas que todavia me não embaçou: dado que os olhos que em mim pôs um tanto me acanharam; apesar deles cheguei a dar-lhe um beijo, com algum desembaraço. — «Oh meu Deus, (exclamou) de que feitio te ajreitaram! Tinha eu encomendado que te vestissem o mais aseado que tivesses. Porque a não penteaste mais à moda?» (falando com Ana). — «Minha Tia (acudi eu) essa mui querida minha me enfeitou com quanto eu tinha de mais guapo; e mais de duas horas consumiu no meu toucado, que direi ser o primeiro dêes que nasci; e no qual deu também sua demão uma linda Senhora, que na carruagem vinha: ela foi quem me encaramanchou as fitas, e me ajreitou a gargantilha: por me alvejar a tez, tão riço me esfregaram a pele, que cuidei que ma levavam. De todas as Moças lá da Aldeia passei eu sempre pela mais bem trajada.» Desta minha simpleza, rindo Madama d'Embleville de todo o seu coração, me disse: — «Com efeito, mui guapas devem de aparecer. Que donosa que és! Vamos ver teu Tio.»

Travando-me da mão, e entrando-lhe pelo gabinete: — «Olhe para sua Sobrinha (disse) e o enfeitada que vem.» Desmentindo da perpétua gravidade, creio, que então riu pela primeira vez. Atiro-me a abraçá-lo, ele me beija, me faz mil perguntas, desfranze a testa, e estraga comigo uma hora: por seguro, digo que nele era grande abono de amizade.

— «Folgas, de te ver em Paris? E que Madama te desforre da perda da Senhora Vernouillet. Creio que a viste pela última vez; e encetas vida nova. Sabe-se por cá o que o tempo vale: todas as tuas horas têm de ser empregadas; idade tens de aproveitar-te dos talentos e conselhos que tua Tia dar-te queira. Como não temos filhos, pela promessa, que me ela fez, te adoptará por filha, com tanto que da tua parte respondas ao bem que ela te quer fazer se assídua continuas a cumprir com teus deveres. Cuida mormente em comprazer-lhe; sem custo carearás sua amizade; segue, sem nunca deles te afastar, os seus conselhos, e firma-te em que do bem ou mal que te ela queira, a tua a fortuna pende.»

Debulhada em lágrimas me lancei nos braços de Madama. — «De que choras? (me disse ela enternecida). Por teu bem é quanto teu Tio

disse. » — «Convencida estou (lhe respondi); de gratidão, que não de pena brotaram minhas lágrimas. Querida Mãe (consenti que assim vos chame) ah! que se visse os affectos que no coração me volvem, e que expressar não posso, quanto ah! de mim contente fora!» Eis que Madama, com tanta viveza me aperta consigo, que os olhos se lhe humedeceram. — «Assenta já daqui (me disse) que te amo mais do que nunca em minha vida amei.» Para me cumular de carícias me arrancou meu Tio de seus braços; e ela lhe disse: — «Olhe-me esta singeleza, olhe-me esta candura, Quanto contentamento será o meu em cultivar essa tenra planta, e em modelar para a virtude esse ingénuo coração!» — «Lá lha entrego (disse meu Tio), sua filha fique, pois que por minha a aceito, ao zelo seu confio-a.» — «Damos hoje ceia (acudiu Madama) e bem que eu não queria que apparecesse, vejo que não pecará de acanhada.» — «Senhora a deixo do que faça (disse meu Tio), dela me descargo. Mas ela tem de se sentir cansada.» Afirmei-lhe que não.

Voltei com minha Tia ao seu quarto, onde havia já algumas pessoas; e um mancebo do mais lindo semblante lhe saiu ao encontro. —«Ei-la pois a nossa Normanda? (disse a minha Tia ao dar-lhe um beijo); que lindo rosto! Ardia impaciente eu já de a ver. E que olhos tão formosos, e de tanto espírito! Não direis Senhoras, que ela, com minha Irmã, tem muita parecença?» — «Por certo (disse um Homem de muita gravidade) que ela dá muitos ares de Madama.» — «Sua Irmã? (perguntei eu, encarando nele). E é pois Irmão de minha Tia?» — «Sim, minha bela (respondeu M.^r de Bracmont) e ser vosso galã desejo.» — «Meu galã? (acudi eu rindo). Seja-o muito embora. Não começo mal: que muito amável sua pessoa me parece; e disposta a querer-lhe bem me sinto; por quanto afeição me leva já ganhada, tudo que à minha rica Mãe pertence. Sejais, Senhor o meu amigo de coração.» — «E não vês (me disse Madama) que lhe fazes uma declaração?...» — «Não tem perigo (disse eu presto) que por meu Tiozinho o considero.» Continuaram a gracejar acerca do meu traço, e do tempo que gastaram em me tocar; gracejo, que eu muito bem mantive com desembaraço. Verdade é que minha Tia me havia descartado o acanhamento; e que de mui boa, à força de carícias, me dava ala ao espírito, e dele, para assim dizer, fazia ressaltar certas centelhas, que livres em se expressar dão brilho aos poucos anos.

Levaram-me depois da ceia a um quatozinho que me estava aparelhado: Madama d'Embleville, curiosa de ouvir a conversação que eu com Ana tivesse, e em que desse franqueza a meu pensamento, passou de manso ao seu tocador entre o qual e o meu quarto mediava um mero repartimento de tabuado. Fui, mal que entrei, abraçar Ana a quem tanto queria: «No teu seio (lhe disse) verter quero toda a minha alegria. Minha Tia é um encanto; como é boa! como é terna! quanto cativa estou dos abonos de amizade com que me acumulou! Se souberas, querida amiga, quanto meu Tio disse, e o como essa rica Mãe com affecto que me entrou na alma aprovou tudo! Não deparo no peito meu, com frase que manifeste o que nele sinto. Quão sobeja razão tinha o Senhor Cura de assegurar-me que me acharia aqui com muito gosto meu! É mui de verdade, que tenho desfrutado mais prazer depois que vim, do que atéli na minha vida. Oh que nunca me esquecerei do grande serviço que me ele fez! Asseguro-me que foi ele quem demoveu Madama a me chamar à sua companhia. Que venturosa me foi a demanda que o requereu a Paris! Mas tu nada me dizes, querida amiga, e ficas triste, quando em mim não caibo de alegria? Não tomas parte nela? Já deixas de me amar? Seguro-te, que venha o que vier, nunca a Fortuna me há-de trocar o coração. Dize-me os teus pesares.»

«Meus pesares (disse Ana) são terríveis. Sei que não convenho a Madama. Acharam-te mal toucada; e não tem cessado de rir à minha custa. Aia querem mais dextra que eu. Desespero: que tenho de voltar para a minha terra.» E ei-la que se desfaz em amargoso pranto. Mas eu a tomo nos braços; e lhe digo: «De lá é que vem essa aflicção tamanha? Tem por certo, que não temos de nos separar; que eu amanhã informo a minha Tia do quanto inquieta estás, e firme em sua bondade, dou por conquistado o que desejas.»

Levei-lhe ao levantar da cama a aflicção de Ana: e Madama, que não perdeu uma sílaba da nossa conversação, e que encantada ficou da boa índole, que em mim viu, chamou por Ana, e lhe desmentiu os receios, dizendo-lhe que a tomara para a empregar no cuidado e lavagem da roupa branca no conceito que toda a confiança podia nela pôr. Que palavras de tanto júbilo para mim, e que no peito de Ana fizeram que a alegria renascesse.

Minhas roupas e meus enfeites em outo dias feitos foram, nos quais nem Madama saiu, nem visitas recebeu: mas M.^r de Bracmont

nos fez companhia. Era dos Homens o mais amável, e a agudeza de seu espírito, leves ditos, graciosa conversação me tinham encantado. E que indizível ternura ele à Irmã tinha! Bem que em verdes anos oficial na Marinha, em combate de renome se tinha achado já e ganhado nele reputação de destemido. Ficando prisioneiro dos Ingleses, e estando em Paris sobre sua palavra tinha os olhos na comutação de prisioneiros para logo se tornar a embarcar. Essa comutação tanto a temia Madama d'Embleville, quanto seu Irmão à desejava. — «Que queres tu que eu faça? (dizia ele à Irmã) Quando a riqueza falha, são as armas o valhacouto dos honrados.» — «Porque vás (acodia Madama) expor-te a mil novos perigos?» — «Cumprir meus Fados (respondeu); nada temer; e esperar tudo.» — «Mas à donosa Adelaida tuas tristes reflexões não a divertem.» — «Se me não divertem (acudi) mais que muito me entram na alma, e é certa e de muito vulto a sincera porção que tomo nos dessorsegos de minha Tia.»

Completa em meu adorno tratou-se de ir fazer visitas, e depois dar nas Tuilerias um passeio. Era a quadra a da Primavera, e nos encontrámos lá com grande parte da sociedade de Madama d'Embleville. São essas Tuilerias o mais belo passeio que há no Universo; e nesse dia quanto havia ele mais guapo em Paris lá passeava: assim tiveram meus olhos com que se contentar. Até diria em que achou granjeio ali meu amor próprio, em razão das lindas cousas que me lá disseram. Verdade é que ia eu mui bem vestida; o que ajuda muito e ser eu do talhe que dão às Ninfas. Não o tomais a vaidade dizer de mim que sou formosa? Também vos digo que não obrigado ninguém a crê-lo; dado que mui certo foi que todos assim diziam, e que também louvores tais me passaram isentos: às mulheres descaminham as lisonjas; folgamos de ouvir louvores, tal no-lo argüem os Homens. Se porém esses Senhores que se embandeiraram severos Julgadores, tivessem ouro fio a balança confessariam, que entra neles tanta pequenez quanta eles generosos nos atribuem; e que mais se deixam embair de seu amor próprio, que persuadir-se da razão.

Ao entrar em casa, damos na antecâmara com o Duque de *** que vinha consultar meu Tio, em negócio importantíssimo. — «São filhas suas?» (disse). — «Não o são (respondeu meu Tio) que uma é minha esposa outra é sobrinha.». Fez-nos o Duque elogios a ambas, e tornou

a falar no seu negócio, para ter mais azo de nos contemplar muito a seu gosto, uma e mais outra.

Finda a ceia, M.^r d'Embleville a quem os dobrões do Duque tinham posto de bom humor, disse à Esposa: — «Nada revê de ar provinciano, em Adelaida, graças ao vosso desvelo dadas sejam; Caspitem! Toda a lindeza tem de Flora! E como é certo que nas Mulheres o gosto nos enfeites co'elas nasce! Mas não basta o airoso das graças, reque-rem-se os talentos; e quem lhe dais por Mestre?» — «Comecei (disse ela) pelo da dança, por que tome garbo; e amanhã o de Música, que o seja também de cravo: de Geografia, e de História eu me encarrego por passatempo e recordar-me assim de factos, que se me vão desluzindo da lembrança.» — «Quisera eu (disse meu Tio) que aprendesse também a língua Italiana, porque mais presto se descarte do que lhe resta no falar com inflexão Normanda; toda inflexão viciada dana ao bem falar. Como vós o entendeis muito bem, e o falais corrente, a adiantareis muito.»

Para os meus poucos anos assaz de ocupação me vinha; para reparar o tempo mal gasto, a cada hora minha acudia distinto emprego. Deram-se as mãos M.^r de Bracmont e Madama d'Embleville porque mais luzidos fossem os meus progressos, que responderam ao zelo que a meus Mestres animava. Quem passos de gigante com tais professores não daria?

Um dia em que tivemos grande companhia, me perguntou Madama d'Embleville, se estava eu contente das visitas. — «Vinhante a rodo os cumprimentos; mas fio do teu juízo, que lhes dás a valia que compete a finezas que Homens indistintamente distribuem a uma e outra; persuadidos de que nessa rede lhes caíam, de malhada Cheios de amor próprio, e avezados a nos julgar por si mesmos; mil astúcias armam por nos induzir, e gabam-se depois do mal a que nossa fraqueza nos expôs. Dize minha Adelaida, não te lisonjeaste um tanto de te dizerem, que serias uma das mais lindas pessoas do Universo?» — «E muito, querida Mãe (lhe respondi) muitíssimo prazer senti; porque a vós se encaminhavam todos esses cumprimentos: que me dizem ter eu muita parecença vossa. Além do quanto me transformastes em vós, por vossa complacente bondade, por vossas incessantes lições, e pela esperança ainda de que mas queirais continuar. Pelo que, sem muito presumir de mim, já me afiguro poder-me distinguir das pessoas do meu sexo.» — «Muito bem, (me disse

rindo Madama d'Embleville) continuarei conselhos, com tanto que me prometas de os seguir e que eu seja a tua Confidente, e me tenhas pela tua melhor amiga.» — «Oh! quanto boa! (lhe disse ali, lançando-me em seus braços) Oh que monstro de ingratidão, se eu falhasse em cumprir com o que a vossa amizade me prescreve!»

Sete ou oito meses eram já que eu estava em Paris, quando fomos convidadas a jantar com Madama Pichard, intima amiga de Madama d'Embleville. Era o marido Rendeiro geral, e tinha passado na sua quinta, esse tempo todo em aformoseá-la. Posto que essas Damas se carteassem, levou minha Tia em gosto nenhuma menção fazer de mim nas Cartas, intento de estranhá-la; e somente (por se divertir) lhe pedia licença de levar consigo uma Menina vinda das Províncias; bilhete mandando duas horas antes da hora do jantar.

Estranhou Madama Pichard cerimonia semelhante, e entrou a gracejar: — «Alguma preciosa ridícula (disse ela à companhia) traz consigo a minha Amiga, visto que deu por necessário anunciá-la.» M.^r de Verneuil, filho M.^r de Pichard, entrou nesse momento, e lhe disseram, que se esperava por uma Demoisella provinciana. — «Tanto pior (disse) que nada há aí mais sensaborão, que esses pássaros de arribação, enfeitados como as bonecas, e sem mais vivo movimento que elas.» — «Peço a minha Mãe, ao menos, que me não empenhe a jogar: basta que em todo o jantar, lhe ature o enjoo, sem me dobrar depois a dose dele.» Nessa mesma noite esses galantes ditos mos pintou Verneuil, e me deram eles muito contentamento.

Torno a falar no meu adorno, que é ponto de grande importância. Madama d'Embleville, que possui em toda a perfeição, os primores do enfeite, esmerou o seu talento no que mais me sobressaísse, e mais me avantajasse. Dizia, que eu tinha o rosto, como tinha o coração: querendo insinuar, que nada num e noutra de desagrado eu tinha. E posto que se ela visse naqueles anos, em que se cuida em se dar a querer, nunca se lhe eivou o ânimo com a vil inveja, tão usual no sexo feminino. Vem tanto a pedir de boca dar-vos aqui o seu retrato, que me comem as mãos de ânsia de vo-lo enviar.

É Madama d'Embleville o que a Pintura requer nas Damas, a mais linda cara, toda interesse e finura, toda vivacidade, brilho, e cópia de espírito ornado, coração admirável; amando a boa companhia e tendo todo o tempo de a ela se entregar; de índole tão dócil, que se acomoda a quantos génios compõem a sociedade, e que esta com empenho pro-

cura e ama. Ela é humana, é compassiva, indulgente, socorredora, condoída do desastre alheio: nunca os defeitos que avistou nos outros, lhe serviram de motivo de conversação. Desinteressada, pautou de modo a vida, que acudisse a quanto tinha a seu cargo, sem que jamais a embelezassem grandezas, autoridade, fortuna ou opulência; dando somente entrada em seu ânimo ao vero merecimento, à candidez, e à afeição às virtudes. Pelo fio destas Memórias se irão devolvendo os muitos talentos de que a dotara a Natureza e Arte.

Apareci pois em casa de Madama Pichard como cabeça de Medusa; tão petrificados ficaram todos, quando Madama d'Embleville me apresentou! Esperavam talvez que alguma viesse com seu ar sério e grave que influísse tristeza no congresso, ou alguma preciosa, enfatuada de sua nobreza que a cada abrir de boca citasse antepassados, e prosápias de parentescos. Desmentida essa esperança, desafogou cada um sua alegria em leves ditos, Como encantado do meu bom parecer, disse M.^r Pichard: — «Que me dizem da Provinciana? Saibam, que nos tinha intimidados o seu anúncio! Senão perguntem-no a Madama.» E nisto apontava para uma Senhorita; que apenas se dignava de pôr olhos em mim. — «Que engano tão donoso nos fizeste! (disse Madama Pichard) E desde quando está esta Menina em Paris? Queixara-me eu de mo haveres encoberto.» Seu filho, que era um jovem Militar, acudiu. — «Não queixumes, minha Mãe; agradecimentos sim. Que nos podia apresentar Madama d'Embleville, que não fosse uma das Graças, que viesse ao lado de outra?» Impediu a Madama d'Embleville dar-lhe resposta; vê-la abraçar o Pai, e conduzi-la à sala do jantar. M.^r de Verneuil que me deu a mão, sentou-se junto de mim e não cessou de me olhar todo esse tempo. É ele um Moço de tanto e tão delicado espírito quão pouco o é seu Pai, e nos tratou a a mim, e a minha Tia, com a mais distinta atenção. À sobremesa me pediram que cantasse; sem momos cantei logo; e como tenho bonita voz e suficiente solfa cantei, um Duo com Madama d'Embleville, e empenhámos logo a M.^r Verneuil, que prontamente me cantou esta.

Copla,

Na primavera Clóris
De Flora os atractivos esvanece:

Nem o prado que matiza
A graça, o riso val com que aparece
Na primavera Clóris.

E acabando de cantar, tão ternos olhos pôs em mim, que cores ao rosto me subiram. Infiou a Senhorita, e Madama d'Embleville, que nos examinava, estava rindo.

Tudo nessa casa abastanças e riquezas ostentava; Salas, Câmaras, magníficas no adorno; móveis de mui subido preço; e os Donos igual opulência demonstravam; reluzia-lhes nos semblantes largos e frescos, e risonhos, a alegria e prazer, descartados de cuidados.

M.^{re} Pichard me perguntou se tinha eu visto a Ópera, a que eu respondi que não vira ainda espectáculo algum. Então disse ele que nos queria lá levar. A Senhorita, que estava de mão humor pelas cousas tanto de galã, que Verneuil incessante me dizia; desculpou-se, para não ir, c'uma enchaqueca. «Tanto pior (soltou a esmo M. Pichard) que nem por isso deixaremos de ir.» Despediu-se ela de Madama Pichard; e não sei eu por que motivo a estive a observar; e muito bem reparei, que lançara a Verneuil furiosos olhos, em que ele pôs fraca atenção.

Partimos para a Ópera. Confesso que no erguer o pano do teatro, me afigurei transportada aos séculos das Fadas, em que os encantamentos surdiam dum toque da varinha de condão. Bem tinha eu lido na livraria de nosso bom Cura, alguns tomos de Amadis de Gaula; e de mui simples, imaginei que alguns desses Encantadores, por poderio seu, moviam quanto a meus olhos se ostentava. Deliciosa ilusão, que me roubava os sentidos! Tão fita estive todo o tempo do espectáculo, que já os cinco actos eram findos; já os camarotes se despejavam, e Madama Pichard que, a rir, me perguntava, se eu queria dormir lá no teatro. — «Pois já acabou? (lhe tornei) Outo dias eu aqui passara.» Entrámos na carruagem de Verneuil, que nos reconduziu a casa: e ele pediu a Madama d'Embleville vénia de visitá-la, que ela com gosto lhe concedeu.

Bracmont, a quem forçoso foi ir a Versalhes, não tinha tido parte na função: à volta lhe contei quanto contentamento lá desfrutei; só lhe faltou para ser completo achar-se ele connosco. Mil expressões de amizade lhe proferiu, a que eu com a mais singela fé do mundo respondia. Dous dias passados chegou Madama Pichard e mais seu filho, e entrando: — «Vede-me este Moço (disse ela) que parece que há

mil anos que vos não viu. Amante o creio da bela Provinciana.» Apenas me dava o tempo de me vestir. — «Que rumo toma hoje a minha formosa Dama? Dar-lhe-ia o Norte para a Comédia? Certa estou que o não há-de impugnar essa Menina.» Nisso (acudi eu) não sou eu quem se há de consultar. — «E porque não? (disse Madama Pichard). Vista-se, em quanto eu remeto a M.^r d'Embleville certos papéis.» Mal teve minha Tia azo de lhe dizer: — «Agradeço» — que, dando-lhe o filho a mão, saiu do quarto, e nós ficamos compondo; e eis-nos de partida para o teatro dos Italianos. Muito me divertiu Arlequim.

Com M.^r e Madama Pichard passámos o resto do inverno. Essa Dama e seu filho esmeraram-se em nos divertir com festas sempre variadas; de que também connosco se lograva Bracmont, d'há longos tempos amigo de Verneuil. Mas veio enturvar-nos os prazeres a nova que se cambiavam os prisioneiros de guerra; e que portanto Bracmont tinha de incessante partir. Desesperava-se Madama d'Embleville; mas pedia a razão, que ao adiantamento de seu Irmão não pusesse empeço. Eu estranhava-lhe o desamor com que nos deixava. — «Ingrato! que não merece as tristezas que nos causa! Que se vai arremessar a perigos, cuja ideia só lhos faz morrer de susto!» O coitado de Bracmont só com ternas carícias respondia sentido ao que lhe arguíamos.

Pelo fim da quaresma nos disse Madama Pichard que partia para a quinta, onde tinha cardume de obreiros; e (nos disse mais) «Tenho tenção de vos levar comigo.» Respondeu-lhe minha Tia, que muitos motivos empeciam por ora o acompanhá-la, quando seu Irmão se achava de partida, e que eu pouco adiantada, tinha tantas lições que estudar: que porém prometia que para o fim de Outubro iríamos passar com ela mês inteiro. Viu a Dama certo desprazer no rosto de seu filho, e como ele era o seu ídolo, e ela tinha franqueza suma: «Que queres que faça? (lhe disse). Bem vês, que não há que opor a tais motivos. Convenho que mais te contentaria a companhia destas Damas. Mas por fim, dou-te que fiques em Paris, e que frequentes esta casa até que te chamem ao Regimento, com tanto que as não incomode a tua frequência.» Madama d'Embleville lhe deu seguro, que lhe não podia dar prazer maior. Com tal arranjo Verneuil bastante se alegrou; e eu não me entristeci.

Partimos para o passeio. Lá encontrámos o Duque de *** de quem se falou já, e que sentar-se veio junto de Madama d'Embleville, e com

ela mais de uma hora esteve conversando; e como ela lhe falasse em seu Irmão, e o tomasse por Valedor para com o Ministro, lhe deu, e lhe cumpriu palavra o Duque. Chegou-se depois a mim, a mil frases de galã me disse, que a M.^r de Verneuil em nada assossegaram; e que mal que partiu o Duque, me perguntou se o eu via a miúdo. — «É a quarta vez (lhe respondi) que o vejo.» — «Perigosa (acudiu Verneuil é a honra de vos ver; vai perdida a liberdade; que não há hi coração que resista ao amor que inspiram esses olhos.» Cumprimento que ele acompanhou com as finezas de maior affecto. — «Que exuberante provisão (lhe disse eu) de namorados requebros deveis de ter, quando tão profusamente os despendeis. Imagino que quanto me haveis dito é por ter sempre a frase alerta: que Homem como sois de bom parecer, não falhais em venturas amorosas. Lembra-me inda mui bem de certa Dama, que em vossa casa vi, e de cuja sempre me esqueceu pedir-vos novas.» — «Não a tornei a ver (me respondeu Verneuil) que a essa Dama disse o que galãs por cortesia uso tem de lhes dizer, mas que nada significa, e que ainda obriga a menos que nada. Mas quando ainda houvera...» — «Ouvi dizer (interrompi-lhe a frase) que o amor era a mais honesta occupação dum Cavalheiro; e menos me estranha dizeres-me vós que a tendes, que o negar--mo.» — «Confesso (me tornou Verneuil que depois de quatro meses, não pode resistir meu peito às flechas que lhe disparou um adorável semblante. Se me atalhou téqui o meu respeito e o receio que tenho de a desgostar, o declarar-lhe os movimentos que dela, e somente dela me podiam proceder, e que eu tenho de conservar em quanto viva; devo agora aproveitar ao menos este lance com que o acaso me acudiu para jurar à donosa Adelaida minha; que quanto a sua alma é bela, tanto esta minha paixão é pura. Afouto me lisonjeio, que não há-de ela condenar uma afeição que outro fito não leva, que o de a fazer venturosa oferecendo-lhe o meu coração com a mão de esposo, no caso que tal seja a minha dita, que lhe eu não desagrade.» — «Se houvera imaginado (lhe respondi c'um tom mais sério) que de ter gracejado acerca das conquistas vossas, me rompesse uma declaração de amor, é certo que liberdade tal nunca a eu tomara: quando, acaso, não convireis acerca da última; pelo muito galã que sois, vos cabe o ser mudável; e não sou tão pouco amiga do meu descanso que me adule de ter avassalado um coração cuja posse talvez que pouco me durasse:

recearia a sorte desses desassissados vencedores que numa praça entram por uma porta, e pela outra os põem de fora.»

Nenhum enfado entrou nesta resposta que lhe dei; e quem há que se agaste com um Homem amável, que jura que nos adora? Despeitos que se fingem, enfados que se afectam, momos são que só a Heroínas de novelas vem ao justo. E eu que nunca fui dessas preciosas ridículas, confesso que contra Verneuil nenhuma ira concebi: ele, todavia, me não pareceu contente. — «Fazeis brinco (me disse ele) do que eu considero o assunto mais sério da minha vida; e imaginais, que por não terdes disposição a responder a amor, o não sabeis inspirar. Verdade é (continuou Verneuil já despeitoso um tanto) que a conquista que do Duque fizestes, é mais brilhante que esta minha.» — «Se imaginais (lhe tornei) que o Duque me tomou affecto, obrigado fica a restituí-lo; que eu nunca cuidei em lho inspirar.»

Madama Pichard nos interrompeu com perguntar-nos qual era o assunto da nossa conversação: ao que respondi, que o Senhor seu filho se divertia em repetir diante de mim o seu papel de galã. Por dar-me gosto, consentiram essas Damas em dar ainda alguns giros de passeio, após os quais entrámos na carruagem. Chegando a casa nos convidou Madama Pichard a jantarmos com ela no dia seguinte; por que tinha mil cousas que nos dizer; e que por conversarmos à vontade mandaria negar a porta a outrem. Começou-me a dessorsegar essa última frase. Nenhuma reflexão tinha eu atéli feito: mas o que ela disse, quando entrámos, mas a conversação, que ela só deu por encetada, e à qual queria dar séquito; mas a declaração de seu filho, que tinha visos de sincera; essas circunstâncias todas me deram todo o resto da tarde um arzinho de distracção, que não escapou a Madama d'Embleville.

— «Que tens (me disse) que tanto te acho demudada?» — «Verdade é (lhe respondi) que o passeio me enturvou o ânimo; e que extraordinária me reconheço. Tal confusão me lavra nas ideias, que não sei como as deslinde; nem me fora fácil dar-vos conta delas; talvez, que eu amanhã algum fio lhe devolva. Quanto, oh meu Deus, essa Madama Pichard me dessorsega c'os seus segredos!» — «Não seja antes o Filho» (me tornou Madama d'Embleville, c'um ar que não era de assustar). Aqui soltei um suspiro, com cujo motivo não atinei: — «E se ele fosse?... Ah! querida Mãe, releva não o tornar a ver.» Sorriu-se Madama dizendo: — «A ti cabe examiná-lo. Vai deitar-te, e me darás amanhã conta das reflexões que hajas feito no ponto. Não me disfarces

a verdade; que sobretudo ver quero, ao claro, quanto se volve no teu ânimo.»

De muito penetrante descobrira Madama d'Embleville, e com prazer extremo, o affecto que Verneuil me tinha; nem também ignorava quão difíceis de destruir sejam as primeiras inclinações: quando mais, que o reputava Moço de muito siso, e incapaz de faltara o que uma vez tomasse como empenho: lisonjeava-se outro sim na amizade dos parentes ser tal que não empeceriam à nossa união; o que fez que não desagradasse a inclinação que eu demonstrava. Nem eu deva esperar maior fortuna, vistos os, grandíssimos bens que abundavam naquella casa. Toda a dificuldade procederia de M.^r Pichard que a tantíssimas riquezas ajuntava desmedida ambição aos requintes da avareza. Defeitos raros em real Rendeiro!

Tenho que se imaginam, que com o ânimo cheio de estranhezas, não pude adormecer: saibam que em quinze anos não tomam pé cuidados. Lá me ficaram no toucador; que levei dum sono a noite: muito era para essa idade reflexões de mais de hora e meia. Acordada, a mim as tomo, e com vulto já maior; que vinham medradas com o teor no declarar a minha Tia, o que eu de mim própria não sabia definir. Inquietavam-me Bracmont, que me amava, e eu a ele de todo o meu coração; essa amizade porém não me dava o abalo que me dava a de Verneuil. Interrompeu-me essas reflexões recado de minha Tia, que me queria falar. — «Que perguiçosa! (me disse, mal que lhe entrei no quarto) para Menina que tão abafada de cuidados estava ontem! Vamos pois: fez-se esse exame? Estás no caso de me dar exacta conta do que em teu coração labora?» Intimidou-me, e me subiu cores ao rosto a tal pergunta. — «Bem avisto (continuou Madama d'Embleville) nesse embaraço, que é M.^r de Verneuil tão infeliz que te caiu em desgraço. Muito me despraz; que é ele um Moço que eu muito amo. Como porém eu prefira à minha a tua satisfação, privar-me hei do prazer de vê-lo, por te evitar de lhe ouvir requebros que te enfadam. Prepara-te nada menos a ainda o veres hoje; dá-me esse comprazimento; que bem sabes, que nele te hás empenhado; mas palavra te dou, que a última vez seja esta.»

A golpes tais não se resiste. Era Verneuil bem apessoado, de gentil semblante, qual em pintura se requer, juízo agudo, arrazoado, e de bom senso, muito vivo, e jovial, e com todos os dons por fim, que dão

agrado. Confesso que me devia afeição. Olho para minha Tia, que esperava por minha resposta, e vejo-lhe derramada pelo rosto bondade tanta e tanto ar de riso, que me arrojou em seus braços, e entre b e i j o s .

— «Minha rica Mãe (lhe digo) quanto ela se diverte à minha custa! Que segura estou do quanto convencida está, de que a Verneuil ódio não tenho. E quem, meu Deus, lho poderia ter? Não, minha tão querida Tia, não se prive do prazer de vê-lo, e que lhe dou por certo, que não é menor em mim.» Não disse eu mais, pelo mui turbada que me senti.

— «Fala, sem receio (me disse Madama d'Embleville, tendo-me apertada ao peito) que tua amiga sou, e tua confidente quero ser.» — «Que extremo de bondade! (exclamei) E que não possa este meu coração exalar, senão em fios de lágrimas os movimentos, que nele volvem!» As lágrimas me resvalavam pelas faces. Comovida de ternura, dobrou carícias minha Tia, folheou (para assim dizer) no recôndito de meu peito, em que todo o arcano meu franco lhe estava. Rematou a conversação com pedir-lhe eu que continuasse comigo a ter igual bondade, e a acudir-me com seus conselhos: o que ela bem me prometeu. Eis que entra Bracmont, e dá tino do quanto turbada eu estava, pergunta com empenho qual o motivo fora. Com arte desviou Madama a explicação, por que ele não tomasse no caso interesse de sobejo. Como seu Irmão não era rico, e que folgava do que era fasto, e despesa, a sua e minha dita, que ela igualmente tinha a peito, lhe faziam força a que se opusesse aos desejos de Bracmont, dando dissimulo de ignorá-los, bem que avistasse quão viva impressão eu nele fiz, desde o átomo, em que me viu primeiro. Próximo Bracmont ao seu embarque, desassistindo de casa a miúdo, não dera tino dos assíduos desvelos de Verneuil. Disse-lhe a Irmã, que M.^{ra} Després me pedira em casamento; e que meu Tio havendo por vantajoso partido tal, consentira; mas de cujo eu muito me desesperava. — «Desumano (disse ele) é violentar inclinação de minha Sobrinha (nome, que por amizade me dava). Dêem tempo de ela escolher: que assaz pouca idade tem.» — «Promete-me bela Adelaida, que esperarás que eu volte, para dispores dessa dextra.». Respondeu minha Tia, que essa palavra bem lha podia eu dar, se muito longa não fosse a sua viagem. Ei-lo contente, ei-lo assegurado, que vai fazer

corde ao Duque seu protector, pelas recomendações de M.^r e Madama d'Embleville.

Veio-nos buscar Verneuil para levar-nos a sua Mãe, que a minha Tia deu mil abonos de amizade, e que a mim, fez mil carícias. Depois de jantarmos, perguntou, rindo-se, a seu filho, se teria ele comprazimento de jogar aos Centos comigo por me divertir? Ao que ele respondeu: — «É muito requerer de mim.» Mas pedindo-lhe minha Tia, que me desse alguma lição de língua Italiana, que eu já começava a explicar menos mal, foram as duas Damas sentar-se no topo lá do salão, para mais à sua vontade conversarem; e Verneuil e mais eu para uma janela, onde ele começou pela pergunta: — «Quer-me aceitar por seu Mestre?» — «Por mui ditosa (respondi) me dera eu, se quisesse tomar esse trabalho; mas receio de enfadar o Mestre pela pouca intelligência da Discípula, e inda menos docilidade.» — «Pela corrigir desse defeito (disse Verneuil) é que eu hei de começar, afim de que melhor compreenda as minhas lições, e com se descartar desse tom de brinco, quando é lanço de responder sério». — «E eu (lhe tornei) daqui já digo, que me dissaboreia o intróito da instrução; quero Mestre que se conforme c'ó meu génio; que em vez de me impor certas condições se assujeite às que eu lhe significar.» Olhou-me com ternura o Mestre, e consentiu em tudo. — «Não quero que olhe para mim.» (e corei de lho ter dito). — «E se nos perguntam que temos feito? Que diremos?»

Pegou Verneuil no *Pastor fido*, e me deu a verter a mais terna cena, dizendo que tomaria por juiz de ambas as nossas versões a Madama d'Embleville. E que o que melhor vertesse, ganhasse do outro alguma recompensa. — «Que interesseiro que sois!» (lhe disse e fui trabalhando o melhor que pude. Então compôs um pequeno maço do trabalho de ambos; e continuámos a gracejar, sem nos dar por sentidos da longa conversação das duas Damas.

Quando a casa voltámos, me disse Madama d'Embleville: — «Quão contente que vens! Ares dás de quem se bem divertiu com Verneuil.» — «Nada, todavia (lhe tornei) de novo boquejou: só me pareceram suas falas confirmar a última declaração. Traduzimos uma cena do *Pastor fido*; e da nossa tradução haveis de o juiz ser, minha rica Tia, da qual mais elegante delas é.» Dito hei já, que Madama d'Embleville entendia Italiano e o falava muito bem. Dei-lhe o pequeno maço; a que ela sorriu da simpleza minha, e leu alto o seguinte.

«Cessai, vos peço, minha Adelaida encantadora, de gracejar c'uma paixão, de cuja pende toda a ventura, toda a desventura da minha vida. Ponha remate aos meus desejos uma palavra da vossa boca. Eia: pronunciai-a. A amizade com que sempre me penhorou Madama d'Embleville, me dá visos de não se opôr à nossa união. Mas posso eu ditoso ser, não conseguindo consentimento vosso? e recusando esse coração, que adoro, de pôr o cúmulo a meus desejos? Sei, que lança meu Pai a vista a estabelecer-me a seu modo. Baldos projectos! Que vos juro, que, por mais que ele intente, nunca de outra tenho eu de ser senão de Adelaida.»

«Ah traidor! (exclamei) mas quão delicado, oh rica Tia, e quanto amável!» Eis que minha Tia não só não toma parte no meu contentamento, mas suspira. — «Que vejo? (acudi) Recusa-se à minha ventura a minha maior amiga? Pois me haveis permitido chamar-vos tal, consenti que eu me valha desse nome, para com ele vos comover.» — «Muito sinto (me respondeu) não poder, por agora, o que Verneuil propõe; que trair fora a confiança da minha amiga; o que eu, por quanto há no Mundo não farei. Portanto, oh filha minha, dá renúncia a Verneuil, e assenta que sonhámos um lindo sonho.» Então me contou a conversação que com Madama Pichard tivera, e o imposto que queriam lançar sobre os Rendeiros Reais; e que essa Dama receava com razão, que entraria nessa derrama seu Marido, por quantia considerável, visto o cabedal imenso, que supunham nessa casa; e que não acertava com meio mais apto de anteparar o caso, que a aliança com família que privasse na Corte, e bem ouvida fosse do Ministério. Que para esse efeito lançara os olhos a uma Demoisella mal vista sim, da riqueza, mas que entroncava nas mais ilustres casas da Monarquia. Projecto bem traçado, e a que só faltava o consentimento de Verneuil.

Desesperei com tão funesta confidência: mas eis que Amor me acode c'um expediente, que minha Tia me aprovou. «Parece-me possível, que sem ofender-vos no melindre da amizade, me faríeis alto serviço, no caso que Verneuil persista em me amar, mostrando à Mãe, para desluzir toda a suspeita de que favoneais o nosso amor, a carta que ele me escreveu, e a arte com que a deu a ler. Persuado-me, que a ter ela algum tanto de generosa, avaliará o quanto o sois vos nessa parte, e nunca, por mais que aconteça, lhe fica azo de se queixar de vós.»

Maravilhada minha Tia do quanto era nobre o meu projecto, prometeu segui-lo.

Foi na manhã seguinte ver-se com Madama Pichard, que estranhando vê-la tão de manhã, lhe perguntou açodada, se algum d e s a s - tre acontecera a seu Irmão. — «Nada ele tem (respondeu Madama d'Embleville) no negócio que aqui me traz; mas sim vosso interesse. E dado que por ora não seja o caso bem relevante, todavia sinto, que a não estares de aviso, sérias poderiam ser os conseguintes.». Então lhe deu parte dos projectos de seu filho, que adversos ao que se propunha a Mãe, seria falhar em deveres de amizade, e gratidão, o sonegar-lhos. Bem que fossem por ora lume volátil, poderiam com o tempo vir a ser incêndio. Que atinasse com meios de pôr seu filho ao longe; que o mui verde de meus anos, que a amizade que lhe ela consagrava, sua franqueza e boa fé lhe eram fiadoras de que ela regeria sempre a rédea do meu comportamento: ao mesmo passo, que M. de Verneuil, de resoluto, firme, e seguro em seu pressuposto, custaria muito a menear; e ao que agora parecia quando muito arranhadura, com remédio mui fácil a prudência o curaria.

Com singular atenção ouviu Madama Pichard o que minha Tia disse; e logo lhe perguntou se tinha ali a carta de Verneuil, cuja lhe entregou Madama d'Embleville. Dito eu já deixei o grande amor que a seu filho tinha Madama Pichard. Disse ela lendo a carta: «Que desgostos te aparelhas, querido filho! Estás, que duvidá-lo não posso, entranhadíssimo de afeição. Agora recordo eu mil circunstâncias que mo confirmam, e não são de estranhar afeitos semelhantes, quando os inspira Adelaida. Eu mesma por ela sinto extremos de amizade; e me encantaria ver que mais estreitos ainda fossem os laços dessa união. A dispor eu única da sorte de meu filho, não lhe estorvara ventura tanta. Ficai segura que eu penhorada desse vosso proceder, tão nobre, tão generoso, empenharei quanto eu valho, por desmanchar o projectado casamento. Por ora nada resolvo, deixai que as minhas reflexões acudam; não têm de ser contrárias à ventura dos que tanto a m a m o s . A meu filho mormente, nada lhe deis a saber: tenho minhas razões; não passarão muitos dias que as não saibais.»

Quanta ânsia em mim lavrava, bem se julga. Mal que voltou Madama d'Embleville, arranco de corrida: viu que me tremia o corpo

todo, e assossejou-me, com me dar exacta conta da conversação que tinha tido; e que não dava por más as disposições desse negócio; e que na primeira visita de Madama Pichard, mais largas notícias saberíamos. Impediu a carta de Verneuil que olhasse minha Tia para as nossas traduções; mostrou-as a meu Mestre, que achou perfeita a de Verneuil, e miserável a minha.

Mandou-me, depois de jantar, M. d'Embleville chamar: estremecei c'ó recado. Muita bondade comigo usava; mas não tinha eu com ele a liberdade de ânimo, nem a familiar franqueza, que com sua Esposa. Acostumada a vê-lo, um instante quando muito, pela manhã, e ao jantar e ceia, em cujos, ocupado de seus negócios, pouco falava ou nada. — «Oh Céus! (disse eu a minha Tia) querela se me arma! Vai-me falar, que me aparelhe a receber Després, como Esposo, que ele me destina. Quanto ele ignora, que essa grave personagem não terá nunca o condão de me agradecer!» Com efeito, não me enganei; que me declarou que lhe dera sua palavra. Gabou-me a sua probidade, a sua riqueza, e o quanto me avantajava no contrato: roguei-lhe que não quisesse contribuir à minha desventura; que me era impossível amar M.^r Després. — «Razões duma criança! (me tornou M.^r d'Embleville) Tomo todavia a mim o empenhá-lo a que espere que venha mais juízo.»

Do gabinete dele ao quarto de minha Tia, dum pulo vim. De corrida a abraço, e: — «Eis-me quite (lhe digo) afora o susto. Deu-se-me espera, até que eu juízo tenha. Seguro daqui lhe dou, meu Senhor Tio, que nesse ponto, para sempre desatino.» — «Ah! que a saber ele (me tornou Madama d'Embleville) que levo quinhão em quanta doudice fazes, ah! que jamais mo perdoara.» — «É bem (acudi eu) se as nossas doudices vêm a ser ditosas, quanta obrigação vos não ficará devendo?» Entrou Bracmont; e como lhe não tinham occultado, que Després pretendia ser meu Noivo, dissemos-lhe que meu Tio lhe dera a sua palavra. Ei-lo assustado, e a pedir à Irmã, que a todo o seu poder impida essa união. Prometeu-lhe ela, que meteria todo o empenho; e eu lhe abonei que antes me faria freira, que consentir em tal. Mandou-me minha Tia a recado seu; e então disse a Bracmont: — «Que fazes, em te opor ao casamento de Adelaida? Que acerto lhe imaginas tu mais vantajoso que este?» — «Imagino (lhe respondeu) que tão verde em anos e tão amável, pode lisonjear-se que acertará melhor. E por fim, minha querida Irmã, se em gosto levas contribuir para o meu sossego

da alma, requeiro da amizade que me tens, que não inclines Adelaida a casamento algum, até que eu volte.» — «Fácil é de prometer (disse Madama d'Embleville) mas difícil a cumprir; que arrazoadamente não pode opor-se Adelaida à vontade de seu Tio.» — «Minha querida Irmã (rompeu Bracmont) escusados são dissimulos: o amor, que desde o instante em que a vi, Adelaida me inspirou, não há meio de encobrirto; para Adelaida parte, como de força, este coração; entranhável interesse me traz como ligado à sua Dita, e fados seus, de cujos depende toda a minha, tranquilidade. Lisonjeava-me eu tégora de ser dela amado e me saboreava, que prazo me chegaria em que Adelaida minha fosse. Eis que se me tolhe enlevar-me nessa esperança. Contrariando-me a mim mesmo, vejo e sem o menor susto a afeição que Verneuil lhe tem.» — «E quem te disse (perguntou Madama) que Verneuil a amava?» — «Verneuil mesmo (disse Bracmont), Verneuil me fez desse amor a confiança. Dela comecei a averiguar se o coração de Adelaida correspondia aos requebros, com que ele pretendia careá-la: mas esse coração que ainda não aprendeu a arte do dissimulo, mais que muito me inteirou que sensível ao mérito de Verneuil se daria por ditoso em laço tal.»

Quebrei o fio à conversação, entrando com um criado do Duque *** que trazia uma carta a Madama d'Embleville, em que lhe significava a nomeação de Bracmont a Comandante duma Nau de guerra, e que partisse logo a Versalhes, receber as ordens do Ministro. Sensível à cortesia do Duque, correu Madama d'Embleville ao gabinete de seu marido, o qual e mais Bracmont partirão diligentes, a dar ao Duque os devidos abonos da sua gratidão.

Passados alguns dias, veio-nos pedir de jantar Madama Pichard, e mais seu filho: — «Vêde-lo já Marquês (nos disse ela mal que entrou) é-lhe devido um abraço, em parabéns.» Meu Tio, que se achou presente, com muita gravidade o felicitou do seu novo título. «Por favor lhe peço (respondeu Verneuil) que se não concorde com minha Mãe para chasco; que seria mui desigual o meu partido, a menos que estas Damas não tomem a minha defesa. Não têm, desde ontem, cessado de me catanear. Comprou meu Pai um Marquesado, de cujo quer que eu tome o título. Bastante há já em mim de que motejem, sem que eu por stólida vaidade lhes dê mais esse motivo. E que me dizeis vós, Anjinho meu? (me disse Verneuil, vindo perto de mim). Aposto

que o título de Marquesa não é o que vos dá mais na vontade?» — «Nem mesmo (respondi à galantaria) o de Duquesa. Mais há do que essas honras, em que eu ponho a mira.» — «E em quê?» (me perguntou
 Madama Pichard.
 — «Na glória.» (lhe tornei). — «Na glória! (disse essa Dama) Tal grandeza de ânimo ainda eu não ta conhecia.» — «A glória (lhe respondi) é a só porque enfeneço. Já vários desafios por amor dela com vosso filho tive; pesar tenho, que no primeiro fui vencida.») Então Verneuil com ar jovial, se volta à Mãe: — «Diz, que venci!» — «Olha oh filha minha (disse Madama Pichard) que Verneuil é interesseiro: dá-lhe rapé; que é o mais que vale tal vitória.» E deu-me caixa rica de ouro com o seu retrato.» — «Peço a minha Mãe (acudiu Verneuil) que não entre em nossos debates. Mademoisela não precisa de conselho; e palavra que uma vez se deu, tem de ser inviolável. Por cousas de fraco porte, se julgam, muita vez, as grandes.» Ei-lo ajoelhado diante de mim, a pedir a recompensa. Dei-lhe um laço para o punho da espada, que ele aceitou com raptos de alegria, que deram que rir às duas Damas.

Cumpriu explicar M. d'Embleville o assunto desta galantaria que a todos deu prazer, e em cuja, tomando meu Tio parte, com a mor seriedade, cousas disse mui graciosas; e Verneuil com seus repentés, viveza, e jovialidade, nos divertiu muito. Ao levantarmo-nos da mesa, quis eu dar a Madama Pichard a caixa. — «Daí vejo (me tornou) que me não amas, pois que a não abriste, e que a não queres guardar o r e t r a t o que ela contém. Pois olha: não sei se no amor te não prefira já ao meu Verneuil.» Aqui lhe travei da mão, e lha beijei: ela abraçou-me e entrou no gabinete com Madama d'Embleville.

Como me vi só com Verneuil, revesti-me de sério; ele me pediu perdão do pequeno ardil de que usara para inteirar-me da pureza das suas intenções, e que o atribuisse eu ao excesso unicamente do seu amor; e que era a sabidas de sua Mãe, que consentia em bem aventurá-lo. Que talvez da parte de seu Pai dificuldades haveria que superar; mas que anuindo eu a seus tão honestos desejos, as dava ele por vencidas.

Parece, que aos corações que simpatizam não releva longo tempo para se conhecerem. Respondi pois a Verneuil, que como nunca aprendi a dissimular o que sentia, me afoutava a lhe assegurar que, a

recrescer alguma opposição ao que ele intitulava felicidade sua, nunca essa opposição de meu ânimo brotaria. No semblante e nos olhos lhe sobressaiu o prazer que no peito lhe lavrava; já alheado de si, trava-me da mão, e ao coração m'aperta. Nada disse: mas rebentavam-lhe no olhar a gratidão, o amor, a candura, a boa fé. Silêncio persuasivo! que mais amor me significou que guapos requintes de eloquência. Já vêm de volta as Damas, e falavam na viagem de Bracmont e na de Madama Pichard, no dia seguinte, também na de seu filho, que era chamado ao seu regimento. No enleio de ideias com que o adeus nos demos, reparou Madama d'Embleville, e o acenou à sua amiga.

«Parece-me um tanto meditativa a Senhora Marquesa (me motejava, mal que ficámos sós, Madama d'Embleville); pode-se dela rastrear o motivo de seus enleios?» — «Chasqueai-me embora, querida

Tia.»

— «E isso te enfada?» — «Por certo que não (lhe respondi); mas é que tenho a alma triste.» — «Alegra-te (me tornou) co'as boas novas que hás-de ouvir. Tens de saber que Madama Pichard deseja, quanto seu filho, o consentimento do marido: e não sei se ainda ela mais do que Verneuil.» — «É muito encarecer.» (lhe disse). — «Tão segura estás (disse minha Tia) que te quer bem?» — «Tão mau homem (respondi eu) fora ele, que me enganasse?»

Partiu por fim Bracmont. Não poderei expressar quanto me custou uma e outra despedida. Ver ir a longes terras o seu amante; p e r d e r (e quem sabe se para sempre) uma pessoa que eu avaliava pelo melhor de meus amigos, eram mui ásperos tais golpes para haver de dissimular a minha mágoa. Escondi nas palavras a Verneuil o que eu sentia, ao passo que eram delatores os meus olhos de quanto se me a alma atribulava. Sendo-me força encantar muita porção da minha ternura, desafogou-se ela com Bracmont; que, como eu tinha o coração mais que muito assoberbado de amor, dei-lhe ali largas, dizendo-lhe quanto em afeição pude esmerar-me nesse adeus; e ele se foi bem intimado do quanto eu ficava saudosa Madama d'Embleville lho intimou tão bem como eu; de maneira, que na despedida o ressarcia a amizade dos pesares do amor. Passados alguns dias nos veio visitar o Duque, e como eu me entretinha então ao cravo estudando uma nova sonata, não dei fé que ao vê-lo junto de mim: dou um grito sobressaltada, arranco de súbito, derribo estante, solfas, corro a

Madama, que no seu quarto registava contas. Conteve-me o Duque: — «Que viva que sois, Mademoisela (me disse). Não desacomodo ninguém. A imaginar tamanho susto, mandara-me anunciar. Mas, visto que minha Dita quis que deparasse a sós convosco, permiti que de tão bom acaso me valha para dar parte da terníssima afecção que me tendes inspirado. Muito há já que espreito um azo de vos poder dizer que vos adoro; que tão gravada me estais no coração, que nada há que dele des-insculpir-vos possa.» — «Estranha eu em cumprimentos tais, não acerto, senhor Duque, a responder-lhe.»

Madama d'Embleville, que nesse instante entrou, ficou estranha quando ali viu o Duque. Este lhe rogou que consentisse em que ali aguardasse por seu marido, e nos disse a ambas cousas mui agradáveis. Nisto, meu Tio entra, e passa ao seu gabinete com o Duque. — «Ah! que se eu me atrevera (disse eu então a minha Tia) quanto eu não vos arguiria de haveres interrompido a mais donosa declaração de amor, que explanava o Duque, bem pode ser que daqui a quatro ou cinco meses lhe dê, se eu de passagem acerto com ele.» — «Que guapo que isso há de ser!» (me tornou minha Tia).

Em que engano eu estava! Sabia o Duque tudo o que em casa se fazia; que Madama havia de sair com a Aia, a várias compras; e foi o que se lhe deparou para me vir falar de amor. No enleio de lhe responder, o fiz eu com enfado; e ele saiu de mau humor, e tanto, que me dei desquite dele.

Quando Madama d'Embleville voltou lhe dei notícia desse novo ataque, de que ela fez pouca atenção; antes incautas gracejámos. Mas o Duque embelezado em meu lindo rostozinho me escreveu cartas sobre cartas, que todas lhe recambiei sem as abrir. Cujá obstinação vendo, deliberava-se minha Tia a descobri-la a M. d'Embleville, mas temeu que esse aviso não acelerasse o casamento com M.^r Després. Até se lhe devia encobrir a pretensão de Verneuil, enquanto M.^r Pichard pusesse a mira no pressuposto estabelecimento.

A estas cresceram outras circunstâncias mais ponderosas. Foi ferido Verneuil numa peleja; Madama Pichard correu logo pela posta, toda sustos pelo filho; nem tornou a Paris, que o não visse em estado de a carruagem não o empeiorar. Não lhe soube da ferida, senão quando a Mãe nos convidou a lhe fazermos companhia. Assustei-me em ver quão pálido... Trémula a voz exclamo: — «Vós

doente! oh meu Deus, e eu sem o saber!» — «Não é cousa que assuste. Muito me penhora esse enternecido termo, quando me abona a amizade da minha adorável Adelaida.» — «E que injusto que fôreis (lhe tornei) se dela duvidásseis!» E corri súbito a me lançar nos braços de sua Mãe, que colmando-me de carícias: — «Perto foste de perderes teu marido.» — «Graças ao Céu (disse eu) lhe rendo, que no-lo deu salvo, sim, minha filha, no-lo deu (disse Madama Pichard) para unir ao teu o seu destino.» Beijar-lhe a mão foi quanto respondi.

Quando o Pai o viu bem convescido disse a Verneuil que se dispusesse a ser esposo de Mademoisela de Lourangonardier: a que o filho respondeu, que enquanto durasse a guerra, só na glória militar t i n h a o cuidado; que estado escolhera, e que nele ansiava ganhar fama. — «Destemperos de rapaz (disse M. Pichard). Que guapo te acharás co'essa ruim fama, quando braço ou perna te levar a bala! Fala-me aí num bom Rendeiro real, co'a bolsa bem fornida, a quem todos fazem barretada, que não vai requerer mesadas, rodando co'a mais grada nobreza pela sua opulência; regresso, nas precisões da Monarquia, aparelhado a lhe acudir. Lança-te, parvo, à aritmética, que a te ires abolar os cascos lá na guerra — «Conselho este que a Verneuil não foi de agrado. Agastou-se, ameaçou-o de sua cólera o Pai... e toda essa ira veio a fim com dizer a sua mulher que ela com mimo lho estragara, que não sabia em que ele viesse a dar. Foi prognóstico que não assustou a ninguém.

Repartido Verneuil entre o desejo de cumprir com o seu dever, e com o seu amor, me veio dizer que havia rumor de que se daria batalha; e que assim, partia para o exército com intenção de se portar de modo que me viesse oferecer com mais vantagens o seu coração, com a mão de Esposo.» — «Ah! Verneuil (lhe respondi) sempre me será precioso o donativo desse coração; mas a amizade mesma que vos tenho, se opõe a aceitar a vossa mão; é dívida o obedeceres a vosso Pai; e em mim também é dívida preferir a vossa felicidade ao meu r e p o u s o . » — «Que ditos esses (acudiu Verneuil todo ternuras). Como se eu pudera ser feliz sem a minha tão querida Adelaida! Nem há hi consideração alguma que valha a me impedir de ser eu vosso; porque convosco, e só convosco pode ser cabal a minha ventura. Verdade é

que não parecem favoráveis ao meu amor os paternais projectos; e já eu da sua parte padeci alguns enfados: nada obstante, confio na afeição que ele me tem, e me lisonjeio que lhe ele dará ouvidos, e que consentirá em me fazer feliz, com tanto que tal confiança em mim tenhais, que aguardeis mais favoráveis tempos.» Dei-lhe a mão por única resposta: e Madama d'Embleville que assistiu a essa conversação, lhe pôs o remate dando-lhe novo seguro do vivo interesse que ela tomava na nossa mútua felicidade.

Partiu Verneuil, e Madama Pichard que se dispunha a partir para a sua quinta, nos convidou a que a acompanhássemos; e pôs nesse convite empenho tal que se não poudes Madama d'Embleville negar às instâncias dela; e prometeu meu Tio que lá nos iria ver, e passar as férias connosco. Eis que na véspera da partida tal calafrio e violentíssima febre lhe sobreveio, que assentámos que no-la roubasse. Nos sustos duma vida à qual a minha é vinculada, se me volviam em prantos a noite e o dia. Debalde empenhou Madama Pichard quantos direitos sobre meu coração tinha, para me consolar, e me afastar dum quarto em que laboravam ares tão malignos: que eu porfiava, e lhe dizia: — «Deixem largas a que obre minha ternura; a bondade que usam comigo, azeda a minha dor, visto que não posso cumprir com ela; nenhum poder tem sobre a saúde o que a amizade requer, requer o zelo; não me cerceeis por comiserção o triste alívio de empenhar os meus desvelos todos numa pessoa a quem devo tudo, e por quem daria a mesma vida. Madama Pichard comovida de tão enternecidas mostras que eu dava de esmorecer pela doente, confundia, que mais não poudes, com a minha, a sua pena; e meu Tio, como se assaz não fora ver pender para o jazigo a Esposa por quem ele estremecia, sentiu-se-lhe forçoso enfrear a dor que tinha, para ameigar as nossas.

Condoeu-se enfim o Céu de nós; restituiu-nos a que era objecto de nossas ansiedades. Começou a convalescer Madama d'Embleville, e nós já deslembrados do que havíamos padecido, só cuidávamos em diverti-la, com mil graciosidades que o contentamento inspira; às quais ela se não demonstrava muito sensível: por que se ansiava a amizade que me tinha de tão pálida me ver, tão demudada. É verdade que eu o estava, e muito; que creio eu bem que tresnoitar, e ter pesares a ninguém aformosentam; e mais sensível eu que outra qualquer, não é de pasmar que na minha compleição muito operassem.

Minha Tia, a quem não permitiam ainda que sáísse, mandava comigo a Aia à Igreja. Um dia, que mais cedo fui, para dar a Deus as graças de a haver restabelecida; eis que indo entrar, me travam pela cintura, e me embarcam numa carruagem. Dou um desatinado grito: partem à desfilada os cavalos, e o homem que em braços me tomou na sege, tapa-me com as mãos a boca; um desmaio se apossa então de mim até que parando a sege numa dilatada campina, à força de activos licores me fizeram tornar em mim. Dei um suspiro, abri os olhos, e tornaram-se-me logo a fechar. Tão assoberbada com o sucesso fui que se pie suspendeu a alma, como entorpecida sob o pendor que a oprimia. Desfilam sempre, mudam de cavalos, em deparados sítios; o dia todo e parte da noite, comem o caminho; ei-los à porta duns Paços; cai a ponte levadiça à senha concertada; uma mulher de boa parença me recebe; mas eu de fraca, foi preciso que me levassem a um quarto em que me sentaram numa longa poltrona. — «Cuide, em que esta Menina (disse a pessoa que me trouxe na carruagem) não bebeu, nem comeu, nem falou, todo o caminho; vinha eu em ânsias que nos braços me morresse.» Trouxeram-me um caldo.

Sentiu-se rumor. Anunciam o Duque. Sem mostrar estranheza de o ver, (quem senão ele, ousara vir, no caso, o extremo tal!) arredados, por acatamento ao Duque, os que eram ali no quarto; eu, com voz quasi extinta, disse-lhe: — «Vindes, Senhor, sem dúvida, apascentar os olhos na vossa crueldade? C'um pé na sepultura já, não vo-la temo; e até presumo tanto de vossa proibidade, que imagino que começais já a arrepender-vos de me haver lançado no estado em que me sinto.» Travando-me da mão me respondeu o Duque desta maneira: — «Arrepender-me de ter em meu poder o que com mais perfeição o Céu há obrado? Mas, Adelaida formosa, não me condeneis ao menos, sem me escutar primeiro. É seguro, que eu não houvera empregar violência na conquista dum coração, que eu ganhar devia com desvelos e redobradas finezas. O que me arremessou porém a vos arrancar da vossa família, foi o assegurar-me, antes de partir Bracmont, que se preparavam a vos unir com um sujeito, que vós entranhavelmente aborrecíeis. Vi que esse casamento me desluzia todas as esperanças; por tudo rompi, por não perder-vos. Deste amor meu nada temais, que vos protesto que tanto tem de respeitoso, quanto ele é terno.» Parou na fala o Duque, para me ouvir a resposta.

Fitava olhos em mim, e eis que bradava: — «Adelaida está morrendo, e sou eu que a mato.»

Acudiu a Dubois, que me recebeu à entrada: — «Não tome susto. É desmaio de fraqueza. Mas como consequências pode ter, bom é que a veja M.^r Tiebar.» Era este Cirurgião-mor antigo, mui perito, e a quem o Duque abrigava nestes seus Paços. Ele mesmo o foi buscar; e entanto me puseram num leito sem acordo de mim. Eis que me rompe o desmaio em desabalada febre, e logo bexigas e púrpura: sucederam-lhe muito funestos efeitos, em que por longos dias corri perigo, e em que o Duque sempre em sustos, e como fora de esperanças, e apesar de quanto M.^r Tiebar lhe representava a malignidade do ar que ali se respirava, não houve o Duque em seu amor desamparar-me: e dando ordem que o dissessem salteado de doença igual à minha, ficou com o Cirurgião e Dubois encerrado no meu quarto: por guarda os tive todo o fio da moléstia; nem doutra mão nada tomei senão da mão do Duque.

Quem não se comovera de atenções tais, e vindas dum Senhor, que outro senão não tinha além do título e da grandeza? Não por certo! Mas tinha-me arrancado à minha família; de cujo facto podiam consequências proceder, com que eu a Verneuil renunciasse. Examinando todavia o proceder do Duque, com que acertava eu? Com um Homem entranhado na mais activa afeição. Mas que projecto leva? Obrigar-me a ser-lhe Dama? A serem legítimos os intentos seus, houvera ele ousado arrebatá-lo-me? Que infeliz que eu sou! Como lhe escaparei das mãos? Fácil é descrever, que esta agitação, que estes receios não contribuíam à saúde. Ouvi a minha confissão geral. Tudo confesso, e naturalmente: digo que o meu tal qual rostinho por muito entrava nesta minha agitação. Que sabia eu muito ao certo que a doença que me investira, a muitas formosuras horrendamente afeiada tinha; e o meu amor próprio me disfarçava os receios da fealdade, com o temor de perder o coração de Verneuil; nem levava outro fito o empenho de me erguer da cama, que o de ir consultar o espelho. E que direi, se eu erguida não acertei nem com um só? — «Que esmero de atenção! Atalhar-me até o dissabor de ver em quão horrendo se me trocou o rosto!» Desatou numa risada o Duque; e dando-me um abraço, me disse as mais ternas, e mais agradáveis finezas; e o Cirurgião e Dubois me asseguraram que nem sinal me ficaria; cujo prognóstico se verificou.

Renovava a miúdo eu já convalescente ao Duque as mesmas instâncias que na moléstia lhe fazia de dar novas a M.^r e Madama d'Embleville do sítio, onde era eu deles separada. — «Minha querida Adelaida (me disse uma vez o Duque), se atéqui vos lisonjeei de executar quanto vos desse gosto, punha a mira em não vos duplicar o dessorsego. Mas como capaz não sou de vos enganar, não me cabe fazer ora esses prometimentos. Razões políticas, e mais que elas, o meu amor, me tolhem dar a saber onde residis. Estou seguro de quantos aqui vedes, e tomadas ao justo as medidas de bem surtir no meu projecto. Projecto, que vos não dê susto; que não leva azos de atentar à honra daquela que eu medito para Esposa minha. Título, de que desdora lograríeis; a poder eu perfazê-lo já. Também vos não encubro que deste desígnio meu fiz sabedor o vosso Tio; mas tão duro se lhe opôs, que dali creio que nasceu concluir com Després, e dar asas a esse matrimónio: desse empenho também tolher eu que não caísse Adelaida em posse dum rival indigno.

Acudiram aos olhos lágrimas ouvindo tal explicação, e as resoluções que tomara o Duque. — «Chorais, bela Adelaida (me disse com voz enternecida o Duque): será tal minha desdita, que me acareie ela o ódio de quem amo, e a quem protesto novamente que eu doutra não hei de ser? Declarai-me se tal é minha sorte.» — «Tão injusta não sou (lhe respondi) que com ódio recompense tanta atenção, tanto socorro, que na minha doença vos devi. Estampados no coração os tenho com gratidão perpétua.» — «Gratidão, e não al, bela Adelaida? (interrompeu-me o Duque). E cabe em vós, tal pensamento? E conforma ele com a ternura, com o extremo do meu affecto? Nem tenho de esperar mercê mais favorável ao meu desejo?» — «Dai-me (lhe respondi) que eu livre torne a meus parentes; que só em seu grémio aceitar me compete a honra de quererdes estreitar-vos ao desposório com pessoa, que só vos leve por dote a sua virtude.»

Eis um Correio, que traz ordens ao Duque de partir logo para o seu governo: que havia lá alvoroço, e urgência de o apaziguar. Como depois da sua doença fingida, não poude escusar-se a seus íntimos empenhados amigos, tinha-lhe o Cirurgião assinalado certas vermelhidões postizas; e às noites me contava os parabéns de melhora, e de que lhe não ficariam sinais.

Desesperado porque partia, deu o Duque tais ordens, que tolham que eu lhe escape, no pressuposto que a demorar-se muito nessa ida,

partisse eu com a Dubois, apenas eu pudesse aturar o abalo da jornada, e fôsemos onde era; visto que por ora mal restaurada à saúde inda me via. Eis-me em custódia da Dubois, que todavia boa criatura era. Esmerei-me em suborná-la quanto pude, por lhe ganhar o dar-me s o l t u r a .

— «Peça de mim quanto deseje (me respondia); que ordem me deu meu Amo de em tudo lhe obedecer, menos nesse ponto. Eu, acarear-me repreensões, por lhe dar esse gostinho!» — «Tenha-o eu, ao menos (lhe tornei) de escrever a Madama d'Embleville. Quanto queira (me respondeu): ali tem papel e tinta, e penas: divirta-se o dia inteiro, com tanto que a não esquite a escrita.» Muitas cartas escrevi, e as dei a um Criado, que em vez de as levar a quem diziam os sobrescritos as levou ao Duque.

Um dia recebi um maço de cartas, e nelas uma do Duque, na qual me significava a intenção que tinha de contentar-me; e que a esse fim já tinha escrito a M. d'Embleville, cujas disposições eu veria na carta que meu Tio me mandava: e era a tal carta ternuras toda, e toda parabéns, de ter eu inspirado ao Duque tão distinta afeição, que o dispunham a me honrar com a dádiva do seu coração, e da mão sua: exortando-me muito, a me não afastar de meu dever; não lhe podendo eu denotar a minha gratidão, senão comprazendo-lhe, e prevenindo-o muito atenta a quanto fosse de agrado seu. Também me dizia que Madama d'Embleville sentira alguns acessos de febre, sabendo-me arrebatada, mas que de todo se restabelecera com saber a prosperidade que se me aparelhava.

Que desmedida revolução esta carta em mim não fez? Quasi que me esvaneci. Perguntou-me a Dubois se eu lera morto algum de meus parentes. — «Não (lhe respondi). A doença de minha Tia é a que me assusta.» — «Nem sempre é mortal qualquer doença (me tornou Dubois). Foi terrível o susto que me deu; e vou escrever ao Senhor Duque, que lhe não mande nunca semelhantes cartas.» — «Oh não! (acudi eu) que morreria aqui de pena se me privassem de receber notícias dos meus. Por certo que as primeiras trarão novas de saúde melhorada.» Deu visos a Dubois de que me cria; mas não se deu ao logro da minha mentira.

Passei a noite em claro: mil reflexões me assoberbaram de tropel; toda me entreguei à minha mágoa. — «Ser-me força obedecer a meu Tio! Faltar à promessa que dei a Verneuil! A Verneuil, que generoso, a

tudo por mim renunciou! Privar-me, por um título vão, de me unir com o único Homem que me pode fazer feliz!» Mas meu Tio ignora o affecto que Verneuil me tem: ignora quanto Madama Pichard enfenece por mim; ignora que foi Madama d'Embleville quem deu o nó a esta aliança. Política desventurada! Quão de morte, oh Després, eu te aborreço! Que és tu a base de quantas penas sinto. E tu, Bracmont, que eu tanto quanto à tua Irmã amável quero, que fatal confidencia hás feito ao Duque! E que intento levavas nela? Na crença estou que me olhavas com ternura; porque lha não deste a conhecer? Que seria talvez tão generoso esse fidalgo que contivesse a sua. Não te condecoram, verdade é, pomposos títulos: mas põem títulos formosura na alma? E é tão formosa a tua, que requer estimação de quantos conceituam análogos contigo. Tais reflexões, toda a noite me rodaram no juízo. Quanta perplexidade para um coração de quinze anos! Dá-se a moralizar, bem que menino, o Amor às vezes.

Achou-me, pela manhã, mudada, a Dubois, que era minha guarda e confidente do Duque, encomendada de examinar todos os movimentos de minha alma. Suspeitas tinha eu dela; mas faltava-me arte de me salvar de sua astúcia, que armava sempre a dar conta a seu Amo da impressão que as cartas em mim faziam; e das tentativas que eu renovava por me ver em liberdade. — «Escreva ao Duque.» (me disse); e eu o fiz, como também a M.^{ra} e Madama d'Embleville, cujas respostas me vieram conformes às das primeiras cartas. Bem é crível, que me não veio com elas maior tranquillidade.

Dias havia já que andava a Dubois des-sossegada, que eu com ela dava a miúdo escrevendo compridas cartas: e o enleio que lhe recrescia com ver-me entrar onde ela era, me deu a crer que algo tramavam novamente contra mim própria. Dei tino uma manhã, em que ela me creu dormindo, que ela saía, e que me encerrava como de costume; um pressentimento me pôs de pé. Vejo-a atravessar os pátios, e dado que pouco curiosa eu do alheio seja, salteou-me uma ânsia de na câmara dela rastrear alguma clareza que me inteirasse do extraordinário tráfego, em que lidava. Dou felizmente com a chave deixada a descuido na papeleira, e entre o mais precioso que a Dubois ali fechava, acerto c'uma Carta do Duque, a qual dizia:

«Novas ordens me obrigaram a ficar no meu governo. Não mui contente das novas que me dás da pessoa, que confiei ao teu cuidado, tomei bem justas as medidas, porque ela, antes do dezoito deste mês,

parta. Enfardela o mais a ocultas, minha Dubois, que o possas, quanto for de seu uso, a fim que parta no dia assinalado: a duas léguas desses Paços vos esperará uma escolta, que a acompanhará com toda a segurança. Nenhuma violência (sobretudo) se lhe faça, inda no caso de ela recusar de partir. Manhas sim, permito quantas tu queiras; e insinuar--lhe, que é para ir ao encontro da sua família. A tua última me inquieta, e me resolve a ser eu seu próprio guarda.»

Por não dar suspeitas à Dubois pus, onde a achei a carta, que me dava luz no que eu temia. Tornei à cama, e pus-me a reflectir no ponto. — «Enganos me urdem (dei um grito), perdida sou! Hoje doze, e partir no dezoito! Que atalho a tal desgraça? Amparai, justos Céus, minha inocência.» Pus-me a chorar. Chorar é em nós mulheres deparado refúgio. Mas quão fraco! Parece, ao menos, certos visos de alívio dará mágoa. Almas ternas, mais que as outras o sentem; que as penetra tudo o que afecta o coração. E por quantos lados não estava affecto o meu? Quererem-mo arrancar ao Amor, à Amizade, e a Gratidão! Quantas, e quantas razões de cobrar sustos! Importava tomar resolução. O Céu me inspirou uma.

Encetávamos a Primavera; e todos os dias, depois que partira o Duque ia eu dar o meu passeio pela horta, e conversar com o Hortelão. A Filha, que ajudava no lavor, era como a violeta, ingénua e simples; quando, cada dia delas me oferecia um ramilhete, com suas singelezas me divertia muito, enquanto a Dubois ocupada em cuidados a que devia assistir, me deixava a sós com ela.

Embebida eu num projecto, que me não tinha de falhar, dei senhas de acordar ao rumor que a Dubois fez, quando entrou com um caldo que me trazia, o qual lhe disse me trocasse por uma chávena de

c a f é .
 — «Vou-lho aprestar, enquanto se penteia.» (disse a Dubois, e partiu). Não me demorei no toucador, almocei muito alegre, por burlar a Dubois, e disse-lhe que me ia divertir com a filha do Hortelão. Desceu ela comigo, e vendo-me gracejar e rir com a tal filha, tomou esse tempo para ir, no meu quarto enfardelar, como lhe mandava o Duque, quanto completasse o meu vestuário, e meu adorno. Sem perder átomo, tiro o barrete à moça, e o troco pelo meu. — «Vê-te ao espelho, Maria Joana, como és bonita.» — «Isso é zombar.» (me respondeu). Mas como ela tinha seu amor próprio... E quem é que não o tem? — «Quero que vistas a minha saia, e as minhas roupas, que hás-de ficar formosa às

maravilhas.» — «Não quadram (me disse) trajos tais, com gente de nossa estofa; e o Senhor Cura tolhe, na sua pregação que nos ocupemos, como as fidalgas, nesses enfeites; e me assentariam como uma mascarada e me não dariam desse pecado absolvição; donde me viria grande afronta. Vai tão longe de nós a uma fidalga! » — «Estás brincando (acudi eu); são mulheres como tu as maiores fidalgas.» — «E eu creio que o são.» (me respondeu). — «Para te provar o contrário (lhe disse) dá-me cá a tua saia, e as tuas roupinhas, e verás como fico aldeã. E tu com os meus fatos te mudarás numa mui gentil fidalga.» Dizendo e fazendo, tiro-lhe o lenço do pescoço (não sem ela corar de pejo), roupinhas, avental e saia, e eis-me vestida à camponesa, e ela à f i d a l g a .

— «Olha (lhe disse) como ambas diferimos. Quero pregar um logro à Dubois. Assenta-te aqui, e não lhe faças mesura quando ela entrar, porque tenhas ar duma fidalga. Abre-me a porta que dá nos campos, porque eu me esconda detrás dela.»

Sem mal cuidar ma abriu; e c'ò pretexto de tornar a entrar, peguei na clave, fechei bem a porta, deitei a correr como de aposta, que me dava asas o medo. Eis-me entrada num bosque já arredada um quarto de légua dos Paços donde saí. Fui-me entranhando, sem saber caminho, até que dei c'uma Dama, que, porque a carruagem se lhe encovara num carril se apeara dela. Tão perturbada eu ia, que não reparei nela: ela porém bem me notou. Certo é que se não lança o sentido a tudo. Meias de seda, sapatos brancos bordados de ouro, não os calça uma Aldeã; e foi o que a Dama estranhando, se chegou a mim, e disse: — «Que vos obriga, Mademoisela, a fugir tão disfarçada?» Sobressaltei-me, e a minha primeira resposta foram lágrimas. Enterneceu-se a Dama, e com tanta amizade, com tanto zelo me ofereceu o seu préstimo, que lho aceitei.

Entrei com ela na carruagem; a cujo Cocheiro deu ordem que tomasse a estrada larga, e se desse pressa. Foi dita não lhe ficar longe a pousada. Contando-lhe eu pelo caminho miudamente os meus sucessos, gabou ela muito o engenhoso modo com que enganei a filha do Hortelão, e me prometeu, que me poria no grémio da minha

família, ou no de Madama Pichard, no caso, que se ela achasse em Verneuil, que distava dali, obra de cinco ou seis léguas.

Chegando a sua casa Madama de Monzeau (que assim se chamava a Dama do encontro) o em que logo cuidou foi trocar-me o traje rústico por uma das suas roupas, que me ia como um saco, mas deitou-me uma capa, que encobriu tudo. Mandou na manhã seguinte saber por um Criado se Madama Pichard lá residia: o que soubemos nesse dia, à noite; e que com ela eram M.^r e Madama d'Embleville. Deixo-vos imaginar qual foi minha alegria. Madama de Monzeau se deu por desconsolada de me ver partir; mas que se lisonjeava não menos que eu me lembraria dela; e que passado esse impulso tão natural, a minha família e os da minha amizade, cujos ela tinha por muito afeiçoados meus, bem esperava, que me unisse eu com ela, para empenhar a virem ali passar alguns dias. Dei-lhe os agradecimentos, e lhe certifiquei que o serviço que me ela fez, digno de para sempre o estampar no meu coração, nunca eu o tinha de esquecer.

Quis, no dia seguinte, levar-me ela mesma lá Madama de Monzeau; e para evitar consequências dum súbito alvoroço, perigosas em pessoas mui sensíveis, perguntou primeiro por Madama Pichard, e prudente a preparou para receber uma pessoa que muito prezava; e quando ouviu meu nome tal grito deu que acudiram Madama d'Embleville, e Verneuil, que eram perto do salão, num gabinete. — «Sabemos da nossa Adelaida! Justo Céu (exclamou minha Tia) ouviste os nossos rogos. Oh Madama, em quanta obrigação vos fico por essa nova! Onde está minha sobrinha?» Eu que estava na antecâmara, dum salto, a tão querida voz, me atiro ao salão. Madama Pichard me arranca dos braços de minha Tia, para me cumular de carícias as mais ternas, de que tão entranhada me vi, que não podia senão com suspiros e lágrimas expressar o que eu sentia. Que voluptuosa sensibilidade! não a conhecem os desta Era: nem feita ela é para esses Filósofos por alcunha, autómatos cabais, máquinas armadas para sorrir unicamente aos validos de Pluto, que é o Deus que os anima.

Perdoem-me esta curta digressão. Falemos dos que tenho em roda de mim. Verneuil, c'os olhos cravados no chão, estátua imóvel, fecha toda a voz no peito. — «Que tem? (lhe pergunto, c'um certo susto na alma) Sente algum mal?» Não responde. Diz-lhe a Mãe: — «Verneuil, não compreendo...» Verneuil levanta-se, e parte a passear no parque. Ali rompo: — «Que modo de me acolher!» Entrou M.^r

d'Embleville, que soube ter eu voltado; e me assinalou com muita ternura a afeição que me tinha. Mui demudado o achei; e minha Tia me contou que ele curtira longa doença; e eu lhe dei parte que tinha tido bexigas, de que ninguém me via sinais, dado que alguma vermelhidão me aparecia no rosto.

Disseram-nos que estava a mesa posta, a cuja nos assentámos, menos Verneuil. Não quiseram também sentar-se, que ele não viesse, Madama de Monzeau nem M.^r e Madama d'Embleville. Buscaram-no inutilmente em todo o parque, quando veio um Criado dizer, que se fora por alguns dias. — «Meu Filho, que extravagância! (disse a Mãe). Quem tal crera! Tomou meu Tio por feita a ele essa despolidez de Verneuil, e se deu por agravado: e tal meu sobosso foi, que me vi sufocada. Madama d'Embleville, que bem se temia da revolução, que em todos os meus sentidos fazia semelhante nova, não arredava olhos de mim. Descobrimo os esforços que eu fazia por abafar a turbação da alma, levantou-se, e saiu comigo e me disse: — «Tu sofres, minha Adelaida. Entremos neste gabinete e toma esta poltrona.» Ali fiquei perto duma hora, sem dar uma palavra. Cortou-me os laços do colete, e me apertava as minhas mãos nas suas. Sensível a tão qualificada bondade, e embedida no meu pesar, por alongados suspiros lhe intimava o que sentia.

Meu Tio, e mais as Damas estando inquietas de mim, quiseram entrar, mas minha Tia anteparou-os dizendo: — «São como vapores, a que ela é sujeita. Deixem-na descansar; e em tanto armem jogo dos centos a M.^r d'Embleville.» Dizendo, fez certo aceno a Madama Pichard, que os levou consigo. Fiquei só com a minha querida Tia, que em me consolar na minha pena envidou todas as suas posses. — «Ai! minha rica Mãe, de mim fugir Verneuil! De mim só; que não dos mais! Oh! que insulto! Oh! que crueza!» Atalhou-me minha Tia: — «Repara bem, Adelaida, que foi um ímpeto de zelos, uma refrega de amor violento, que requer desculpa. Ele ama-te; e esse lança de extravagância tanto não deve dar susto ao teu affecto, que deve antes convencer-te da sua extremosa paixão.» — «Ele me ama? (respondi) pois eu detesto-o; nem vê-lo, enquanto eu viva, quero. De que me acusa esse cruel? Horrорiza-me, só de o pensar. Ele? oh que nunca me amou. Que lavra na verdadeira afeição mais confiança! Quão diversamente que ele, me acolheu meu Tio e Vós! vós cheios de ternura, e ele humilhando-me.

Quanta desgraça a minha em dar com ele aqui! Que a não depará-lo cá, lisonjear-me ainda pudera, que ele me amava como dantes. Oh minha querida Tia (e me abracei com ela estreitamente) não descubra esta minha fraqueza a meu Tio; que poderia diminuir-lhe o amor que me tem. Vós a quem a minha é manifesta, bem imagino que me desculpais, e que continuareis comigo com a mesma amizade, com que sempre me favorecestes, e em cuja libro desde agora toda a ventura da minha vida.» Minha Tia mo prometeu assim, e seguro me deu, de que os pesares que eu tinha padecido deram mais alto ponto à afeição que já me tinha, e que alterar-lha era impossível.

Com lhe ver tão aberto o coração, cobrei ânimo; e como recebeu minha Tia, que mais longa demora não dessorsegasse a M.^r d'Embleville, entrámos no salão, onde nova companhia era chegada. Madama de Monzeau, que estava a despedir-se, empenhava M.^r e Madama d'Embleville, com tão singelo interesse, a que antes de partir para Paris, viessem passar alguns dias na sua quinta, que meu Tio, picado da despolidez de Verneuil, lhe respondeu, que tomava em grande honraria o seu amigável oferecimento, e que tanto ansiava aproveitá-lo, que a não ser o receio de dissaborear Madama Pichard, iria desde logo de partida com ela, e abonar-lhe o seu agradecimento acerca dos serviços que tão generosamente fizera a sua Sobrinha.

Madama Pichard que atéli estivera ocupada a acolher a nova companhia, mal que ouviu a meu Tio esta última frase, se levanta, e acode muito estranhada: — «Como assim! Já de partida? Saiba, que tenho embargos que lhe pôr. Convenho no erro que cometi descuidando-me a convidá-la desde logo, a passar connosco, por favor, algum tempo. Sirva-me de vénia, o contratempo que sobreveio, e que Madama presenciou: e que fora crueldade punir-me com tal rigor pelo despropósito de meu Filho, privando-me de vos possuir por mais dilatado prazo.» Agradeceu-lhe Madama de Monzeau a cortesia, mas que a esperavam em casa, devendo seu Irmão chegar no dia seguinte, e estranharia tal ausência. — «Se o Senhor Conde vem, mando um criado pedir-lhe que nos honre com a sua companhia», lhe disse Madama Pichard; mas Madama de Monzeau instou, que muito sentia não poder aceitar oferecimentos que tanto a penhoravam... — «Permiti (disse minha Tia) que eu ajunte os meus rogos aos da minha amiga, para que, esta noite ao menos connosco fiquéis, e M.^r d'Embleville, minha sobrinha e mais eu vos

acompanharemos na partida, o mais cedo, que vós o desejardes.» — «A condições tais (disse Madama de Monzeau), quem se não deixará vencer?»

Mais tempo duraria o cortês debate, se Madama Pichard se não visse obrigada a ir entreter a nova visita, que se dera o prazer de ir passear no parque. Meu Tio, a quem, depois do ataque de apoplexia, lhe era o andar dificultoso, e Madama Monzeau, minha Tia, e eu lhe ficámos fazendo companhia.

As revoluções, que desde que eu cheguei haviam laborado, atalho deram a que eu perguntasse o que se passou na minha ausência. Madama de Monzeau, que se antecipou nas perguntas, que eu fazer queria: — «Que comoção a vossa, quando vos disseram arrebatada esta lindíssima Menina! Eu, pela sensibilidade que demostrastes quando recuperada, julgo a aflição que houvestes, quando perdida.» — «Oh Senhora (disse M.^{ra} d'Embleville) foi como tiro de raio.» Nem Madama estava ainda restabelecida da sua moléstia. Foi ventura sair eu do seu quarto no átomo em que a Aia debulhada em lágrimas entrou: — «E minha sobrinha?» (lhe perguntei). — «Venho desesperada (me respondeu): roubada a levam! Se tal sabe Madama!...» Fiquei imóvel. — «Oh não lhe apareçais, que eu não volte. Por onde tomou sege?» Visto-me, dou com pessoa segura, que pela posta lhes vá no alcance, corro a Madama Pichard que venha, e que me ajude a consolar a sua amiga. Eis que ela cai num desmaio co'a notícia: custou muito a tornar a si; e tornada, rebentam-lhe as lágrimas em rios. — «Madama d'Embleville (me disse, com uma voz entalada entre soluços) sabe ela já tamanho desastre?» — «Não Senhora.» (lhe respondi). — «E para lhe dar o fatal golpe (exclamou ela então) me escolheste?» — «Menos agro lhe será (acudi eu) se vossa mão lho descarrega.» — «E de que préstimo lhe sou (me disse Madama) que o de me afligir com ela?» — «A sensibilidade lhe respondi) que de seu pesar lhes demonstrades, é quem melhor lho há-de adoçar. Que é mui precioso bem para uma alma sensível achar na amargura da sua pena, uma amiga, que com tanta sinceridade tome parte nela.» Dei-lhe a mão, e metemo-nos na sege.

Achámos minha Esposa em tal quebrantamento, que orçava pela estupidez. Lá, pelas onze horas, chamou pela Aia, tornou a chamar; e não a vendo, e ouvindo que não voltara, pressente o mal, ergue-se de súbito, e dá com a Aia num cerco de Criados, que falavam na infeliz

aventura de Adelaida. O rumor, que faziam, falando todos à uma impediu que eles tino dessem de Madama, que como uma visão apareceu ali, e que os espavoriu, e os emudeceu. Voltando ela ao seu quarto, uns trás outros, a vinham tácitos seguindo. Então arremessa a uma cadeira o corpo, e crava no chão os esgarrados olhos. Já correra um quarto de hora: eis que ela os levanta ao Céu; e logo os desce languidamente aos servos, e com voz entremeiada de suspiros, lhes diz: — «Podeis-vos ir. Deixai-me; que necessito de sossego.» — «É porque já soube?.. (lhe disse a Aia) Oh quanta é vossa mágoa! Oh quanto a nós sentimos! Rogamos-lhe pelo amor de Deus, que se assossegue, e espere que o Senhor trará talvez melhores novas.»

Eis que entramos nós: e Madama Pichard, a quem eu tinha pedido arte e maneira, arremessa-se-lhe nos braços, banhando-lhe com lágrimas a faces sem soltar-lhe uma única palavra. Que espectáculo! Entrei-me todo de temores; Sempre no mesmo pranto tomou Madama outra cadeira defronte de minha Esposa, que nela punha tão estúpida a vista, que lhe temi que de novo recaísse. — «Esperava eu (lhe disse então) deparar com motivos de consolação na ternura duma de vós, e na amizade da outra: mas vós não só me negais esse alívio, senão, que ainda, com a vossa mágoa me dais tormento. Convenho que o estado em que vos vejo, é estado de crisis, ^[ix] a cujo cede a razão; descuida-se de si vossa alma; sente unicamente o seu mal, do meu não cura. Prende-vos a Adelaida a amizade mais terna; vossos ânimos se uniram pela conformidade de génio, relação na maneira de sentir, perfeito conhecimento dum, e doutro coração; esses os laços. Mas roubou-vos a morte essa que tanto amáveis? Desvanecida é toda a esperança de havê-la? ser assim, não arguiria eu uma dor, que pouco arrazoada em si fundada todavia numa perda total do Bem, e perdidas com ele as esperanças de gozá-lo. Ora pode contribuir essa esperança a consolar-nos, no caso presente. Persuadi-vos, que os que no-la arrebataram, não l h e hão-de ofender a saúde; e quanto ao recato, fundo-me nas máximas que bebeu, para lhe não temer agravo.»

Esta fala, que enérgica lhe proferi, fez o efeito que eu lhe esperava: também deu gosto a Madama, que dali começando a tranquilizar-se, traçou comigo abonçar a tormenta que corria na alma de minha

Esposa. Por fim o conseguimos; que se deixou ela levar de nossas consolações.

Esquece-me dizer-vos, que enquanto meu Tio ia assim relatando, não cessava eu de chorar, e de beijar as mãos de Madama d'Embleville, e quando ele acabou de contar, me arremessei nos braços dela. — «Mui amado Tio, com que poderei eu vos ressarcir tanta angústia, que vos causei?» Vinham entrando os do passeio do parque, calei-me, e passou a ser geral a conversação, em que eu pouco interessava. Eram horas de ceiar, e depois dela, cada qual se recolheu.

Mandou Madama d'Embleville que me deitasse, mas atroada de quanto me havia acontecido, não pude colher repouso algum. Agitada de pensamentos diferentes, indignada do termo de Verneuil, que nunca se me arredava da vista da alma, não vinha a cabo de os decifrar. Quantos promettimentos me não fiz de aborrecê-lo? E quem me diz que não seja ele insensível a esse ódio meu? O meio mais cabal de se vingar dum fementido, é olvidá-lo. Se Bracmont ao menos aqui fora? E que viria daí? Um dessorsego de mais. Quão tonta sou! Dele, nem uma palavra me disse minha Tia; e não me atrevo a lhe pedir notícias suas. Como lhe confessarei que a causa ele é, pela sua imprudência, de todos os meus pesares? Quem sabe se a não mediar a confidência que ele fez ao Duque, não aguardaria esse, que se desfizessem então os obstáculos, que agora dá por invencíveis, e declarar depois o amor que tivesse? Oh que não dispararia em arrancar-me dentre os meus. Ele que tão terno, tão respeitoso se demonstrou, que lhe não posso duvidar do quanto me é afeiçoado! Quanto não deve estar desabrido contra mim, consideradas as atenções que acerca de mim teve na minha modéstia. Hei-de-lhe figurar como a mais ingrata mulher. Conceito, que lhe eu não mereço. E ora se ele se contentasse com os affectos de gratidão, com os da mais pura amizade... Mas eram os de amor, que ele requeria; e esses resguardava-os eu para o meu desagradecido. Reparem bem que esse Verneuil se vem sempre atravessar nas minhas reflexões. Parece que ele agachado está num recanto de minha alma, para nela tresmalhar as minhas ideias todas. Espalhado o meu espírito por todos esses objectos, Verneuil era quem sempre sobre todos o entretinha.

Amanheceu por fim: e Madama d'Embleville que a miúdo me ouvira suspirar, bem atinou co'a minha agitação, me propôs, que nos erguêssemos, e déssemos um giro pelo parque. Mui de grado a

proposta lhe aceitei. Mas quanto assombro foi o nosso, quando ao pôr os pés na varanda, acertámos com Madama Pichard, e com seu Filho, e que este mal nos viu, deixou a Mãe, que veio a nós, e nos perguntou o que nos convidava a tão matutino passeio? — «E se outro tanto (disse Madama d'Embleville) vos eu perguntasse? E se eu suspeitasse, que nem ao leito fostes?» — «Bem é verdade, que agastada estou contra meu Filho: soube que entrou por uma das portas do parque; que no seu quarto se fechou; que bocado não provou em todo o santo dia. Então um caldo lhe subi, e o forcei a que o tomasse; lancei-lhe em rosto quanta extravagância lhe sabeis; mais resposta me não deu, senão: “Que desgraçado sou!” Vê-lo, é ver um louco. Foi gran desdita, oh minha Adelaida, o muito que te estendeste acerca das atenções que contigo na moléstia o Duque usou. Está persuadido Verneuil que amas o Duque; e deu-lhe o juízo volta. Receios tenho, minha querida Filha, que essas agitações mo não enfermem.»

«Que desditosa que eu sou! (exclamei) E ele não vê, que se eu amasse o Duque, fugir-lhe-ia eu tão arrancada? Vosso Filho, quanto oh Madama tem de injusto!» — «Minha Filha (acudiu Madama Pichard) eu mais que muito o sei; mas também sei que violento amor perdão merece: caberiam zelos em Verneuil, se te ele não amasse?» — «Se o Senhor filho vosso (disse minha Tia) depois da infeliz aventura, que lhe vem de acontecer a minha Sobrinha, a não julga digna de Esposa, modo havia mais civil de desmanchar a aliança. Bem é que nem suspeitas dê quem Esposa for de César. Mas a quem coube anteparar infortúnio tal?» Disse-nos aqui Madama Pichard: — «Que requeréis vós dum louco, com quem nada a Razão por ora vale? Desesperada estou de quanto despolido Verneuil convosco tem obrado; bem que essa despolidez venha dum extremo de amor.» — «E eu (lhe disse) desesperada também estou do desmancho que nesta casa causar vim.» — «Consiga a nossa ausência (disse Madama d'Embleville) que nela se renove o antigo remanso; e muito me lisonjeio, que nada cerceará esta aventura da terna amizade, que entre nós sempre existiu.»

Madama Pichard fez quanto pôde, opondo-se à nossa partida: vinha cheio de graciosa amizade quanto ela nos dizia; chamando-me de contínuo, sua, sua querida filha, com mil carícias que me fazia.

Entrámos no salão, onde já era Madama de Monzeau e M. d'Embleville: findo o almoço, metemo-nos na carruagem, e partimos para casa de Madama de Monzeau, onde achámos o Criado grave de

seu Irmão, que se desculpava com improvisos embaraços; mas findos eles, viria passar com ela boa parte do Verão. Madama de Monzeau lhe respondeu, que sentia essa demora, porque lhe desejava dar conhecimento com duas mui amáveis Senhoras, de cuja companhia ele sentiria muito haver sido privado.

Outo dias passámos com essa Dama, em que ela não cessou de empregar quantas carícias houve, para me consolar. — «É possível (me dizia) que a vossa razão posses não tenha de despedir da lembrança acontecimento tão usual e de tão minguada consequência? Amável é M.^r de Verneuil, M.^r de Verneuil vos amava, M.^r de Verneuil vos afeiçoou porque lhe não conheceis o génio: e vós computais pela mais extrema desgraça o ele deixar-vos? Tudo procede de olhardes só para o átomo presente. Ora deitai olhos ao futuro, e considerai se era possível viverdes venturosa com um Esposo, que antes de sê-lo dá já tão bons sinais. Já ciúmes incomportáveis: e quem sabe quantos mil defeitos lhe não vem na comitiva? Este capricho seu talvez que vos seja um favor que o Céu vos faz, para vos forrar o arrependimento de o haverdes desposado. Há hi chorar maridos no verdor da vossa idade? Não faltam noivos a quem tem como vós juízo, formosura prendas, e quantas qualidades são para apetecer. Contemplou-as M.^r de Verneuil, delas se penetrou o Duque; e tão sensíveis como eles, mil outros e mais judiciosos buscaram todos os meios de vos ganhar a afeição.» Aqui a interrompi com lhe dizer: — «Quanto me entenece a bondade desse vosso coração, esmerado em me tranquilizar com tão aliviosas razões! Que novas obrigações me não empenham!» E enquanto lhe assim falava, lhe humedecia de lágrimas as mãos. Madama de Monzeau me abraçou, dizendo, que bem queria ser minha amiga, e de Madama d'Embleville, com tanto, que uma e outra mais arrazoadas fôssemos; que minha Tia mesma dava azo a ser repreendida.

Com semelhantes conversações traçava Madama de Monzeau desabafar-me de meus enojos. Como a meu Tio os negócios o chamavam a Paris, forçosa nos foi a despedida, com promessa porém de virmos para as férias vê-la.

Nós em Paris, vieram visitar-nos todos os amigos de M.^r e Madama d'Embleville, e Després um dos primeiros. Tinham-lhe dito que eu estava no convento; deu-se por contentíssimo de me ver, e perguntou se eu lá tornava. — «Saiu (lhe disse minha Tia) para se lhe tomarem medidas e se lhe fazerem vestidos, e logo volta ao convento.»

Quinze dias fiquei sem sair de casa, pelo receio de que não deparasse o Duque com muitos meios de me haver à mão; e por me pôr em couro, ajustada a mesada, protestou meu Tio, que eu do Claustro não sairia sem o Noivo à ilharga. Veio-me dizer adeus M.^r Després, e na despedida me afirmou que quando eu saísse me tornaria a ver, para nunca mais nos separarmos. Na tristeza em que me eu via, pouco tento a essas últimas vozes dei, e pouco à afectuosa maneira, com que pronunciadas foram.

Forçoso foi partir, mas com que cópia de lágrimas! Prometeu-me Madama d'Embleville, que todos os dias me viria ver.

Veio pois comigo ao convento, e vinha Ana também que porque minha Tia se não arredou um instante de mim, não teve azo de me dizer uma só palavra a occultas dela. Ao aprear-nos, deitou-me em seus braços, e diz-me minha Tia: — «És louca. Não venho eu amanhã verte? Não te faças criança. Eu subo à grade da Abadessa, lá me irás ver se quiseres.» Arrancou-se de mim, entregando-me nas mãos duma Religiosa, que me falou mui afável; e Ana que estava a chorar, veio abraçar-me, a dizer-me que muitas novas tinha que dar-me, mas que ninguém as saiba; que ela viria ver-me.» — «Far-me-ás grande prazer.» (lhe disse).

Quis ir à grade da Abadessa. Apenas ela me viu, estendeu a mão, que lhe eu beijei; e então me disse: — «Chegai, chegai, gentil Menina, essas lágrimas vos abonam de sensível, e de excelente coração. Olhem-me esta carinha, que traz consigo a sua recomendação. Que idade é, Madama, a sua?» — «Quinze anos.» (respondeu minha Tia). — «Acompanhados creio (disse a Abadessa) de bastante razão. Será a minha protegida, e quero, que de amizade, me venha todos os dias, ver. Ouvís, brinquinho meu?» Ao que, com uma cortesia, respondi. — «Cuidai em desterrardes esses ares de tristeza que vos ficam muito mal. Dou por certo que a fará mais bela um ar de riso. Nem ela há-de encontrar por aqui com caras melancólicas; que mui alegres são todas, e mui contentes do seu estado; de que me vem satisfação mui grande. Vireis, Madama a miúdo vê-la? que me parece que muito vos afeiçoais. Um favor requeiro; o de me avisardes, quando tenhais um momento de vago; porque será muito do meu agrado tomar conhecimento convosco.» Madama d'Embleville, cumulada de tanta cortesia, respondeu à Abadessa o que a mais ansiosa gratidão lhe ali ditou; e ao despedir-se dela me recomendou que envidasse todo o meu desvelo

em merecer a bondade que a Senhora Abadessa houvesse de ter comigo.

Dei a mão à Abadessa quando ao quarto se retirou. Cinco ou seis Religiosas a aguardavam, para a saudarem, e por curiosidade, que é das Monjas o pecado grave. A entrada duma nova educanda, é um acontecimento que interessa a Comunidade inteira. — «É ela bonita? é moça? Se o é, por que a metem no convento?» Labora o juízo; suspeitam aventuras; traça histórias a imaginação, que as não apaga o tempo em seu decurso.

Eis-me exposta co'as minhas prendas, e c'ó gentil de meu rostinho e feita alvo dos curiosos olhos de todo o Convento; e o em que mais fitam a atenção, é na bondade de Madama para comigo: — «Não deixa de ser parenta sua; seu ar desembaraçado e nobre o está provando.» Ali param por então os conceitos à toa: lá me esperam as perguntas soltas. Eis que as atalha a Abadessa com atenções de novo, mandando passar o meu fato para uma câmara dependente do seu quarto, e que eu comeria à sua mesa.

Que predilecção! Que assunto a razoamentos! Deixá-la-ão ir à grade, sem Escuta? E Madama d'Embleville que entranhada de bondade tanta, pergunta pela Abadessa, e esta que comigo vem ao locutório passar com minha Tia esquecidas horas? E esse locutório da Abadessa, que é como despegado da mais clausura; nenhum Escuta, que se afoute a avizinhar-se-lhe? Há com que aí falhe toda a penetração. E que quer dizer essa extrema intimidade? Sabê-lo-eis adiante, Senhoras Madres.

A amizade, que a Madama d'Embleville, e a mim tinha a Abadessa foi um desses assomos de simpatia, que não consentem d e f i n i r - s e . É sem dúvida que todas três nos cingiu os ânimos o mesmo e único, e indefinido assomo. Disséreis, que os três corações se procuravam, para se unir, e para se confundirem uns nos outros; e não queriam desperdiçar o tempo e quando era sua ânsia abonarem-se recíprocos, ternura, de que estavam umas pelas outras suas almas embebidas. Era esquisito, o ouvir como Madama d'Embleville lhe falava de nossos negócios, nem que a Abadessa os soubera, eu os adivinhara.

Roborava-se de dia em dia esta amizade; nem a Abadessa me chamava senão Brinquinho, e eu era conhecida, por tótó de Madama. Razão tinham; que a acompanhava eu como um fraldeiro. Como eu

tinha cobrado já a minha usada jovialidade; muito a divertia c'os meus repentés. Quasi que apagado me andava no ânimo Verneuil; cinco ou seis vezes no dia, quando muito, me vinha à lembrança. Mas eis que a Aia de Madama d'Embleville por mim pergunta: vou à grade, e vou só; dá-me ela notícia, que se achava indisposta minha Tia; que tomava banhos, e que passaria alguns dias sem me ver. — «Não me enganeis (lhe disse, já com voz um tanto demudada). Não é um pouco séria a doença de minha Tia?» — «Não, Mademoisela (me respondeu), não é mais que uma leve indisposição. Madama toma banhos por refresco dalgum calor que sente. É uma precaução; diga-me se está só: porque tenho que lhe dizer em segredo. Saiba que há muito, que tenho cartas de Verneuil.» — «Guardai-as (lhe disse), que as não quero ler, nem dele ouvir falar. Como passa Madama Pichard? Está em Paris?»

«Que é o que vos ele fez (me disse, sem responder ao que lhe perguntei). Mas que vos fez? Eu que o tinha por manso como um Cordeiro! e incapaz de fazer mal! Não há fiar-se em ninguém. Embora: já Deus lhe deu o castigo; que se não está já morto, pouco lhe falta.» — «Que é o que dizes? (exclamei, ao abalo e estremecimento que me tomou). Pois morreu?» — «Não de todo (respondeu a Aia), mas está nas últimas. Muito por ele chorei esta manhã. Que era ele tão generosa pessoa... Oh, que o não tinha eu por malfazejo. Não tenha medo, que eu nele mais lhe fale. Oh, que não. Quanto eu comigo me agastara! Deus lhe tenha sua alma em bom lugar. Bem proposto tinha eu de lhe não falar nele, pela não entristecer, na opinião de que ainda Mademoisela o amava; e melhor o houvera eu feito. Olhe; quem foi causa de eu falar, são estas excomungadas.»

Reparem bem que moribundo Verneuil toda a sua culpa fugiu dele ante meus olhos; peguei nas excomungadas Cartas, que com desprezo rejeitadas tinha, e as calquei no fundo da algibeira. — «Faze muito por me trazer à manhã notícias dele. Mas sobretudo, que ninguém saiba que eu dele cuido.» — «É muito boa (acudiu a Aia); mais valera nunca mais lembrar-se dele: falemos em outras cousas. Saiba, que quanto antes a casam.» — «És louca (lhe respondi) vai-te; e traze-me todos os dias novas de M.^r e Madama d'Embleville, e empenha-os a que eu saia daqui um dia a ir vê-los.»

Foi-se a Aia: e ei-la que torna atrás, para me pedir segredo, no tocante a Verneuil. Prometi-lho, e muito bem lho guardei. Saí da grade; enxaguei com o lenço algumas lágrimas, que contra minha vontade me

rodavam pelas faces. Ei-las as excomungadas! Mas em que tempo as escreveu ele? Vejamo-lhes a data; por cima da data havia regras escritas, algumas li; que há sempre no fim de carta de amores, alguma frase enternecida: vejamos se o intróito diz c'ó fim. Oh, que sim! Não desmentiu do que era. Uma trás outra todas as cartas perpassei de corrida. Corre o sino, ouço Madama entrar no quarto, adianto-me a entrar com ela.

«Como assim (me disse) que arzinho é esse tão sizudinho? Toda me pareceis uma das minhas Madres Assistentes. Que vos há dito, Brinquinho meu? e a que fim tão longa conversação?» A Aia de minha Tia (lhe respondi) me disse que sua Ama estava doente e tomava banhos; e eis-me privada de, por alguns dias, a ver. Sabeis quanto lhe sou afecta; e dessorsega-me essa doença; não dê ela mau fim. — «Sensibilidade, que te eu aprovo (me disse a Abadessa). Tua Tia muito a eu amo: que ambas tendes minha afeição entre vós partida mas para mim tenho que essa molestiazinha lhe vem para que ache depois melhor sabor à saúde.»

Essa mesma noite, depois que a Abadessa se deitou, lancei-me às cartas de Verneuil, e tanto as li, tanto as reli, que me ficaram de cor: e daí queimei-as. Cautela necessária! E se mas achassem? Fiz mal em as aceitar. Mas se a doença lhe procedeu de paixão d'alma? Oh não! que muito me agravou, porque lhe eu perdoe. A batalhar comigo parte passei da noite, fazendo por aborrecer Verneuil, e lastimando-o cada vez mais.

Quinze dias decorreram, sem que Madama d'Embleville me viesse ver; mas à Abadessa a miúdo lhe escrevia; e no fim de cada carta havia sempre um recadinho para mim; não me consentiam porém que as lesse; o que me inquietou sobejo. A Aia não tornou: por atalhar talvez perguntas minhas.

Alcançou Madama d'Embleville faculdade de entrar no Convento. Deram-me a nova; corro a dar-lhe a mão, e conduzi-la ao quarto da Abadessa, que se achava então no Coro. Passámos à minha câmara. Carícias e carícias. — «Tenho (disse minha Tia) muitas novas que te dar. Está justo o teu casamento com Després; nesta semana se lavra o contrato; e em quinze dias, ao mais tardar, estás casada. É o caso em que a Razão deve suprir a inclinação. Després é pessoa de muita honra; sumamente te avantaja no contrato; e não te deparo com acerto melhor. Quanto a Verneuil, não há aí pensar: totalmente te

esqueceu. Bem sabes que não somos abastados; que teu Tio é obrigado a certas despesas que evitar não pode, mormente depois do seu ataque, que também o desfalca no trabalho. Assim, minha rica Filha por tua e minha felicidade, sem que repliques, te cumpre obedecer.»

Lavada em lágrimas, a seus pés me arrojou. — «Que loucura é essa? (me disse, com voz um pouco demudada, Madama d'Embleville). Opões-te à Dita que te vem buscar? Tu me desesperas. Que intento levas? Que pretensão é a tua?» — «Passar convosco toda a minha vida.» (lhe respondi com mais soluços, que palavras). Erguem-me, e disse: — «São razões duma criança.»

Entrou, nisto, a Abadessa, muito estranhada do que via. — «É dado (disse) perguntar donde vem tal desolação?» — «Nada se vos deve ocultar (disse minha Tia) conhecida a grande bondade que usais c o n n o s c o . E o interesse que tomais em nossas cousas, me empenha a suplicar-vos, a que me ajudeis a persuadir Adelaida que se submeta à vontade de seu Tio, que a quer ver estabelecida antes que morra; desposando-a com um Conselheiro do Parlamento, muito rico, e muito honrado.»

Então é que eu, banhando com meu pranto as mãos da Abadessa: — «Ah! por piedade, ponha obstáculo à tirania que usar comigo querem.» — «Não são (disse a Abadessa) tão amplos os poderes meus; vão quando muito a alegar razões. Como obrigam, Madama, esta Menina, e a sacrificam a um Homem, a quem ela tem entranhável a v e r s ã o ! É rico. — E não há outros que o sejam? e que a pretendam? Além de que, consiste na riqueza toda a ventura dos Esposos? Ou antes no conforme dos gênios? e no laço dos corações? principal requisito desse estado? Sei quanto o uso do Mundo se me opõe: mas também sei que os que mais delicado pensam, evitam casamentos que só levam o fito no interesse. Vós tendes, Madama, tanto cabedal de virtude que sereis quem mais se oponha à desgraça desta amável Menina.»

«Afirmo-vos, Senhora que a depender de mim (disse minha Tia), que conheço a aversão de Adelaida a tal ajuste, nunca em tal lhe falaria; que eu mais que muito lhe quero, para assim lhe violentar a inclinação. Mas sendo acanhados a alegar, como dizeis, os meus poderes, porei acerca de M.^r d'Embleville todo o engenho meu. No

caso porém de eu ser vencida, tem ela de obedecer a ser Tio, ou ficar mal com ele. Que escolherá Adelaida?»

«Bem espero, rica Mãe, (lhe respondi) não virmos a extremo tal. Muito confia meu Tio em vós, e há-de-se render aos conselhos que a meu favor, lhe derdes. E tanto confio eu no bem que me quereis, que de toda a inquietação me dispo.» — «Não me lisonjeio de o conseguir (disse Madama d'Embleville), que tão capacitado está teu Tio de M.^r Després, que assenta que só com ele poderás ser ditosa.» — «E isso lhe vem (acudi eu) de terem estudado juntos: louvo-lhe a constância na amizade; e eu mesma entrara nela: mas penhor dela? Não; que o não consente o meu moderno ajuizar. Cinquenta anos hão volvido, depois que ele foi jovem, e pode ser que amável. Donoso mimo fazer-me querem!» — «Destemperas (disse minha Tia), que não é M.^r Duprés tão velho como o pintas.» — «Pois não falemos mais nele.» (disse eu).

Então lhe perguntei se estava em Paris Madama Pichard. — Disse--me que sim, minha Tia, bem resoluta a iludir quanta pergunta eu faça. — «Já se esquece de mim? Nem vir-me ver?» — «Seguro-te (respondeu minha Tia) que inda te conserva a mesma afeição. Mas tão quebrantada a deixou a doença de seu Filho, que longo será vir-te ela ver.» Conversou ainda minha Tia com a Abadessa; e ao despedir me encomendou de me não entristecer; que todas as velas ia meter à sua eloquência para me conseguir um ano de espera, ao menos.

Lia eu, de costume, a Madama um pouco, depois de ceirmos; essa tarde me dispensou, e me deu folga de ir passeiar pela primeira vez, e só, pelo jardim. Deitei a correr como uma louca, para ir ter com uma freira muito do seio da Abadessa: — «Boas tardes; minha jóia, (me disse) correis, como um cavalinho sem freio. Oh! que se vos vissem, mandavam-vos logo retirar.» — «Cuidado nisso (lhe respondi); que me não deram senão uma hora de recreio; e quero aproveitá-la. Entremos neste caramanchão.» Lá dei com muitas Educandas que bem folgaram de me ver, mormente uma que se lançou logo a me abraçar, dizendo--me, que muito havia que ela desejava tomar conhecimento comigo; que me pedia que viesse vê-la, que não se afoutava ela a visitar-me em casa da Abadessa. — «Pede isso tão grave compostura, e tanto sério, que só cumpro esse meu dever, quando me não posso dele dispensar.» — «Isso vem (lhe respondi) de a não conhecerdes; que se a houvésseis

tratado, veríeis nela a mais amável Dama.» Vieram ter connosco três ou quatro reverendas Madres, que muitas perguntas me fizeram, e a que eu mui lacónica respondi. Correu o sino, e cada qual se recolheu à sua cela.

Dei conta a Madama das pessoas que lá vi, perguntas que me fizeram, cortesias que recebi de Mademoisela de Brissol. — «Não a conheço muito (disse Madama), mas ouço muitos bens, que dela dizem. É de mui alta linhagem, mas mal dotada da Fortuna: bem a quisera Religiosa a sua família. Podes, meu Brinquinho, visitá-la: que enfim cabe que te divirta alguma que te iguale em anos.» Por agradecimento lhe beijei as mãos.

Retiro-me, e deito-me. Bem pesares tinha tido, sem que me tirassem o sono, dado que veemente a minha compleição tão vivos a sentir mos força desse, de electrizar-me, duravam menos; e ora a angústia de me casarem com Després debruçava na renúncia que eu faria de Verneuil: e o tempo me havia atéli faltado de inquirir o que na minha alma se volvia. O dizer Madama d'Embleville que Verneuil se desmaginou de mim. «Pois ele (dizia eu entre mim) desmaginou-se de Adelaida, e este pérfido coração meu não se quer desmagnar dele! Era até então o meu conceito que a grande causa da sua doença tinham sido ciúmes, e dizia eu mísera, e como Racine: *Amante é Tito, a ter ciúmes Tito*. Fugiste pois de mim, fugiste-me, oh Esperança! Não me vejo, para punir esse ingrato, outra vingança mais que obedecer a meu Tio. Castigar-me eu a mim, dando-me a quem de morte detesto, por me vingar de quem já me não ama e que verá meu casamento com indiferentes olhos? Eu vítima, devolvendo agoniados anos? Oh que não! Fico no Convento; agrados nele me não faltam; é comigo mais que boa a Abadessa; meu Tio violentar-me não pode a tomar o véu; se comigo se agasta, Madama d'Embleville o amansará, moderando-o em tal porfia.»

Resolvi afinal, e começava a adormecer, quando a Abadessa me mandou chamar para o Café. Salto da cama, visto-me, e eis-me no seu quarto. — «Aposto eu (me disse) que o meu Brinquinho passou em claro a noite. Que feia cara que nos traz! Que tão encovados olhos! Que é o que tens?» — «Dói-me a cabeça.» (lhe respondi). — «E quem deu essa dorzinha? Tu, que tão alegre (continuou) ias quando te recolheste? Saibamo-lhes a razão.» — «Procedeu-me (lhe respondi) das reflexões, que sérias fiz, acerca da minha situação presente.» —

«Não o duvido (me tornou) que todo o gesto me tens de grave e mui grave personagem.» — «Quão pesaroso (lhe respondi) me tem de ser, não se render meu Tio! e que há-de então ser de mim?» — «Morrer (acudiu sorrindo-se a Abadessa), que não lhe atino eu com outro remédio. Despede-me, e já e logo, esses momos lastimados, que bem sabes quanto desgostam. Nesses teus anos só se aflige quem nenhum recurso tem de cuja extremidade bem longe estás. Reveste-me pois esse rostinho da lindeza que tão bem lhe assenta, quando estás de bom humor: essa que tem mui mal lhe fica. Dá-me um abraço, jóia minha.» Co'as lágrimas nos olhos a abracei. e ela sem demonstrar que mas vira, logo que o almoço deu fim, me fez cantar uma cena da Ópera de Ifigénia; e como eu tivesse o ânimo disposto a me enternecer, fiz escolha do reconhecimento de Orestes, de que me não saí mal. Tomava por divertimento a Abadessa, e por singular prazer formar-me o espírito e o coração, de que eu tinha já tomado venturosos dictames: e costumava ela dizer, que Madama d'Embleville lhe traçara o plano, e lhe dera nele vencida a maior dificuldade.

Quites de novas ruins me volveram duas semanas; e já me eu dava ao negócio aprazível face, quando uma manhã pergunta pela Abadessa Madama d'Embleville, sem perguntar por mim. Fui todavia com ela à grade, onde escutei uma conversação que o affecto que uma por outra as duas Damas tinham, interessava a dar-lhe atenção. Transcrevera-a eu aqui, se lhe pudesse dar o atractivo do affectuoso tom de Madama Abadessa, e a bondade de coração de Madama d'Embleville; eram como falas de alma a alma. Por fim falou-se em mim. Já a impaciência me dava ânsias.

«Por te forrar pesares (me disse minha Tia) e talvez a mim, te não queria eu hoje ver; que nada tem de boas as novas que te eu der. Não consegui persuadir M.^r d'Embleville: quantas razões aleguei, achou-as míseras, sobre absurdas; e já injúrias me ia soltando, sobre te haver eu insinuado certos ares de grandeza, de que eivados (diz ele) somos eu e meu Irmão. Que, por conselhos nossos, se te embebeu o ânimo em certa ambição, que nem à tua fortuna, nem à dele quadram; que pelas contas da tutela, dará a ver que as despesas de vestuário, educação, mesadas de Porcionista sobram já além da fazendinha que herdaste. Assim, minha Adelaida, te aconselho, que de boamente sacrifiques a tua inclinação. A ser eu rica, dir-te-ia, que da bondade de Madama te

aproveitasses, esperando por tempos mais favoráveis; mas não vão tanto acima as minhas posses, que te paguem mesadas; e teu Tio diz, que é já grossa a quantia que lhe deves, e que se fecha a outros gastos.»

Enquanto essa fala durou, não levantei do chão os olhos, e Madama d'Embleville, que a não poude acabar sem verter lágrimas, tínhamos enternecido a Abadessa. — «Que alma tão dura! (exclamei) Em que extremidade me põe! Que situação de tanta amargura é a minha!» — «Obedece (acudiu minha Tia) e sais dela.» Levada da desesperação, rompi: — «Obedecer a um bárbaro, que os seus interesses únicos consulta; e que avulta a crueldade com humilhar uma alma como a vossa! É rasgo que me confunde, e que me traspassa esta alma, quando sinto que dá bondade do vosso coração possuo quanto sei! Que atroz ingratição, arguir em vós os bens, que de vós tenho! Não se vence com ameaças, querida Mãe, um coração que se desvanece de ter sido guiado pelo vosso. Estou resoluta. Com M.^r Després não

caso. Aposse-se M.^r d'Embleville desses poucos bens que eu tenho; estenda quão longe queira acerca deles as suas pretensões; subscrevo a tudo: retire de mim essa amizade, de cuja ele só o nome conheço; e que única me fique a vossa, pouco ou nada perdi.» — «Essa (disse minha Tia) eu ta prometo. E como não ta dar inteira? Mas ela em que te vale?»

A Abadessa, que sem nos interromper ouvira tudo: — «Sossegai-vos (disse) uma e mais outra. Em mesada, em vestuário se não fale; a mim o tomo. Não repreendo em Adelaida a resistência; mas que com seu Tio se não malquiste para sempre; de visos de estar pelo que ele quer.» — «É (acudi logo) desejar-me morta.» — «Escuta (me atalhou a Abadessa) escuta, minha Filha; o teu bem, e o sossego de Madama é o que eu só desejo. Ouve qual seja o projecto meu. Diga-se a M.^r d'Embleville, que atemorizada das ameaças, consente sua Sobrinha, com tanto que lhe dêem alguns meses, em que prepare o ânimo para o sacrifício que requerem dela. Já nisso granjeamos espera, e faremos pela alongar e de o termos suspenso quanto mais tempo se possa. Tenho Médico da minha mão; e virão acontecimentos, que nos salvem.»

Agradeceu minha Tia à Abadessa conselhos de tanta bondade. Parece que nos negócios que mais nos interessam, não vêm à flor da água as ideias mais simples; e que compete confiar nossos pesares a uma, que com seu juízo e prudência, nos atine com a estrada que nos

cabe seguir nos impróvidos acasos da vida, e em que achamos o nosso entendimento adormecido.

Em tanto eu à força de lhas beijar, comia à Abadessa as mãos; que al não podia: que tão colmado tinha o coração de seus favores que se me entalavam as expressões, de agradecida.

Mostrou-me depois Madama d'Embleville uma carta que ela recebera de Bracmont; suspirei: que vinha tão cheia a carta de ternura a meu respeito!... Dava nela miúda conta de suas viagens e de quão cedo esperava passar a França. Disse a Abadessa que muito folgaria conhecê-lo, pelo muito que se interessava em tudo o que nos pertencia. Despediu-se minha Tia dela, agradecendo tantos favores seus, e suplicando-a que mos continuasse.

Logo que a Abadessa se retirou ao seu quarto, me despediu dizendo que tinha muita carta que escrever; que esse tempo o aproveitasse eu em fazer uma visita a Mademoisela de Brissol, cuja me recebeu com tal franqueza, e com amizade tal, que me conquistou a minha. — «Vencestes-me (me disse) prevenindo-me; e tal desejo me lavra, de comunicar convosco, que vislumbro na vossa companhia, cerceada grande porção de meus pesares.» Contou-me depois, que avistava na sua família, tenções de lhe reterem a vida no convento; tenções, com que ela desesperava. — «Tendes Mademoisela lhe respondi) nada menos, numa família como a vossa, bastantes motivos de vos consolar; e tais acontecimentos virão tão imprevistos, que daqui vos tirem.» Fomos conversando, e ocupando-nos, como gente moça, de várias bagatelas. Como ela desenha muito bem, mostrou-me algumas de suas obras; e como eu também tenho alguns laivos desse talento, lhe prometi mostrar-lhe as minhas. Tocaram ao refatório, e fui-me ter com a Abadessa.

Apenas tinham dous dias decorrido, que vem bilhete de Madama d'Embleville com novas, que dali a quatro ou cinco dias me viriam buscar para concluir casamento com M.^r Després, que apertava com meu Tio a que lhe pusesse fim. Mostrei-o à Abadessa, que me respondeu, que tomasse a minha última resolução. — «Está tomada (lhe disse) livro-me no conselho de adoecer. E antes morrer, que matrimónio tal.» — «Não monta (acudiu ela) o caso a tanto; que sempre o peor de todos é a morte. Assim, começar desde hoje, meu brinquinho, a queixar-te de grandes dores de cabeça; que se capacitem as nossas Madres do que lhes quisermos persuadir.»

Entraram, nisto, duas reverendas Madres Assistentes a saudá-la; mal viam peticégas seu caminho. Começo a minha Comédia; tomo tacto ao sítio, e deixo-me descambar c'um delíquio num coxim. Que grito, que as Madres deram! — «Jesus, Maria seja com tua alma. Ela é morta. Água benta, água de Melícia.» Lembram-se, um quarto de hora passado, de me tomar o pulso, e que o pulso começava a bater. Abri os olhos, o mais lânguidos que pude; elas os crismaram de esgazeados. — «Pode ter consequências, Madre nossa, este desmaio (disse uma delas); que reparado tenho, serem precursores esses acidentes de prolixas enfermidades.»

FIM DA PARTE PRIMEIRA

PARTE SEGUNDA

POR não rebentar de riso, evitei, neste entremez, pôr olhos na Abadessa, que caiu no logro, e infiou de sorte, que a obrigaram as Reverendas a beber um copo de água em razão do susto que tomou. As diferentes águas com que me alagaram o lenço do pescoço e o meu peitilho, tal frio me causaram, que todo corpo se me arrepiou. Então foi o confirmarem-no elas por calefrio de sezões. Bem aquecida a cama, nela me deitam, e à força de panos quentes, e de cobertores cuidei de abafar. Eu vermelha e como carmesim, c'os forcejos que fazia por me dar ar, tomaram-no por delírio; e vi o instante, em que me amarrassem no leito. Oh! que susto! não lhe atinei com outro jeito de escapar à amarração, que dar-me por adormecida. Acertei: que me foram debloqueiando a cama, de mansinho as cortinas me correram; foram-se indo suas Reverências, e fiquei só com a Abadessa, e com a Religiosa sua confidente, de que já fiz menção.

Abro as cortinas, e sento-me. Corre a mim a Madre S.^{ta} Águeda. — «Que faz, Menina!» — «Tomo ar (lhe respondi, rindo) que espanquei toda a doença.» Chega-se a Abadessa a mim, e põe-me na testa a mão, que lhe eu cobri de beijos dizendo-lhe: — «Com que heide eu pagar tanto dessorsego, que lhe dei e confessar que da Comédia é esta a cena primeira?» — «Para teu castigo (me tornou) ficarás na cama; que estão de assento que tens uma desabalada febre; e faz-nos conta, que nesse conceito fiquem.»

Entra o Médico, com ar de gravidade, ali trazido por uma das Reverendas, que lhe deu miúda conta dos primeiros sintomas da minha moléstia: mandou que me sangrassem; mas acudiu Madama que não por ora. — «Percebo (disse o Médico) uns apózemas, tisana e c a l d o de franga: sopa ou carne lhe aumentaria a febre.» Estremeci de lhe ouvir sentença tal. Nem Sancho Pança estremeceu mais com o regime do Médico Pedro Rézio; parece que o apetite se agigantou co'a proibição. — «Jantar, e ceia de água vos espera (me disse ao ouvido S o r

S.^{ta} Águeda). Eu, que comeria, a ser-me dado, o Médico mesmo!» — «Traga-me sempre algumas asas de franguinha, para ir entretenendo os queixos.» Sorriu-se, e foi acompanhando o Médico ao quarto de Madama, que lhe deu conta do fingimento.

Encarregou-se a Sor S.^{ta} Águeda de me passar a noite à cabeceira. Quer isto dizer, que a passou na minha cama, dormindo a sono solto. Eu parte dela a passei devaneando no meu acontecimento, cujo bem reflectido, resolvi escrever a Madama Pichard; que segundo o muito que M.^r d'Embleville a reverenciava, alcançaria dele o que ele a sua Esposa denegava. Dei-lhe pois miúda conta de meus pesares, pedindo--lhe que me obtivesse dilação nesse esposório, em que me era impossível consentir. Dei a carta a ler a Sor S.^{ta} Águeda, e lhe roguei que logo logo a despedisse.

De que ouvira M.^r d'Embleville que eu adoecera, procedeu passar sem más novas o dia assinalado. Dei-me faculdade de convalescer, ergui--me; e como o dessorrego que meu Tio me dava, me acudia com certa languidez ao rosto, com ela se apadrinhou a minha moléstia, e com me vestir caseiramente, com apuramento e asseio. Desvelozinhos, que valem muito, e custam pouco; e em mulheres nunca seus foros perde a vontade de bem parecer. E quão justo que é repararmos com essas atencõezinhas, o que em nossos atractivos aflições hão desfalcado! Acresce o pretexto (que servia de manto à minha vaidade) de ter eu de aparecer no quarto da Abadessa, sempre cheio de pessoas de distinção.

Não sei por qual acaso caiu em mãos de Verneuil a Carta que eu escrevera à sua Mãe; de curioso a abriu; e disfarçando estilo, e escritura, me trouxe resposta. Mudaram-no (a não se conhecer) as bexigas, de que enfermou e c'ó reguingote dum Criado, mal amanhã cabeleira que muita parte do semblante lhe encapotava, luvas de lâ grosseira, e botas, perguntou por mim da parte de Madama Pichard. Disseram-lhe que eu estava molesta; mas que subisse à grade da Abadessa, enquanto iam avisar uma Religiosa. Como, pela roda se perguntou por mim, não se distinguiu bem quem perguntava: somente se disse à Sor S.^{ta} Águeda, que perguntavam por Adelaida.

Tinha saído a Abadessa a fazer algumas visitas, por ser véspera de seus anos; e estava Sor S.^{ta} Águeda entretida em compor um ramilhete para essa festa; veio-lhe mal desocuparem-na: portanto me disse, que fosse eu à grade: — «É algum Criado (lhe disse) nenhum risco há que ele me veja.»

«Venho de mandado de Madama Pichard (me disse Verneuil, que eu não conheci, no disfarce em que veio, e no falar gascão, que ele affectou) que lhe faz muitos cumprimentos.» E deu-me a carta. Turbei-me no aceitá-la; o que eu attribuí às notícias que vinham nela; com sofreguidão a li; que vinha ela embebida em ternuras; e com promettimentos de empregar-se toda em me conseguir o desejado contentamento. — «Toda a Carta senhas dá de seu bom coração! (lhe disse dando um suspiro). Querida Mãe, que é sempre a mesma!» Quasi me pulavam lágrimas nos olhos. — «Madama (disse Verneuil) me encarregou, que a desculpeis de não ter tido a honra de cá vir, porque tem estado molesta; mas que não tardará a trazer novas do negócio de que a incumbiram.» Tomando sempre Verneuil por um Criado: — «Dizei--lhe, que impaciente a espero, e que me não ansiará com a tardança.»

Diriam, que me prendia certo íman à grade: — «Há muito que servis Madama? Que ainda vos não hei visto.» — «Dous dias únicos há (me respondeu), e creio que não ficarei.» — «E porquê? (lhe tornei), que tão boa Senhora é...» — «Servir Damas não é o que mais quero. Mas Madama me prometeu que me acomodaria com seu filho que é Mancebo generoso, e com quem me contentaria eu muito. A Senhora conhece-o?» — «Sim.» (lhe disse eu). E porque ele não visse como eu corei, acudi com a mão às faces. — «Apresentai meus obséquios a Madama.» — «E a seu Filho nada?» (acudiu o maldoso Verneuil. — «Dar-lhe-eis os que ele me mandou, (respondi, deixando-o na grade). E não digais que me vistes.» E no fechar a porta reparei que ficou como uma estátua amarrado à grade.

«Foi visita longa, minha jóia (me disse Sor S.^{ta} Águeda).» — «Sim.» (lhe respondi e o coração me latejava, e a voz tremia). — «Alguma ruim nova vos deram?» — «Não.» — «Que querem dizer respostas tão lacónicas? (me replicou). E quanto me pesa de vos ter deixado ir, sem mim, a grade!» — «E porquê?» (lhe perguntei). — «Porquê? (disse ela) Porque não atino com o que lá vos pode acontecer. Vejo o abalo em que estais; e se Madama dá fé de tal, ralhará comigo. Dizeis, que não é nada; mas esse nada é muito em meu sentido: e a terdes vós alguma confiança em mim, tirar-me-íeis de cuidado.» — «Não vo-lo digo (lhe tornei) porque não vejais quão simples sou.» — «Vejamos a simpleza (me disse a Sor). Vistes alma do outro Mundo? Vistes espírito maligno?» — «Bem pode ser (e então lhe

mostrei a carta de Madama Pichard). Não é a carta, que me dá tortura; mas é, que ao fechar a porta, havendo despedido o Criado, acertei de o ver pegado à grade, e o dar-me ele ares de Verneuil, que em tal disfarce veio tentar a minha sensibilidade. Que me falou ele com abalo tal com que nenhum Criado fala.»

«E bem (disse a Sórora), fosse Verneuil, ou outrem fosse, que mal há hi!» — «Mas é (disse eu) que tive amor.» — «Bem o sabe Madama e

talvez vo-lo há contado. E que o nosso Brinquinho (me disse ela, rindo) ainda lho conserva!» — «Aborrecê-lo me cumpria, (lhe tornei); e a despeito meu de ódio não vem o abalo que eu senti.» Eis que Sor S.^{ta} Águeda, c'um tom que faria rir as pedras, me diz: — «E esse coraçãozinho se rebela! e essa boquinha dá suspiros?» — «Parece-me (disse a Abadessa, que vinha entrando) que a alegria nos faz sua visita, e que o meu Brinquinho perdeu o susto à sua grande enfermidade.»

Passámos ainda alguns dias sem mais novidade; e já me ia eu lisonjeando, que officiosa conseguira Madama Pichard de M.^r d'Embleville... Eis que ela mesma vem-me anunciar a morte de meu Tio.

Como corria que eu estava de cama, e que não vinha à grade, perguntou pela Abadessa, a quem deu conta da apoplexia, que em 24 horas levou meu Tio à cova: e que indo acaso ver Madama d'Embleville, assistira a essa morte. Que pela arredar desse espectáculo funesto, a levava consigo, no pressuposto, que d'ora em diante, ficasse para sempre de morada, num quarto que lhe estava destinado, em sua casa.

A Abadessa se demonstrou sentida desse desastre, tomando sincera parte nos pesares da sua amiga. São golpes a que não pode, nem sabe resistir a Razão. — «Ela de contínuo me falou de favores vossos; e eu confio, que os não tem de atalhar este infortúnio, que outrossim vos acareia novas ocasiões de dar largas à generosidade desse coração. Nada menos vos peço que consintais que ela comigo passe os seus primeiros meses do luto.»

Madama Pichard, que ignorava quão estreita amizade se travara entre ambas essas Damas, respondeu, que nunca Madama d'Embleville pesada lhe seria; que sempre a seu serviço lhe estiveram a sua casa, e a sua mesa, e que lhe daria grão pesar, quem de ser-lhe

útil a privasse. Suplicou, ao despedir-se a Abadessa, que nas orações do Convento, encomendasse Madama d'Embleville.

Entrou pesarosa a Abadessa, no quarto: — «Perdeste o Tio.» — de que fiquei sentida. Escrevemos ambas a Madama d'Embleville: na minha Carta sobressaía a mágoa; e a consolação na da Abadessa, com tal affecto e ternura, que comovia o lê-la; e fechava com lhe pedir que o primeiro nojo o viesse passar em sua companhia.

Levou a Rodeira ambas as Cartas, e decorridas duas horas, voltou c'ó seguinte bilhete.

«E fora-me possível negar-me eu, Madama às únicas consolações que saborear-me podem? Avalio o sumo preço que em si tem: e tal excesso de bondade as acompanha, que lhes não posso responder, como é devido, tendo o ânimo tão absorto em si, como ora o sinto. Aceito o oferecimento, e o quanto lhe sou sensível, amanhã, às dez horas o vereis.»

A esperança de mui cedo me ver com Madama d'Embleville, e de confundir com a sua a minha mágoa; o imaginar, que doravante, não seria perturbada a nossa união, me deu extremado alívio. Armou-se-lhe na minha câmara um leito, e a câmara, como disse, comunicava com o quarto da Abadessa.

No dia seguinte nos trouxe Madama Pichard na sua carruagem a Madama d'Embleville. Pediu-lhe a Abadessa, que connosco passasse o dia todo, e então se seguiu entre nós quatro uma cena muda a mais enternecida. Madama d'Embleville que suspirava; a Abadessa, que a tinha em braços; eu que lhe tomava as mãos, e lhas banhava de lágrimas.

Rompeu Madama Pichard, por fim, este silêncio: — «Que violência me não faço, em vos ceder, Madama, o que mais na vida prezo! Vi-a nascer; e se pelo vosso, meu coração avaliais, considerai quanto lhe eu sou affecta. Mas na promessa que me ela fez de voltar dentro de seis semanas, me estribo muito, dado que mui longas tem de me parecer.» — «De vós pende (acudiu a Abadessa) o encurtá-las, vindo-nos ver o mais amiúde que poderdes. Digo, nós todas; porque muito me lisonjearia tomar com vosco mais amplo tratamento.» Aqui agradeceu-o muito à Abadessa Madama Pichard, mil carícias me fez, a cujas correspondi com toda a ternura de que o coração se me sentia traspassado.

Veio o jantar, e quando eu cuidei que ninguém provasse um só bocado, achei que às Religiosas não lhe estreitam o estômago os pesares: que comeu a Abadessa como tinha de uso; e nos fez comer a nós além do nosso costume. Verdade é que Madama d'Embleville quasi nada comera nos três dias antecedentes; e que à mesa da Abadessa vinha quanto era fino, e delicado.

Falou-se depois de jantar, em que eu era a única herdeira de meu Tio: mas como ele a Madama d'Embleville fizera mútuo donativo, nenhum jus me ficava à herança. Todavia me disse ela, mui generosa, que a meu favor renunciava a todo direito que à herança tinha. Ora eu não sabia o que era cuidar em vis interesses, nem minhas reflexões tiveram por alvo bens da fortuna. Assim, lhe respondi, que só da sua amizade precisão tinha; único bem que eu cobiçava, e sobre o qual fundava às minhas esperanças todas, e de que me dimanava a ventura de toda a minha vida. Co'as lágrimas nos olhos me abraçou; e essa foi quanta resposta me deu: mas quão significativa! toda na alma se me entranhou. Despediu-se Madama Pichard, prometendo-nos que todos os dias nos viria ver.

Soubemos no dia seguinte, que tinham os herdeiros posto o selo em todos os bens de meu Tio; mas felizmente, no instante da morte se achou lá Madama Pichard, que (a todo o acontecimento) mandou levar dali quanto na casa se achou mais precioso: que, sem essa precaução, ficava Madama d'Embleville desvalida de regresso. Não tendo outras rendas meu Tio, além do que a advocacia lhe granjeava: e como depois da doença não se applicava tanto, e que nada cerceava da despesa, que cada ano lhe avultava a mais de mil moedas; achou-se que absorveram as dívidas a herança inteira.

Como a Abadessa se entretinha muito com a sua amável viúva, amiudada liberdade me provinha de visitar Mademoisela de Brissol. Um dia que ela, na sua pasta folheava retratos, que desenhara, dei com a vista num, que me feriu nos olhos, e para melhor o examinar, dele travei, e perguntando-lhe eu, donde tirara aquela miniatura, me respondeu, que da sua imaginação. — «Conheceis acaso o protótipo de tão gentil figura?» — «Como, que o conheço! (lhe respondi) Não só o conheço, mas muito o amo.» Aqui me argue, sorrindo, Mademoisela de Brissol: — «Quem vos deu atrevimento de ser minha rival?» — «Verdade é (lhe disse eu) que temerária fora empresa tal: mas enfim, desde quando é que o amais? que o mais antigo amor em data tem de

levar o vencimento.» — «Como vos enganais! (acudiu Mademoisela de Brissol) tudo cede à novidade. São assim os Homens. Se outro jus melhor não tendes à conquista dum coração, ganhada a vitória tenho, e meu tem de ser o original desse retrato.» — «Tão absoluta falais (lhe respondi) como a haverdes a conquista na mão. Fora baldado em mim o intento de vo-la pleitear.»

Depois de assim gracejarmos largo tempo, tomou Mademoisela de Brissol mais seriedade, e perguntou-me se eu conhecia a pessoa, que duma só vez que a vira, retratara; tão viva lhe ficara na memória! — «Que valentia de imaginação! (lhe disse) E sabeis quem ele é?» Ao que ela respondeu que nem o nome, nem a qualidade lhe sabia; e que no caso, que eu o conhecesse, lhe daria sumo gosto em declarar-lho. — «De boa vontade (lhe disse). Chama-se Bracmont, é Irmão de Madama d'Embleville, Comandante dum Navio de guerra de 500 homens de equipagem. Além de que, bem pode acontecer, que não seja M. Bracmont quem debuxastes, que cada dia aparecem pessoas, que a mais não poder, são parecidas: e como foi o retrato tirado de imaginação, bem pode ser que omitísseis alguns rasgos dos que formam a fisionomia.» Aqui ficou meditativa Mademoisela de Brissol; e eu que senti que desmaiava a conversação, me despedi, para ir ter com

a Abadessa, que se achava na grade com Madama Pichard, cuja me estendeu a mão, mal que me avistou. — «Bons dias minha jóia. Já perdia as esperanças de hoje te ver: que há duas horas, que estou com estas Damas; e por desgraça tenho prazo dado, a que faltar não posso: que é negócio, que tem de me ocupar ainda à manhã o dia todo.» — «Quer dizer (lhe tornei) que seremos privadas de amanhã vos ver.» — «Ressarci-la-emos: que vos levo ambas para a Quinta.» (disse Madama Pichard). — «Ponho opposição (lhe replicou a Abadessa) ao sair da grade.» — «Não podeis tanto.» (lhe respondeu Madama Pichard).

Uma manhã, em que Madama d'Embleville tomou certa receita de Médico, veio-nos dizer a Rodeira, que, na grade nos aguardava Madama Pichard. Acorri súbito; e quão pasmada fiquei de ver sentado junto a Madama esse mesmo Moco, que me trouxera a carta, conversando com ela muito à mão. Deu-me toques de Verneuil. Mas tal disfarce! e com sua Mãe! Não o era de crer.

«Este Moço (disse Madama Pichard) traz para ti, minha filha, certo maço de papéis.» — «Não creio minha Mãe (lhe respondi) que

alguém me traga papéis, a não virem eles de vós.» — «Toma-os sempre (me tornou) e vê-los-ás quando te vires no teu quarto.» Fiz alguma resistência, até que ela impacientada, e colérica: — «Toma-os. Quem há de crer, que esta Rapariga me quer ensinar comportamento?»

Verneuil (e era ele mesmo) atemorizado do agastamento da Mãe, e descuidado do papel, que representava, cuidando que ia ela ralhar comigo: — «Que vivacidade, oh minha rica Mãe!» (lhe bradou). E eu que tal nome lhe ouvi dar, também dei um grito, e deixei cair os papéis que me forçaram que tomasse. — «E que me dizem do meu parvoinho? (disse Madama Pichard) e de seus pálidos terrores? Oh meu grande Deus, que parvos são ambos os dous, e ambos crianças!» — «Eu (lhe disse) não entro, minha Mãe, nos disparates de vosso Filho.» — «Mas como tu és quem o enlouquece (me respondeu) pagarás por ele.» Pálida, e quasi para cair em desmaio me viu Verneuil, e eis que exclama inquieto: — «Mademoisela desfalece.» Então me acode a Mãe com gotas de Inglaterra: e tal tremia eu que me caiu tudo das mãos; até o frasquinho, que por dita se não quebrou. Madama Pichard me instou, que algo dele bebesse. Bebi; e os sentidos me tornaram. Houve, enquanto eu bebia, certo prazo de silêncio, em que eu lançava a furto os olhos a Verneuil, que os tinha em mim cravados com tal expressão de arrependimento do erro que cometera, tal vivacidade de affecto, que de roxas cores o rosto se me acendeu. — «Ei-la que torna a si. (clamou Madama Pichard). Quasi, oh Filha minha, que me ias dando susto. Passa de sensibilidade!» «Verdade é, querida Mãe (lhe tornei) que turbação me causou ver o Senhor em disfarce tal. Mas, a que fim esse entremez?» — «Sondar-te o coração (respondeu a Mãe) se ele te falava a favor dum extravagante, a quem me não pude negar por valedora em lhe alcançar o teu perdão. Que, depois da sua doença, sossego me não deixa. Olha como está mudado! Conhecê-lo-ias? Pois, minha Filha, a causa toda és tu. Castigado ele está, pelo muito que há padecido. Fiadora te sou do seu arrependimento.» — «E eu que tinha jurado (disse eu) de aborrecê-lo!» — «E tu (acudiu a Mãe) quebrantas hoje, por mim, o juramento.»

Chega-se então Verneuil à grade, e c'um joelho no chão: — «Da vossa boca aguardo sentença que se não for do contento de minha Mãe, será para mim, de morte.» — «Levante-se, Senhor: (os maus sentidos alvorotados denunciavam o que eu na alma sentia) sobra que

Madama rogando-me o perdão, vos inculque digno dele, porque eu com todo o coração o outorgue.» Nisto vou tocar na mão de Madama através da grade... Eis que Verneuil dela se apossa, e beijos mil lhe dá. Humede-cidos tinha os olhos; e a Mãe, que se enternecia, rompeu d i z e n d o : — «Este magano faz quanto quer de mim. Vejam que papel, eu por ele, represento.» Eis que ela o abraça, e lhe diz: — «Segunda vez te dou a vida. Mas, que por fim, não hajam entre vós arrufos nenhuns; porque sou sempre eu quem os vem a pagar.» — «Oh quanto boa sois, minha rica Mãe! (lhe tornei, entranhada de quantos abonos de ternura ela nos dava).» — «Bem o sabeis bela Adelaida (me interrompeu Verneuil). Quanto ao passado, ponhamos-lhe pedra em cima: convenho em que fiz mal; me envergonho do mal que andei: prometei-me de esquecer-vos, e de nunca em tal falar.» Prometi: com condição porém de que fosse mais reportado, e se não desse logo ao primeiro abalo do Ciúme.

Longa, como vedes, a cena, impediu que Madama Pichard perguntasse a causa de se achar ali menos a sua amiga: a que eu respondi, que estava de cama em razão de remédio de precaução que a Abadessa lhe fez tomar: — «Tanto melhor (disse Madama Pichard); que se prepare. Que vos quero espairer no campo.» Mui contentes nos separámos: que o posso eu dizer; tão satisfeita ia Madama Pichard como Verneuil: e de mim julgai-o vós, pelos afeitos que dei a conhecer.

No entrar no Quarto dei com Madama d'Embleville, que se tinha levantado, e lançando-me em seus braços: — «Congracei-me com Verneuil. Oh rica Tia...» E nisto uns assomos de pejo me atalharam dizer mais. — «Dize, dize (me provocou minha Tia a que fale). Que é o que temes?» — «É que bem sabeis vós minha Tia, que eu devia aborrecê-lo. Mas não sei como tal se fez: dum instante para outro lhe dei perdão; sem explicação alguma. Fiz bem? ou fiz mal?» — «Ei-las, ei-las as perfídias do Amor! (respondeu rindo minha Tia). Ei-las, como ele as prega a corações como esse teu.» — «Bem estava eu certa (lhe tornei) que havíeis de zombar de mim: e tendes de ainda rir mais quando souberdes o como aos congratamos.»

Então lhe contei o como a cena passou e o que ela admirou, foi a ternura de Madama Pichard para com seu Filho, tanto mais contente, que ela revirava sobre mim. Ainda eu tinha nas mãos os papéis, que me deu Verneuil, quando ela me perguntou o que eles eram. — «Nem eu o sei (lhe respondi) que me tolheu Madama Pichard o abri-los.»

Madama d'Embleville, que se dispunha a folhear volumes de satisfações e de desculpas, e de protestações de amor da parte de Verneuil, sorria enquanto deslacrava o maço. Mas, que atónita fica ao deparar c'uma renda de cem moedas por ano dadas a meu favor! — «Oh sumo Deus! (exclamou). Que generosa mulher! Não é a dádiva, é a maneira com que obriga! Não se contenta da largueza com que dá; esconde-se aos abonos da gratidão. Tomaste o peso a melindre tanto? Quanto ao valor pecunioso em nada o conta um ânimo como o teu; mas mui sensível nota o primor com que foi dado. Olha, como dá subterfúgio ao teu amor próprio! Quão delicada acode ao que precisas, e seguro remanso, no por vir te funda! Isto sim, é o que dá preço ao dom, e que infinito agradecimento te estampa no coração!»

Assim se aproveitava Madama d'Embleville de toda a ocasião, para me instruir, e (para assim dizer) me ensinar a pensar. Escrevemos ela, e eu a Madama Pichard quanto inspirar pode mais ternamente o afeito e a gratidão. Depois passámos ao Quarto da Abadessa que logo perguntou a minha Tia como se achara c'ó remédio. — «Às maravilhas (lhe tornou). Ao vosso Brinquinho é que haveis de perguntar como se acha c'uma longa visita que recebeu esta manhã.» A Abadessa, que já dantes o sabia, sorrindo-se me olhou; e eu corei, e pus olhos no chão. — «Não é (me disse) bem má Madama d'Embleville, que vos obriga a contar vosso desagrado, numa conversação de duas horas, c'um Homem a quem não tínheis de perdoar tamanho agravo? Foi bom, que Madama Pichard presente desfalcava o vosso enojo.»

Acabou de me enlear, o que Abadessa me disse. Pus olhos em minha Tia, que desfechou numa risada. — «Agora me capacito (acudi então) que me não tem Madama por seu Brinquinho, mas sim por seu juguete.» — «Olha para mim Adelaida (me disse a Abadessa); bem sabes, que eu não quero que dissimulem comigo; lembras-te da carta, que escreveste a Madama Pichard, e de resposta, que te veio?» — «Sor S.^{ta} Águeda (lhe respondi) ambas as viu. A desgraça que logo aconteceu, causou o descuido de vos dar parte.» — «Não que eu (disse a Abadessa) te argua disso; mas sim, para que saibas que justificada desde esse tempo, estavas já no ânimo de Verneuil, que perseguia sua Mãe, tua Tia e a mim, com rogos que lhe alcançássemos entrar-te em graça.» — «E esta rica Tia (a argui) sem me dar nisso uma só fala?» — «Mais que muito, querida Filha (me disse minha Tia) o coração teu conheço: certa eu era que dispor-te a perdoar a Verneuil era escusado.

Preparadas éramos ao desfecho em que parou, mas não à generosidade, que com ele veio.»

Então lhe mostrou o contrato de que me tinham feito mimo, que a admirou muito, e não sei se algum tanto a humilhou. — «Não devemos (disse) invejar a sorte de ninguém; mas a de Madama Pichard é bem ditosa: cumulada com favores da Fortuna, em quem melhor, que em vós os podia ela empregar? Eu, que acanhada me sinto, que al posso eu por vós fazer, que bons desejos? Favónia vos seja a dita, a que me é vedado contribuir. A amizade que vos tenho não dá frutos.» — «Essa amizade (disse Madama d'Embleville) é a que única pretendemos; que nos vale ela um Potosi. E dai por firme que nem Adelaida, nem eu nos descuidaremos em tudo o que no-la possa conservar.»

Nunca vão sem enternecimento conversações tais; e certa languidez nos tomava a todas nós, quando Sor S.^{ta} Águeda a veio dissipar dizendo a Madama d'Embleville, que perguntavam na grade por ela. Eu não a acompanhei, por me não ver com Mr. Després, que a miúdo a vinha ver. E quem dissera que em vez dela a estava esperando na grade o Duque ***.

«Venho, Madama, justificar-me dum feito, cujo causador foi M.^r de Bracmont.» E por inteiro contou o que Adelaida havia referido. — «Nada há que receiar, Madama, duma paixão, a que cortei todo o progresso. Se a ingrata Adelaida houvera dado alento ao meu affecto, tivera eu por gran ventura, o dar-lhe a mão de Esposo. Que não pode um coração como este meu, dar-se por venturoso, quando, no objecto amado, não depara com igual retorno. A Sobrinha de M.^r d'Embleville, mais que muito me deu injusta, a conhecer depois, que em balde me esmerei em ganhar-lhe o coração. Isto era, quanto eu, Madama, tinha que dizer. Peço-vos agora, que olvideis um desatento meu, que decerto, lhe não motivou mal algum.»

Conversou-se em cousas vagas; mas nessas mesmas metia o Duque tal encanto, que tudo interessava: até mesmo no que se passou no tempo que Adelaida nos seus Paços morou, e a mágoa que ele sentiu, quando fugida a soube: — «De modo (dizia Madama d'Embleville) que me atalhou de o arguir quanto eu devera. Dado que lhe eu não falasse em meu Irmão, tão generoso se mostrou o Duque, que me prometeu de o proteger em tudo o que dele dependesse.» —

«Quando eu estava inda no século (disse a Abadessa) conheci esse fidalgo, cujo saía apenas do Colégio, mas que prometia já muito de si.»

Veio no dia seguinte M.^r Després visitar Madama d'Embleville; esta cansada de tais visitas, lhes deu de mão com lhe dar a entender, que era inútil falar em tal casamento, vista a repugnância que eu demonstrava em consentir. E que agora, senhora de mim, pela morte de meu Tio, denegaria dar-me a quem me não houvesse conquistado a afeição. — «Pesarosa estou (lhe disse) de que são desagradáveis semelhantes anúncios. Talvez que ela, quando a Razão a alumie mais, justiça faça ao merecimento vosso.» Ora a quantas léguas longe estava eu de tal! Aconselhou-lhe minha Tia, que se desvinculasse duma criança, incapaz de sentir o preço da preferência que ele me dava.

«Falais, Senhora (lhe tornou Després) tão resolutamente, que me dou por certa a minha desventura. Sem dúvida que andei mal na idade que tenho, querer conquistar o coração da M.^{la}. Induziu-me o exemplo de M.^r d'Embleville. O affecto que acerca dele, nunca em vós dum só ponto desmentiu, me deu esperanças que eu na união com a sua encantadora Sobrinha, desfrutar pudesse igual ventura. E ainda eu creio, Madama, que se esta tem livre o coração, tão assíduo posso eu ser em a ver, que lhe vença a repugnância.» — «Pressupondes (lhe respondeu Madama d'Embleville) caso, de que vos não dou fiança: e como o segredo não é meu, consentireis que eu mais não diga.» — «Oh Senhora (acudiu ele) que com o mesmo que não dizeis, me inteirais do que eu tanto receei de ouvir! Adelaida, não o posso duvidar, ama; e o que põe remate à minha dor é que o empenho que envidei com seu Tio, para a conseguir, abriu campo ao ódio que me ela tomou.» — «Fazei mais justiça (lhe disse Madama d'Embleville) a Adelaida: se ela o coração dar--vos não pode, persuadido ficai que ela a sua estima vos deu sempre.» — «Essa consolação Madama (lhe tornou Després) é bem nascida da vossa compaixão: e me permitireis vós, que inda eu em vós iguais sentimentos encontre, vindo ver-vos?» Madama d'Embleville lhe respondeu, que se daria por mui lisonjeada em cultivar o seu conhecimento; e com isso se despediu Després sumamente triste.

Entrando minha Tia no gabinete da Abadessa, nos contou o que eu acabo de dizer, de que contentíssima fiquei. Por amigo sim; amante nunca.

Amanheceu o dia seguinte em que recebemos um bilhete de Madama Pichard, e nele, que Verneuil nos viria, à uma hora buscar, para jantarmos com M. Pichard, que muito ansiava de nos ver. Com o bilhete vinha um graciosíssimo adorno em azeviche (visto estarmos de luto), adorno que parecia requerer de mim, todo o esmero, e brilho em meu enfeite.

Sabido é que me não agastei contra essa atenção, que abria modo a ganhar ânimos por guapa. Porquanto, desde que entrei no claustro, não me apurava no atavio de minha pessoa. Mas neste caso envidei todo o desvelo. Também Madama d'Embleville desanojou um tanto o luto. Passámos ao Quarto da Abadessa, para lhe dizer que íamos jantar com Madama Pichard. — «Essa elegância de enfeite (disse Madama) anuncia desenhos grandes; e pela alegria que reluz no meu Brinquinho dou certeza que vai jantar com Madama Pichard. Coitado de Verneuil, se há lá companhia grande, que lhe dará bons rebates o Ciúme. Sinto--lhe dessessegos na alma.» — «E eu levo ânsia de o afinar, porque me vingue dos desconformes zelos que de mim tomou.» (disse eu à Abadessa). — «Bela disposição levas! (acudiu minha Tia). E vós lha ouvis, e não lhe pondes emenda?» — «Essa (respondeu a Abadessa) a vós a deixo.» Nisto, vê-m avisar-nos que nos estão esperando: abraçámo-la enternecidamente, e despedimo-nos.

Trajado com primor vinha Verneuil, que me beijou a mão, no entrarmos na Carruagem: e Madama Pichard nos acolheu com aquela franqueza e lavado coração, tão natural de sua índole e que nela não desmente jamais. — «Vens toucada (me disse) a roubar os alvedrios. Que me dizes, Verneuil?» — «Que lhe descobriu (respondeu) um notável defeito: o de ser mais que formosa.» Entrou nesse tempo M.^r Pichard, que com muita gravidade me saudou: havia mais dum ano que me não vira, e tinha eu muito crescido; razão por que não me conheceu. Abraçou a Madama d'Embleville: — «Agora, minha rica Dama (lhe disse) que aqui vos possuímos, não cuideis que hajais de nos escapar. Tinham-me lisonjeado que veria eu hoje a vossa amável Sobrinha...» — «E não vê meu Pai (acudiu Verneuil) a pequena Adelaida? aquela provincianazinha a quem tanto amou?» — «Hão-de permitir (disse M.^r Pichard) que lhe eu de um abraço. Quem é que a

conheceria? Ela, que não era mais alta que isto... Bofé, que ela é linda como o Amor! Isto é que se podem chamar olhos! E ela ri, a magana! E que corpinho tão bem feito! Apertá-lo-iam entre duas mãos. É preciso, Madama Pichard, acertar-lhe c'um bom noivo.»

Verneuil, que depois da sua doença, alcançara de seu Pai, escolher Esposa a seu contento, lhe respondeu gracejando: — «Noivo já ela o tem, e dançar-lhe-á meu Pai na voda.» — «Tanto melhor! (replicou M.^r Pichard). E é ele rico? Porque, sem cozinha bem fundada, não dura o contentamento.»

Insofrida dos ditos do marido, o atalhou, dizendo; que c'uma carinha tal, nobre linhagem, e dote arrazoado, podia eu pôr o dedo nos mais avantajados acertos. — «Isso é bem certo (disse M. Pichard). E esse noivo, minha rica Menina, vos deu ele c'os pés na alma? É pessoa de beca? É Assentista? É Fidalguete? Vamos, vamos; nomeai-o.» — «Não me atrevo lhe tornei.» — «Ela é adorável. E eu, que folgo com gente franca (dizia M. Pichard, apertando-me as mãos de sorte, que dava eu gritos). E ainda não acabais com nomeá-lo? E se vos eu cá acenasse c'o meu simplório? c'o meu Filósofo? Ele, a bem dizer, não é gentil, mas ele é rico, e vale outro qualquer». — «Bem mo pode inculcar (lhe respondi) que certa estou, que não há-de o seu Filósofo consentir na inculca.»

— «Fora ele (disse o Pai) de bem desdenhosa escolha. Mas isso está para ver.» — «Tomai sentido (acudiu Madama d'Embleville) não vos desdigais depois. Que já daqui vos advirto, que bem poderia Adelaida aceitar o que propondes: que é seu usual defeito, dizer lisamente o seu parecer; e muita vez sucede ficar logrado nessa lisura, quem tomou por sério o que era brinco. Grão defeito de quem julga os outros por si mesmo!» — «Bofé (disse M.^r Pichard) que lhe estranhais franqueza, que é o que eu mais amo nela. Nenhuma tenção tenho de enganá-la. Quantas cousas se dizem gracejando, que passam depois a muito sérias? E eu dera por mui venturoso a meu Filho, se acertasse com Esposa tão perfeita.» — «Pusera eu (disse Verneuil) toda a minha dita em receber tal mimo da vossa mão, consentido M.^{la} em tal.»

Vieram anunciar a mesa posta; e M.^r Pichard, que olhos punha só em mim, me levou como de rojo à sala do jantar, e me quis a seu lado. Estalava Verneuil de riso, em ver requebrar-me o Pai os olhos, a cada fala; a cuja (sem bem as compreender) eu respondia c'um sorriso.

No erguermo-nos da mesa, me ofereceu, Verneuil a mão para voltarmos ao salão; rijamente, para dela me travar, o empuxou seu Pai. — «Dá-me ares a vossa Filosofia de avassalar-se a dous lindos olhos. Ora aguardai, que ela seja Esposa vossa.» — «Quer nisso dizer meu Pai; que ele se encarrega de namorar por mim a M.^{la}?» — «E por que não? lhe disse o Pai). Tens disso zelos? » Riu-se Madama d'Embleville; e Verneuil, que lhe sentiu a malícia ficou embaçado.

Quis-me sentada junto a si, num vasto canapé, M.^r Pichard, onde me soltava os mais corriqueiros ditos, ajoujados de mui rasgados risos; que cuidava ele ter dito lindíssimos conceitos; e tais eram eles, que me davam abrimentos de boca Foi dita minha, que lhe vieram dizer que duas pessoas o aguardavam no seu gabinete. — «Daqui a um nada, venho.» Disse e partiu.

Deste ensejo lançou Madama d'Embleville mão, para inteirar a sua amiga de quanto nos víamos ela e eu obrigadas a seus favores, e quão pouco dignas deles fôramos se demorássemos significar-lhe o mais vivo agradecimento. De todos os deveres da vida o mais indispensável é o da gratidão quando mormente nela nos empenham tão digna, e tão delicadamente. — «Quem, como eu (disse Madama Pichard) vos conhece o coração, bem inteirada está dos pensamentos que dele rompem. Segui vós o meu exemplo: deixai-o obrar. Quanto ele acerca de Adelaida faz não é de vossa conta; não a tendeis por parenta vossa; mas sim por filha minha. Eu por tal a adoptei; e que há hi mais natural, que fazer bem a nossos filhos?»

«Certo (acudi eu, comendo-lhe as mãos a beijos) que minha Mãe sois; e oh quão suave me é de vos haver por tal! Vossas Virtudes, Bondade, Benefícios e a minha Gratidão vos adquiriram no meu coração todo o domínio. Não conheci afeitos de filha a quem me deu a luz; mas desafio a Natureza, que mos houvesse dado mais enternecidos, que os que na alma sinto a sujeito vosso.» — «Segura estou (disse Madama Pichard) do que, oh Filha minha, estás dizendo, e tanto, que, por não poder eu mais, ponhamos termo... (E tudo isto se dizia com lágrimas nos olhos). Falemos no teu casamento. Parece-me que o negócio vai de veras. M.^r Pichard endoudece de amor por ti. Vieste ao Mundo para fazer milagres.» — «Eu, milagres!» (lhe tornei). — «Antes vós, que tudo haveis disposto, (lhe disse Madama d'Embleville) e certa estou, que não se ufana Adelaida de havê-los feito.» — «Fora eu de parecer, oh minha rica Mãe (disse Verneuil) que não

deixássemos resfriar a amizade, que acerca de Mademoisela meu Pai demonstra. Porque deixareis vós voltar ao Convento, vossa filha, e Madama d'Embleville? Pois que aqui as tendes, ocupe Madama o Quarto que lhe pertence; e o que eu ocupo mui de vontade o cedo à encantadora Adelaida.»

«A consentirem ambas (disse Madama Pichard) quão de molde que isso vinha!» Então minha Tia disse: — «Como eu nada disse à Abadessa, fora faltar aos deveres da amizade, e aos primores da cortesia.» — «Não posso (disse Madama Pichard) opor-me às atenções que com ela usais, que muito ela as merece, dado que eu ciúmes tenha. Uma ideia, e bem simples me ocorre. Vamos passar alguns dias na Quinta; lá poucas visitas; lá teremos largas de pôr a caminho o que mais releva. Assim, Madama, pendei mui de vontade, a nos fazer esse favor; e partiremos quando o leveis em gosto.» — «Com tanto (acudiu Verneuil) que não passe de três, ou quatro dias.»

«Continuado motivo de admiração (disse minha Tia a Madama Pichard) me sois, Madama: esse acréscimo de bondade me confunde. Com que alma vos hão dotado! E com que arte vos despis (se é lícito dizê-lo) do merecimento, que do benefício reverbera; e ainda, com que inestimável arte forrais, aos que assim favoreceis, a pena de sentir-se necessitados! Onde é que se depara com corações como o vosso que ponham peito a que se ignorem quantos favores fazem?» — «Oh! não enturveis (disse Madama Pichard) com as vossas reflexões, a prazer, que eu logro, em obrigar-vos. E não sou eu bastantemente ditosa, em que me favorecesse a Fortuna de modo, que me dê azo a compartilhar suas dádivas, com quem tanto. como vós, as merece?»

Entrou nesse momento M.^r Pichard, que nos propôs irmos dar um giro pelo passeio novo; de que Madama se desculpou com dizer que era a hora de entrarmos no Convento. — «Ir-vos encarcerar! (disse Pichard) A minha Esposa crer-me, não vos deixará ela ir.» — « I n d i s p e n s á v e l nos é.» (disse Madama d'Embleville) — «Indispensável (replicou M.^r Pichard) ir-se enclaustrar c'uma corja de Madres! Que belo divertimento para esta minha Imperatriz! Aposto que mais quisera ela ficar connosco.» — «Repara bem, oh Filha minha (disse Madama d'Embleville) como vai a vida. Nunca nos achamos onde nos quiséramos ver.» «Lisonjeio-me todavia (disse Madama Pichard) que tal rumo daremos ao negócio que contentes sejamos todos. Que eu

daqui a oito dias parto para Verneuil, aonde não convido ninguém; que me quero folgadoamente gozar destas duas Damas.» — «Para Damas que não caem de velhas (disse, c'uma grande risada M.^r Pichard) oh que donoso divertimento! Que dizeis a isto, minha rica jóia?» — «Digo (lhe tornei) que a serdes lá, mais divertida a função fora.» — «Oh que sim (acudiu logo) e como tal, parto convosco. Não há perguntar a Verneuil se ele acompanha: de mim sei, que na sua idade largaria velas e remos.» — «Idade (disse Verneuil) não faz ao caso; que me é bom fiador o contentamento com que vedes estas Senhoras.» — «Por seguro! (disse M.^r Pichard) E quem não cevaria com prazer os olhos em dous rostinhos tão formosos, e que quasi que me nasceram nas mãos?» Então se retirou depois de prometermos, que inda, antes da jornada, viríamos passar com ele um dia. Madama Pichard, e o Filho quiseram absolutamente recon-duzir-nos.

Fiz quando chegámos, que Madama d'Embleville passasse pelo mirante, que como era hora de recreação, se coalhava de Religiosas, e de Educandas. Bem o sabia eu: a vaidade feminina nada perder quer de seus alcances. Assim é, que devera o meu amor próprio vir contente da conquista que do Pai do meu Amante fez; mas, nem por isso quis deixar de lograr os cumprimentos que me fizessem acerca do meu novo enfeite. — «Que linda que ela vem! Quão belo o talhe! e quão airoso lhe assenta o seu toucado!» — Diziam-no assim as Freiras: porquanto as Educandas affectaram olhar-me com indiferença. Não importa: tem seu valor o elogio das Religiosas, menos suspeito que o dos Homens; e que essa affectação das Educandas, em dizerem nada, era uma lisonja de mais à minha vaidade. Nos olhos lhes estava eu lendo o grão despeito, e era esse despeito um triunfo para mim. Passemos avante.

Disse-nos a Abadessa que já começava a estar inquieta. — «São oito horas (disse), e à ceia, que eu à vossa conta demorado tinha, quero que me conteis quanto vos succedeu.»

Pontualmente obedeceu Madama d'Embleville, dando-lhe conta exacta dos favores de Madama Pichard, a quem por única no Mundo a intitulou a Abadessa; e que se não cansava de a admirar. Então disse eu: — «Ah Madama! que, se visses com que coração, com que zelo, e com que affecto ela se empenha em me afortunar, ainda mais admiração vos entraria. Mas por mais que faça, nunca a minha ventura será

completa.» — «Tu unida a Verneuil (me tornou a Abadessa) que te falta para ser ditosa?» — «Vós.» E pronunciei eu este vós tanto do âmagô d'alma; que acudiram lágrimas aos olhos da Abadessa. Emudeceu ela por alguns instantes, e pôs no chão a vista o que não ousava a mim voltar; e erguendo-se da mesa e encostada no braço de Madama d'Embleville soltou um suspiro, e disse: — «Tem razão; que eu é que lhe falto. Mas ai mísera! não por culpa minha.» Entrei com ela no seu Gabinete, mas tão turbada e c'uma apreensão tal...» — «Permiti, Madama (lhe disse) que me eu explique. Se acaso vos ofendi...» — «Escuso explicações: não me ofendeste. Conheço-te o coração; sei que me amas, e tanto basta. Mas achava eu tanta suavidade em possuir-te; e agora te perco: é mais um sacrifício, que a Deus ofereço.»

«Vós (disse a Abadessa a Madama d'Embleville) bem me persuado que adoptando este Convento por morada me ressarcireis a perda de Adelaida.» — «Ficai certa (lhe respondeu minha Tia) que muita porção da minha felicidade anda anexa ao viver convosco: mas antevejo que me será forçoso repartir o tempo entre vós, e Madama Pichard, e Adelaida, de quem me não posso desunir.» — «Nem eu (disse a Abadessa) me oporei nunca a esse arranjo; mas todavia espero, que quando Adelaida casada seja, com mais sossego desfrutarei o prazer de ver-vos.»

Retirando-nos ao nosso Quarto, indiquei a Madama d'Embleville quanto me dessorsegava a Abadessa e quanto eu receiava, que ela cedesse a instâncias tais. «Há, no que ela diz, e no que ela faz, um teor tão caroável que, não há muito tempo, quasi que a ponto estive de renunciar a Verneuil, para ficar com ela. E não devo eu receiá-la? Ai! querida Tia; e que fora de mim, sem vós? sem o meu guia? sem o meu refúgio? sem o meu esteio? E mais que nunca, necessito agora de conselhos vossos. Esta obra vossa deixá-la-íeis imperfeita?»

«Tal não temas, querida Filha (me respondeu Madama d'Embleville) que nunca te eu hei-de desamparar. Verdade é, que grão conflito em meu peito se pelejou: que amo eu a Abadessa, e que a respeito, e que bem folgara de com ela viver; e no imaginar que me hei de separar dela, ou de ti, minha alma se me despedaça. Mas tu vences, e a ti sigo, visto o precisares de conselhos meus; visto o terníssimo interesse que tomo em tudo o que te diz respeito. O prazer enfim de presenciar com os olhos meus a ventura da minha Adelaida, de todo a ti me entrega.»

Lanço-me em seus braços agradecida, sem lhe poder soltar uma só palavra. Afigurem-se, na alma, os que sensíveis hão nascido, o que na minha então lidava. Mais fácil é imaginá-lo que exprimi-lo. Bem-aventurávamo-nos no deleite da amizade que sentem dous corações que simpatizam: e neste teor ficámos largo tempo como em extasi; mudas, mas nossas almas se falavam; e ao sair desse extasi, dizíamos como primeira vez o que mil já nos disséramos.

Como no dia seguinte a Abadessa um tanto indisposta se sentisse, e não fosse ao Coro, lhe fizemos companhia no seu quarto; e parte do dia também lha fez Sor S.^{ta} Águeda, que com sua jovialidade muito a divertia. Bem se via nos desvelos com que ela tratava a Abadessa que de sincera amizade lhe procediam, e não de cargos, ou dignidades que ela ambicionasse.

«Consentis (disse Sor S.^{ta} Águeda à Abadessa) que vos levem o vosso Brinquinho e do mesmo lanço a vossa Viuvinha? Ninguém me tirará do sentido, que dous casamentos se preparam.» «E em que fundais (perguntou Madama d'Embleville) esse conceito?» — «Em que (respondeu Sor S.^{ta} Águeda) sois formosa, e viúva moça, e livre para entrar em novas núpcias c'um Mancebo Esposo, que das rabujes do outro velho vos console.» — «Por certo (disse a Abadessa) que Sor S.^{ta} Águeda é um tanto viva nas suas expressões; mas também é certo, que nunca eu pude conceber, como pendeu vossa família a vos dar a um Homem que tinha quatro idades vossas, e que não foram tão luzidas as ventagens que vos ele fez, que não houvésseis de ater-vos, a muito maiores. Como pondeu Madama Pichard, que creio que sempre muito vossa foi, não estorvar tão mal sorteado casamento?» — «Seguro--vos (acudiu Madama d'Embleville) que nunca motivos tive de me arrepender.» — «E que fora de mim (disse eu então? sem tal casamento? Dele me vem toda a minha ventura: dele o haver-vos conhecido; dele esta rica Mãe, a quem sou de tudo devedora; e, por cujo motivo ao Céu dou perenes graças. Verdade é que eu só nisso consulto o meu interesse.» — «Também o de Madama (disse a Abadessa) alguma consideração merece.»

Olho, e vejo lágrimas nos olhos de minha Tia; estremeci. — «Deu-vos pois M.^r d'Embleville pezadumes, que a vossa bondade nos há tido occultos?» — «Não (me respondeu) que antes me louvarei da atenção, que sempre comigo usou. Que menos que como Esposo o contemplei, que como Pai: e ele me era um, e outro.»

«E não tendes Pai, nem Mãe?» (perguntou a Abadessa). C'um suspiro que arrancou, lhe tornou Madama d'Embleville: — «Tive; e talvez vivem: mísera, que nunca os conheci! Somente sei que são de estremada fidalguia. Mas, por mais que M.^r Pichard e meu marido pesquisaram, nunca deram com quem foram meus Pais. Vedes, que a não ser a generosidade de M.^r d'Embleville (de boa nobreza) que estorvo se me opunha a casamento.»

«Extraordinárias cousas me contaes (disse a Abadessa) e curiosidade me pula de saber vossos sucessos: confiar-mos podeis; que eu os segredos fecho à chave.» Retirar-se queria Sor S.^{ta} Águeda; q u a n d o lhe segurou minha Tia, que ela não era ali de mais, e principiou assim:

Nunca eu sube [x] a quem o nascimento devo: uma Viúva me criou: desvelos da mais terna Mãe usou comigo até às extremas de sua morte; e então me deu a saber quão triste era a minha sorte, e a de meu Irmão, mais desgraçada ainda do que a minha. Havidos por filhos seus, nem nele nem em mim as ambições lavravam: mas depois da fatal confidência, que a precipitada morte lhe atalhou de acabar, nenhum repouso nos ficou acerca do tronco donde vínhamos. Vós porém pedis que os acontecimentos particularize, e dívida é que eu vos satisfaça.

Madama Bracmont, a viúva, que me servia de Mãe, e que (devo confessá-lo assim) como a filhos seus nos tratou sempre, de mui boa de coração que era! e que nada esquivou por que bem educados fôssemos, vivia numas pequenas casas suas no arrabalde de S. Marcelo; casas, que eu creio serem tudo quanto ela de seu tinha. Nesse retiro, descartada de visitas, todo o seu tempo dava aos cuidados da nossa educação.

Veio, certo dia, um militar, que após longa conversação em particular com ela, levou consigo a meu Irmão. Pus-me a chorar; mas com diches, e com a esperança que amanhã o veria, me consolaram. Tinha eu então cinco anos, e meu Irmão já nove. Como nós muito nos amávamos foi esse o caso de nos enganarem acerca do tempo dessa ausência.

Sobrevieram negócios, que obrigaram Madama de Bracmont a meter-me num Convento, e ela escolheu o de *** que lhe ficava no bairro. Lá tomei conhecimento com Madama Pichard, que então era M.^{la}

de F. *** a quem sua loureira Mãe retinha no Convento, contra a ânsia que esta de sair dele tinha. Quando uma Dama inda quer bem parecer, não tem por diche de bom adorno, filha de casadouros anos: e M.^{la} de F. *** era de grande desconto para atractivos já serôdios. Mormente sendo, como ela é, linda, brilhante, amável, viva, de mui dado génio concordai comigo que se dava título de a ter no Convento, sua Mãe.

Íntima amiga de M.^{la} de F. *** era a freira que da minha educação se encarregara; e também próxima parenta de Madama de Bracmont. Não sei eu se ela algum rastreio tinha de quem eu era; visto que nunca, sem dar os ombros olhos me punha: talvez que alguma semi-confidência colheu; que é fardo tão pesado qualquer segredo, que se cuida aliviá-lo em brande parte, quando se depõe em ânimo alheio, porção dele. Como quer que fosse; nas minhas singelezas, e minha tal qual pessoinha encontrou M.^{la} de F. *** motivos de passatempo; foi-me criando amor e desde logo, dando-me provas de boa amiga. Chegado o prazo de se desposar com M.^r Pichard lhe abriram os cabedais imensos, em que entrou, franquíssimas portas a sua generosidade. Foi casamento pomposíssimo; e até o mesmo Convento quinhão teve em seus favores; e cumulada eu fui de mil presentes que ornam, que dão a Meninas tanto agrado.

Findo o negócio a que fora Madama de Bracmont, veio logo buscar-me; e ouviu da sua Parenta, que muito me amava Madama Pichard; e que era útil cultivar essa amizade. Aproveitando-se da notícia, me levou Madama de Bracmont, no dia seguinte, lá. Mil carícias a mim; mil polidezes a Madama fez essa minha amiga, pedindo-lhe, que amiudasse quanto mais pudesse visitas de dia inteiro.

Assim volveram anos bastantes, eu quasi sempre em casa de Madama Pichard, onde os dias me deslizavam entre prazeres, pelos divertimentos que ela me excogitava; e indo assaz de vezes com ela à sua Quinta. Bem julgais, que me não ficava tempo de enojo.

Recebeu Madama Bracmont um maço de Cartas, que muito a consumiu. Bem poucos anos tinha eu quando me separaram de meu Irmão; nem por isso me deslembrarei dele: antes nunca cessei de pedir notícias dele; e ora me persuadi, que de algum desastre a ele sucedido vinha o pesadume de Madama de Bracmont.

«Por que razão, querida Mãe, me encobris vós o motivo de vossa moosa mágoa? Vem, de ele estar doente, ou talvez morto?» — «Não,

minha Filha: saúde logra; nem de lá vem a minha mágoa.» Algumas lágrimas lhe rebentaram involuntárias, que fizeram correr as minhas. — «Se vos causa meu Irmão a pena em que vos vejo, porque me não confiais os motivos dela? Em que desconfiais de mim, que me não caiba ter parte nela?» — «Querida Emília (me tornou) pesares há, que se não devem confiar de alguém; e és tão menina, que um des-segredo teu me empeceria sobejamente. Dir-te-ei (não mais) que a amargura em que me vês, nasce de saber a doença duma pessoa que muito me interessa, e com quem tenho de arranjar relevantes objectos, que me arruinariam se antes de os arranjar, ela viesse a morrer. Jornada tenho de empreender, a me ver com ela; e já na estrada eu fora, a não ser de força o vires tu comigo; que a ti, compete, mais que a mim, ser lá presente.»

«E quem tolhe (respondi eu) partirmos já?» «Por certo (disse Madama Bracmont) que nada é difícil a quem tem cabedais, que a mim faltam. E assim, tenho de esperar por uma pessoa que me há-de hoje trazer dinheiro.» Deu meio dia; veio a pessoa, tomámos duas praças na Diligência, fomo-nos despedir de Madama Pichard, que fez quanto ponde, porque eu ficasse com ela toda a jornada de Madama d e Bracmont: como porém não conseguisse dela que se desacompanhasse de mim, encareceu-me muito que lhe escrevesse, e lhe desse exacta relação dos sítios que decorrêsemos.» — «Fazes, cara Emília (me d i s s e) a mais donosa jornada: e oh quão gostosa te eu acompanhara, nela!»

Partimos no outro dia, via de Génova. Vinham na carruagem dous porfiosos de Sistemas, um Militar, um Franciscano, que ia a Roma, e uma Preciosa, no gosto das que tanto ao parecido nos debuxou Molière, e que se aparceirou com os dous Sistemáticos, Os únicos que dignos deu da sua conversação. Eis que entre ambos se levanta rijo debate; que forcejava cada um sustentar a sua opinião; nem ponde com as suas guapas falas concordá-los a preciosa Senhora. Quasi que se travavam das melenas, a não acordarem extramunhados, (que dormiam) o Frade velho, cantando *Oremus*, e o Velho Militar, gritando: — «Não dou quartel.» — É mui de crer que o Frade oficiava matinas no seu sonho, e o Militar montava à brecha. Rebentávamos com riso; e o Reverendo, que os olhos esfregava lhes dizia: — «Cuidei,

Senhores, que estava no Coro, e que ouvia repicar quantos sinos tinha o campanário.»

Continuámos a jornada assaz alegres. O Militar, amável pessoa e muito erudita, junto com o Religioso que era Homem de juízo, fomos travando conversação, em que o Militar a miúdo entremeiava seus ditos de galã, nunca desagradáveis ao jovem sexo feminil.

Chegada a Génova, deparou Madama de Bracmont c'uma carta que notava atalharem negócios indispensáveis sair de Roma a pessoa; e esta lhe requeria, que incessante a viesse encontrar a Roma. Desesperou-se com a Carta: mas enfim, dados em Génova alguns dias de repouso, eis-nos em Roma, pelos fins de Setembro, e apeando numa Casa que na Carta indicada vinha, nos recebeu nela um homem mui bem apessoado, que contudo não era o que se levava em crença lá encontrar. Fechou se com Madama e largamente disputaram.

De curiosa aplico o ouvido à fechadura: afio a atenção; baldei o intento, nada colhi: sinto rumor, arredo-me da porta; eis que ela se abre: ouço um Cavalheiro, que à despedida, diz a Madama: — «Não sei que lhe faça: convenho que é desventura; mas tais ordens recebi, tais vo-las remeto. Em vós está conformar-vos com elas, visto que remédio não há. Reportam-se à vossa prudência, e ao zelo, que sempre nesta ocorrência haveis manifestado.» Atentou muito em mim, e despediu-se.

Fácil é de conceber que o que eu lhe escutei, foi negromância para o meu entender. Pareceu-me entristecida Madama de Bracmont. Então lhe perguntei, se mais embaraçado que antes encontrara o negócio a que viera. — «Perdidas esperanças! (exclamou suspirando). Não és feliz, querida Emília.» — «Como não sei (lhe respondi) qual a minha desventura seja, não posso nela tomar parte; tomo-a somente em que vos vejo aflita. Baldámos a jornada?» — «Não de todo» (me tornou). E affectando ares de contente: — «Esta jóia que mais de 50.000 francos vale, nos ressarcirá as despesas da jornada.»

Não quisemos sair dessa Roma santa, sem ver o que nela há de mais digno de se ver. A nossa patroa, que era uma Viúva, nos acompanhava em todos os passeios que dávamos, e nos apontava o que era curioso, e para se ver. Um dia que nos levou onde chamam — *As Vinhas* — e onde há jardins os mais donosos, ornados de estátuas de obra prima, ao atalharmos por tal sítio despovoado, nos assaltaram três mascarados, um dos quais já se armava a arrebatarmos; mas

Madama de Bracmont lançando-se a mim, em altos gritos... Eis passa um estrangeiro, que indignado de tal feito, se arremessa, como uma Águia a eles, vara com o espadim o corpo do que me tinha em braços; e eis que os dous outros vão de fugida. Mas, apesar do valor, e do pronto acudir desse mancebo não se sentiu menos Madama de Bracmont duma punhalada no peito.

Ambas, ela do golpe, e eu do susto, caímos desmaiadas. Chorava a nossa Viúva; e o generoso estrangeiro, acudindo ansioso a Madama de Bracmont, dá um grito: — «Oh meu Deus! que é minha Mãe, que está ferida! e a que ela com ardor tanto defendia, é minha Irmã.» — «É a filha de Madama (disse a Viúva). Mas arredemo-nos: que arriscais muito, se vos vêem à ilharga dum Homem morto.»

Tornei a mim do desmaio, atou-se a ferida; levou meu Irmão o seu Criado a Madama de Bracmont a casa dum Cirurgião, que deu por perigosa a ferida; pelo que forçoso nos foi, aposentarmo-nos num quarto de suas casas, onde Madama de Bracmont, que em delíquio esteve todo o resto daquele dia, tal revolução lhe fez a alegria, com que quando tornou a si, vira a meu Irmão, que a ferida se lhe abriu, e muito sangue se lhe foi por ela; e o Cirurgião, que não sabia a que attribuir esse novo acidente com acertada prudência lhe acudiu. Quanto a mim, o susto de a ver em estado de tal perigo me aguava o contentamento de ver meu Irmão. Quatro meses assim volvidos entre esperanças e temores, e em que fiz voto de ir de romagem a N. Senhora do Loreto, apenas Madama de Bracmont convalesceu, e que soube de meu Irmão por que acaso depararia ali com ele em Roma, lhe dei a saber o voto q u e fiz na sua moléstia, nos pusemos a caminho.

Entrava a florescer a Primavera. Apenas enfiámos a estrada era cousa de maravilhar a prodigiosa quantidade de Romeiros, que íamos encontrando, uns montados em jumentos que ali servem de Corcéis, e que apenas montados são (tanto ensino tem!) correm à desfilada até onde levam a derrota, e lá, por mais que lhes façam, não dariam um passo avante.

Assim montados os Romeiros, envoltos num sacco de cor cinzenta que lhes desce a meia perna e mangas que lhes vêm até à munheca, cobrem a frente c'um grande capuz, que lhes beija o estômago; de maneira que se lhes não vêem os rostos, e somente por duas aberturas se lhes vêem os olhos, e pela terceira respiram.

Susto me deram no princípio: que os tomei por Demónios, que vinham transviar os viandantes; e lhes amiudava o sinal da Cruz; mas assegurei-me depois nos rechonchudos rosários que da cinta lhes pendiam, e nas vestes de ouro tecido que lhes bruxuleei por baixo dos sacos, e que mos denunciaram por gente qualificada; e ora se devolveia pela estrada uma como veia de carruagens em que as Romeiros iam.

Dou por sabido, que na Itália, passam por escravas as mulheres: como porém passa por pecado mortal não prefazer o voto dessa romaria; é vedado aos maridos empecer, que o cumpram as Esposas. Ali é o dar-se folga, e desluzir a vigilância de seus Argos. Fácil era de adivinhar, pelos ademães dos Romeiros, e pelos jeitinhos das Romeiras que motivos lhes fizeram empreender a Romaria.

Eis-nos em Loreto, que é situado numa planície mui fértil, e aprazível, entre duas e três léguas arredada do Mediterrâneo. De primeiro não havia ali mais, que uma simples Capela; mais depois se lhe foram achegando algumas moradas; e os Papas em cujo senhorio jaz, a cingiram de fortes muros e bastiões, de modo que é hoje considerável fortaleza, que, deste lado, defende os Estados Eclesiásticos de desembarques de Turcos, e outros Corsários mais.

Chamam-na a Santa Casa do Loreto porque pertendem, que ela seja a mesma casa, em que, com S. José e a Virgem Maria morou J. C. em Nazaré; e que de lá a transportaram os Anjos ao sítio, em que ora a vemos. Tal no-lo contou um venerável Religioso.

Neste passo se atalhou minha Tia, e disse à Abadessa: — «Talvez que vos comece a enfadar tão prolixa narração.» — «Pelo contrário (lhe tornou a Abadessa) são particularidades, que eu ignorava; e muito folgo que tudo me conteis.»

Disse-nos pois o Religioso, que, senhoreada pelos Sarracenos a Palestina, e os Lugares santos, receiando desacatos na pousada, em que ela viveu com J. C., mandou a Virgem santa aos Anjos, que esse preciosíssimo tesouro transportassem a terras de Cristãos. Obedeceram os Anjos, e de noite a Casa, com os alicerces, e quanto ela em si continha, a transpuseram em Dalmácia, e noutra noite em Recanati, num campo que pertencia a dous Irmãos; mas altercando estes sobre a repartição das of'rendas, novas ordens deu aos Anjos, e ei-la a santa Casa no

Campo Loreto, prédio duma viúva muito devota sua; e a quem com esse dom galardoou a Virgem Maria.

Como ficou maravilhada quando na madrugada avistou o edifício que não deixara a noite ali! E como ficaram os altercados Irmãos, quando a não viram! A boa da viúva escreveu logo o caso ao Papa, que súbito mandou indulgências para quantos visitassem a santa Casa.

Ela é toda de ladrilho, mais comprida que larga; tem uma janela e uma porta de cada lado, em baixo outra janela mais rasgada, por onde dizem que entrara S. Gabriel; de frente um altar no sítio em que N. Senhora orava quando o Anjo entrou; ali as mais ricas ofrendas; sobre ele a Virgem, que terá cinco pés de altura: não sei de que matéria ela é, que o impede a imensidade de riquezas, que a cobre.

Ninguém lá entra, que três vezes não haja rodeado a Casa de joelhos; metemo-nos em rancho, e fizemos como os outros, e depois fomos ter c'ó Religioso, que nos explicou as curiosidades que ali havia. Entre as que nos mostrou, foi uma escudela de barro, que ele nos segurou ser a própria pela qual N. Senhora bebia; também alguma louça mais do mesmo barro. Visitada a S. Casa, e a grande Igreja, demos agradecimentos ao bom Religioso e partimos para Paris.

Madama de Bracmont, que depois do sucedido em Roma ficara sempre combalida, foi-lhe tão incómoda a jornada, que estive de cama quasi toda a demora em Roma e o maior da Itália. Dei parte a Madama Pichard (como fiz toda a jornada) de como tornávamos, e da moléstia de Madama de Bracmont. Escrever-lho, e chegar ela, foi de súbito.

Feitas as primeiras carícias, lhe contei o desastre de Madama de Bracmont, e que dele procedia aquela doença. Consolou-a Madama Pichard. Bem conheceis que coração é o seu, e quão nobre em obrigar. — «Jornadas custam (me disse): entre amigas deve tudo ser comum; tomai a minha bolsa; que eu faria outro tanto, se me visse em precisão.» Nem foi esta a única vez, que assim comigo usou.

Meu Irmão, que fora vender algumas jóias, entrou; apresentei-o à minha amiga, que muito folgou de o ver, e o convidou a vir frequente jantar com ela; lhe obtive depois subido posto na Marinha, e o recomendou a um parente seu, que o tomou consigo na Armada que comandava.

Empeiorava a doença de Madama de Bracmont, que amiudava desmaios, procedidos duma postema, que a ferida lhe criara no peito.

A que lhe servia de enfermeira me acordou uma manhã: — «Vossa Mãe acha-se mal, e falar-vos quer.» Como eu vestida me recostara, pronta acorri, mas, qual nunca me vira, perturbada.

Ficámos sós. — «Querida Emília (me disse) segredos te descobro, que me foi vedado, que antes desta hora eu revelasse. Mas desfaleço, fica-me um átomo de vida, e esperei para mui tarde. Tiveste-me por Mãe: e no amor fui Mãe. Treze anos há, que um Oficial, cujo Pai protegera sempre a meu marido te pôs em minhas mãos, e me encarregou de te educar. Já quatro antes me havia dado teu Irmão. Como eu não era rica, e eram mortos dous únicos filhos que dei ao mundo, a vós ambos me encomendou muito que, para sopear suspeitas de quem eram vossos Pais, vos nomeasse Filhos meus. C'uma avultada mesada gratificou os desvelos que acerca de vós tive. Foi pontualmente paga alguns anos, a mesada; mas, despedido teu Irmão para o Exército, e receiando acasos, me remeteu 20.000 libras. E que teu Pai afeiçoado desde a infância a uma Menina de mui nobre linhagem com promessa que se desposariam em competente idade, desavenças sobre pundonores, e preeminências romperam tais promessas: mas deu o amor persuadimento a teu Pai com que resolveu a Dama a se casarem secretamente, e esperar dos amigos que lhes alcançassem perdão de quem por suas desavenças dera motivos ao oculto matrimónio. Obrigaram-me a prometer, que o que soube de vós vo-lo encobrisse; que como filha minha vos criasse, como Menina porém de alta nobreza; e que vos informariam de quem éreis, quando o pudessem fazer dignamente segundo a tua qualificada plana.

Lisonjeava-me eu (dizia Madama de Bracmont com voz, que já mal se ouvia) que na jornada feita a Roma, teria o gosto de te pôr em mãos de quem te gerou; mas o que lá soube foi, que impossibilitada a reconciliação, por que não fossem infelizes, se lhes ocultasse aos filhos a nobreza de seu nascimento; mas o ponto de desencarregar a minha consciência é chegado: Eis dous retratos, o de teu Pai é este, que é Conde...» Cortou-lhe um extremo delíquio totalmente a voz, e em meus braços expirou, balbuciando um nome que eu distinguir não pude.

Então, com lamentoso grito, clamei que me acudissem; não me capacitando que ela era morta, custou mil penas o arredarem-me do seu leito. Foram logo avisar deste infortúnio a Madama Pichard, que enternecida acorreu a meu socorro. — «Tudo, nela perdi» (lhe disse),

e ela: — «Está segura (me respondeu) que nunca te hei desamparar.» — «Ai mísera de mim! (lhe tornei) Ainda não sabeis a minha parte de meus pesares, e o remate lhes pôs Madama Bracmont levando consigo à sepultura um segredo que apenas me começava a manifestar.» Vendo-me a sós com ela, e o ânimo ocupado no mistério que penetrar não pude, abro-me com Madama Pichard, e lhe dou conta de quanto me dissera e que acabava de expirar. Mui admirada do que ouvira, me disse Madama Pichard: — «Consola-te; que quanto são maiores teus desastres, tanto mais te sou afeiçoada. Além de que, com os dous retratos que te ficam, e com as circunstâncias de que te informaram, possível é que depares algum dia com quem te deu o ser; enquanto esse átomo feliz não chega, a mim tomo servir-te de Pai, e Mãe, que assim te desampararam.» Toda em lágrimas banhada, em seus braços me arremesso: — «Quanto sobe de preço em minha estima essa amizade, que me sendo em toda a ocasião tão preciosa, realça agora pela nunca ouvida assim, generosidade.»

Atacada uma grande mala de quanto era de meu uso, e do que havia mais precioso em casa, parti com Madama Pichard a consultar M.^r d'Embleville seu Letrado, que averiguado maduramente o negócio, nos aconselhou que deixássemos as cousas como estavam; menos que alguns herdeiros de Madama de Bracmont, para contestar o meu estado não viessem com os Óbitos de seus filhos; em cujo caso, por evitar demandas, me convinha renunciar a toda e qualquer pretensão, e fazer inventário completo, que atalhasse contestações. Conselho que eu segui; e como não acudiram herdeiros, me empossei sem escrúpulo de bens que vinham todos da beneficência de meu Pai.

Quando tudo aviado foi, partimos para uma das Quintas de M.^r Pichard acompanhadas de M.^r d'Embleville, que tinha uso de lá passar as férias: era ele Homem sumamente jovial, fora do seu escritório; tinha o espírito nobre, e muitíssimo saber, de modo que conversado muito interessava, e por extremo instruía. Galanteava alguma vez, e na roda em que se via, lavrava sempre contentamento e alegria.

Muitas conquistas fiz enquanto estivemos no Campo; entre elas a do sub-rendeiro Real que M.^r Pichard protegia, em razão duma Irmã que ele tinha, que diziam ser bonita. Não dava senhas de carácter de Homem; tão presumido porém de sua pessoa, que Vénus deixaria por ele a Adónis, a ter ele o condão de haver nascido nas eras do filho de

Ciniras. Galã era, que antes que falhasse, preparava a boca, apertando-lhe os dous cantos para a ir abrindo metodicamente, e não dar mostra de mais que quatro dentes; as palavras ia-as arrastando como desfalecidas. Tive eu pois o brasão de que empregasse em mim os olhos esse M.^r Philidor (tal era o nome seu).

Distraído, e como assoberbado pelo pendor de seu merecimento, me fez esse Cavalheiro parte de algumas falas namoradas, e cada período ajoujado dum cumprimento, que ele, não a mim, mas a si mesmo se fazia. Bem considerais que me não divertia de sobejo um galã desse calibre: deixava-o perfumar-se no seu incenso, alardeando-lhe muito o enojo meu, que ele tomava (vendo o meu sério) por abonos de sensibilidade que muito competia proceder dum tão avultado mérito como o dele.

Disperso pelo Parque, um dia, o rancho, eis-me, numa latada de madressilva, e mais M. d'Embleville. — «Atrever-me-ei (me disse) a lisonjear-me que a minha conversação, vos desforre da do lindo Philidor?» — «Grandíssima afouteza!» (lhe respondi sorrindo). — «Contudo sei (continuou ele a dizer) que mais longe que as suas se abalançam as minhas pertensões: e vo-las decifro já. Conquistas várias tendes aqui feito; e a minha é uma, à qual bem pouco púnheis a mira: ela é contudo a que mais assinala o poder de vossos atractivos, sobre corações que haviam dado mate às flechas do Deus de Gnido. Declarações de amor são para mim linguagem alheia: o que me faz, sem hipérbole, dizer-vos que vos amo.»

«Foi meu principal desvelo, depois que aqui viemos, estudar-vos a índole; das qualidades dela procedeu que concordando com o meu coração o meu juízo, vos venho hoje oferecer quanto possuo; e da minha idade não concebeis desvios; envidarei tudo porque vos não arrependais de me haver feito venturoso. Não que eu me adule, que inspirar-vos possa amor; com a vossa amizade, com a vossa estima me contento; e esperança tenho, que uma e outra mas há-de outorgar vossa razão. A disposições tais dum peito honrado respondi Mademoisela com franqueza: removei quanto é reflexão, quanto é receio. Tudo hei ponderado, e tudo hei já composto; e Madama Pichard o sabe já. Um sim, um não, de vós requeira.» — «Um sim, um não? (respondi) Generoso é vosso proceder. E pois que Madama Pichard é já ciente do affecto vosso, ela o será do meu que vos não tem

de ser contrário.» Beijou-me a mão, e metemo-nos no mais rancho, que embocou pela nossa latada.

Dei parte nessa mesma noite a Madama Pichard da declaração que me fez M.^r d'Embleville. — «Sei que te ama (me tornou Madama) e que é pessoa muito honrada, e que envidará todo o desvelo por te fazer ditosa; mas és tão nova; e ele disproporciona tanto de ti na idade, que há hi receio, que te enojas, e te arrependas de lhe haver sacrificado o mais viçoso de teus anos: além de saberes que M.^r Philidor altamente empenha meu marido a que o desposes. É um moço que será muito rico, e que melhor quadra contigo pelos anos.» — «Philidor? (lhe respondi) Eu abomino-o: e um cento deles eu daria por um d'Embleville.» — «Não me descontenta que prefiras M.^r d'Embleville a Philidor, que peca em presumido de si.» — «A todas as luzes (acudi eu) merece

M.^r d'Embleville a preferência, tanto mais que sabe qual seja o meu estado, e que nesse ponto me não dará a menor mortificação. E ora, como vós sejais quem o há-de instruir do meu consentimento, o sejais também da minha gratidão.» Madama Pichard me abraçou mui gostosa do que eu tinha resolvido.

Tornámos a Paris, passados alguns dias, e não passaram quinze, que eu me não visse desposada; e vos seguro que não tive de que me arrepender. Procurou, mas debalde, indagar meu Esposo notícias de meus Pais: que tinha Madama de Bracmont fechado todas as portas ao segredo que levou consigo à cova. Verdade é que o não haver descoberto quem meus Pais fossem tanto me dissaboreou a vida, que em nenhuma acção dela achei satisfação.

Reparei, que em vários lanços desta narração a Abadessa mudou de cor. Era bem natural que a amizade que nos tinha, lhe excitasse a sensibilidade. — «Não esperava eu (e arrancou profundo suspiro) ouvir cousas tão estranhas. Sem dúvida que conservais, Madama, os dous retratos: com gosto os vira eu.» — «E eu vo-los mostrara (disse minha Tia) a não estarem num secretário em casa de Madama Pichard; mas como temos de passar um dia inteiro com ela antes de partir, trar-vo-los- ei. Talvez que ambos os conheçais.»

Pusemo-nos à mesa, e pouco foi o que comemos; e em vão lidou a Sor S.^{ta} Águeda em nos alegrar com mil donaires; que nos tinha as almas entristecido a narração de Madama d'Embleville; e embebida a Abadessa em profundos pensamentos, se queixou, ao levantar da mesa,

de grande dor de cabeça; foram-na deitar, e nós retirámo-nos ao nosso Quarto.

«Inquieta-me a nossa Abadessa; temo-lhe doença; que há dous dias que a sinto muito demudada.» — «É certo (disse minha Tia) mas de ter bom coração lhe procede essa mudança. Muito inclinada nos é; cumpre a nós, ir a tento com a sua sensibilidade, e lhe encobrirmos o que excitar-lha pode.»

Inda no dia seguinte achámos a Abadessa mui quebrantada; e nos disse que mui agitada passara a noite; que porém sentia mais desafogada de dores a cabeça. Eis que a Rodeira lhe traz um bilhete de Madama Pichard, que nos tivéssemos cedo prestes, que nos viriam buscar para passarmos com ela o dia. Quis-lhe minha Tia escrever escusas, mas a Abadessa lho atalhou. «Bem sabeis que mos prometestes, e estou ansiosa de os ver.» Falava dos dous retratos. — «Recomendo-vos que vos divirtais bem, e que não venhais tarde. Aproveitar-me-ei dessa vossa ausência para pôr em regra várias ocorrências da Abadia.»

Ao meio dia nos veio buscar Madama Pichard; e depois de mil carícias: — «Vim eu mesma buscar-vos; porque infindas cousas vos anuncie acerca do casamento de Adelaida. Ainda que sejais vós a amiga que eu mais estimo, conselhos não vo-los peço; capaz me sinto de governar-me, e não quero que me contrariem.» — «Provas (disse Madama d'Embleville) antevejo nos quereis de novo dar da vossa generosidade.»

«Fora as reflexões. Que nenhuns direitos em meus filhos tendes. Serviço é que eu e meu filho vos rogamos, e que da bondade de vosso coração, confiamos alcançá-lo. Pelo que, sem que me interrompais, ouvi-me. Na mesma noite em que me viestes ver, quis sondar meu Esposo, que, bem o sabeis, é um tanto interesseiro. Antevendo, que se ele se decidiu por Adelaida foi porque lhe deram a entender que ela tinha arrazoada legítima... Oh que não me enganei! Vista a grande afeição que a Adelaida tomou contentou-se c'um dote de 50.000 m o e d a s de ouro. Como seriam baldadas quantas representações lhe fizessem, e que importa concluir o negócio, diga Adelaida que em casa do Banqueiro tem cento e vinte outo contos de réis (que eu lá porei de meu cabedal) afora jóias, e padrões de juros.»

«E me quereis de meias (acudiu Madama d'Embleville) nessa fraude, que fazeis a M.^r Pichard?» — «Não há hi fraude (lhe tornou Madama Pichard). Verneuil é filho único; e por gran ventura conta adquirir por tão módica quantia a mui formosa Adelaida. Tanto mais que outro meio não há de vir a cabo. Assim, Senhora minha, em vós está fazer-nos esse favor.» — «E eu (disse minha Tia) é que sou a rogada, e a mim é que se dão por obrigadas! Oh que fazeis vós, Madama cousas tão extraordinárias, que me dão de contínuo a admirar tal generosidade de alma, e tal primor na maneira com que obrigais. Vós e unicamente vós sabeis anuviar o brilho dessa índole tão perfeita. Onde é que se encontra com pessoas que se esforcem a sepultar as suas generosidades? e empenhar-se em desvelos tais, e pôr o timbre à grandeza da alma. O que porém mais vos deve contentar, é que em vosso Filho se perpetua (fruto da educação e do exemplo que em vós viu) esse tão raro carácter vosso.» Aqui a atalhou Madama Pichard: — «Oh quanto me afligis! A meu Filho é que muito cabe agradecer-nos o mimo que das nossas mãos recebe. E quão ditoso que ele é, quando adquire um bem, pelo qual tanto suspirava!...» — «Eu, que como Madama d'Embleville, queria agradecer-lhe...» — «Cala-te, oh filha minha (me atalhou) nada te quero ouvir.» — «Tendes, minha Mãe razão (lhe respondi) de me impor silêncio; que as expressões me faltam, com que signifique o estado do meu coração.» Interrompeu-me Verneuil, trazendo a ponto a jornada, que ali se resolveu, que ele nos viria buscar para jantarmos juntos na Segunda-feira seguinte, e para convirmos no dia, e hora da partida.

Entrando no nosso Quarto, vimos um grande cofre, e dentro várias peças de seda, riquíssimas rendas, jóias de mui subido preço. Eu, naturalmente desatentada, ali se me desmanchou o juízo, co'á perspectiva da minha felicidade. Mas logo, para sopesar tontices minhas, Madama d'Embleville me entrou a delinear as circunstâncias da fortuna, que no instante que mais parece favonear-nos, está maligna desconcertando todas as nossas esperanças. — «Quem bom uso, oh Adelaida faz da sua razão, prepara-se, na Dita, a resistir aos mais desfavoráveis sucessos; considera os dons da fortuna, como uma saúde aparente, e nunca a prosperidade consegue embelezá-la. Nem hajas por mais suspeito, na vida, tempo algum, que o tempo da completa ventura. Então é que bem cabe cuidar em quantos meios

valham a aparar os desastres que nos caiam. Recorda quanto hás lido; quantos do pino da roda derrubou a Desventura. Sumamente ditosos, sumamente desgraçados: e que não há mais bem fundadas esperanças, que as que pomos no Céu, e nas Virtudes.»

E quão sobeja razão não tive eu depois, com que me applicasse as reflexões de minha Tia! E ora ela continuaria o seu tratado de Moral, a não entrar a Abadessa, a quem demos conta das generosidades de Madama Pichard e juntas examinámos jóias, e quanto co'as jóias veio. Tive ainda de aparar a moral da Abadessa, que, parece que ajustou com Madama d'Embleville encampar-me uma enfiada de reflexões, para cujas, então, não tinha eu tino. Não as ponho aqui, por que seriam talvez de pegadiço enojo; e poderiam, como a mim, causar vapores. Condoeu-se de mim Madama d'Embleville, e mandou-me dar um passeio pelo jardim.

Desde a idade de 12 anos me foi vedada a companhia das da minha idade; tiveram de uso entreter-me de assuntos sérios: criação que eu não culpo, criação que nos molda o ânimo, e que com cedo, nos ensina a reflectir. Mas espertezas de mocidade devem ter voga. Eu que naturalmente viva, e alegre sou, mas a quem tinham cortado o curso da alegria, revoltos acontecimentos, foi como uma torrente, que ao primeiro albor de esperança, disparou mais engrossada e forte em acessos de alegria, que orçavam pela loucura. Não diríeis vós que distribui a natureza a cada um, certa dosis de alegria, que no decurso da vida se há-de gastar? Como eu, na minha mocidade não lhe dei uso inteira me ficou para o fio de meus anos; e apesar das desgraças que me sobrevieram, desfruto com delícia a felicidade que logro. Num desses acessos me viram, e cuidando essas Damas que mo rebatiam, mo reforçaram. Quem me negará não ter eu razão de estar contente?

Corri ao jardim, discantando uma arieta, que Verneuil me ensinara, e lá dei com muitas educandas, que passeiavam. Lá veio logo a mim Mademoisela de Brissol, com quem entrei num caramanchão de verdura, e a quem fiz sabedora da minha próxima ventura que infinito a contentou, e me pediu que me não deslembrasse dela, visto que de mim dependia toda a sua felicidade, se eu pusesse peito a desposá-la com M.^{ra} de Bracmont. Assim lho prometi; e que apenas ele chegasse lho trazer a miúdo comigo de visita. Assim nos divertimos

além duma hora: eis soa a do retiro, e eu me despedi, e subi aonde a Abadessa ficou com minha Tia.

Veio, no dia aprazado, Verneuil buscar-nos: e M.^r Pichard que espreitava a chegada, empenhou matreiro a Madama d'Embleville que entrasse no seu gabinete conceituando que acerca das cousas, que dizer-lhe havia, ninguém a houvera prevenido, e a Verneuil encarregou, que ao Quarto de sua Mãe me conduzisse. Esta, apenas me viu entrar se pôs a rir. — «Que dita a nossa a de havermos adivinhado as maranhas de teu sogro! Bem que inda temo por Madama d'Embleville, que de mui boa...» — «Bem se vê nela (exclamei eu) que bebe dictames vossos; e consenti que me aproveite deste átomo para testificar parte do que sinto acerca dos vossos mui recentes favores.» — «Dou-te por quite; e vou-me ter com Madama d'Embleville, bem segura que não vos tendes de enojar.» Adivinhei o que nos dissemos em duas largas horas. Não as achámos nós ambas muito estiradas.

Entraram as Damas com M. Pichard, que me disse: — «Venha abraçar seu Sogro, senhora Nora.» — «Nenhuma vontade de chorar me tenta (lhe respondi). Querem-se divertir comigo? a bem o levo.» — «Vai de veras (acudiu ele) e essas Damas o digam.» — «Elas, disse eu, mancomunadas convosco a de mim zombarem?»

Jantámos: e passou-se a tarde em falar no meu casamento, em que eu nunca, diante de M.^r Pichard, demostrei crer, porque não descaísse no sério a conversação, de que eu, diante de meu futuro Sogro, me não tiraria muito airosa; no receio de muito me declarar. Falou-se muito nos ajustes, e em os assinar na seguinte Segunda-feira. Nesses restantes dias até à partida, cuidou-se nas roupas do noivado, e concernentes atavios, como também em preparar a Abadessa para a nossa separação.

Chegou por fim, esse tão desejado dia: tenho de confessar que em despeito da amizade que eu à Abadessa tinha, foi-me violento encobrir--lhe a alegria, que me lavrava na alma. Vieram-nos buscar às sete horas da manhã. Tinham partido as malas na véspera. Esperavamos em casa de M.^r Pichard, o Tabelião; seguiu-se a assinatura, e a esta um almoço ajantarado. Eis-nos correndo pela posta, e chegados a Dér, mui formoso prédio: soberbos Paços bem que antigos; Parque, em três estrelas repartido. Dera-vos eu donosa relação; mas quem não sabe que no magnífico, sobreleva aos Palácios dos Príncipes quanto

Rendeiros Reais possuem? Tudo no prédio era labor de Arte; mas de que Arte? e de quanto primor e ingenho?

Hoje chegados, tivemos no dia seguinte a visita do Conde de ***. Vivia esse fidalgo, há longo tempo numa Quinta sua, três quartos de légua arredada do prédio de M.^r Pichard. Podia ter cincoenta anos, gentil de rosto, gesto marcial que promete de si toda a ventagem; fora embaixador em Corte estrangeira onde concluiu delicadíssimos negócios, com tal prudência e tino, como de quem versasse dilatados anos políticas e interesses de Príncipes: tem grande cabedal de espírito; e tanta graça esparge pelo que diz, que com prazer é escutado; parece que as suas expressões dessemelham das dos outros; e as cousas mais simples, quando elles as conta, relevo tomam. Ver eu o Conde, e abalarem-se-me os sentidos, perturbar-se-me a alma... ansiada e trémula, não se me soube o coração, defender: afigurou-se-me, à primeira, que há muito o conhecia, e em todo o tempo meu amigo fora. Torno a mim, sai a minha vivacidade a campo, digo-lhe quanto de ouvi-lo folgo; e tudo com tal familiaridade e despejo, qual eu nunca tive com ninguém. Mais raro caso! igual à minha, cena tal lhe correu na alma: de que bem tino dei no muito que me tirava a terreiro, e a que me eu dava de todo o querer. Pediu-nos o Conde, quando se despediu, que o dia seguinte o fôssemos passar a sua pousada. Quis Madama Pichard tomar por desculpa o estarmos ainda fatigadas da jornada: eu que desconsiderada sou de minha colheita, desfechei, que era pretexto para não ir. — «Oh! que nos não privareis, minha rica Mãe, de irmos ver o Senhor Conde; que não é a jornada tão comprida que possa incomodar-vos.» Em tanto volviam, como de inteligência com os de minha Tia, os olhos do Conde, como que se escrutavam a alma, e que esta laborava em certa agitação, e num certo encanto, que uma para outra as atraía. Tanto me não deu ciúme o que descobri que antes sumo prazer me deu ver que se lhe afeiçoava o Conde: com tanto porém que essa afeição nada diminuísse da amizade, que eu me empenhava de lhe inspirar. Passado esse momento de extasi, perguntou o Conde a Madama d'Embleville, se era ela de meu parecer. — «Não dissimulo (respondeu) que o gosto que temos de vos ouvir, não deseje renová-lo, o mais que se possa.» — «Porque me eu confirme (disse o Conde) que há, no que dizeis, mais certeza que lisonja, vê-lo-ei, se amanhã vindes. Estai segura que com a maior impaciência o espero.» — «E, Madama Pichard, agora não há

f u r t a r - v o s
 a acompanhá-las.» — «Folgarei muito (respondeu) de ir com elas.»

Partido o Conde ideiou minha Tia, que déssemos um passeio pela varanda; a que eu logo corri, na intenção de fazer alguma perrice a Verneuil; mas logo vi, que não estava ele de ânimo para tal; nem em todo o passado me soltou uma só palavra. De que eu insofrida, e de que não era esse o seu costume: — «Donde, meu rico Senhor, vos vem o pensativo, e o cabisbaixo? É-vos contrário este ar do Campo?» — «Muito.» (respondeu). — «Tanto peor (lhe tornei), que o acho eu a d m i r á v e l . » — «Assim o cuida (me disse) Mademoisela.» — «Mademoisela! (lhe respondi estranhada) isso toca já no sério. Explique-se; que o não compreendo bem.» — «Assim o creio (me tornou) que entranhada na conquista de ainda há pouco nem sequer reparo fez nos meus pesares». — «Pesares? E de quê?» (lhe perguntei). — «De nada.» (me respondeu). — «Vê-la-ei mui sossegado dar ao Conde namorados avanços... E tão ousada fôreis, oh cruel Adelaida, que me negásseis, que esse vosso coração se antecipou no affecto ao coração do Conde? E que para ele não descravar de vós a vista, lhe fazíeis mil negaças? Acresce ainda a ânsia de ir amanhã jantar com ele. Não, Mademoisela; que mais que muito alcanço, que nenhuma fidelidade há que esperar desse coração tanto gabado de constante: e que é logo aceito o primeiro rendimento, que se vos faz.» — «Protesto (acudi logo) que para tal descarte, não me achava prevenida. Dou-vos pelo mais ingrato, e pelo mais injusto de quantos Homens há. Pertender, porque eu vos amo, que para o mais se me feche o coração, e que a terna amizade banida eu mande! Tais máximas não adopto: cabe a cada um fazer uso da sua razão; e admirar o mérito onde ele jaz: como acertei com muito mérito no Conde, polida com ele fui.» — «Então (me perguntou Verneuil), que intento levava eu, em me acarear com tanta ânsia o conhecimento do Conde.» — «Não repreendo (lhe respondi) em vós tão curioso desejo; e mui de vontade, e do mais puro de minha alma vos direi, que o meu primeiro intento foi dar-vos toda a ternura do meu coração, e o segundo amar o Conde com a mais sincera amizade; dar-lhe toda a minha confiança, amando-o em quanto vos eu amar, que vale dizer, enquanto eu viva.» Colhi, que de cólera estremecia; e como nada me respondesse: — «Verneuil (lhe disse) d e s p i

vosso semblante dessa feroz tristura, e me escutai. Por certeza tenho, que vos revoltará o ânimo o que ora vos direi; mas que às abertas vos porá o que tenho na alma, toda a dissimulação posposta. O ciúme, tanto vo-lo não estranho, que antes creio, que lhe algum motivo dei; e a saber eu dar outra cor a meus pensamentos, mais circunspecta me comportara. Confesso, que não tomei a rédea aos ímpetos da alma, quando o Conde apareceu: senti, ao vê-lo, tal estremecimento, e tal encanto, que tolhe o exprimi-lo: feriu-me na alma o som da sua voz, e me verteu alegria pelo interior do peito. Asseguro-vos porém que amor não é: amor? só vós mo soubestes inspirar. Defini agora, se o podeis, qual é o estado actual do meu coração; que eu decifrá-lo não sei; sei que vos amo, além do que atéqui se amou. Mal fiz talvez, em vos pôr tão descoberto, quanto no meu peito passa.»

Depois que algum tempo meditou, me disse Verneuil: — «Estranha lisura, que a alma me rasga, e ma aniquila! Que estranha vós mesma sois quando assim me amais, e assim me desesperais com tal crueza! Que teor toma em vós essa amizade do Conde? E essa ânsia de vê-lo? Faltam ao vosso amante quilates para amigo vosso? Se é bem seguro que me amais, oh não torneis a ver, Adelaida querida, o Conde. Fazei-me esse sacrifício. Oh descartai-o do pensamento!» Aqui é que eu exclamei: — «Será pois, oh Céus, possível, que me atalheis ver quem tanto confere à minha perfeita Dita? E que me imagineis capaz de vos enganar? Oh desditosa de mim!» E comecei a verter lágrimas. Ei-lo que enternecido me pergunta: — «Tu choras, Adelaida? E sou eu quem dou motivo... Injusto sou: perdão te peço. Excesso foi de amor; foi susto de perder-te. Escolheste o Conde para amigo: meu o seja ele também; e vou lidar em merecê-lo.»

Basta, a quem deveras ama, uma palavra, para se dar por satisfeita. Abracei Verneuil, agradecida ao seu comprazimento, e fomos logo ao salão, em que já entrado tinham as Damas. Madama d'Embleville, que tão afervorada me vira acerca do Conde, aventou logo as lágrimas, e a razão delas; porquanto concebia o melindroso ciúme de Verneuil: assaz motivo para a cena que entre ele e mim passara; e ignorando-nos congraçados já, lançava a sua amizade juízos a mil funestos longes: e como quisesse preveni-los, pediu a Verneuil, que lhe viesse à noite falar.

Não arredou Verneuil, em toda essa tarde, olhos de mim: tomava-me a cada instante as mãos, mas apertava afectuoso e tácito:

linguagem muda, que me dizia: — «Vergonha tenho do meu ciúme; mo perdoas tu? Ainda agastada estás comigo? Farás por te esquecer duma hora de pesares que te eu causei?» Tanto se deu enfim, a compadecer, que deslembrando-me de estarem ali as Damas, a essa eloquência, em voz alta, respondi: — «Sim, sim, meu muito amado, de tudo me esqueci; e mais se não fale em tal.» Ele se me arrojou nos braços; e essas Damas estalaram de riso, ao meu desfecho. — «Dou-vos por tontos (rompeu Madama Pichard). Que motivo me dais desses í m p e t o s destemperados? Que te fez ele, porque tanto da alma lhe perdoes?» — «Ele, que o diga.» (respondi eu). — «São, minha Mãe (disse ele) arrufozinhos, que às vezes, mesmo entre amigos acontecem, e que não são para dizer-se.» — «Pela tua resposta alcanço (disse a Mãe) que alguma das tuas lhe háis feito; mais pois que te dás por culpado, perdão mereces: bem que se eu ela fora, tinhas de penar mui largo.» — «Bons conselhos de Mãe (acudiu Verneuil) em vez de adoçar os ânimos, lhe deitais amargo. O que porém me consola, é que os não hão de seguir.» — «Não vos fieis tanto (lhe disse eu então), que não tenho eu sempre de ser tão boa.» — «Tens minha Filha razão (disse Madama Pichard) que o muito mimo dana.» — «Na verdade (lhe disse minha Tia) que não posso sofrer a injustiça, com que vos pondes sempre da parte de vossa Filha; aposto eu, que dela, e não de M.^r Verneuil, vem todo o m a l . » — «E se eu declaro...» Atalhou-me Verneuil: — «Não há hi *declaro*... Prometestes-me não dizer nada.» Anunciaram, nesse átomo, que estava a mesa posta.

Enquanto durou a ceia, no Conde caiu toda a conversação; e em louvores seus Madama Pichard se esprou muito; que o conhecia ela d'há longo tempo, assegurando-nos que o único defeito que lhe descobrira era sobeja melancolia. Então lhe disse Verneuil: — «Tendes d e ver minha querida Mãe, que a toda essa melancolia há-de dar mate a jovialidade de vossa donosa Filha.» — «Verdade é (acudi eu) que de toda a minha alma me inclinara a destruir-lha, e consegui-lo creio: que infalível segredo tenho eu no peito... e que eu não confiarei, senão a Madama d'Embleville...» — «Aposto (disse Verneuil) que o adivinho?» — «Casais o Conde com Madama d'Embleville.» — «É a primeira vez (disse eu) que em sua vida adivinhou.» — «Sem ser

grande Adivinhão (disse Verneuil) fácil é de considerar que não necessita o Conde ver largos anos a Madama d'Embleville, que o não cativa a valia de tanto mérito.» — «Não estais no caso (lhe respondeu minha Tia). Nem sou eu tão louca, que me entrem no ânimo quimeras tais.» — «Não é (disse Madama Pichard) tão extravagante o pensamento de Verneuil, nem eu lhe atino c'os impossíveis; antes muito colhi da impressão que nele fez a vossa primeira vista; atenho-me ao que eles dizem.» — «E vós (lhe respondeu Madama d'Embleville) adoptais quantas tontices vêm à ideia de M.^r e de Adelaida?» Nisto se erguem da mesa e cada um ao seu Quarto se retira.

Como eu dormia no de Madama d'Embleville, fiquei suspensa de ver nele entrar Verneuil, não sabendo, que assim lho pedira minha Tia: pôs-se ela a rir: — «Inquieta (disse ela a Verneuil) sobre arrufos que entre vós e entre Adelaida lavrassem, vos pedi esta visita. Ela é, como sabeis, desatentada, e vós melindre em tudo, assustei-me, que o fervor de ir amanhã, vos não desosseasse. Pelo muito que conheço todos os movimentos do seu coração, avistei a impressão, que o Conde nela fez: esta lhe vem de simpatias e da ânsia de agradável sociedade. A ter ela mais uso do Mundo, encobrira o abalo, que em nos faz o conhecido mérito. E se vos eu disser, que iguais aos de Adelaida, os produziu o Conde em mim?» E se eu a minha Tia disser que é declarar ao Senhor Verneuil, que vos dais por minha rival? Ah! que se soubésseis, quanto ele me arguiu?...» — «Ainda (acudiu ele) donosa Adelaida, vos lembrais vós de tal? Vós, que me havíeis prometido de vos esquecer de tudo? Verdade é, que um pouco me descomedi; mas o pesar que disso tive, e o perdão que dela alcancei, tudo hão delido.» Deparou Madama d'Embleville com o segredo de dar face jovial a esta conversação, que muito, pela profunda noite se estendeu.

Partimos cedo, na manhã seguinte; e Verneuil a cavallo se adiantou de nós, a dar anúncio que vínhamos, e saudar ao mesmo tempo o Conde. Tinha eu adrede descuidado enfeites, por não despertar ciúmes em Verneuil, que muito mo agradeceu. Também Madama d'Embleville se não adornou além de seu uso; bem reparei eu que nesse ordinário havia um pouco mais de esmero. Era um encanto vê-la: que lhe animava, e lhe revia nos olhos certa interior satisfação, que eu me não cansava de lhe ver. De maneira a que disse eu a Madama Pichard: — «Que diz de minha Tia? Não é hoje tal, que

arrebata os sentidos?» — «Sim minha Filha, (respondeu) tem um rostinho que enleva.»

No encetarmos a avenida, certo abalo em mim senti. Vieram-nas tomar em caminho Verneuil, e o Conde; e mal que os avistei me latejava o coração, a ponto de desfalecer. Deu o Conde mão às Damas, e Verneuil a mim, e achando que eu tremia me perguntou de quê. «Não me acho bem (lhe respondi) mas não sei que sinto.» Vendo, que mal eu me sustinha fez que me eu sentasse; e o Conde que voltara atrás a vista acorreu a mim apressurado: — «Oh meu Deus que é o que tendes, Mademoisela?» — «Não é nada (lhe respondi). Um desfalecimento procedido talvez de precisão de comer alguma cousa.» Ralhou Madama Pichard e muito, de que eu, sem nada tomar, partira. Eu que não quis dar lida à imaginação de Verneuil, e encobrir-lhe a revolução, que em mim agitou a presença do Conde, vali-me da primeira venida que me luziu na mente. Trouxeram-me um caldo, e consenti que me levassem ao salão, onde me reclinaram num sofá e me condenaram a não me erguer dali, que não fosse para pôr-me à mesa. Palpou-me o Conde o pulso, e às Damas disse, que o sentia alterado: e tinha razão. Olhou-me ele, com singular atenção, e disse a Verneuil: — «Para Irmãos, mui pouco vos pareceis.» E eu acudi logo: — «Irmãos não somos; mas pela bondade de Madama creio que não tardarei a ser Filha sua.» Dais-me a entender (disse o Conde) que vos desposais com M.^r de Verneuil. Com todo o meu coração, os parabéns vos dou, e peço que para a voda me convideis.» — «Muita honra nos fazeis (disse Verneuil) e a intenção tínhamos, de para ela vos convidar.

Muito agradável nos foi o dia, que ali passámos; porquanto uníssonos corriam os ânimos de todos; e disferia o Conde, quanto às Damas os mais distintos obséquios. Madama Pichard o empenhou a vir o mais possível, se desanojar na nossa sociedade. — «Não rejeito a oferta (disse o Conde) que me é ela mui vantajosa: com a condição porém, que da nossa companhia se despeça tudo o que for cerimónia;

e desde hoje, para todo o ano, rogadas sois; e o Senhor Verneuil se de caçar faz gosto, daremos alguns tiros pela tapada.» Agradeceu-lho Verneuil, dizendo--lhe que para tudo o que fosse do prazer do Conde lhe acharia sempre prontíssima a vontade.

Não se passava dia, em que não víssemos o Conde; ou ele vinha, ou íamos nós vê-lo. Ele entre mim, e Madama d'Embleville dividia toda a sua atenção: com ela sério, e enternecido; moral a conversação, e reflectida: comigo, jovialidade brinco, e repentés; desde manhã até à noite fazer-me peças; e depois meiguices mil, a que eu de boa avença correspondia, apesar de aturados ralhos de Verneuil. Por boa sorte minha o assossegou o Conde, com a declaração que a Madama d'Embleville fez, do affecto que lhe ela inspirara.

Estava ella, um dia, só no seu Quarto, o Conde entra: — «Consenti, Madama que me aproveite deste momento, para vos manifestar o que no meu coração se passa a respeito da impressão que vós nele fizestes, que nunca se há de nele apagar. Em três semanas, desde que a honra tive de vos ver, nunca um dia volveu, que em vós novos encantos não descobrisse. Vossa alma nobre, generoso coração, índole cândida e singela, prendas que tão raras se encontram numa só pessoa, me determinam a vos oferecer o meu coração com a mão de Esposo: no caso, que muito me não cegue meu amor próprio; visos alcancei, que não
seja
este
meu obséquio rejeitado. Seria eu tão feliz, que me não enganasse?»

«
T
ã
o
estranhada, Senhor, me deixam os louvores que me dais tão pouco merecidos, e o dom de vosso coração e dextra vossa que não deparo com vozes que exprimam a minha gratidão.» — «A mim, Conde (respondeu minha Tia) agradecimentos vossos! Não vos cabem. E quadram com elles com a paixão amante que me haveis inspirado? Por certo, que era de mais, e na minha idade, lisonjear-me ainda eu de granjear: có'a amizade, que tanto lhe avizinha, era contente.» — «Sois vós pessoa tal (lhe disse Madama d'Embleville) que tudo esperar de mim deveis; não que impelida a tanto eu seja pela nobreza, ou bens
que
possuís

(e vos confesso, que da primeira vez que de vos ver a honra tive, sem ter ainda a de vos conhecer, senti súbito, (qual hoje o sinto) inclinar-se-me a vós o coração; com a differença porém de ter profundado vosso merecimento. Em despeito, não obstante, de reflexão tal,

consentir não posso em dar-vos a minha mão, que pouco eu digna fora do coração vosso, se escutando unicamente o meu, aceitasse a ofrenda que me propondes. Dar-vos-á luzes a Razão, com que o perigo avisteis de a uma paixão vos cometerdes, que da primeira vista vos assaltou: além da disproporção que entre nós milita, cuja consideração merece que maduramente a examineis. Clara, quanto o é a mim, vos é a forçosa ilusão que em nosso ânimo influi a paixão do Amor; e quanto nos ela mente no durar, na violência com que acomete: quanto nossa alma se assegura nela para o futuro, e se persuade, que não haja deter

f i m . »
 — «Cessem, Madama (acudiu o Conde) em vós reflexões tais, que concordar não podem com o modo do meu pensar. Nunca jamais se apaga o affecto, que à luz do mérito, e da virtude se acendeu. Pode empecer à virtude a plana que nos disproporciona? Oh que lhe dá ela novo brilho! e que nunca mediócre fortuna, a conserva depurada: nem méritos lhe provêm de alta linhagem; nem tão vaidoso eu sou, que em títulos vãos o mérito assegure: se por tonto me contaes; não me impediram de sê-lo quatro ou cinco abonados graus de Avós. São as acções quem distingue os Homens. Que desgraça é tanta gente pôr o mérito que não tem na base de seus Maiores! Falai em generosidade, em bons movimentos da alma, em melindre de proceder, a esses: terão de miserar-se de vós, que lhes falais em cousas cuja significação lhes é estranha. Criados, pela mor parte, com regalo, sem ensino, e sem índole constante, nem a si mesmos se conhecem. Lisonjeia-me, Madama, que na conta de tais autómatos me não pondes; e me julgueis assaz arrazoado, e que só depois de maduro exame, me afoutei a assegurar-vos, que em vos possuir, assento minha ventura toda: e que por vossas raras qualidades valeis mais que quanto eu possa oferecer-vos. Dai o sim, não vos opondo à minha felicidade.» — «Opor-me seria (disse ela) à minha própria: e contentem-vos, Senhor, afeitos, que me haveis inspirado; que são tais que cercar deles eu quisera um tanto.»

Madama Pichard, que entrou, rompeu a conversação. — «Vinde Madama (disse-lhe o Conde) a meu socorro. Inclina a vossa amiga a dar fixo o dia que bem-aventure os meus desejos. Declarados os tenho à nossa linda Viúva que bem em me aditar consente.» Felicitou-o Madama Pichard da bela eleição que fez da Esposa a mais completa em tudo. Eis que eu entro com Verneuil. — «Vinde (nos disse nossa

mui terna Mãe) parabéns dar a duas pessoas, que eu muito de vós amadas creio. Eu, por mim trasbordo de alegria. Casa o Senhor Conde com Madama d'Embleville.» Dou um grito, e arrojando-me nos braços do Conde me lanço aos de Madama d'Embleville, a quem mil loucuras disse: que me tinha tanto a alegria endoudecido, que falava sem tino algum. Verneuil ficou como um mármore de ver em mim tal desacordo: não tomava pé na amizade que eu tinha ao Conde; desvairava em reflexões. Eu dava-me ao affecto, que me levava ao Conde, sem pesquisar donde ele surgia.

Assentou-se que em oito dias se fizesse o casamento do Conde com Madama d'Embleville; e Madama Pichard que escrevesse a seu marido, e o empenhasse na partilha dos prazeres do festejo; e que desse conta à Abadessa da ventura de Madama d'Embleville, particularizando-lhe quantas ventagens lhe acudiam em tão brilhante casamento. Também a ela nós ambas escrevemos.

M.^{ra} Pichard, que muito amava a Madama d'Embleville, cumpriu com o nosso requerimento e se deu pressa a ter parte no regozijo geral, poucos dias pondo em meio. Estranhou-nos com o riquíssimo adereço de diamantes com que me presenteou: e de Madama Pichard soubemos, que provinha esse generoso excesso da alegria de haver terminado certo negócio em que ganhava importantíssimo cabedal.

Como se não falava, senão nos dous desposórios, queria M.^{ra} Pichard, que se fizessem ambos no mesmo dia. Opôs-se-lhe o Conde, com dizer, que como Madama d'Embleville rejeitara pompas, e que nisso o fizera consentir; ele queria que a minha união com Verneuil alardeasse a alegria de seu coração, na magnificência com que festejada fosse; o que ele tomava a si. Não quis porém M.^{ra} Pichard que coubesse a despesa, e disse ao Filho, que oito dias mais bem depressa corridos eram. O Filho, que com tal demora se não acomodava. — «Não tão depressa (lhe respondeu) para quem, tanto há que espera por tão suspirada ventura. Diga-o o Senhor Conde, que ama deveras, como se alongam as horas ao amante que, a podê-lo as devorara.» — «Assim o sinto, (lhe tornou o Conde) mas dê-se vénia aos anos: grande, confesso, vos há de ser o sacrifício; mas farei, que esse vosso comprazimento o meu coração vo-lo pague. Tanto mais, que me lisonjeio, me não malquistar com a bela Adelaida, em lhe demorar por poucos dias, a Dita que lhe pende desse himeneu.» — «Não, por certo, (lhe respondi) quanto pode

felicitar-vos o avanço do vosso desposório, nada custa à tardança do meu.» — «Não o tomeis por cumprimento, (disse M.^r Pichard) Adelaida não diz jamais, senão o que ela na alma sente. Vimo-los desde o nascer, e dado que eu tinha outros projectos, opôs-se-lhe meu Filho (é Filho único, é o ídolo da Mãe); não me enfadou nisso; antes folgo, que fizesse tão perfeita escolha: que parece que para um filósofo do calibre que ele é lha tinha estremado o Céu. Aliás, não conseguiríamos de o casar. Desta feita teremos progénie que de nós saia. Não digo eu bem, maganos olhos meus? (endereçando-se a Adelaida, e desfechando em destampado riso). Porque me não respondeis?» — «São tão belas as cousas que me dizeis (lhe tornei) que as não compreendo eu.» — «Minha Nora, (acudiu M.^r Pichard) de meu Filho as comprehendereis.»

«Mui bem o pensou o nosso filósofo (disse o Conde) na escolha que de Mademoisela fez; escolha de primor e delicada! Que é só ditoso, quem dando de mão a alianças de altas linhagens, que a miúdo, consigo desprezos acarretam, cifra os desejos seus, num dote moderado, e numa fiel amiga. Que não sou eu de acordo com esses rígidos filósofos, que põem fora o Amor, e bem quiseram escorchar-nos as paixões, para nos verem meras máquinas de enferrujadas molas, que nos sentidos nossos nada obrassem, Mas tenho eu, (e muito) que quem forma os grandes homens, são as paixões; e que na do Amor, se depara com a soberana felicidade. O íngreme de consegui-la, na escolha jaz. Porque, de primeiro, quer o comprazimento e brandura de génio, francos, e delicados movimentos da alma, ingenho que congregate, e com viveza, e até com jovialidade, muita vez: e que se compare, em lealdade, à Rola; também quisera garbo no talhe, e com ele unida a formosura. A que por minha amiga dar-se queira, não lhe peço sublime prosápia; nobreza, só no coração lha quero; cabedal, o preciso. Assaz rica me vem, com as qualidades que requiero.» — «Bofé (disse M.^r Pichard) que plantastes lá o modelo das mulheres: mas acertai-me c'uma tal.» — «Ei-los os homens (acudiu presto Madama Pichard) descartados de honradas companhias, avezados a Actrizes, e a outras que as valem, por essa vara mal aferida, nos medem todas. O Senhor Conde, bem certa estou que mais justiça nos faz; que não delineou ele retrato, que com nenhuma de nós semelhe. De Madama d'Embleville tomou os rasgos com que o saiu à luz: e também de minha Filha, que se lhe há-de parecer em

tudo.» — «Como, Madama, (respondeu M.^r Pichard) se vos acendeu a bÍlis; e como vos tratará de branda o Senhor Conde? Porque não fiz tal qual excepção, ardeis em iras? Nunca foi em mim apurar-me em tais pontinhos. Para rompermos a torrente de Madama, vamos, Senhor Conde, dar uma volta ao Parque. Que me não capacito eu, que vos queirais hoje ir. Aceitai aqui um aposento, e ficais mais cómodo para o desposório.» O mesmo lhe ofereceu Madama Pichard. Nem se fez de rogar o Conde: aceitou cortês e pronto.

Na véspera de seu desposório, dormir não poudo Madama d'Emble-ville; antes passou em claro entre suspiros e lástimas; de sorte que sobre manhã lhe perguntei inquieta se se achava molesta. — «Não amada minha, (me respondeu) mas tão extraordinária foi a agitação que senti, que me disponho a me ir espaiar pelo jardim.» — «Irei convosco.» (lhe disse). — «Não, (me impediu Madama) que, por um instante só me deterei lá.»

Igual agitação privara ao Conde de se lograr do sono, e se erguera a tomar ares, e da janela vira descer Madama d'Embleville e se entranhar no bosque. Acendeu-se-lhe o sangue a sopros do Ciúme, e no conceito que era sítio e prazo que ela a alguém lá dera, vai-lhe sobre as pisadas, e se oculta de trás dum mato donde tudo ouvir, e tudo ver pudesse, sem ser visto.

Viu que a miúdo minha Tia suspirava, meditava; longas correntes de lágrimas denunciavam a situação em que a alma lhe lidava. Vê-la assim, e a meio corpo deitada num leito de relva, oh quanto enternecia tal imagem! Abalado, e muito estava o Conde já, quando a viu tirar dum estojo certo retrato, beijá-lo e logo ouvir-lhe, c'um suspiro acompanhar: — «São pois perdidas quantas esperanças tinha de te eu ver, antes de entrar em novas núpcias! Oh quanto me valeras tu presente a aplacar meu coração tão salteado! Que fado foi este meu! E que eu não possa...» Já o Conde a atalha; já furioso, olhos em brasa, lhe dispara os improperios... — «Cessem insultos, senhor Conde (lhe disse Madama) quando o maior crime do meu coração é o de, mais que muito, amar--vos. Perdei-me o amor se assim podeis: insultos não; que de dor me matariam.» Palavras estas, que o Conde não podia combinar com o que ouvira, e vira. Quis o Conde, sem lhe responder, deixá-la: mas com
voz entalada entre soluços, o demorou Madama d'Embleville, dizendo: — «Para me justificar, uma só palavra, assaz me fora.» —

«Que cores (disse o Conde) podereis, pérfida, à vossa traição dar? Não é esse o retrato do vosso Amante? Sereis desde hora o modelo, aos olhos meus, da infidelidade, e da hipocrisia.» Partiu, sem esperar resposta: nem ela era em azo de lha dar; que às últimas que lhe ouviu, a tomou mortal delíquoio.

Dita foi, que não tornei a dormir; e tendo-me Madama d'Embleville afirmado que ia um único instante espaiar-se, e não vindo logo, me inquietei; visto-me de salto, atiro-me ao Jardim, busco-a pelo bosque; com alvoroçada voz a chamo... Não vos pintarei qual mágoa me transpassou, quando na relva estendida a olhei, pálido e em lágrimas escorrendo o rosto; arrojamo-me, apertamo-a nos meus braços, com gritos que arrancava da profundez da alma. E ela sem dar sinal de vida! e qual mármore fria! Arremesso-me a casa; acordo Madama Pichard, e lhe insto que acuda presto. Ergue-se ela, pergunta-me mil cousas... Não respondo, reviro-me a correr ao bosque, chama seu Filho Madama Pichard, que se provendo de que para delíquios se requer, açodado, com a Mãe seguiu-me.

O Conde, todavia, a quem certo encanto atalhava que de Madama d'Embleville se alongasse, dados certos passeios pelo bosque, como de volta, a visse ainda sem sentidos, meteu todo o empenho em a tornar a si. — «Não cabe (dizia) em baixa de alma, sensibilidade tanta. Fatal ciúme, porque me não suspendeste, no arguí-la assim? E dizendo-me ela, que c'uma só palavra me alumia as dúvidas, e a si justificava-se? Que me estorvasse ouvir-lha a minha índole férvida, e violenta!»

Já eu voltara, e no mesmo estado a vendo: — «Oh meu Deus (exclamei, sem do Conde tino dar) ela é morta, e morta é com minha Tia, quanta ventura me aguardava. Que desgraça a minha que a não acompanhei; como lhe eu seria de socorro! Qual foi o monstro que lhe encurtou a vida? Ferida? não lha sinto.» Arranco-lhe o lenço do pescoço, rompo-lhe os laços do espartilho, derramo-lhe pelo seio quanto os frasquinhos espírito encerravam; chegam logo Madama Pichard e o Filho, que ajoelhada aos pés me vêem de Madama d'Embleville, com a desesperação nos olhos afigurada, e as mãos da desmaiada, apertadas nas minhas, e açodados hálitos, forcejando em aquecer-lhas. Eis que dali Verneuil me arranca, ajuda a Mãe a erguer a

(1) Prisão de Estado.

meio a Madama d'Embleville e verter-lhe na língua forçosíssimo elixir, que manso e manso, lhe foi despertando os espíritos até que enfim olhos abriu, e um profundo suspiro exalou.

Imóvel toda a cena o Conde vira, em si recluso e tácito, apesar de mil perguntas que Verneuil e a Mãe lhe continuavam; e que ambos de mil modos se davam à ideia tratos para atinar com o que levara tão de madrugada uma e outro ao bosque, e donde surgira tão funesto acontecimento. Voltam-se a mim, mas foram minha resposta, lágrimas.

Como desse tino Madama Pichard do fatal retrato, que motivou tanto distúrbio, o erguem do chão, e ao cerrá-lo no bolso, lho pediu Verneuil. — «Linda pintura (disse) mas de quem?» — «Do Pai de Madama d'Embleville (respondeu-lhe a Mãe).» — «De seu Pai? (acudiu com demudada voz, o Conde). Desgraçado de mim! Que é o que eu fiz?»

E lançando-se aos pés de Madama d'Embleville: — «E pude eu ultrajar-vos, e em tal estado pôr-vos! Eu sou quem vos deu morte; eu, que vos adoro tanto!» Cheguei-me então ao Conde, e quis tomá-lo da mão... — «Arredai-vos (me clamou) que por um monstro me contemplo;

e só pela morte aguardo. Quanta mais bondade me significais, tantos mais pesares me infligis.» — «Não posso compreender (o interrompi eu) quais sejam, amado Conde, os delitos, de que vos arguis.» Trava, sem me escutar, duma das mãos de Madama d'Embleville, e olhando-a com gesto enternecido: — «E pude eu suspeitas de vós ter! E, conhecendo-vos a candura, como coube em mim, suspeita! Ah! que, dos homens o mais mísero sou eu! E sou o mais indigno do perdão que de vós peço.»

Já então a si tornada Madama d'Embleville, fitou no Conde os olhos, e com lânguida voz, lhe disse: — «Tudo esqueço, e sobre mim, que vos não contei minhas desgraças, quando em meu Pai vos falei, recai o de quanto me asguísteis.» Enigma, para todos, foram essas palavras. Mas Madama Pichard que recebeu que enternecimentos tais a declinassem em novo delíquio, disse ao Conde: — «Precisais de repouso, tanto ela como vós; e como vos dais ambos por culpados, é para a reconciliação meio caminho andado. Ajudou-a, a se erguer Madama d'Embleville, o Conde; e oferecendo-lhe o braço, lhe perguntou; que penitencia lhe preparava, para a confessada culpa.» —

«De vos ir recostar (disse ela), que aí toda a minha vingança cifra, um coração como este meu.» — «Que grande alma! (exclamou o Conde) E quão superior à minha! A vossos pés, Senhora, morrer devera eu de pesar. Eterna admiração minha sereis.» Ao que ela respondeu com lhe apertar a mão.

Entraram no nosso Quarto, e logo Verneuil leva o Conde ao seu, e o obriga a repousar no leito. Como, apesar do alvoroço que eu fiz, nenhum dos servos acordara, fomos nós quem despimos e deitámos Madama d'Embleville: ela nos contou já deitada, quanto com o Conde lhe acontecera, no-lo afigurou tão assomado, que a não vimos nós, dali fora à sepultura. Ei-la e Madama Pichard que se espraíam em reflexões sobre efeitos do Ciúme, e assentaram por fim, que ele sempre surge de amor violento, ocasionando bem vezes, perigoso, revoluções funestas; quando mormente ele se apossa do coração, e que este se deixa levar dos primeiros ímpetos dessa paixão. Era a índole do Conde, dessas que a Natureza molda, para timbre e brasão da humanidade; e seus talentos lhe davam grau acima do mais dos Homens: às vezes todavia, a sua viveza de ânimo, e assomado do génio o impeliam além da razão; mas apenas o desvio lhe avistava, dócil tornava a si e (sinal claro de superioridade de índole) a si mesmo se condenava Réu.

PARTE TERCEIRA

MADAMA Pichard, tão boa, e enternecida Mãe que percebeu quão quebrantada eu estava, me forçou a me deitar na cama. — «Careces, minha Filha, de te recostar, (quanto Madama d'Embleville) pela lida, e pelos pesares que te consumiram.» Deixou-nos, e tal me adormeci, e tão profunda que apenas podia abrir os olhos ao arruído que M.^r Pichard fazia quando nos entrou no Quarto. — «Como assim senhoras perguiçosas? ainda a dormir, às duas depois do meio dia! Velaram toda a noite? Tantos busco, tantos dormem. Vou ver o Conde; inda lá não luz o dia; minha mulher custa-lhe a despegar os olhos; e Verneuil entre bocejos me responde: — «Tomaram todos ópio à noite?» Respondeu--lhe minha Tia, que se achava indisposta.

Madama Pichard, que então entrou, nos perguntou, se acaso nos tinha restaurado as forças o descanso? e se nos dispúnhamos a descer, para jantar: — «Que boa que sois (lhe disse Madama d'Embleville), e quanto me custam as penas, que esta noite vos dei!» Nesse átomo entra o Conde e mais Verneuil; ao Conde, mal que ela avistou, a mão lhe estende: — «Que tendes, Conde (lhe disse) que vos vejo demudado?» — «Portar-me-ia muito bem se a cada instante não viessem remorsos angustiar-me a alma.» — «Para que é desesperar-vos? Não vale melhor deslembrar-vos dum successo, em que, mais do que vós, sou eu culpada? Quão muito o sei! mas sei também, quão fácil me é reparar esse erro, contando-vos os recontros da minha vida. Falta de confiança faz que os não contei, e o esquivar-me também a dar parte do meu humilhado nascimento. E, como este não dependa de nós, injustos são os Homens em dele nos tecer labéu. De sorte que a minha sina fatal dá tratos ao meu repouso, e o meu incerto Fado deita veneno em tudo o que me apraz. Colheste-me, oh Conde, vós num fio de considerações cruéis a que pungindo o âmago da alma, tolhem sentir cousa, que à sua dor se não retira: nem me foi dado embebida em penas tais o relatar-vo-las.» M.^r Pichard a quem muita vez dava apertadas ordens o apetite, interrompendo Madama d'Embleville:» — «E se nos remetêssemos (disse) para depois de jantar, não a

ouvíramos nós com tanto, ou mais prazer? E não a contaríeis vos mais corroborada?» Razões deu que não tem réplica, e as quais todos aplaudindo saem do Quarto, e nos dão azo de envergar umas roupas.

Pouco durou a mesa: que estava ansioso o Conde de ouvir Madama d'Embleville, a quem, remontando-a ao seu Quarto, sentámos numa longa cadeira, pelo muito fraca, e muito que a vimos quebrantada. Começou ela com tirar da algibeira os dous retratos, que sem proferir uma única voz, e a tremer-lhe a mão, os deu ao Conde. Este ávido os recebe, tácito longamente os examina; e já apesar de mil esforços lhe entram a correr as lágrimas, e altos suspiros a denunciar a desossego de ânimo: nós todos mudos e quedos. — «Donde vos vem (diz o Conde) Senhora, estes dous retratos?» — «Duma mulher (responde Madama d'Embleville, lavada em pranto) que seus desvelos deu à minha educação, até que fiz quinze anos, em que, mísera, a p e r d i . »

E como visse agitações no Conde: — «Tende, Senhor, a paciência de me ouvir.» — «Oh não, (atalhou ele) oh filha minha mui querida... e já a apertava estreitamente entre seus braços; e já com voz interpolada: — «Mais explicação não quero. Por Filha minha já te abono; e por cercear tristezas, cala escusas circunstâncias E, sem te reconhecer, pude eu tão longo tempo olhar-te! E olhar em ti o transumpto das graças de tua Mãe, e a viva imagem da sua formosura! Tanto pois se assemelham com os do amor os do sangue movimentos! Que uns por outros nos enganem! Já pelo crime íamos um e outro orçando, (no caso que seja crime o que se ignora) mas Deus querendo resguardar vossa pureza, tolheu, com a sua Providência tisar-nos a incestuosa labareda.»

Falava, e tinha sempre em braços a desfalecida e imóvel Madama d'Embleville, a quem tão súbita revolução, todas as faculdades de alma suspendido tinha. Convocando, por fim, as forças do ânimo, pulou fora quanta alegria, quanta entranhável ternura lhe rompia do coração. Não direis vós, que essas cenas de prazer vivamente sentidas, se elas por um instante ameaçam de aniquilar a Natureza, dá logo ela forças que a corroborem?

Ver eu, que sou de índole tão viva, esse terníssimo espectáculo, conter-me era impossível, e não romper em transportes, com que se duplicasse no Conde, e em Madama d'Embleville, o enternecido arrobo. — «Quão Venturosa sois, querida Mãe (lhe dizia) que depareis

com tão virtuoso, tão terno e tão bom Pai! Que contentamento o vosso, quando lhe dais (oh dita!) mil vezes tão suave nome! Por Esposos, que haviéis ser, e que a Natureza vos velou, completou com diferente teor os vossos desejos.» Como um Criado entrasse e desse a Madama d'Embleville um maço de cartas; esta, por primeiro abono de submissão, as deu a seu Pai, porque as abrisse, o que ele recusou; mas tanto ela instou, e tanto a letra o abalou, que acelerado rompeu o sobrescrito. Eram as cartas da nossa Abadessa, a quem Madama d'Embleville dava parte do seu desposório com o Conde de *** cujo retrato lhe escrevia, e título de Condado, e bens tão avultados, que ele possuía. E ora a resposta da Abadessa respirava desusada até então a respeito de Madama d'Embleville.

Não é de imaginar quanto alheio ficou o Conde: — «Donde te veio, oh minha Filha, o conhecimento com esta Dama? e donde, o que ela comigo toma, teor tão absoluto? Acaso sabes quem ela seja?» — «Ignoro-lhe a família (respondeu Madama d'Embleville). O caso de meter Adelaida educanda na sua Abadia, ma deu a conhecer. Como, de mui boa, com carícias me careou o ânimo; e como depois gostasse de seu espírito, e de sua índole, mormente, nos primeiros três meses de viúva, que com ela passei, me entranhei de afeição com ela.» — «Efeitos são (disse o Conde) da soberana Providência! O dia de hoje tem de manifestar grandes mistérios.»

Findava o Conde, quando, sem se anunciar, entra a Abadessa; e imóvel do que vê... Dá Madama Pichard um grande grito... Eu arremesso-me aos braços da Abadessa, e neles fico... Muda de cor o Conde, ao vê-la... Ela pálida e a tremer, vai como cair em delíquio... Ergue-se o Conde, da mão lhe trava, e numa cadeira a vem sentar. Mil carícias lhe faz Madama d'Embleville, a que na Abadessa respondem lágrimas. Nós todos tão absortos, que uns para os outros nos olhávamos tácitos, quando Sor S.^{ta} Águeda, que vinha com a Abadessa, nos disse que esta, obtendo do Arcebispo licença para receitados banhos, e para eles passando perto desta pousada, quisera ter o contentamento de nos ver. M.^r e Madama Pichard lho agradeceram, e lhe pediram que com sua pessoa honrasse o meu desposório, que em breves dias se tinha de celebrar. — «Bofé, Madama, que vos conselho não ires mais longe, e tal vinho vos darei, que doze banhos valha cada pinga. Navegamos aqui alegres mares; e nada é melhor para a saúde.» — «Tem razão M.^r

Pichard (disse eu a Madama Abadessa). É bem que saibais, que deparou com seu Pai a minha querida Tia. E qual Pai, oh sumo Deus! Como há de bem ressarcir quantas mágoas há padecido!» — «Contai ainda com Madama, que folgará de lhe dar Mãe, e Mãe tão terna, qual tal filha bem merece». «Conde, Conde (disse a Abadessa) nada aqui vejo que me não confunda, e me aniquile. Dar-vos eu venho quanto, por imprudência minha, vos hei téqui privado. Nos olhos vos decifro a cólera que em vós se ateia, soprada por quanto houvestes de vossa maior afeição. Mas, a ser-me dado ainda implorar aquela ternura, aquele amor, que já algum dia foram as delícias desta vida minha, e porque me não condeneis injusto, suspendei vosso juízo. Como em tal círculo de amigos, não têm suspeitas cabimento, tomá-los-ei por Juízes, no pleito, que ante eles hei-de advogar.» — «Como desluzireis (acudiu o Conde) um proceder tão fora de ordem? Duas questões únicas vos faço. Com que motivo pronunciastes votos, votos adversos aos que me foram proferidos. E que vos inclinou a desamparar os filhos vossos?»

Pela maneira, com que a arguia o Conde, aventou Madama d'Embleville ser ele o Esposo da Abadessa, aos pés dela se ajoelha, e as mãos beijando-lhe.» — «Éreis minha Mãe, e não me alumiastes acerca de quem procedo? Não vos enternecia a dureza da minha sorte? E esta alma que tanta vez verti na vossa não a acháveis assaz acrisolada, que merecesse a dita, que hoje logro?» — «Quanto me pungem no âmago do coração (disse a Abadessa) essas com que me arguis agudas flechas! Ergue-te, oh Filha minha; que tudo te será claro... Sim; que contentar quero hoje, quanto de mim desejas... Quero... mas não... que sobejo fora amargurar-lhes os ânimos, descarregando neles tão sensitivos goles. Demoremo-los mais um dia.» E emudeceu. Agitada por diversos movimentos, lhe vagueavam pelos semblantes de toda a companhia, os olhos; e todos nós calados aguardávamos, que se devolvesse a cena, que tanto nos comovia. Fitando em mim os olhos, onde as lágrimas borbulhavam... Eis o Conde, que tanta agitação como ela padecia, e se não poude mais contar: — «Não dilateis mais, Senhora, desabrochar um segredo, que eu já descortinando estou. Que indicam olhos tão ternamente fitos em Adelaida?» — «Falou-vos, sim, querido Conde a Natureza, clamou o sangue. Adelaida é filha vossa.»

Já eu tinha saltado aos braços do Conde; já, alagando-lhe com lágrimas as faces: — «E em quem escolhi pelo melhor de meus amigos,

que me dá a ventura um Pai! Oh! Não estranheis, Verneuil, os movimentos, que me abalavam o ânimo. Querida Tia, querida Mãe, e mais querida (agora) Irmã, pode o sangue dar-se a sentir mais vivo! Oh minha Mãe Pichard...» E a fala se me entalhou: que lidavam em fervor os meus sentidos, porque, num só dia, arrostassem com r e v o l u ç õ e s tão grandes.

A Abadessa, que se queria justificar, folgou infinito, que num dia em que éramos todos juntos, lhe desse o Conde relação de seus sucessos. — «É grande humilhação (disse ela) para um coração que se não sente réu, que o taxem da mais negra ingratidão, e de que faltou aos deveres mais indispensáveis da natureza. Como porém reflexões, nem queixumes vêm aqui a ponto, já daqui as suprimo; e dado que o Conde saiba parte não pouca do que direi, razão é que por inteirar os que o não sabem, eu comece pelos primeiros do meu entrar no mundo.

O Marquês de *** cuja filha sou, assaz é, pelas dignidades que o revestem, conhecido: assim atalho falar mais na minha família. Único fruto de seu casamento, desgraçada fui em perder minha Mãe, quando só dous anos eu contava: na Abadia de *** me puseram, onde uma Tia minha de mim teve cuidado, até aos meus 18 anos. Meu Pai, que casou segunda vez, fez quanto pôde, por que eu tomasse o hábito, em razão de segurar ao filho que teve do segundo casamento a avultadíssima fazenda que me vinha por legítima: resisti-lhe com firmeza; e minha Madrasta, pelo bom coração que tinha, e enfadada das perseguições que me faziam, tanto aplacou meu Pai que vim passar em casa uns certos tempos.

Nesses, o Conde, que era Parente, vinha assíduo visitá-la. E ora como livremente nos víssemos cada dia tive azo de lhe rastrear no ânimo tão eminentes qualidades, que o coração defender não pude; tanto mais que educado em claustro pende mais o coração para a ternura. Acresce, que habituada a dizer franca, o que em mim penso, aventou o Conde, quanto lhe eu era inclinada; já dobrava as atenções, esmerava-se em finezas que conseguiram confessar-me eu por vencida: de que ele tão arrebatado se deu, que se lançou a tudo, para alcançar de meu Pai, que então se achava na Corte, pleno consentimento.

Em perfeita seguridade decorreram alguns dias, em que eu da parte da minha família, não antevia impedimento, visto que lhe não

cedia a do Conde em fidalguia. Já me eu dava parabéns da minha felicidade, quando, eis que entra o Conde no meu Quarto. Estranhando-lhe de seu gesto pesaroso, e pensativo, estremecida lhe pergunto: — «Que tendes, que tão demudado vindes?» — «Desespero-me (me respondeu). Que, no instante em que me eu prometia de possuir-vos, um caso inopinado de mim vos arrebate. Solicitava certo Governo vosso Pai; dele fez El-Rei a meu Pai mercê. Indignado o vosso tratou mal de palavras a meu Pai, e que enredos e baixezas lho obtiveram. Daqui disputas, e sabê-lo El-Rei, que o tomou em mal, e o mandou prender. Ei-lo em Pierre en Cise ⁽¹⁾.»

«Que escuto? Oh que desastre! (disse eu em gritos). Sabe-o já a Marquesa?» — «Agora (me respondeu) com todas as circunstâncias lho contei. Ela, que é sobrinha de meu Pai, em que embaraço não se vê? Como porém não está ainda mui divulgada a nova, anda agora a Marquesa informando os de sua amizade, e que estes façam por atalhar prevenções que em certos ânimos prevalecem à verdade. Não creio eu todavia que meu Pai haja de lhe empecer; mas sim, que contente do triunfo, pare no seguir vinganças. Grande é nosso inesperado infortúnio! mas, a querê-lo vós, inda há para o nosso amor, r e g r e s s o ?) »
 — «Neste acesso de pungente mágoa, (lhe respondi) só a ela dão atenção os meus sentidos.» — «Também eu, como vós a sinto (disse o Conde) e o que mais me pena, é o não poder-vo-la mitigar.»

Passei alguns dias, acompanhando minha Madrasta, que andou solicitando livramento: mas estava El-Rei tão agastado, que a nenhuns rogos deu ouvidos: por tanto nos aconselharam nossos amigos, que sobrestivéssemos, por algum prazo, no que requeríamos.

Bem que, em nossa desgraça, nenhuma parte o Conde houvesse, força lhe foi suprimir visitas, por assim cumprir com o que lhe ordenou seu Pai. Mas o amor lhe inspirou que peitasse a minha Aia: e esta (muitas obrigações lhe devo) que o tinha por honradíssimo fidalgo, nenhum escrúpulo fez de lhe franquear o meu aposento. Fiquei como alheia de mim com tão imprudente visita, e lhe disse: — «Não vo-las tolheu o Conde vosso Pai?» — «E tereis vós coração (me tornou o Conde) de me invejar momentos, que eu convosco lograr posso? E esse coração que tão terno contemplei, se endureceu com meus pesares?» — «Ah! que se vos eu dissera o mínimo do que eu padeço (lhe respondi) não

fôreis comigo tão injusto. Dar-vos-íeis antes por satisfeito, se víeis o quanto eu luto na batalha de vencer um desditoso amor.» — «Vencê-lo? (acudiu o Conde) E quem vos diz que esse amor será sempre perseguido? E que não quebrantará o Destino os obstáculos que nos empecem? Haja firme e constante resolução contra a desgraça, a f i g u r a n - do-vos um Esposo em mim, e que o tenho de ser, em despeito de quanta oposição nos venha. Que já daqui, e ante vós juro, que a Morte só, me há-de separar de vós.»

Qual é o peito que a assaltos tais resistes? Quando mormente lavra lá no coração paixão violenta? — «Que urgente sois oh Conde! (lhe disse ali) Que inteirado que estais do domínio que em minha alma tendes? A tanto amor força é que eu ceda. Encolerize-se meu Pai, ou não; provas vos darei cabais de quanto em vossa palavra fio, bem que anteveja quantas amarguras hajamos de suportar.» Assegurou-mo o Conde, com quanto influir-lhe poude a mais caroável ternura. Assim passaram três meses, renovando-me incessante abonos da mais fiel constância.

A família do Conde, que por então se achava no pino da privança, lhe alcançou o posto de Coronel; ei-lo obrigado a repetidas ausências, e o seu amor com repetidos sustos. Eu que lhe descortinava o coração, logo lhe atinei c'ó dessorsego de ânimo, e me quis inteirar do motivo. Soube que lhe vinha do novo posto, de que somente se contentaria, se eu anuir quisesse ao que ele me queria propor.

«Dizei, dizei, Conde (lhe tornei) que esta alma inteiramente vossa, a tudo se abalança; e bem persuadida que não requeirais dela ofensas à Virtude, é disposta a contentar-vos.» Jubilou com tal fineza o Conde; lançou-se-me aos pés: — «Consentis pois, minha adorável em me fazer feliz, dando-me a mão de Esposa?» Então me ressumbrou pelo semblante o pasmo do que ouvi. — «Não tomeis susto, (me disse o Conde). Em idade me vejo de contrair válido matrimónio, sem permissão paterna; e contentes com tão doce união aguardaremos quadra menos anuviada para a fazer pública. Pensai-o bem.»

Deu-me o Conde tempo de meditar na proposta; e em outo dias foi concluído o desposório. No dia, em que se ele havia de celebrar, saí com a minha Aia, e entrando na Igreja despedi a carruagem; e que me viesse, ao meio dia, buscar. Atravessada a Igreja, avistei à porta travessa o Conde que sem Criados, numa sege de aluguer me

conduziu a duas léguas de Paris, onde, assistindo as necessárias testemunhas, um Cura, com licença do Arcebispo, nos desposou.

Certa desgraça veio dissaborear o contentamento que desfrutávamos de passar as noites no consórcio; que de imprudentes, até nos escrevíamos; e uma das Cartas caiu em mãos do filho de minha Madrasta, que se calou, e maldoso espreitou ocasião de me empecer. Estranhei-me de que me não saía do Quarto; e como o conhecia dissimulado e ruim, me fazia peso na alma. Não contente de ter passado comigo o dia inteiro, queria também passar a noite. Para me descartar dele, inventei grandes dores de cabeça; logro, em que o traidor tanto não caiu, que antes, escondendo-se num corredor, resolveu-se a passar detrás duma porta a noite inteira: desconfiando talvez do dessorsego em que me viu, quis apurar suspeitas.

Mal que se ele retirou, disse eu à minha Aia: — «E se o Conde não sabe o quanto meu meio-irmão me foi importuno, e que ele se impaciente?» Desceu logo a Aia, por uma furtada escadinha, que dava no pátio, e de que ela tinha a chave. A desgraça foi, que tinha o Conde de passar pelo corredor: não o atalhou ali meu Irmão; antes por dar o caso mais seguro, aguardou que ele fosse no meu Quarto, para ir a c o r d a r a Marquesa a quem meu Pai encomendara o meu resguardo. Ela, que conhecia malicioso o filho, por muitas provas precedentes, não lhe dava assenso. Minha Madrasta, vinha, com prudência, no caso de ser certo o indício, abafar o escândalo. Mas já, de prevista, a minha Aia, percebendo rumor no Quarto da Marquesa, tinha despedido o Conde pela escadinha.

Fiz que me acordara o rumor, que se fez no Quarto: — «Que vos obrigou, Madama, a vos erguer ante-dia? Que mau sucesso?... Meu Pai acaso?...» De estupefacta, nada a Marquesa me respondia. Eis que eu vejo vir a Aia, donde concebi salvado o susto meu. — «Dizei-me, Senhora, o motivo desta visita.» Tendo lançado por todo o Quarto distraídos olhos a Marquesa, os cravou indignados em seu filho; logo voltando-se a mim: — «Acerca vossa me tomou o abalo que em mim vedes. Já me ia adormecendo, quando num espantoso sonho, me afigurei que um hediondo monstro vos assaltava, forcejando por sobre vós arrebeçar pestífera peçonha. Lidava eu muito a braços com o monstro: eis que ele dobra de forças, e c'ó susto, que se dobrou em

mim, desperto ansiada. Não me consentiu o desvelo que me deveis, cessar de contentar meus olhos com ver-vos salva.

Retirada ao seu aposento repreendeu azedamente a Marquesa ao filho, de quão pérfida índole ele era; e que, se com sério estudo não trabalhava em se emendar, o detestaria a gente. Ele, a quem confundia repreensão, era todo no como se desluzira dos olhos a pessoa, que tão de certo no meu Quarto vira. Então baldo de mais testemunhas, que a de seus olhos, e essa mal aceita, caiu sobre ele a nódoa com que me queria macular. Não me justifiquei com a Marquesa confiando-lhe o meu oculto matrimónio, porque com ela des-suspeitosa inútil era a declaração.

Proveio-me de cena tal mais ensanchar de liberdade, e ser eu e o Conde mais acautelados. Passei o resto da noite a escrever-lhe o percalço com todas as circunstâncias dele, que a minha Aia nessa manhã lhe entregou. Ele inteirado do quão difícil era desde oravante vermo--nos, indicou à Aia um aposento, em que nos víssemos esse pequeno prazo, que se lhe consentia de estada em Paris. Chegou o prazo em fim de nos separar: então dei a saber a meu Marido que me sentia prenhe, e o enleio em que me via de não ter de quem me confiar. Sem tomar susto algum me quietou o Conde, rogando-me que tomasse em grão desvelo o primeiro fruto dos amores nossos.

Propôs-me a minha (mais que Aia) fiel amiga, que me confiasse com seguridade a um Irmão seu, experto cirurgião.» — «Venha pois (lhe disse eu resoluta). Veio: falei-lhe na sua Arte, achei-o hábil; confiei--lhe o nosso oculto matrimónio, a minha prenhez, e o quasi impossível parto, que em casa não viesse a luz. — «Nada há mais fácil (me respondeu), fiai-vos em mim. Sem sairdes do vosso Quarto, sem rumor algum, se fará tudo. Como do termo vos não creio bem distante, bom fora desde já fingir moléstia que vos requeira de cama. Como venho, não de raro ver aqui minha Irmã, não dou suspeitas; quando se avizinhar o ensejo, passo na sua câmara a noite.» Deu-me na alma a ideia, que feliz, foi assim cumprida.

Veio à luz filho varão, que o Irmão da minha Aia pôs a criar, e de que eu logo informei o Conde, que jubilou, de que sem rumor viera a cabo o ensejo. Ele ausente, lidámos no livramento de meu Pai que obtivemos, com a condição porém de que fosse viver num de seus prédios, onde fomos assistir com ele. Mui demudada o notei: que lhe

veio do pesar de se ver preso, febre interna tal, que muito a custo sarou dela.

Depois de ausente dous anos, voltou a Paris o Conde. Fui esperá-lo, no dia em que chegou, ao sítio em que nos víamos, antes da partida. Não vos posso exprimir com quanta alegria nos tornámos a ver; e tanto a longa ausência não desfaleceu nele o amor, que antes visos dava de ter medrado em forças. A afeição durando sempre em nossos ânímos volviam as estações, sem mais tristezas, que as que nos vinham das frequentes idas para o exército, ou negociações diversas, em que a Corte empregava o meu Esposo.

Veio no entanto Emília ao Mundo; como fui obrigada a tirar seu Irmão de donde estava, ambos os pus em casa dum Dama, cuja probidade me era conhecida. Era ela viúva dum Capitão de infantaria; e como ficara sem bens, estimou a ocasião, que em parte lhos supria; relance, que ela não esperava. Tinha eu já idade de poder dizer a meu Pai que rejeitava desposórios; e assim me deixou ele gozar dos bens consideráveis, que me vinham de legítima: o que eu fiz, começando pela compra dumas lindas casas, no subúrbio de S. Marcelo, para Madama Bracmont, e convir com ela de cem moedas por ano de mesada pelos dois.

Quem unicamente entrou neste segredo foi o Cavalheiro d'Orval amigo do Conde, que tomou a si cumpri-lo: de modo, que eu em nada me dei a ver. Quando queria ver meus filhos vinha com eles a viúva ao Jardim d'El-Rei onde lograva o prazer de os acariciar, sem que desse a Viúva tino de que eram meus; prazer que também tomava o Conde nas suas vindas a Paris.

Tinha Emília já dez anos, quando entrei em nova prenhez, e se ausentou o Conde com novas ordens da Corte: e a pouco prazo de ausente mo deu a Gazeta morto numa batalha, contando circunstâncias de sua grande intrepidez, de seus raros talentos, da reputação que por suas heróicas acções o immortalizava; mas que me não abrandava a minha dor. Desesperada me arremesso num Convento, a chorar a perda de quem tão ternamente me tinha amado.

Fiz sair esta resolução ao Cavalheiro d'Orval, que informado como eu da morte do Conde, tanto não obistou à minha desesperada resolução, que antes acudiu a quanto arranjo projectei. Sem atentar na minha prenhez, parti com a minha Aia, que me não quis deixar, para um Convento na Normandia, de cujo me havia o Cavalheiro dito

infinitos bens, e onde ele tinha uma parenta, que em muito ele prezava: e como em muitas cartas dela me namorou o seu estilo, por vivo, e por enérgico, muito cobiçava eu conhecê-la. Esse Convento pois foi o que eu escolhi, na intenção de nele tomar o véu. Deslumbrou as Religiosas o dote, que ofereci, e que me granjeou o título de Benfeitora da Ordem.

D'Orval que me tinha acompanhado, deixou-se ficar na Província, e vinha todos os dias à grade, e me consolava com palavras: com efeito a sua presença me adoçava tanto a minha mágoa, a poder de nela falar; e me parecia emborcar-lhe eu no coração, parte do fel, em que o meu estava embebido.

Como eu instava as Madres, que me lançassem o hábito, advertiu-me a minha Aia: — «E não considerais, Senhora, no estado em que vos achais? Quereis escandalizar estas Religiosas c'os clamores dum parto?» Reflexão foi esta que rebateu o meu fervor (e fez que eu desse a saber a d'Orval o enleio em que me via. — «Não é nada (me respondeu), mostrareis cartas supostas, que signifiquem, que por negócios de família, é lá necessária a vossa presença. Encarrego-me de vos deparar casa em que moreis com seguridade, e com decência.»

Dir-vos-ei, que nessa casa é que Adelaida nasceu; e como o Cavalheiro d'Orval tinha acertado por essa época, c'um velho Gentilhomen cuja mulher, pouco havia, morrera de parto, e cuja filha não dava ares de muito vividoura; lá deu a criar a Adelaida. Vinte mil libras, que lhe deu adiantadas, alhanaram toda a dificuldade, e a criança que se lhe mudou nas mantilhas a ocultas da Ama, pela outra que pouco depois morreu dada a criar longe dali, me sossegaram a alma; e tornei ao Convento. Estranhava a minha Aia o despejo que em mim via de filhos, de família, de quanto há no mundo, a quem me aparelhava a renunciar para sempre, e incessante, e com lágrimas me dava a entender. — «E ignoras tu (lhe respondi por fim) que para preencher todos os meus arbítrios, me abasteci de todas as minhas jóias, e de grossa quantia de dinheiro; e que nas minhas ideias entras tu, a quem, por te não ser ingrata, preparo fazer-te quanto mais venturosa eu possa?» — «Eu venturosa? (acudiu ela) se me separais de vós, nunca. De vossa bondade a minha ventura pende. A afoutar-me a vo-la pedir, uma graça de vós quisera.» — «Nada me pedirás (lhe respondi) que eu mui de grado te não conceda a estar ela em meu poder.» — «Pagai (me disse) o dote, e consenti que convosco aqui

Religiosa eu seja.» — «Não só dote, mas mesada (lhe respondi). Há tu bem todavia reflectido no que pedes, que depois não te arrependas?» — «Toucado, ou véu (disse ella) pouco me valem, com tanto que não me arredem de vós. Tal é o ponto da minha vocação, que talvez mais valha que outra ». Lisonjeada ali da afeição da minha Aia, lhe prometi de nunca dela me separar.

Logo que tomei o hábito, escrevi a meu Pai, pedindo-lhe que me perdoasse: que resoluta, muito havia, de renunciar ao Mundo, temi que elle se não opusesse ao maior sacrificio que eu podia fazer a Deus, o da minha liberdade: o de esquivar-me ao seu amor, e ao de toda a minha família era o primeiro que eu tinha posto aos pés do altar. Que outrossim lhe rogava segredo acerca do Mosteiro em que eu me tinha retirado, onde não venham distrair-me de meu emprego; e lhe affirmava que era incontrastável a minha resolução.

Meu Pai, dela gostosíssimo, porque todos os meus bens recaiam em meu Irmão, tanto me não desconselhou, que antes, por uma resposta assaz affectuosa, me confirmava no meu desígnio. E como pouco depois soubesse que pela morte de minha Tia vagara o Abadessado do Mosteiro de ***, tanto lidou com seus amigos, que fui eu nomeada nele. Não me descontentei dessa dignidade, que já o verme freira rasa começava a me dar tédio. Lá me veio meu Pai buscar, e instalar-me logo na minha Abadia.

Receios, nada menos, me ansiavam de contínuo que Madama Bracmont não deixasse vislumbrar o meu segredo; porquanto, capacitado d'Orval, que viria ensejo, em que meus filhos reconhecidos fossem, lhe confiara o nome do Conde; e ella (por que motivo não o sei) requereu então os retratos dele e meu: circumstância, que me dava tormento, e que eu, para a desluzir, resolvi mandá-la a Génova, e de lá a Roma onde encontraria o Pai d'Emília, e seu Irmão Bracmont.

«De que minha filha (interrompeu o Conde) nos referiu já as circumstâncias; e até Cartas dele me mostrou, que assossegam acerca dele.» — «Quando o Cavalheiro d'Orval (continuou a Abadessa) me deu conta da jornada de Madama Bracmont, e das cautelas, que tomara, dei por sepultado o meu segredo, comecei a tomar certo sabor de descanso, que foi para mim como uma Aurora de anuviados e tempestuosos dias.» Romperam de novo as minhas inquietações. Afigurava-se-me incessante o Conde ante os meus olhos, que me ar-

guia de bárbara com meus filhos. Então, quantos tormentos em ternas almas caber podem entravam de rondão na minha.

Penas cruéis, a que me não foi dado longamente resistir: que em tal languidez caí, que esteve para me custar a vida. Desesperada a minha Aia de me ver em estado tal, quanto lhe ditou a Razão, quanto a Virtude, que a me consolar valesse, tudo ela empregou. — «Tenho eu (me disse) de sempre vos ver lidar nessa amarga dor? Nunca cobrarei domínio sobre vos mesma? Se vos acurvam tanto os Fados, que a vida vos não feito insuportável, olhai para a Virtude, e como ela vos manda que vivais, ostentando um coração ainda maior que esses pesares mesmos. Fácil vos é abonançar o dessorço que vos atormenta. Dê-vos d'Orval novas de vossos filhos. Mandai-o vir.»

Tomei o conselho: mandei chamar d'Orval; mas a aflição se me duplicou com a nova que me veio de que estava em pontos de expirar: e a morte dele, que logo a soube, me privou do único a quem me eu podia confiar. Então me propôs a minha Aia, que mandasse vir Madama Bracmont, que me não conhecia, e sob algum pretexto inquirisse dela...» — «Não (acudi eu) mas vós sim: enquanto eu dum canto do locutório ouvir possa o que ela diga.» Veio, dali a duas horas, a Rodeira, com a nova, que um ano havia, que essa Dama era morta, que as casas lhas tinham vendido os filhos, dos quais não se sabiam notícias. Que novas para me dar? e o como? Nos olhos dela as decifrei eu. — «Nesse vosso silêncio (lhe disse) vem significada a perda de quanta esperança eu tinha.» — «E porque, Madama, (me respondeu) renunciais vós ao bem que inda vos resta? De quantos Numes há, o que é mais de nosso seio, e que nos é mais dadivoso, é o Nume da Esperança; nos nossos corações tem seus altares, onde nos é dado sacrificar-lhe todos os dias. Conservai tão rico bem, Madama; dele descer-vos pode o sossego todo.»

Bastantes anos passei neste contínuo desassossego, até que por um lance da Providência, deparei, quando menos o imaginava, com os meus filhos. Vieram-me dizer que, no locutório, uma Dama me aguardava; súbito desço. Abalaram-se-me, ao ver Madama d'Embleville, todos os sentidos: tanto se me afigurou nela a minha Emília, que desde logo lhe cobrei amizade. Trazia-me, para educanda a Adelaida, que assim chorosa como vinha, me deu pasmo do quanto
à chamada Tia
se assemelhava: do nome dela, da idade que tinha, e de sua progénie

me surgiram avultadas suspeitas; seu rosto franco, em que ressumbra quanto se passa na alma, me indiciavam, que não tarde se lhe devolveria a força da índole: já eu do abalo, e impulsos do coração aventava nela, uma de minhas filhas. O que fez que, despedindo-me arrebatadamente de Madama d'Embleville, pedisse-lhe todavia, que me viesse a miúdo ver... de perturbada, nada mais dizer-lhe pude.

Deu-me Adelaida a mão ao entrar no meu Quarto; e eu numa câmara pegada à em que eu durmo, mandei que lhe pusessem a sua roupa, e lhe armassem um leito. Às perguntas que lhe fiz, como ela plenamente satisfizesse, logrei ali o prazer de abraçar nela a minha filha. Mas, que força me não foi precisa, para reprimir os ímpetos do a m o r de Mãe, e de lhos encobrir, enquanto não deparasse com sua Irmã, e com Bracmont? Não atinava a minha Aia c'ó motivo dessa estranha mudança; e eu folgando de a ver nas dúvidas esperei que Adelaida saísse, para lhe dizer, que começássemos a dar largas ao sossego que para ambas nos surgia. Esta educanda, a quem tanta preferênciã dou, é filha minha: provas tenho cabais, e até presságio de que a Providência me depare os dous que ignoro. — «Regozijai-vos, Senhora; que a Fortuna cansada de perseguir-nos, no primeiro dom, que nos faz, assela os que lhe vêm de séquito.» — «Oxalá (a interrompi) sejam os teus, ditos de Oráculo! Bem sabes quão longo é em mim viver no que há de vir; e que em mim reflectir é projectar. Em esperanças lido, e de esperanças surgem-me desejos. Ah! se eu completos vira... Emília vira, vira Bracmont!» Tinha a minha Aia granjeado pelo zelo que acerca de mim lhe conhecia, foros de me dizer franca o que sentia; e sem falhar occasião. Aterravam-me às vezes as suas reflexões; mas como lhe eu descortinava a nascente, disfarçava-lhe o amargor.

«Justo nos decretos seus (me disse) quis-vos castigar o Céu, em razão do sacrifício que lhe fizestes, e que não foi do agrado seu. Tal lhe não podia ser o desamparar seus filhos, não lhes dar competente estado: antes crime foi, a que nunca deu assenso a Natureza. Sucedeu porém, que satisfeito agora o Céu, com os remorsos, que há tantos anos vos punham, vos permite, de mui bom, que logreis ainda por largo tempo a ventura de os tornar a ver.»

Suspendeu-me, por alguns meses, o cruel dessorsego meu, a posse da minha Adelaida; eis que a repentina morte de M.^r

d'Embleville me insinuou, que me não ficaria muitos dias no Convento. Mas essa mesma morte causou conhecer eu na Tia de Adelaida, a minha Emília. Mas tanto nesse descobrimento não foi igual regozijo ao que me deu o de Adelaida, que me trespasssei de mui sentida angústia. Que era mui diferente o caso. Nas 20.000 libras que dei, e na troca com a filha do Irmão do advogado d'Embleville, a Adelaida segurei dote. Mas Emília, mas Bracmont dava a voz pública por filhos de Viúva?

Desesperavam-me semelhantes considerações; quando para que eu mais violento sentisse o mal que lhes eu havia feito, a ambos mos deparou o Céu. A poder eu i-los apresentar a meu Pai, com eles à vista enternece-lo, talvez se lhe embrandecesse o coração, lhe brotassem lágrimas, e viria prazo em que esses desventurosos gozassem do bem que lhes competia.

Estes assomos de ternura por meus filhos, perpassando-me, como de corrida, pelo ânimo, no estado em que me via, não cabal para reflexões, consultei unicamente o meu amor próprio, que manso e manso me foi desluzindo o maternal. Esse mesmo desassisado amor próprio que me subjugou sempre a razão, conseguiu cegar-me até acerca de meus deveres. Alvo de meus próprios erros, aferrada a antigos preconceitos, revolvido o meu juízo com quimeras, segui a minha própria opinião, e esta deu mais curso a meus errores. Que me não foi possível romper o nublado das loucuras que fizera. Trevas de erro me circundaram, e muito houvera de padecer a minha vaidade, a profundar eu o procedimento, que tanto havia de humilhar-me. Mísero baldão de minhas extravagâncias, indo cada dia de despenho em despenho, fora teia a minha de sucessos desgraçados, que eu a mim mesma me houvera adquirido.

Tomei pois a funesta resolução de sepultar um segredo, em que eu assentava os timbres da minha reputação: que me dizia a mim mesma: — «O desvelo que pomos em parecermos virtuosas, nos granjeia a pública estimação. As ruins marcas, que assinalou o falso proceder, não as apaga de todo, longa regrada vida. Se me declaro desposada com o Conde, se os filhos legitimo; meu Pai, contra a família dele sempre irado, romperá no cruel prazer de desvalidar um matrimónio, sem seu consentimento concluído; e nisso também interessados os herdeiros de meu marido, farão nula quanta força eu ponha. — «Foi desmancho de mocidade» (dirão), e pintá-lo-ão talvez

com cores ainda mais odiosas; e será para descrédito meu quanto rumor eu faça. Mareada a minha fama, clamarei debalde contra injustos arestos, nem haverá quem a justificar-me corra.

Reflexões tais me confirmaram no resolutivo desígnio; e os sucessos que se lhe seguiram, aumentaram, quanto a meus filhos, a minha sensibilidade, para eles infrutífera. Partiram Madama d'Embleville, e Adelaida; mas com que turbação, e aperto de minha alma, que tanta honra me fez nos ânímos dos que os atribuíam a efeitos de simples amizade!

Consolavam-me as Cartas, que daqui me escreviam; mas mormente o mui adiantada que ia a consumada ventura de Adelaida, no seu desposório próximo com M.^r de Verneuil. Eis que recebo de Madama d'Embleville, carta, em que muito individualmente me conta o casamento que estava a pique de contrair com o Conde ***. O retrato que dele me dava, os títulos que tinha, as dignidades que o honraram, os postos eminentes, que preencherá, me assinalaram firmes ser ele o meu Esposo. Todo o corpo me estremeceu com tal notícia, no receio de não poder estorvar esse incestuoso matrimónio. — «E tens, oh Céu (exclamava) de acompanhar sempre os favores teus, com tão sensíveis pesares! E tinha um veneno mortal de empeçonhentar as doçuras, que eu lograva na amizade de minhas filhas! Deparo c'um Esposo tão longamente pranteado, para o ver casar com a minha e sua filha! Mas que val, querido Conde, escutar penas que já não têm motivo? Antes (pois satisfiz ao que me perguntais e que eu me creio justificada) julgai-me com todo o rigor, depois que vos justifiqueis do silêncio acerca da vossa morte, cuja espalhada notícia, me há sido tão funesta.»

«O que é mui justo (acudiu o Conde) e me lisonjeio que o que eu direi, não há-de em um só ponto desabonar o meu procedimento. Como eu presumo que estes Senhores e Senhoras curiosidade tenham de me ouvirem alegar as razões que me justificam; e ao mesmo passo receio que a dedução delas, por longa, lhes não canse de sobejo as atenções; por prudência, para amanhã demoro o referi-las.» — «Razão tem o Senhor Conde (lhe tornou M.^r Pichard que então acordava) e sou do seu parecer. Que, ordem é necessária, necessária a precisão, e justiça em negócio de contas; muito bem ficar pode para amanhã a revisão delas. Dar-lhe-ei para isso o meu Secretário, que é o maior Calculador, que no mundo haja.»

Bem atinámos, que nem uma palavra comprehendera ele do que a Abadessa havia dito: e Madama, que desfechou a rir, deu porta franca à universal risada. Então M.^{re} mui sério afirmou que não via motivo a tanto riso. — «Não falou o Senhor Conde em contas que tomar ao seu Intendente? Ou eu não ouvi bem. Para granjearmos appetite, não fora disconforme um bom passeio.». Seguimos o seu voto, apesar da vontade que tínhamos de ouvir o Conde.

No dia seguinte nos juntámos no Quarto da Abadessa, que nos pareceu inquieta. Quando mais perto somos de lograr um Bem longamente desejado, mais os desejos se espertam, mais a alma se demove, emparelhando com a medida do tempo a agitação. Não demorou o Conde a narrativa. Trava das mãos a Esposa, e cravando terníssimo os olhos nela: — «Pelo amor nosso, descartai-vos dessa tristeza, que tanto pesar me dá; logremo-nos, regozijemos no júbilo de que nos tornamos a encontrar; não envenenemos este prazer com reflexões inúteis. Persuado-me que me fazeis justiça, não duvidando do amor que vos tenho, e de que novas provas surgiram do que tenho que vos contar.» — «Justificado (respondeu a Abadessa) estais já no meu coração; e não por dúvidas, mas sim por satisfação minha, ouvirei curiosa o que disserdes.»

«Sabei pois, Madama, (começou o Conde) que quando parti para o exército, vos recomendei descanso, no caso, que eu tardasse em vos dar novas minhas. Razões que vos encobri, pediam essa precaução. Muito havia, que o Visconde *** invejoso do meu tal qual mérito, adrede me humilhava ausente; e dessas humilhações algumas à notícia me vieram. Ardi: mas dissimulei, e guardei vingar-me logo que a Campanha finde. Com esse pressuposto cheguei ao exército, em que logo houve um Conselho de guerra, a que foram convocados os Officiais de alta plana: debatia-se sobre acometer o inimigo, ou defender-se até que chegasse o reforço que se esperava. Foi o meu parecer, que se não arriscassem as tropas, tão disproporcionadas às adversas, que tinham sobre nós a ventagem do terreno. O Visconde, que era altivo e fero, e assomado, sustentou, que naquele dia mesmo se atacasse o inimigo, o que só cobardes podiam ser de contrário parecer. Acendeu-se a disputa, e disse-lhe eu, que em tal ocasião que ele quisesse, lhe mostraria o que eram cobardes da minha espécie. E ajuntei, que como não cumpria que o serviço de El-Rei se retardasse com disputas nossas, buscaria eu outro prazo, em que melhor me

explicaria: que por então me referia à opinião em que me tinham os outros Cabos. Foram diversos os pareceres quanto ao ataque consultado; mas todos, pela privança que na Corte conheciam ter o Visconde, se fundiram no parecer que ele deu: e ou fosse que se receiassem de seu ódio ou já vanglória neles fosse, tive o pesar de ver preferido ao meu, o seu conselho. O que eu tinha antevisto aconteceu. Fomos vencidos, derrotados, retirando-nos vergonhosamente, e perdidas as bagagens.

Dous cavalos me mataram no combate; mas ainda assim cansado da batalha, não deixei de procurar o Visconde, e encontrando-o na mó dos que ao fugindo, lhe acenei, e no entrar dum bosque, nos apeámos. Empunho a espada: — «Vejamos se aquele que ta fugindo tanto valor tem, quanto se gaba.» Picado e como um desesperado me acomete: tive a fortuna por mim; ei-lo que me cai aos pés varado de feridas, e que quartel me pede. Então o recomendo ao seu Criado, e o meu me ajudou a montar, e parti.

Como eu porém saí desse combate com duas feridas, e vertesse bastante sangue, tive todavia assaz de vigor para montar a Cavallo, e lançar-me à vizinha aldeia, e hospedar-me em casa do Cura, onde, melhor tratamento, que numa estalagem me caberia. Com efeito, muito foi o desvelo que comigo usou esse honrado Pastor. Por gran cautela mandei o meu Criado com a minha farda, aonde se deu a batalha, e que ao primeiro soldado morto, que, no talhe, e na cor dos cabelos tivesse comigo parecença lha vestisse, e lhe desfigurasse com alguns gilvazes o semblante. Assim o fez; e o boato da minha morte me surtiu, como eu queria.

Passaram-me a perigosas, por mal curadas, as fervedas; saltou-me febre, e com delírio; entre vida e morte volvi dias. Assustado o Cura, recorreu a um hábil Cirurgião, dalgumas léguas longe, que acudiu-me com a sangria, mas mais de seis meses padeci muito. De tudo vos dei parte por escrito, endereçando-o ao sítio assinalado, e convindo: porquanto a vossa casa, bem sabeis que era defeso.

Fiz saber a meu Pai a situação em que me via, o Visconde que eu por morto dava, e as cautelas com que prevenia as consequências. Tomou postas logo, e apesar da ciática em que laborava, correu meu Pai, e tratou de me passar a uma Quinta sua dali não longe; mas no estado em que me viu, temeu. Lá nessa Quinta porém veio de morada, para ter mais à mão notícias da minha doença. Logo que fui fora de

perigo levaram-me à Quinta, e lá me contou meu Pai ser o Visconde morto, sem dar denúncia: mas que pedia a prudência, que se não apagasse o rumor da minha morte, e que não surgisse de combinadas circunstâncias do caso algum indício da verdade. Descansei dessa parte: todo o meu cuidado apliquei a saber de vós, por cartas que mandei vos escrevessem. Nenhuma resposta. Lembrei-me que alguma doença... Mas nesse caso a vossa Aia me responderia por ordem vossa. Assustei-me: assanharam-se-me as feridas, assaltou-me febre. Como não pude ir em pessoa a Paris, mandei Criado, que informando-se do Guarda--portão, soube que o Marquês vosso Pai, e a família logravam saúde. Enquanto o Criado se informava em Paris, lidava eu em perpétuo desassossego: mas logo que chegou sem notícias vossas caí em tal desmaio, que a muito custo me tornaram a meus sentidos. A dizerem-me que estáveis a pique de morrer (nova cruel!) menos o sentira, que saber que tínheis saúde, e que me negáveis notícias vossas.

Salteado então de mil pensamentos pesarosos, o que mais se apoderou de mim, e tomou mais alto posto foi o Ciúme, que dando alento a todas as outras paixões, avultou o ardor da febre. Para remate de minhas penas adoeceu perigosamente meu Pai, e em despeito de quantos desvelos empregamos, em poucos dias tive o infortúnio de perdê-lo.

Quasi que se me volvera um ano a fio entre tristezas e dor: mas esta derradeira superou e aumentou todas as mais. Vi-me obrigado a passar ainda muitos meses nessa Quinta, não só para convalescer, e cobrar forças, mas outrossim para pôr em ordem mil negócios que o pediam. Findos eles, tomei a posta para Paris: e não necessitei disfarce; que tal me demudaram a moléstia, os pesares, o desossesgo em que me tínheis, acrescentado com o da morte de meu Pai, que me tinha sempre ternamente amado, e que eu por extremo senti, que as pessoas mesmas com quem eu íntimo vivera lhes custou a conhecer-me. Fui à morada do Marquês, e ouvi, que longos anos havia que dela saíreis, e que o para onde, era ignorado. Novo raio de pesar, que em mim caiu! Perguntei pela Marquesa; mais dum ano havia que era morta.

Entro em casa traspassado da mais viva mágoa. Semanas decorreram, em que não consenti ver ninguém. Embebido na minha desgraça, dias passei em que não imaginei, nem percebi, que esse excesso de pesar nenhum alívio acareava aos meus desastres Tornado a mim (porque melhor o diga) meneando os zelos todos pensamentos,

assentei fixa a infidelidade duma Esposa que tanto amei. E dado que a sua traição houvesse posto o cúmulo à minha desventura, quis eu, nada menos, acertar c'ó retiro, que essa ingrata escolheu, e ir lá arguir-lhe a deslealdade sua; tirar-lhe meus filhos de poder, e assoberbá-la com o maior desprezo meu.

Tomada esta resolução, visitei, mas debalde, quantas pessoas me podiam dar indícios vossos, e somente ouvi que o Marquês vosso Pai dissera em várias Casas, que entráreis num Convento; mas de que ordem não o disse. Com esse resquício de luz me entrou algum sossego. Todos os Conventos pesquisei em Paris, e todos os dos arredores mandei investigar por um Criado. Baldadas diligências!

Não atinando c'ó motivo de vos clausurardes, nem com vestígios vossos deparando, dispunha-me a partir; eis que na véspera da partida, me vem convidar um Parente meu a jantar com ele no seguinte dia. Parente, de quem eu tanto fugia, quanto ele me buscava; em razão de que diferíamos totalmente no modo de pensar. Era um desses azoados, cujo estudo principal era copiar em si quantas ridiculezas sobressaem nos mais desassisados Peralvilhos. Ora sisudo, ora azoadado, tirando como de rastos as palavras da garganta, como usam os guapos desse lote; todo entretido em Cavalos, em Cães, e noutras iguais ninharias da moda que então lavrava. Com um toucador tão abastecido de águas de cheiro, e arrebiques, como a mais garrida loureira. Gabinetes de primor Camarins voluptuosos; e para dar realces à sua garridice, dava a sua corrida por todos os espectáculos, alardeando a gala, com que assestava o seu óculo de punho. Que descoco no baforar grandes palavras oucas! Ignaros arestos, e de papo, acerca de tudo! Enfiar novas de feminis conquistas suas! A ouvi-lo, parecia-se com o Sol que tudo aquece, por onde gira, e como ele se precipita à noite nos braços de nova Tétis embelezada de tantos atractivos. Só variava do Sol em começar o giro, quando esse o fenecia. Que carácter para quadrar comigo!

Foi-me todavia forçoso ceder às instâncias desse estouvado, em cuja casa encontrei grande congresso, falando sobre tudo quanto, e sobre tudo perpassando. Quando, depois dum jantar atroador me dispunha a despedir-me, eis que anunciam vosso Irmão, que entrou com luto pesado. — «Que traje tão lúgubre! (disse Dorimont) Assististe a alguma Oração fúnebre?» — «Não (lhe tornou vosso Irmão) mas não ignoras tu, que minha Irmã morreu; e a decência pede

esta demonstração de pesar, que na verdade todo consiste no vestuário.» — «Magoado fico (acudiu Dorimont) que nela punha o meu affecto, e ia eu já cuidando em me reformar, para lhe agradar melhor; porquanto ela picava no sisudo. Ela pois morreu no Convento?»

Não posso explicar o que então me debatia na alma. Mil confusos movimentos a agitavam. Por mais duma hora fiquei imóvel; nem tino eu dava de que existia. Fui feliz em que nenhum desses atoados deu fé da minha torvação. Férvidos e desatinados esses Peravilhos me perderam da lembrança. E se algum na pergunta que fazia, me deitava de relance a vista, já outro, no responder-lhe, torcia a conversação a ninharias vãs.

Mal que suster-me, e marchar pude, saí não percebido; entro na carruagem: — «Ao Mosteiro de ***» (dista poucas léguas de Paris). Não me senti com forças para me apear: mandei Criado que inquirisse se a Filha do Marquês de *** morrera nessa Abadia. — «Mais de outo dias há (lhe responderam) que ela é morta, e do que bem pesarosas estão as nossas Madres.»

Inteirado da minha desgraça me fechei no Quarto, angustioso e como pedidas as esperanças todas; neguei a todos a minha porta: lembravam-me os meus filhos, que apesar de quantas indagações fiz, me foram occultos. Entregue à mais profunda, à mais acerba dor, e só, e sem consolação de amigos, não sei como de pesares não morri. Fui-me à Corte; pedi licença de me retirar do serviço. Deram-ma. Então resolutos a renunciar ao Mundo, tomei por única companhia a do cura, em cuja casa me acolhi ferido, e que na minha doença me esteve sempre ao lado. Empenhei-o a que renunciando o curato, ficasse comigo toda a vida. Assim o fez, que era o Cura um pouco regalão, e achava a minha mesa mais gulosa do que a sua. Nasce connosco essa afeição, e quanto mais velhos mais amantes de boa vida: nem há hi Filosofia, que essa afeição desarraigue de nossa alma. Que já lá se queixou Teofrasto, que desse aos Veados e às Gralhas a Natureza centenas de anos, que lhe pareciam inúteis; e que ao Homem que tanta precisão tem de aprender a sapiência, lhe agorentasse com tal curteza à vida. Louvor cabe, a quem por motivo tal vida apetece.

Passou-me a furto esta minha reflexão. Tornemos ao Cura, que depositário de todos os meus segredos, empregava em me consolar nas minhas amarguras, e ao menos, em adoçá-las, quanto a Religião

mais adaptado lhe ostentava. » — «Tenho eu (me dizia o Cura) de contínuo ver-vos entregue à dor amarga? Curvado ao peso de tétrica tristeza? Virá ela de saudades desse mundo que deixastes? Não vos dou por tão desassisado. E que é o que lá deixastes? Lidas, por granjear nome estrondoso, pundonores, etiquetas, incómodas usanças, dar trajos à Virtude, com que ela luza? Tal é o mundo, que deixastes, para tomar com religioso desvelo, o trilho para o Bem, e sabê-lo exercitar. Obediente como filho, fiel como Esposo, terno como Pai, sincero como amigo, nunca desses deveres transviastes; e assinalastes sempre com acções de desinteresse e de justiça o procedimento vosso. As pessoas de juízo grandeza descortinam em vossa índole sempre singela, sempre despida de fastosas cerimónias, sem afeitar frases; e com a mera dignidade, que não admite em si orgulho, nem hipocrisia, nem filáucia) e que só com a Virtude se acompanha: e da Religião tirais máximas que ajustais às acções da vida.»

«Sobra de activo (lhe respondi) tanto incenso que me dais. Foi dita minha ter-me eu, d'há largos anos, arrodelado contra quanta lisonjaria me acomettesse. Muito bem vejo, que as vossas da Religião procedem, e com elas intentais consolar-me acerca do por vir, e males dissipar, que só com a morte hão de ter acabamento; essa desejo, essa eu mui degradado hei recebê-la.» — «E o que dizeis (acudiu o Cura) é que me aflige, porquanto quisera eu deparar em vós com mais abundante Filosofia, e mais submissa resignação na Providencia.

Já principiavam as conversações desse honrado Clérigo a me calar no ânimo, e a me aquietá-lo; eis que a morte vem, e mo arrebatava. Perda sensível para mim, e que negado a novos conhecimentos, passava a vida dum recluso, quando me disseram que Madama Pichard, acompanhada de seu Filho, e duas jovens Damas (uma delas recém--viúva) passaria a bela estação nesta sua Quinta: notícia que me deu alegre abalo, e me influiu ânsia de essas Damas ver. Sabeis o consequente.»

Mui comovidos ficámos de quanto o Conde havia padecido. Falou-se depois, e muito, no concernente ao nosso estado. Quis logo meu Pai que se não recolhesse mais no Convento a sua Esposa. Mas ela persistiu, e quanto a seus Filhos, rogou ao Conde, que visto ninguém saber quais suas aventuras se volveram, por não dar pasto a línguas más, os deixasse, quais os via. Consentiu meu Pai quanto a nós, mas

quanto à Esposa, com custo grande; confiando todavia que abrisse o tempo lance em que tudo, com prazer sumo, se alhanasse, e à luz viesse o que agora se ocultava.

Enternecida foi a separação. — «Conde, adeus (disse minha Mãe); meus Filhos não tenho que vo-los recomendar. Serão ditosos; que a bondade de vosso coração muito a conheço, e deles segurar-vos posso, dignos serão dela, pela sua índole, seu espírito, e afeição a vós. Tendes de desfrutar a Dita de fazer felizes, pelo destino que lhes heis dar: e eu parto deliciosamente, parto confiada, que ainda é meu um coração, em que fundo todas as minhas esperanças, como sobre um próximo e real bem.» A Madre S.^{ta} Águeda com custo se arrancou de nossos braços carinhosos, para a ajudar a se embarcar na carruagem.

Passou-se mui tristemente o resto desse dia. O Conde embebido em seus pensamentos... Té que arremessando-me em seus braços: — «E tem o meu querido Pai de conservar esse rosto melancólico, que nos tem tão consumidos? No grémio de vossos Filhos? Sim, que até a Verneuil bem lhe prometestes que o seria vosso? Pondes alguma dúvida que não sentimos todos quanto vos diz respeito?» — «Tão feliz apelido (acudiu Verneuil) ainda me não lisonjeio de o merecer: mas se de mui bom que sois, quereis suprir ao mérito que me falha, esse dia porá o remate à minha Ventura.» Respondeu meu Pai; que entranhado se via de gratidão a tantos bens com que Verneuil me havia cumulado, de que abonos lhe daria os mais patente, apressurando ele mesmo a nossa união. — «Só pertendo (continuou o Conde) que no contrato tome Adelaida o título de minha Filha; e que ao dote com que a prendais, se ajunte o meu prédio que 30.000 fr. dá de renda, e que nenhum desfalque a meu Filho faz, nem a Madama d'Embleville.»

Não acertava Verneuil com expressões que denotassem o seu agradecimento. Tal era a sua felicidade que lhe não cabia no conceito. Não quanto ao vulto do prédio, sim ao dom da Filha e à honra de se aparentar com o Conde: honra que ele se empenharia a merecer. Disse

então Madama Pichard a seu marido: — «Que tudo pronto esteja para a conclusão deste casamento.» — «Passa dum mês (respondeu ele) que eles deveram estar casados. Toda essa demora veio da doença da minha donosíssima Adelaida. Cuide-se agora em preparar o festejo que a sua filha quer o Conde dar. O plano dele já traçado o tenho e o vou já desde hoje pôr por obra.»

Para, nesta ocasião significar meu Pai o contentamento de ter deparado com seus Filhos, devolveu magnificências de Príncipe. Quando vi todos os preparos concluídos, assentei segura e sem obstáculos a minha felicidade; Verneuil via-se no pino do contentamento; minha Irmã a ninguém cedia no prazer, que a um, e a outro nos significava pela parte que em nossa mútua Dita a si tomava.

Apontou por fim o dia que aos desejos nossos havia de pôr remate. Convidada toda a nobreza circunvizinha tinha de assistir ao meu noivado que na Capela desse prédio se havia de celebrar à meia-noite. Tinham levantado no meio do Canal um Templo à Felicidade dedicado. E logo que eu adornada como vós podeis crer, por pessoas a quem nada esqueceu que aformosear-me pudesse, aparecer pude no anfiteatro que circundava o Templo, principiou o festejo, pelas justas que sobre o Canal em baixéis se encontroavam; às quais se seguiu um vistosíssimo fogo de artifício. Vieram logo máquinas, que figuravam monstros marinhos, acometer o Templo da Felicidade; e que repelidos foram pelos defensores do Templo, a Glória, o Amor, o Himeneu, e a Constância. Eis que se ouve no interior do Templo, um concerto de vozes e de instrumentos, que pela harmoniosa suavidade foi assombro, foi extasi de quantos o escutavam.

Fomos descendo até à borda do Canal para ouvirmos uma Cantata, que em louvor do Conde compusera Verneuil e que foi executada pelas quatro Divindades que tinham defendido o Templo. Apenas aparecemos nós, que em conchas, como as em que Anfitrite navega, se nos achegaram as quatro Divindades. A Glória, que

precedia as mais, cingiu com láurea coroa a meu Pai a frente; a Verneuil e a mim o Amor com murta e flores; ofereceu-nos a ambos palmas a Constância; e Himeneu acendendo o facho, arrojou algumas faíscas ao cimo do Templo, com que súbito se vestiu de luz. Do que ficaram tanto mais todos estranhados, quanto de nenhum modo esperavam tal. Eram as quatro Divindades uns Officiais militares amigos de Verneuil que desempenharam o seu emprego a muito contentamento de todos. Acabada a música entrámos no salão, onde nos aguardava esplendidíssimo banquete. Entrávamos a gostar a sobremesa, quando no Parque, em que as luzes faziam como em claro dia, e em que a fachada do edifício iluminado disferia tão reverberados luzeiros que parecia um incêndio, se ouviu grandíssimo arruído.

Vieram dizer em segredo a meu Pai, que cuidavam ser briga entre militares. Todos nos erguemos súbito, e mormente se adiantaram os Homens, acorrendo aonde se ouviam retinir as espadas. Mas qual nosso espanto foi, quando, mal que nos avistaram os Combatentes, rompe uma alegre e brilhante música militar, e se apresenta Bracmont, dando a mão a Mademoisela de Brissol a quem um Tio seu riquíssimo negociante da Martinica acompanhava, rodeados dos Tenentes e mais officiais de seu baixel e a equipagem toda vestidos à Mourisca, que ali num raso Campo do bosque, travaram dança Turca, cruzando com muita arte alfanges em fingida guerra, passando airosamente entre os cruzados gumes; espectáculo muito agradável, enquanto Bracmont nos contava as viagens que fizera, os combates em que se vira, os postos que granjeara no serviço de El-Rei, o como aportando na Martinica conseguira a amizade de M.^r de Esturmel Tio de Mademoisela do Brissol que lha prometera e lhe assignava em dote quanta riqueza possuía, que era imensa.

Como ele soubesse que naquela noite se tinha de celebrar o desposório de Adelaida, que ele sabia por sua Mãe a Abadessa ser

Irmã sua, tratou de pôr em ordem quantas licenças eram necessárias para concluir nessa mesma noite o seu casamento com Mademoisela de Brissol. Tinha convidado os seus Officiais indo a Brest onde o seu baixel estava ancorado. Que sabendo a sua equipagem (de quem era muito amado) o convite que ele aos Officiais fizera, e por qual motivo, se lhe ofereceram todos, e com muito contentamento concorreram para o presente festejo. Dada a rogativas nossas, esta notícia, foi lançar-se aos pés do Conde, pedir-lhe reverente a bênção: o Conde, o levantou do chão, e depois de o abraçar estreitamente lhe significou o quanto estava dele satisfeito, pelo bem que se comportara com honra, não desluzindo os brasões de seus maiores. Logo veio abraçar suas Irmãs. Que nos não disse? Que, suspiros arrancados do íntimo da alma! Que lembranças tão vivamente recordadas!

Foi devido deslaçar-se de nossos braços para cumprimentar as mais pessoas que ele conhecia, e ainda as mais que foram convidadas, e entre elas, mui principalmente o Duque de ***, que com a sua protecção ajudara o mérito de Bracmont a subir ao grau de Capitão de mar e guerra. M.^r Pichard mui diligente acorrera nesse intervalo a restaurar o banquete mais opíparo ainda (se é possível), em razão da nova Companhia e do acréscimo de contentamento, que ela consigo trouxe.

Eis-nos recingindo todos a mesa; e disseras que com o renovar as iguarias se nos renovara o apetite. Era já claro dia que ainda nós deliberávamos, e conversávamos e se cruzava a conversação sobre tão inesperados acontecimentos; havendo cada um tanto que perguntar, e tanto que responder. Então se ergueu Madama Pichard: — «E os nossos Noivos (disse) jejuaram mais ao longo, do prazer que há tanto esperam? Largam todos a mesa: e conversação rompida, se encaminham à Capela, onde com todo o acatamento assistem à celebração de um e de outro matrimónio, que a contento de todos, e mais ainda de nós quatro concluído foi.

Recebidos com muito gosto os sinceros parabéns de todos os assistentes, se recolheu cada um aos Quartos que lhe eram destinados a passar o tempo que correu até depois do meio-dia, em que todos nos juntámos para almoço; depois do qual se despediram de nós os Convidados.

Fora para desejar que tão venturosos como os nossos todos os matrimónios fossem. Depois de 15 anos que recebemos a bênção nupcial, vivemos em tal júbilo Esposos, e Esposas, como no dia de nossas núpcias. Um filho com que Deus alumiou a Madama de Bracmont será daqui a 3 ou 4 anos unido a minha Adelaida, que dizem todos ser o meu fiel retrato.

FIM DAS ÚLTIMAS OBRAS

ÍNDICE DAS ÚLTIMAS OBRAS

PREFÁCIO	VII
AGRADECIMENTOS	IX
INTRODUÇÃO	XI
CRITÉRIOS DA EDIÇÃO DO TEXTO	XXV
BIBLIOGRAFIA	XXVIII

POESIA

ODES

Amante da Verdade, oh tu sublime,	3
A Virtude em si mesma se confia;	15
Queixam-se, e sem razão, de mim, os Frades.	17
Lá da escarpada, da íngreme montanha,	18
São, nossas mentes, como uns vastos mares,	20
Que mal te fiz, oh Pátria? que assim deixas	22
Zoilos, estremecei, rugi, mordei-vos;	28
Em tristezas ruins todo embebido	29
<i>Un soir, accablé de tristesse;</i>	31
Não vive o Néscio, bem que a vida alongue.	33
Preclaro Vate, de argentino canto	34
O profundo Filósofo que scruta	35
Até que desamue o meu amuado,	39

Aquele, que nasceu sujeito ao ceptro	40
A meu canto aspirai, Ninfas do Pindo,	42
Quando, outrora, com pé seguro e amigo,	44
Salve, oh Estro gentil, honra do Tejo!	45
Tu, dos Reis timbre, dos Franceses glória,	48
Amador de Camões, de honrar a Pátria,	49
Se, por estranho caso, hoje surgissem	50
Liviano véu trajando, auri-bordado,	52
Revolvidos, enfim, seis lentos lustros,	54
Tu não trates (que é mau) saber, Leucónoe,	69
Dos Persas aborreço os aparatos:	70
Celestes Musas, este dia é vosso;	71
Reinar cremos nos Céus troante Jove	73
Assim de Chipre a Deusa poderosa,	75
Qual o Gamo, que a Mãe medrosa busca	77
Homem de vida sã, limpa de crimes	78
Nem sempre as nuvens sobre altivas brenhas	79
Que pede o Vate a Apolo,	80
Já vem tristonho o Inverno	81
Eia, dourada Lira,	87
Não mais cantar-te pode, meu Filinto.	174
Ser-me-há feliz este ano outenta e cinco,	176
Eu sou feliz: que mereci a Dafne	178
Alcipe não me ver? Ao seu Filinto	181
Na triste Casa o enojo me consume;	182
Fausto, oh Aónias, fausto dia, oh Febo!	184
Salve, laureado vate; Apolo e as Musas	212
Este és, Dia feliz! Dia maldito!	220
No quarto ano do lustro sexto-décimo	221
Em tristezas ruins todo embebido	227
Vem, oh Baco: oh vem tu também, Cupido,	228